



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO  
ADOLESCENTE

ANA VIRGINIA RODRIGUES VERISSIMO

**PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO NAMORO COM ADOLESCENTES**  
**ESCOLARES:** intervenção educativa a partir de Círculos de Cultura

Recife  
2020

ANA VIRGINIA RODRIGUES VERISSIMO

**PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO NAMORO COM ADOLESCENTES  
ESCOLARES: intervenção educativa a partir de Círculos de Cultura**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente.

**Área de Concentração:** Educação e Saúde

**Orientadora:** Dra. Estela Maria Leite Meirelles Monteiro

**Coorientadora:** Dra. Jael Maria de Aquino

Recife

2020

Catálogo na fonte:  
bibliotecária: Elaine Freitas, CRB4:1790

V517p	<p>Verissimo, Ana Virginia Rodrigues Prevenção da violência no namoro com adolescentes escolares: intervenção educativa a partir de círculos de cultura/ Ana Virginia Rodrigues Verissimo. - 2020. 201 f.; il.</p> <p>Orientadora: Estela Maria Leite Meirelles Monteiro. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Ciências Médicas. Programa de pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente. Recife, 2020. Inclui referências, apêndices e anexo.</p> <p>1. Violência por parceiro íntimo. 2. Educação em saúde. 3. Saúde do adolescente. 4. Vulnerabilidade em saúde. 5. Serviço de enfermagem escolar. I. Monteiro, Estela Maria Leite Meirelles (orientadora). II. Título.</p> <p>618.92 CDD (23.ed.) UFPE (CCS 2020 - 220)</p>
-------	--

ANA VIRGINIA RODRIGUES VERISSIMO

**PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO NAMORO COM ADOLESCENTES**

**ESCOLARES:** intervenção educativa a partir de Círculos de Cultura

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente.

Aprovada em: 28/08/2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Estela Maria Leite Meirelles Monteiro (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

---

Prof. Dr. Paulo Sávio Angeiros de Góes (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Bernarda Ludemir (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

---

Prof. Dr. Antônio José Almeida Filho (Examinador Externo)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Neyva da Costa Pinheiro (Examinadora Externa)  
Universidade Federal do Ceará – UFC

## AGRADECIMENTOS

A *Deus*, pelo dom da vida, amor e cuidado ao longo desta caminhada de intensa dedicação e crescimento pessoal e profissional.

A meu esposo, *André Santos*, amor, companheiro de vida e de sonhos. Obrigada por sempre me fazer acreditar que daria certo e por cuidar tão bem de mim. Obrigada por seu apoio amoroso e compreensivo e por cada dia que se desdobrou cuidando de João para que eu pudesse escrever e chegar até aqui. Você é meu porto seguro. Essa conquista também é sua. Te amo!

Ao meu filho, *João*, por me apresentar o amor incondicional. Com sua chegada pude perceber o quão forte posso ser, questionei minhas certezas e paradigmas. Que Deus te conceda uma vida repleta de amor e paz. E que te tornes um homem ético e capaz de se indignar com as injustiças sociais

A minha mãe, *Marinete Veríssimo*, por seu amor e dedicação, por acreditar no meu potencial e por sempre me incentivar a crescer. Na ausência de meu pai, *João Veríssimo (in memoriam)*, você foi o alicerce de nosso lar, me permitiu sonhar e chegar até aqui.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. *Estela Maria Leite Meirelles Monteiro*, por ser exemplo para tantos jovens enfermeiros, como eu, que desde a graduação admiram sua ousadia ao exercer a ciência da Enfermagem com humanidade, amorosidade, ética e criticidade. Obrigada por me apresentar Paulo Freire de uma forma tão transformadora, por sua paciência e compreensão nos momentos de dificuldade.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. *Jael Maria de Aquino*, minha querida coorientadora, conselheira e amiga. Obrigada por seu exemplo profissional na Enfermagem, marcado pela ética, competência e senso de justiça. Sinto enorme gratidão pela oportunidade de trabalhar e aprender tanto com você na nossa querida Universidade de Pernambuco. Nesta jornada formativa você foi ponto de equilíbrio, esperança e motivação para seguir em frente e chegar até aqui.

Aos adolescentes que participaram deste estudo, por me permitirem conhecer sua realidade social, seus sonhos e medos. Agradeço imensamente a possibilidade de compartilhar conhecimentos, aprender com vocês a cada dia. Obrigada por me permitirem ver seu protagonismo no cuidado de si e dos seus pares. Sem vocês nada seria possível.

À direção, professores e demais funcionários do educandário que sediou esta pesquisa, pelo acolhimento, confiança e apoio para realização de todas as etapas do estudo.

À Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora da Graças/Universidade de Pernambuco (FENSG/UPE), minha escola primeira, lugar onde me tornei Enfermeira e mestre e onde, hoje, me dedico ao exercício docente. Obrigada aos amigos(as)/professores(as) que me apoiaram ao

longo desse sonho e incentivaram a concluir mais essa etapa formativa, em especial aos colegas do 5º módulo: *Aparecida Beserra, Betânia da Mata, Leda Cantarutti, Lygia Pereira, Joana Neta, Sandra Low, Vânia Chagas.*

Agradeço imensamente ao Prof. *Waldemar Neto*, que além do apoio, como as demais colegas do 5º do módulo do curso de Enfermagem da FENSG/UPE, assumiu a coordenação do V Módulo do curso de Enfermagem da FENSG/UPE e da Residência Multiprofissional em Neonatologia do Centro Universitário Integrado de Saúde Amaury de Medeiros (CISAM/UPE) para que eu pudesse concluir esta etapa de formação e trazer meu amado filho João ao mundo.

Aos amigos e professores *Ana Catarina Melo, Hugo Rafael e Pauliana Galvão* pelo incentivo, escuta e conselhos ao longo dessa formação. Agradeço a amizade cultivada ao longo de tantos anos e por estarem presentes ao longo de minha jornada acadêmica.

As graduandas de enfermagem *Amanda Araújo, Gabriela Portela, Helena Silva, Júlia Silva, Marília Pedrosa e Raísa Rodrigues*, minhas queridas orientandas, por dividirem comigo as dores e os sabores de cada momento deste trabalho, desde a coleta a compilação dos dados. Obrigada por acreditarem na potencialidade dos adolescentes e, assim como eu, se apaixonarem pela pedagogia crítica de Freire. Essa tese também é de vocês.

Aos graduandos do grupo de pesquisa “Assistir/cuidar em Enfermagem” do Departamento de Enfermagem da UFPE pela troca de saberes e em especial a *Elivalda Silva e Tamyris Santos* por sua contribuição no desenvolvimento da pesquisa.

Aos colegas do doutorado, minha turma D-11, gratidão pelos cafés, desabafos, incentivos e aprendizado ao longo desses mais de quatro anos de formação.

À equipe da secretaria do PPGSCA pelo apoio no durante todo o curso, ao nos escutar, orientar sobre os ritos e pela competência na gestão administrativa do programa.

A todos os professores do Programa de Pós Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente pelos ensinamentos. E a Universidade Federal de Pernambuco por seu compromisso ético na formação de pesquisadores.

Aos membros da banca examinadora, pela disponibilidade e contribuições tão valiosas e pertinentes para a consolidação desta tese.

Aos meus amigos de vida, *Ana Valença, Anna Novaes, Ana Figueiredo, Alex Pimentel, Claudia Fonseca, Carolina Carvalho, Leila Silva, Luciana Bezerra, Marcia Crócia e Severino Junior*, em especial a *Isabella Cavalcanti, Polyanna Cavalcanti e Sônia Oliveira* pela cumplicidade e apoio. Vocês são minha família também!

**Amor – Desamor**

O amor é uma tarefa do sujeito.

É falso dizer que o amor não espera retribuições.

O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam.

Cada um tem o outro, como sujeito do seu amor.

Não se trata de apropriar-se do outro.

Nesta sociedade há uma ânsia de chantagem de amor, quem ama o faz amando os defeitos e qualidades do ser amado.

Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais.

Não há educação sem amor, amor implica luta contra o egoísmo.

Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar.

Não há educação imposta, como não há amor imposto.

Quem não ama não compreende o próximo, não o respeitou.

Não há educação do medo.

Não se pode temer a Educação quando se ama.

(FREIRE, 2016, p. 36)

## RESUMO

A violência no namoro (VN) é um fenômeno influenciado por fatores culturais, sociais, familiares e individuais, que se manifesta através de agressões físicas, sexuais e/ou psicológicas, com graves consequências à saúde dos adolescentes. Destarte, verifica-se a necessidade de intervenções para prevenção da VN no cenário escolar. O objetivo desta pesquisa é analisar a implementação de uma intervenção educativa em saúde, fundamentada nos Círculos de Cultura (CC) de Paulo Freire, para prevenção da VN. Trata-se de uma pesquisa de método misto. A abordagem quantitativa, composta de um estudo quase-experimental, analisou a ocorrência da VN e estratégias de resolução de conflitos (ERC), através da aplicação do Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI), antes e após uma intervenção educativa. Na análise quantitativa foi aplicada estatística inferencial para relacionar a VN com as variáveis sociodemográficas e relacionais, e comparativa para verificar a diferença na prevalência e escores do CADRI após a intervenção. A abordagem qualitativa, delineada pela pesquisa-ação, utilizou os CC como referencial teórico metodológico de ensino e pesquisa, a partir das seguintes etapas, cíclicas e inter-relacionadas: 1. Descoberta do universo vocabular; 2. Dinâmica de sensibilização; 3. Problematização/questão geradora; 4. Fundamentação teórica; 5. Reflexão teórico-prática; 6. Elaboração coletiva das respostas; 7. Síntese; 8. Avaliação. A triangulação dos dados caracterizou a compilação dos dados qualitativos apreendidos por diário de campo, filmagem (imagem e som) e fotografia das produções dos participantes dos CC. A análise de conteúdo proposta por Yin foi inserida na análise das entrevistas que precederam os CC, durante a investigação temática. Participaram do estudo quase-experimental 134 adolescentes do ensino fundamental II e ensino médio, com idade entre 13 e 18 anos. A intervenção educativa fomentou o processo de conscientização e o engajamento dos adolescentes para atuarem como multiplicadores em saúde e a elaborarem uma peça teatral, ancorada nos princípios do teatro fórum de Boal, que expôs uma situação de conflito no namoro com desfecho violento e as consequências para a vítima e agressor, provocando a reflexão crítica sobre a situação e o papel dos amigos, familiares, professores e escola para a resolução não violenta de conflitos, com participação da plateia e interlocução de dois mediadores (coringas). Houve diminuição nas taxas de vitimização, perpetração e vitimização-perpetração da VN e nas médias dos escores de perpetração da violência sexual ( $p=0,015$ ) e psicológica/verbal ( $p=0,018$ ); de vitimização da violência física ( $p=0,004$ ), sexual ( $p=0,035$ ) e psicológica/verbal ( $p=0,013$ ) após a intervenção. Ocorreu redução nas médias dos escores das ERC abusivas dos adolescentes ( $p=0,002$ ) e do(a) namorado(a) ( $p=0,042$ ) e

aumento nas médias dos escores das ERC não abusivas dos participantes ( $p=0,008$ ) e dos(as) parceiros(as) ( $p<0,001$ ) após os Círculos. A intervenção educativa participativa e dialógica, mediada por CC, promoveu a conscientização de adolescentes sobre a VN, concorrendo para atuarem como multiplicadores dos conhecimentos apreendidos entre seus pares. Os efeitos desta intervenção foram evidenciados pela redução na prevalência da VN e na adoção de uma postura de protagonismo em compartilhar a valorização da adoção de ERC não abusivas pelos adolescentes nas relações de namoro.

Palavras-chave: Violência por parceiro íntimo. Educação em saúde. Saúde do adolescente. Vulnerabilidade em saúde. Serviço de enfermagem escolar.

## ABSTRACT

Dating violence (DV) is a phenomenon influenced by cultural, social, family and individual factors, which manifests itself through physical, sexual and/or psychological aggression, with serious consequences for the health of adolescents. Thus, there is a need for interventions to prevent DV in the school setting. The objective of this research is to analyze the implementation of an educational health intervention, based on Paulo Freire's Culture Circles (CC), for the prevention of DV. This is a mixed method study. The quantitative approach, composed of a quasi-experimental study, analyzed the occurrence of DV and CRS, through the application of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI), before and after an educational intervention. In the quantitative analysis, inferential statistics were applied to relate the DV with sociodemographic and relational, and comparative variables to verify the difference in prevalence and scores of CADRI after the intervention. The qualitative approach, outlined by the action research, used the CC as a theoretical methodological framework for teaching and research, from the following cyclic and interrelated steps: 1. Discovery of the vocabular universe; 2. Dynamics of awareness; 3. Problematization/generating issue; 4. Theoretical foundation; 5. Theoretical-practical reflection; 6. Collective elaboration of responses; 7. Synthesis; 8. Evaluation. The triangulation of data characterized the compilation of qualitative data collected by field diary, filming (image and sound) and photography of the productions of CC participants. The content analysis proposed by Yin was inserted in the analysis of the interviews that preceded the CC, during the thematic investigation. 134 adolescents from middle and high school, aged between 13 and 18 years, participated in the quasi-experimental study. The educational intervention fostered the awareness process and the role of the adolescents to act as multipliers in health, through the production of play, anchored in the principles of the Boal forum theater, which exposed a situation of conflict in dating with a violent outcome and the consequences for the victim and perpetrator, provoking critical reflection on the situation and the role of friends, family, teachers and school for the non-violent resolution of conflicts, with the audience participation and interlocution of two mediators (wild cards). There was a decrease in the rates of victimization, perpetration and victimization-perpetration of DV and in the mean of perpetration of sexual violence ( $p=0.015$ ) and psychological/verbal ( $p=0.018$ ) violence; victimization of physical ( $p=0.004$ ), sexual ( $p=0.035$ ) and psychological/verbal ( $p=0.013$ ) violence after the intervention. There was a reduction in the mean of the abusive CRS scores of adolescents ( $p=0.002$ ) and boyfriend/gilfriend ( $p=0.042$ ) and an increase in the mean of the non-abusive CRS scores of

participants ( $p=0.008$ ) and partners ( $p<0.001$ ) after intervention. The participative and dialogical educational intervention, mediated by CC, promoted the awareness of adolescents about DV, contributing to act as multipliers of the knowledge learned among their peers. The effects of this intervention were evidenced by the reduction in the prevalence of DV and the adoption of a leading role in sharing the appreciation of the adoption of non-abusive CRS by adolescents in dating relationships.

Keywords: Intimate partner violence. Health education. Adolescent health. Health vulnerability. School nursing service.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Tipos e natureza da violência.....	29
Figura 2 -	Modelo Ecológico para explicação da violência, segundo a Organização Mundial de Saúde.....	35
Figura 3 -	Representação esquemática dos Círculos de Cultura.....	50
Figura 4 -	Diagrama descritivo do desenho e etapas do estudo. Recife-PE, 2018-2020.....	53
Figura 5 -	Mapa viário do bairro Alto José Bonifácio, Recife-PE.....	55
Figura 6 -	Fluxograma de composição da amostra do estudo, Recife 2018-2019.....	57
Figura 7 -	Momento da reunião pedagógica com os pais ou responsáveis pelos adolescentes para apresentação do projeto. Recife-PE, 2018.....	61
Figura 8 -	Descrição das fases da análise de conteúdo, segundo Yin (2016).....	67
Figura 9 -	Pacto de convivência elaborado pelos adolescentes participantes dos primeiro Círculos de Cultura.....	86
Figura 10 -	Mural com registros do autoconhecimento e projetos de vida dos adolescentes no primeiro Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	86
Figura 11 -	Momento de fundamentação teórica com os adolescentes no primeiro Círculo e Cultura. Recife-PE, 2018.....	88
Figura 12 -	Mural com registros do momento de reflexão teórico-prática com os adolescentes no primeiro Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	88
Figuras 13 -	Momento da dinâmica de descontração e aquecimento com os adolescentes no segundo Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	91
Figuras 14 -	Mural sobre o ser menino e ser menina na sociedade no momento de problematização do segundo Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	93
Figuras 15 -	Momento de sensibilização com os adolescentes no terceiro Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	97
Figura 16 -	Momento dos adolescentes em atividade coletiva de produção de cartazes na etapa de problematização no terceiro Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	99
Figura 17 -	Mural com o registro das representações da violência no namoro para os adolescentes no terceiro Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	100

Figura 18 -	Momento da dinâmica de sensibilização com os adolescentes no quarto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	104
Figura 19 -	Mural com registro das representações das consequências da violência no namoro a saúde das vítimas e agressores produzidos pelos adolescentes no quarto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	107
Figura 20 -	Mural com as representações de estratégias de resolução não abusivas de conflitos no namoro produzidos pelos adolescentes no quinto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	112
Figura 21 -	Momento de fundamentação teórica com os adolescentes no quinto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	113
Figura 22 -	Momento da dinâmica de sensibilização “Caras e Bocas” no sexto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	114
Figura 23 -	Momento de fundamentação teórica com os adolescentes no quinto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	116
Figura 24 -	Mural com registros do momento de reflexão teórico-prática com os adolescentes no sexto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.....	116
Figura 25 -	Mural com o roteiro inicial da peça teatral para atuação dos adolescentes como multiplicadores em saúde na prevenção da violência no namoro. Recife-PE, 2018.....	117
Figura 26 -	Momento de construção do roteiro final e ensaio da peça teatral elaborada pelos adolescentes multiplicadores. Recife-PE, 2019.....	121
Figura 27 -	Momento de customização pelos adolescentes do figurino utilizado durante a apresentação da peça teatral. Recife-PE, 2019.....	122
Figura 28 -	Painéis customizados para compor o cenário das peças teatrais. Recife-PE, 2019.....	123
Figura 29 -	Momento da culminância da intervenção educativa: apresentação da peça teatral na comunidade escolar no turno da manhã. Recife-PE, 2019.....	124
Figura 30 -	Momento da culminância da intervenção educativa: apresentação da peça teatral na comunidade escolar no turno da tarde. Recife-PE, 2019.....	125

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Temas abordados nos Círculos de Cultura com os adolescentes multiplicadores. Recife-PE, 2018-2019.....	65
Quadro 2-	Ações de sensibilização sobre violência no namoro desenvolvidas pelos adolescentes multiplicadores com seus pares. Recife-PE, 2018-2019.....	119

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Análise de Reprodutibilidade (ICC) dos Escores de Violência do Inventário de Conflitos nos Relacionamentos Íntimos entre Adolescentes. Recife-PE, 2020.....	60
Tabela 2-	Caracterização sociodemográficas dos adolescentes segundo a idade, série, sexo, orientação sexual, filiação religiosa, raça/cor, escolaridade do pai/responsável, escolaridade da mãe/responsável e renda familiar. Recife-PE, 2018.....	69
Tabela 3-	Características do namoro de adolescentes, segundo status, duração e frequência das situações de conflito no relacionamento. Recife-PE, 2018.	70
Tabela 4-	Envolvimento dos adolescentes, segundo a forma de violência vivenciada na relação de namoro. Recife, PE, 2018.....	71
Tabela 5-	Características sociodemográficas dos adolescentes segundo o tipo de envolvimento com a violência física na relação de namoro. Recife-PE, 2018.....	72
Tabela 6-	Características sociodemográficas dos adolescentes segundo o tipo de envolvimento com a violência sexual na relação de namoro. Recife-PE, 2018.....	74
Tabela 7-	Características sociodemográficas dos adolescentes segundo o tipo de envolvimento com a violência psicológica na relação de namoro. Recife-PE, 2018.....	75
Tabela 8-	Características do relacionamento de adolescentes, segundo o tipo de envolvimento com a violência física no namoro. Recife-PE, 2018.....	76
Tabela 9-	Características do relacionamento de adolescentes, segundo o tipo de envolvimento com a violência sexual no namoro. Recife-PE, 2018.....	76
Tabela 10-	Características do relacionamento de adolescentes, segundo o tipo de envolvimento com a violência psicológica no namoro. Recife-PE, 2018.....	77
Tabela 11-	Tipo de envolvimento dos 31 adolescentes multiplicadores com a violência física, sexual e psicológica nas fases pré e pós-intervenção. Recife-PE, 2018-2019.....	128

Tabela 12-	Distribuição do envolvimento dos adolescentes multiplicadores como vítimas, perpetradores ou vítima-perpetradores da violência física no namoro nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.	128
Tabela 13-	Distribuição do envolvimento dos adolescentes multiplicadores como vítimas, perpetradores ou vítima-perpetradores da violência sexual no namoro nas fases pré e pós-intervenção. Recife-PE, 2018-2019.....	129
Tabela 14-	Distribuição do envolvimento dos adolescentes multiplicadores como vítimas, perpetradores ou vítima-perpetradores da violência psicológica no namoro nas fases pré e pós intervenção. Recife, PE, 2018-2019.....	130
Tabela 15-	Comparação das médias dos escores das escalas de perpetração e vitimização da violência física, sexual e psicológica dos adolescentes multiplicadores nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.....	130
Tabela 16-	Comparação das médias dos escores das escalas de Estratégias de Resolução de Conflitos nas relações de namoro dos adolescentes multiplicadores nas fases pré e pós-intervenção. Recife-PE, 2018-2019.....	131
Tabela 17-	Tipo de envolvimento dos adolescentes com a violência física, sexual e psicológica nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.....	131
Tabela 18-	Distribuição do envolvimento dos adolescentes como vítimas, perpetradores ou vítima-perpetradores da violência física no namoro nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.....	132
Tabela 19-	Distribuição do envolvimento dos adolescentes como vítimas, perpetradores ou vítima-perpetradores da violência sexual no namoro nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.....	133
Tabela 20-	Distribuição do envolvimento dos adolescentes como vítimas, perpetradores ou vítima-perpetradores da violência psicológica no namoro nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.....	133
Tabela 21-	Frequência dos atos de violência física perpetrada e/ou sofrida pelos adolescentes nas relações de namoro antes e após os Círculos de Cultura. Recife-PE, 2018-2019.....	134
Tabela 22-	Frequência dos atos de violência sexual perpetrada e/ou sofrida pelos adolescentes nas relações de namoro antes e após os Círculos de Cultura. Recife-PE, 2018-2019.....	135

Tabela 23-	Frequência dos atos de violência psicológica perpetrada e/ou sofrida pelos adolescentes nas relações de namoro antes e após os Círculos de Cultura. Recife-PE, 2018-2019.....	136
Tabela 24-	Comparação das médias dos escores das escalas de perpetração e vitimização da violência física, sexual e psicológica dos adolescentes nas fases pré e pós-intervenção. Recife-PE, 2018-2019.....	138
Tabela 25-	Comparação da frequência de Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas nas relações de namoro dos adolescentes nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.....	139
Tabela 26-	Comparação da frequência de Estratégias de Resolução de Conflitos Não Abusivas nas relações de namoro dos adolescentes nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.....	141
Tabela 27-	Comparação das médias dos escores das escalas de Estratégias de Resolução de Conflitos nas relações de namoro dos adolescentes nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.....	142

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
1.1	INSERÇÃO DA PESQUISADORA NA TEMÁTICA E APRESENTAÇÃO DA TESE .....	19
1.2	CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	21
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>27</b>
2.1	OBJETIVO GERAL.....	27
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	27
<b>3</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>28</b>
3.1	VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA .....	28
3.2	A VIOLÊNCIA NO NAMORO ENTRE ADOLESCENTES: CONCEITOS, FATORES RELACIONADOS E REPERCUSSÕES NA SAÚDE .....	31
3.3	INTERVENÇÕES PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NO NAMORO ENTRE ADOLESCENTES: CARACTERÍSTICAS E CONTEXTOS .....	37
3.4	A EDUCAÇÃO EM SAÚDE À LUZ DO PENSAMENTO FREIREANO: ELEMENTOS PARA ENTENDER E PREVENIR A VIOLÊNCIA NO NAMORO.....	41
<b>3.4.1</b>	<b>A concepção humana na perspectiva Freireana</b> .....	<b>44</b>
<b>3.4.2</b>	<b>A educação crítica social à luz dos pressupostos da dialogicidade</b> .....	<b>45</b>
<b>3.4.3</b>	<b>A educação crítica social à luz do pressuposto da amorosidade</b> .....	<b>47</b>
<b>3.4.4</b>	<b>A educação crítica social à luz do pressuposto da conscientização</b> .....	<b>47</b>
3.5	CÍRCULOS DE CULTURA: FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE .....	48
<b>4</b>	<b>MÉTODO</b> .....	<b>52</b>
4.1	TIPO DE ESTUDO .....	52
<b>4.1.1</b>	<b>Cenário de estudo</b> .....	<b>54</b>
<b>4.1.2</b>	<b>População e amostra</b> .....	<b>56</b>
<b>4.1.3</b>	<b>CrITÉrios de inclusão para as etapas quantitativa e qualitativa</b> .....	<b>58</b>
<b>4.1.4</b>	<b>CrITÉrios de exclusão</b> .....	<b>58</b>
<b>4.1.5</b>	<b>Instrumentos de coleta de dados</b> .....	<b>58</b>
4.1.5.1	<i>Etapa quantitativa</i> .....	58
4.1.5.2	<i>Variáveis do estudo</i> .....	60
<b>4.1.6</b>	<b>Procedimentos para coleta de dados</b> .....	<b>61</b>
4.1.6.1	<i>Etapa quantitativa</i> .....	61
4.1.6.2	<i>Etapa qualitativa</i> .....	62
<b>4.1.7</b>	<b>Procedimentos para análise dos dados</b> .....	<b>66</b>
4.1.7.1	<i>Etapa quantitativa</i> .....	66
4.1.7.2	<i>Etapa qualitativa</i> .....	67
4.2	ASPECTOS ÉTICOS .....	68
<b>5</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	<b>69</b>

5.1	CARACTERÍSTICAS DA VIOLÊNCIA NO NAMORO NO CONTEXTO DOS ADOLESCENTES ESCOLARES .....	69
5.2	INTERVENÇÃO EDUCATIVA COM ADOLESCENTES MEDIADA POR CÍRCULOS DE CULTURA .....	77
<b>5.2.1</b>	<b>Investigação temática .....</b>	<b>77</b>
5.2.1.1	<i>Concepção e relatos de violência no cotidiano dos adolescentes.....</i>	78
5.2.1.2	<i>Conhecimentos de adolescentes sobre violência no namoro .....</i>	80
5.2.1.3	<i>Vivências de violência no namoro dos adolescentes ou pessoa próxima .....</i>	81
5.2.1.4	<i>Ações de enfrentamento a violência no namoro descritas pelos adolescentes .....</i>	82
<b>5.2.2</b>	<b>A intervenção: Círculos de Cultura com adolescentes multiplicadores .....</b>	<b>84</b>
5.2.2.1	<i>Primeiro Círculo de Cultura com os adolescentes - Quem sou eu? Um ser adolescente! .....</i>	84
5.2.2.2	<i>Segundo Círculo de Cultura com os adolescentes – O ser menino e o ser menina adolescente na sociedade .....</i>	91
5.2.2.3	<i>Terceiro Círculo de Cultura – Namorar me faz alegre ou triste? .....</i>	97
5.2.2.4	<i>Quarto Círculo de Cultura – Consequências da violência no namoro.....</i>	103
5.2.2.5	<i>Quinto Círculo de Cultura com os adolescentes - Como agir para promover a resolução não violenta de conflitos no namoro? .....</i>	110
5.2.2.6	<i>Sexto Círculo de Cultura – Protagonismo Juvenil na Prevenção da violência no namoro e promoção da cultura de paz.....</i>	114
<b>5.2.3</b>	<b>Atuação dos adolescentes como multiplicadores na prevenção da violência no namoro.....</b>	<b>118</b>
<b>5.2.4</b>	<b>Culminância: Atuação dos adolescentes como multiplicadores na prevenção da violência no namoro .....</b>	<b>119</b>
5.3	AVALIAÇÃO PRÉ E PÓS-INTERVENÇÃO EDUCATIVA MEDIADA POR CÍRCULOS DE CULTURA COM ADOLESCENTES ESCOLARES .....	127
5.3.1	Análise isolada do grupo de adolescentes multiplicadores .....	127
5.3.2	Análise global dos adolescentes .....	131
6	DISCUSSÃO .....	143
7	LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	161
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
	REFERÊNCIAS .....	164
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS .....	183
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL .....	187
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	188
	APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	190
	ANEXO A – INVENTÁRIO DE CONFLITOS NOS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS ENTRE ADOLESCENTES .....	192
	ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	198

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 INSERÇÃO DA PESQUISADORA NA TEMÁTICA E APRESENTAÇÃO DA TESE

O interesse pela temática surgiu a partir de vivências pessoais e profissionais que se intensificaram a partir do desenvolvimento de dissertação de mestrado, direcionada ao estudo do consumo de drogas por adolescentes escolares. Esta experiência concorreu para a inclusão dos conteúdos transversais à saúde da população adolescente no meu cotidiano profissional, a partir do desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária na graduação em Enfermagem. Este percurso também oportunizou o (re)conhecimento do papel exercido pela enfermagem escolar no desenvolvimento de ações de educação e promoção da saúde e de seu impacto positivo no crescimento e desenvolvimento saudáveis desse grupo populacional.

A aproximação com os adolescentes e a escola impulsionaram a busca por estratégias educacionais mais participativas, horizontalizadas e dialogadas, de modo a deslocá-los para o lugar de protagonistas na construção de novos conhecimentos em saúde, estimulando, com isso, o autocuidado e o cuidado dos seus pares (amigos e familiares). E dentre os caminhos para uma prática educacional menos verticalizada, surge a pedagogia crítica de Paulo Freire (FREIRE, 2014, 2015a), que se utiliza do contexto social de inserção dos educandos para envolvê-los no processo educativo, despertando neles o pensar crítico, necessário as ações de cuidado em saúde realizadas por enfermeiras(os).

E em meio a esse movimento de busca por metodologias educativas que impulsionassem as ações de promoção à saúde do escolar e o desenvolvimento de minhas atividades de ensino e extensão com os adolescentes escolares que a violência no namoro emerge como um problema comum nos relacionamentos deste grupo social. E que, segundo a World Health Organization (WHO, 2015, 2018), se configura como uma problemática de elevada ocorrência entre a população adolescente e que acarreta em diversos prejuízos ao desenvolvimento de meninos e meninas, vítimas e agressores, em todo o mundo.

Com isso, surgiu o interesse em desenvolver ações de educação em saúde voltadas à prevenção da violência no namoro que dialogassem com metodologias mais participativas para o melhor envolvimento da população adolescente, de modo a romper com um processo cíclico de naturalização deste fenômeno na sociedade. Dentro desta perspectiva, buscou-se alicerçar este estudo empírico em um referencial teórico e metodológico comprometido com a autonomia e o processo de conscientização dos participantes a partir do diálogo, da contextualização e problematização dos conteúdos desenvolvidos em consonância com os princípios filosóficos

freireanos (MONTEIRO; VIEIRA, 2008, 2010) em inter-relação com eixos estratégicos das políticas de atenção à saúde dos adolescentes e jovens e a saúde do escolar no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

E essa possibilidade pareceu mais concreta ao identificar na literatura, inclusive em dissertações e teses produzidos por Enfermeiras(os) (MONTEIRO, 2007; BRANDÃO NETO, 2012; CAVALCANTE, 2014; MACHADO, 2015; ROCHA, 2016), estudos que utilizaram o Círculo de Cultura como estratégia de educação em saúde e obtiveram resultados exitosos. Outras publicações fundamentadas na abordagem de ensino crítico social proposta por Paulo Freire estavam relacionadas ao enfrentamento da violência e outras vulnerabilidades em saúde que envolvem a população adolescente (BESERRA et al., 2011; FERREIRA et al., 2013; BRANDÃO-NETO et al., 2014; BRANDÃO-NETO et al., 2015; MONTEIRO et al., 2015a; MONTEIRO et al., 2015b; FARRE et al., 2018; BRANDÃO NETO et al., 2020)

A partir desse contexto, surgiu a ideia de desenvolver um estudo de metodologia mista, que incorporasse uma intervenção educativa mediada pelos Círculos de Cultura e voltada à prevenção da violência no namoro e resolução não abusiva de conflitos pelos adolescentes, de modo a engajá-los a atuarem como multiplicadores de conhecimentos sobre essa temática no cenário escolar.

Destarte, essa pesquisa trouxe uma perspectiva inovadora ao enfrentamento da violência no namoro entre adolescentes pela integração das metodologias quantitativa e qualitativa. E, embora estas abordagens metodológicas estejam ancoradas em paradigmas distintos, o estudo buscou explorar a possibilidade de ambas se complementarem, visto que a temática abordada se configura como um problema de saúde complexo e multifatorial. Outra característica marcante do estudo foi a construção de uma intervenção educativa ancorada em uma proposta educacional que se apoia no diálogo e na reflexão crítica sobre a realidade dos participantes, conduzindo-os a assumir uma postura participativa e mobilizadora de cuidados em saúde, que apresenta resultados satisfatórios entre adolescentes escolares, como já destacado na literatura científica.

No tocante à estrutura, a tese aqui apresentada possui nove seções. A introdução descreve a motivação da pesquisadora para a realização da pesquisa, a contextualização da adolescência, suas vulnerabilidades, além da definição da violência no namoro, os aspectos que a influenciam e os referenciais teóricos e metodológicos que concorrem para o enfrentamento desta problemática. Na sequência, a revisão de literatura descreve de forma mais aprofundada os conceitos de violência provocada por parceiro íntimo, e da violência no namoro entre os adolescentes, bem como seu impacto nas vidas humanas e na saúde pública; os fatores

associados e as repercussões decorrentes destes abusos no desenvolvimento e saúde integral deste grupo populacional.

Em continuidade, a revisão de literatura destaca as características de algumas intervenções direcionadas a prevenção da violência no namoro no contexto escolar; a educação crítica de Paulo Freire como um elemento orientador das estratégias de educação em saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre constructos teóricos que estruturam os Círculos de Cultura.

Nas seções hipótese, objetivos e método são apresentados a intencionalidade do estudo e o percurso metodológico utilizado para alcançá-la e/ou respondê-la. Os resultados foram descritos na sequência de desenvolvimento das etapas da pesquisa, para melhor compreensão dos leitores. A seção de discussão objetivou destacar as observações oriundas da análise e interpretação dos dados quantitativos e qualitativos, sob as lentes da literatura atual sobre a temática e do referencial teórico. E, por fim, estão descritas as limitações e as considerações finais do estudo que rememoram os dados mais relevantes e contribuições deste estudo para a pesquisa científica.

## 1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

A adolescência revela-se como uma importante etapa do desenvolvimento humano, que compreende a faixa etária entre os 10 e 19 anos. Este período é marcado por grandes transformações biopsicológicas relacionadas ao crescimento físico, à maturação sexual e a mudanças psíquicas, emocionais, espirituais que concorrem com a ampliação do convívio social (CARLOS et al., 2017; BRASIL, 2018).

As modificações ocorridas no âmbito psicossocial e cultural impulsionam os adolescentes a buscarem sua individualidade e identidade sociais e, ao mesmo tempo, despertam a curiosidade e o desejo de experimentar novas sensações, associados a um sentimento de onipotência e a necessidade de contestação das regras sociais que os conduz a uma condição intrínseca de vulnerabilidade social (PIRES; SOUZA; MEDEIROS, 2020). Esta última, por sua vez, refere-se a todas as adversidades relacionadas ao contexto no qual o indivíduo está inserido, traduzindo-se em fatores socioeconômicos, raciais/étnicos, religiosos, de gênero (VANDERLEY et al., 2020), como o respeito aos direitos universais, ao convívio familiar, às amizades, à inserção no contexto escolar, às aspirações e construções de projetos de vida futura (SANTOS et al., 2020), em um dado momento histórico e cultural (SILVA et al., 2014a; 2014b).

A condição de vulnerabilidade vivenciada pelos adolescentes pode interferir negativamente nos desfechos relacionados ao projeto de vida futura, bem como no crescimento e desenvolvimento integral destes indivíduos (OLIVEIRA et al., 2020; VANDERLEY et al., 2020), devendo ser compreendida a partir de aspectos individuais, relacionais, comunitários e sociais, que norteiam a visão ecológica do desenvolvimento humano e que contribuem com a compreensão do ciclo da violência no campo da saúde. E neste sentido, os profissionais de saúde devem perceber o adolescente como um ser único, social, histórico, coletivo e complexo (BRONFENBRENNER, 2011; SILVA et al., 2014b; SILVA et al., 2015).

As transformações vividas no processo de adotar também permitem a maior valorização dos relacionamentos interpessoais e, com isso, a ampliação das interações sociais para além do espaço familiar (BEZERRA; QUEIROZ; OLIVEIRA, 2014). As novas conexões interpessoais estabelecidas pelos adolescentes, associadas às descobertas relacionadas a sexualidade (BRÊTAS; MUROYA; GOELLNER, 2009), conduzem a vivência dos primeiros relacionamentos afetivos, como o ficar e o namorar. Entretanto, essas experiências podem ser marcadas por experiências negativas como a exposição à violência interpessoal.

A violência no namoro pode ser definida como a presença de abusos físicos, sexuais e/ou psicológicos, praticados de forma intencional por um membro do casal contra o outro, independentemente de relação heteroafetiva ou homoafetiva; de maneira ocasional ou contínua (FERREIRA et al., 2014; JENNINGS et al. 2017). Ela ocorre no contexto de um relacionamento amoroso e/ou sexual entre os adolescentes e jovens (VAGI et al., 2013) em uma relação em que não existe a convivência doméstica e nem filhos em comum (ZYCH et al., 2019).

A problemática tem despertado o interesse da comunidade científica pela elevada prevalência, em estudos nacionais e internacionais, e devido às sérias consequências à saúde das vítimas, sendo considerada um tema de interesse à saúde pública (GRACIA-LEIVA et al., 2019). Um estudo de revisão sistemática envolvendo 101 estudos, publicado em 2017, identificou que um em cada cinco adolescentes foi vítima de violência física e, um em cada dez sofreu abusos sexuais perpetrado pelo(a) namorado(a); destacando-se o registro da violência no namoro em todos os continentes (WINCENTAK; CONNOLLY; CARD, 2017). No Brasil, os estudos envolvendo a temática ainda são recentes e apresentam taxas variadas, entre 19,9% e 94,2%, considerando o tipo de violência identificado, o instrumento utilizado para coleta de dados e o desenho do estudo (ANDRADE; LIMA, 2018).

A violência no namoro é um fenômeno multicausal e que engloba fatores de risco relacionados ao adolescente que vivencia o relacionamento afetivo, a cultura e a sociedade em que este indivíduo está inserido (WHO, 2013; SANTOS; MURTA, 2016; JENNINGS et al.,

2017). Alguns estudos (CARRASCOSA; CAVA; BUELGA, 2018; GRACIA LEIVA et al, 2019) apontam que a exposição prévia à violência, no ambiente doméstico ou comunitário, tem sido associada ao maior risco de envolvimento com as agressões nas relações de namoro de adolescentes, seja na condição de vítima ou perpetrador. Dentre as experiências anteriores mais frequentes, podemos citar a violência intrafamiliar; os maus tratos pelos cuidadores; ter amigos envolvidos em relações violentas com seus parceiros íntimos; viver em ambiente sexista; e dispor de pouca habilidade social para o manejo das emoções.

Adolescentes expostos a relações afetivas marcadas pela violência são mais propensos a apresentar comportamentos sexual de risco, uso de álcool e drogas, perturbações alimentares, baixa autoestima, distúrbios de autoimagem e/ou de ansiedade, dependência emocional, e depressão, além de vergonha e culpa. Soma-se a isso o medo em compartilhar essas vivências com familiares ou amigos em virtude da gravidade desse tipo de abuso, causando o isolamento desses adolescentes e o risco de revitimização (CDC, 2016; ANDRADE; LIMA, 2018; JOPPA, 2020).

A magnitude dessa problemática, evidenciada na literatura pelo grande número de adolescentes que vivenciam a violência no namoro, bem como pelas repercussões indesejadas na saúde física e mental dos indivíduos envolvidos na condição de vítimas e perpetradores, conduz a comunidade científica a ampliar as pesquisas para a prevenção deste fenômeno. Para tanto, essas iniciativas devem envolver as áreas da saúde e da educação, com foco na realização de intervenções no cenário escolar. Este, por sua vez, se configura como locus oportuno para identificar as vulnerabilidades à saúde dos adolescentes, bem como para a implementação de iniciativas que visem enfrentá-las, favorecendo o crescimento e desenvolvimento saudáveis desta parcela da população.

As intervenções desenvolvidas com o objetivo de prevenir a violência no namoro devem, em primeiro lugar, considerar que o contexto social de inserção do adolescente influencia a forma como ele se relaciona com os seus pares, uma vez que é neste ambiente que se constituem os valores, crenças e atitudes (ANDRADE; LIMA, 2018). Esta concepção corrobora com a compreensão de que o enfrentamento à violência no namoro entre os adolescentes deve fomentar ações para a construção da cidadania, do respeito nas relações sociais e garantia dos direitos humanos.

Niolon e colaboradores (2019) destacam a importância da realização de intervenções no início da adolescência com o objetivo de inibir o mais precocemente possível a instituição de comportamentos violentos nas relações de namoro. Estes autores sugerem que tais estratégias devem ser abrangentes e multicomponentes, ou seja, devem abordar os fatores de risco e/ou

proteção inseridos em dois ou mais níveis ou sistemas de interação dos adolescentes com o mundo (individual, relacional, comunitário e sociedade).

Para tanto, é necessário compreender a escola como um ambiente micropolítico em que diversos atores (estudantes, professores, funcionários, pais, comunidade) convivem e exercitam diferentes papéis sociais, com o objetivo de favorecer o intercâmbio de conhecimento, de afetividade, de valores e cultura essenciais à socialização grupal (BRASIL, 2009; 2010a; COSTA et al., 2013; BRASIL, 2015). Além disso, em virtude dessa intensa interação vivida pelos educandos no cenário escolar, muitas vezes é neste local que acontecem as primeiras relações de ficar/namorar, que podem vir ou não acompanhadas da vivência de situações de violência praticadas entre os parceiros adolescentes.

A importância estratégica da escola para a promoção da saúde integral dos adolescentes é reconhecida em Políticas Públicas, como o Programa Saúde nas Escolas (PSE), as Diretrizes Nacionais para Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens e as orientações da agenda Proteger e Cuidar na Atenção Básica (BRASIL, 2009; 2010a; 2015; 2017). Esta concepção é reforçada nas orientações da WHO (2015; 2018) para prevenção da violência juvenil, ao se destacar o cenário escolar como favorável ao desenvolvimento de intervenções interdisciplinares, capazes de articular os campos da educação e saúde, onde o tema da violência constitui uma das prioridades.

No Brasil, como dito anteriormente, as pesquisas sobre a violência no namoro ainda são consideradas incipientes e só tiveram início na década de 2000, com estudos de prevalência (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; MURTA et al., 2013a; BRANCAGLIONE; FONSECA, 2016; OLIVEIRA et al., 2016a) que contribuíram para compreender a dimensão da problemática no país. As iniciativas voltadas a prevenção do fenômeno, especialmente no ambiente escolar, ainda são escassas e estão concentradas nas regiões Sudeste (PRIOLO-FILHO, 2017; SOUZA, 2020) e Centro-oeste (MURTA et al., 2013b; 2014; 2016; SANTOS, 2016) do país. Estes estudos apresentam diferenças significativas em sua metodologia e arcabouço teórico, caracterizando o tema como um campo rico para a exploração científica, especialmente quando envolve a população adolescente.

Para o desenvolvimento de intervenções interdisciplinares que contribuam com o enfrentamento da violência no namoro e estimulem o desenvolvimento de estratégias não abusivas para a resolução de conflitos, encontramos ancoragem no referencial teórico e metodológico do Círculo de Cultura de Paulo Freire (2014; 2015a). Segundo este marco teórico, é a partir da inserção dos sujeitos em espaços profícuos à participação, ao diálogo, à ação-reflexão-ação, como o próprio Círculo de Cultura, que ocorre a conscientização e construção

de autonomia necessárias à superação de situações limite (MONTEIRO; VIEIRA, 2010; MATIAS et al., 2013; FREIRE, 2014; BRANDÃO NETO et al., 2014; BRANDÃO NETO et al., 2015; BRANDÃO-NETO et al., 2020), como a vivência de violência nas relações de namoro.

O Círculo de Cultura é considerado uma estratégia para a inclusão social e o acolhimento dos adolescentes, fugindo à lógica hierárquica da educação tradicional ou bancária, requerendo dos mesmos uma participação ativa na construção do conhecimento como ferramenta propulsora ao protagonismo. A escolha por uma abordagem educativa ancorada na pedagogia crítica proposta por Freire (2014; 2015a) visa extrapolar o aprendizado individual e produzir novos modos, solidários e coletivos, de pensar, de agir e de aprender-ensinar em um movimento de ação-reflexão-ação (BRANDÃO, 2005; MONTEIRO; VIEIRA, 2010) dos adolescentes no contexto em que vivem (BESERRA et al., 2011; FERREIRA et al., 2013; CAVALCANTE, 2014; MONTEIRO et al., 2015a; MONTEIRO et al., 2015b; ROCHA, 2016; FARRE et al., 2018; BRANDÃO NETO et al., 2020).

Além disso, essa estratégia educacional é capaz de ser reproduzida em outros cenários, uma vez que articula procedimentos teóricos e metodológicos bem definidos e exequíveis por profissionais de saúde comprometidos com seu papel educador e com as propostas de promoção à saúde do adolescente. O Círculo de Cultura também dialoga com as políticas que orientam atenção à saúde dos adolescentes (BRASIL, 2010a; 2015; 2017) e de escolares (BRASIL, 2009), e já foi utilizada amplamente utilizada em estudos para a prevenção da violência e promoção da saúde de adolescentes escolares, obtendo resultados positivos (BRANDÃO NETO et al., 2014; BRANDÃO NETO et al., 2015; MONTEIRO et al., 2015a; BRANDÃO-NETO et al., 2020), incluindo a ampliação das relações intersetoriais entre educação e saúde.

A partir das evidências identificadas nos estudos acima citados, acredita-se que o Círculo de Cultura se configura como uma estratégia educativa que apresenta elevado potencial para estimular nos adolescentes o desenvolvimento da consciência crítica sobre a violência no namoro. E, com isso, reduzir a vulnerabilidade social dos adolescentes para esta problemática, naturalizada na sociedade, motivando-os a atuarem como multiplicadores de conhecimentos para enfrentamento da problemática entre seus pares.

Com base no exposto, o estudo apresenta duas questões de pesquisa. Na primeira, indaga-se: a intervenção educativa em saúde sobre violência no namoro

fundamentada no referencial teórico e metodológico do Círculo de Cultura contribuirá para a construção de conhecimento crítico e reflexivo e a atuação dos adolescentes escolares como multiplicadores entre os pares?

A segunda questão de pesquisa é apresentada da seguinte forma: a intervenção educativa em saúde sobre violência no namoro fundamentada no referencial teórico e metodológico do Círculo de Cultura diminuirá a ocorrência de violência no namoro e ampliará o uso de estratégias de resolução de conflitos não abusivas entre adolescentes escolares? Para esta questão, temos como hipótese que a ocorrência da violência no namoro entre adolescentes escolares diminuirá e o uso de estratégias de resolução de conflitos não abusivas entre adolescentes escolares aumentará após a intervenção educativa em saúde sobre violência no namoro, ancorada no referencial teórico metodológico dos Círculos de Cultura, em comparação com os valores antes da intervenção.

A intervenção proposta para o estudo busca compreender o fenômeno da violência no namoro com o apoio do modelo ecológico social (WHO, 2015; 2018), que apreende os componentes sociais, comunitários, relacionais e individuais. Neste estudo houve maior investimento em atividades relacionadas ao componente individual dos adolescentes e, de modo mais tímido, aos componentes relacional e comunitário. Para o desenvolvimento do processo educativo foram seguidos os pressupostos da dialogicidade, conscientização e amorosidade que integram a pedagogia crítica de Paulo Freire, objetivando-se estimular nos adolescentes a resolução de conflitos não abusiva nas relações de namoro; a mudança de atitude frente a violência; e adoção de comportamentos não violentos para o estabelecimento de relações de namoro saudáveis.

Com isso, o estudo defende a tese de que a realização de uma intervenção educativa em saúde com adolescentes escolares, fundamentada no referencial teórico metodológico do Círculo de Cultura, sobre violência no namoro estimulará os adolescentes a atuarem como multiplicadores entre seus pares no contexto escolar e a relatarem menores eventos relacionados à violência no namoro.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL:

Analisar a implementação de uma intervenção educativa em saúde, fundamentada nos Círculos de Cultura de Paulo Freire, para prevenção da violência no namoro entre adolescentes escolares.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Caracterizar a ocorrência de violência física, sexual e psicológica no namoro segundo as variáveis idade, sexo, religião, renda familiar, escolaridade dos pais, orientação sexual e perfil do relacionamento antes da intervenção.
- Desenvolver as etapas dos Círculos de Cultura como intervenção educativa para a formação de multiplicadores na prevenção da violência no namoro entre adolescentes escolares.
- Descrever o desenvolvimento dos Círculos de Cultura como estratégia educativa em saúde sobre a violência no namoro entre adolescentes escolares.
- Analisar a atuação dos adolescentes participantes dos Círculos de Cultura como multiplicadores em saúde sobre a violência no namoro.
- Comparar a frequência dos tipos de violência (física, sexual e psicológica) presentes nas relações de namoro, segundo a atuação dos envolvidos (vítima, perpetrador, vítima-perpetrador) antes e após a intervenção.
- Verificar as médias dos escores das subescalas de violência física, sexual e psicológica do inventário CADRI para vítima e perpetrador, antes e após intervenção.
- Aferir as médias dos escores das subescalas de estratégias abusivas e não abusivas de resolução de conflitos do inventário CADRI para vítima e perpetrador, antes e após intervenção.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO: um problema de saúde pública

A violência é um fenômeno sócio-histórico e multicausal que acompanha toda a experiência da humanidade. Trata-se de um problema presente em vários setores da sociedade e associado a fatores culturais, econômicos, sociais, intrínsecos e comportamentais dos indivíduos (MINAYO, 2006; 2007). E, segundo o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, elaborado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), é definida como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (KRUG et al., 2002, p. 5).

Minayo e Souza (2003) caracterizam-na como qualquer ato, presente nas relações sociais interpessoais, de grupos, de classes, de gênero, ou institucionais, que empregue diferentes formas, métodos ou meios de coagir direta ou indiretamente, ferir ou aniquilar outrem. Muitas vezes, incorre em negação do outro enquanto sujeito social e em intolerância e desrespeito às diferenças entre os indivíduos e povos; motivada pelo processo de dominação e exercício do poder de um homem sobre o outro, de um grupo sobre outro e de uma nação sobre a outra, contrariando o pacto social de convivência e de garantia dos direitos humanos das suas vítimas (FALEIROS; FALEIROS, 2007; MINAYO, 2007; BRASIL, 2010b; ALMEIDA, 2010).

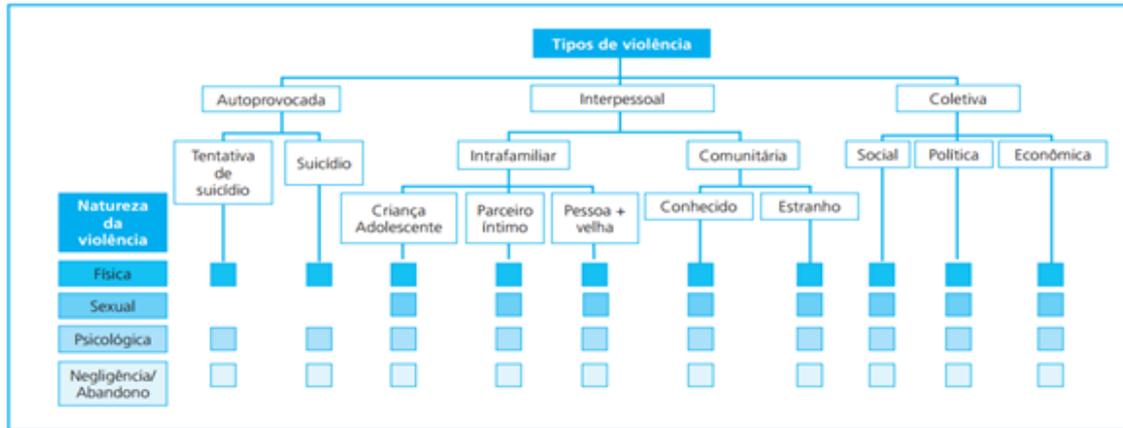
A violência necessita ser compreendida de acordo com a sociedade e o tempo histórico em que é deflagrada. Esta reflexão é necessária porque cada época histórica exerce influência específica sobre o fenômeno, em virtude da cultura e da estrutura social vigente, que podem contribuir de forma mais ou menos significativa para sua manutenção ao longo das gerações (MINAYO, 2007; ROMARO; CAPITÃO, 2007).

Segundo Krug et al. (2002), esses fatores incluem as normas culturais que apoiam a violência como forma aceitável de solucionar conflitos, dão prioridade aos direitos dos pais sobre o bem estar da criança e reafirmam o domínio masculino sobre mulheres e crianças; normas que validam o uso da força pela polícia contra cidadão e apoiam conflitos políticos; políticas de saúde e educação, econômicas e sociais que favorecem a desigualdade econômica e social entre grupos da sociedade.

O fenômeno apresenta variadas manifestações podendo ser classificado em diversos tipos e naturezas (Figura 1). Quanto a tipologia, essas violências podem ser classificadas como: auto infligida, interpessoal e coletiva. E em relação a natureza, podem se manifestar por atos de

natureza física, sexual, psicológica, negligência (KRUG et al., 2002; DAHLBERG; KRUG, 2006; MINAYO, 2006).

**Figura 1** – Tipos e natureza da violência.



Fonte: KRUG et al, 2002.

Nesse contexto, a violência interpessoal é a que provoca maior preocupação da OMS em virtude de sua magnitude. De 2000 a 2012, em torno de seis milhões de pessoas morreram em todo o mundo em decorrência de atos de violência interpessoal. Este número de homicídios supera a soma das mortes ocorridas em todas as guerras ao longo desse período. Apenas em 2012, o número de homicídios em todo o mundo foi de aproximadamente 465 mil, com taxas mais elevadas entre os países de renda baixa e média e na Região das Américas em que ocorreram 28,5 homicídios por cem mil pessoas (WHO, 2014).

A violência interpessoal é compreendida como aquela que ocorre entre duas ou mais pessoas. Pode ser subdividida em duas categorias: a comunitária e a intrafamiliar e/ou provocada por parceiro íntimo. A violência comunitária refere-se aos abusos e agressões que ocorrem no ambiente social e inclui a violência juvenil, os ataques sexuais e a violência institucional (BRASIL, 2005). A violência intrafamiliar refere-se aos abusos que ocorrem entre membros da família, tendo como local privilegiado o ambiente doméstico (KRUG et al., 2002; MINAYO, 2007; BRASIL, 2010b). Já aquela provocada por parceiro íntimo constitui-se como “qualquer comportamento do parceiro íntimo que cause dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores” (WHO, 2013, p.7).

Essa última pode extrapolar o ambiente intrafamiliar e manifestar-se em qualquer relação íntima de afeto, independentemente de coabitação, incluindo o namoro e indivíduos de ambos os sexos, em relacionamentos heteroafetivos ou homoafetivos. E, embora o termo violência por parceiro íntimo possa ser utilizado para as agressões perpetradas por mulheres,

historicamente, são elas as mais vitimizadas por seus parceiros homens, especialmente nas sociedades em que as desigualdades entre homens e mulheres são mais marcantes (KRUG et al, 2002; BRASIL, 2006; WHO, 2013).

O Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência Provocada por Parceiro Íntimo, que analisou 155 estudos de 81 países, também evidenciou maior vitimização feminina ao fenômeno. Os dados revelaram que uma em cada três mulheres no mundo já sofreram algum tipo de violência provocada por parceiro íntimo (cônjuge ou namorado) em algum momento da vida. Este problema apresenta elevada magnitude em todo o mundo, com destaque para Ásia, em que 37,7% das mulheres já sofreram abusos provocados pelo parceiro íntimo; Mediterrâneo (37%); África (36,6%) e o continente americano (29,8%) (WHO, 2013).

No Brasil, segundo a OMS (WHO, 2010), 33,8% das mulheres já sofreram alguma vez na vida violência física ou sexual, ou ambas, provocada pelo parceiro íntimo. O Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil destaca que dentre os 127.710 atendimentos de mulheres por violência realizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em 2014, 36,9% foram em decorrência de agressões praticadas pelos parceiros íntimos atuais ou anteriores. Além disso, ainda segundo o Mapa da Violência, entre 2003 e 2013 o assassinato de mulheres cresceu 21%, passando de 3.937 para 4.762 casos, totalizando 13 mortes por dia. Deste total de óbitos, 33,2% foi provocado por parceiros ou ex-parceiros das vítimas, o que se configura como uma condição alarmante, visto que a taxa de feminicídios no país era de 4,8 para 100 mil mulheres em 2013, considerada 15 vezes superior à do Japão, 24 vezes maior que a da Irlanda e 48 vezes maior que a do Reino Unido (WAISELFISZ, 2015a). Em Recife, estudo de Silva (2014) realizado com 408 mulheres, evidenciou percentual de 24,4% de vítimas de violência pelo parceiro íntimo nos últimos 12 meses.

Esse panorama elenca o fenômeno como um problema de interesse à Saúde Pública, uma vez que a violência é capaz de causar ameaças ao processo vital humano, alterando o estado de saúde física, mental, social ou espiritual. Os impactos negativos decorrentes da exposição a violência provocada por parceiro íntimo resultam em, além de mortes, lesões e traumas físicos e agravos mentais, emocionais e espirituais que acometem principalmente mulheres, adolescentes e famílias (MINAYO, 2007; NJAINE; ASSIS; CONSTANTINO, 2009; BRASIL, 2010b). Outros efeitos incluem o agravamento de doenças crônicas, problemas cardiovasculares e outras patologias somáticas, como dor crônica, distúrbios gastrointestinais, fibromialgia; de saúde reprodutiva e sexual (gravidez não planejada, infecções sexualmente transmissíveis, abortamento, entre outros). Além dos problemas associados à saúde psíquica como depressão,

fobias, estresse pós traumático e abuso de substâncias psicoativas (KRUG et al., 2002; DGS, 2014).

Tais características o tornam um fenômeno universalmente desafiador, uma vez que estão intimamente relacionados a aspectos individuais, relacionais, comunitários e socioculturais. E, somados a sua capacidade de provocar danos à vida humana, exerce forte pressão sobre sistemas de saúde e de justiça criminal; os serviços sociais e de bem-estar; e a estrutura econômica das comunidades (WHO, 2014).

### 3.2 A VIOLÊNCIA NO NAMORO ENTRE ADOLESCENTES: conceitos, fatores relacionados e repercussões na saúde

O período da adolescência é marcado por muitas transformações, que se expressam entre os 10 e 19 anos de idade, associadas à maturação física, psíquica, cognitiva, emocional e social. Em uma visão contemporânea, esta fase é compreendida como resultante da interação contínua entre o desenvolvimento biológico, psíquico e emocional que a caracteriza como um processo singular, natural, dinâmico e necessário à construção da identidade de cada pessoa (SAITO; SILVA; LEAL, 2008; UNICEF, 2011; COSTENARO; SMEHA; SANTINI, 2016; SILVA et al., 2016; BRASIL, 2018).

As mudanças cognitivas, psíquicas e sociais vividas na adolescência influenciam a construção do pensamento, das ideias, atitudes e comportamentos inscritos na personalidade em processo de consolidação. Essas transformações costumam despertar conflitos associados à aceitação do novo corpo; à relação com os pares sociais; ao papel social de gênero; à identidade sexual; à independência dos pais; à escolha da carreira profissional; entre outros (LIMA et al., 2013; SILVA et al., 2014a; 2014b; COSTENARO; SMEHA; SANTINI, 2016). Estes aspectos sofrem forte interferência do tempo histórico e dos significados que a cultura de cada povo atribui à adolescência (GRILLO et al., 2012), tornando esta etapa da vida mais ou menos vulnerável aos riscos relacionados à saúde, como a vivência de situações violentas nos seus relacionamentos.

Para Queiroz e colaboradores (2013, p. 498) *“a vulnerabilidade na adolescência está relacionada à própria condição de ‘pessoa em desenvolvimento’, e que necessita de proteção física, psíquica e moral”*. Deste modo, essa gama de acontecimentos, descobertas e inquietações vividos no processo do adolecer concorrem para sujeitá-los aos riscos traduzidos da organização e cultura social.

Esta vulnerabilidade será maior ou menor a partir da interação entre os adolescentes e os componentes individuais, sociais ou coletivos que a determinam, como o acesso à escola e

meios de comunicação de qualidade, a disponibilidade de recursos materiais para o pleno desenvolvimento, a autonomia para enfrentar desafios políticos, barreiras culturais e até mesmo situações de violência e opressão presentes na sua realidade cotidiana (AYRES et al., 2009; FONSECA et al., 2013).

Nesta fase da vida os seres humanos também despertam para a sexualidade e vivem as primeiras experiências afetivas e sexuais, aproximando-os do comportamento adulto (TAQUETTE, 2009). Entre os adolescentes, as relações afetivas/sexuais ou de intimidade mais comuns são o “pegar”, o “ficar” e o “namorar”. O limite estabelecido entre cada uma destas vivências ainda provoca confusão na sociedade em virtude da fluidez dos relacionamentos durante a adolescência, sendo necessário conceituá-las para melhor compreensão (OLIVEIRA et al., 2007; MINAYO, ASSIS, NJAINE, 2011). O “pegar” é definido como um ato espontâneo, sem compromisso, centrado mais no interesse físico e motivado pela beleza ou pela sensualidade; enquanto o “ficar” se configura como uma fase de atração sem maiores compromissos e que pode envolver desde beijos até contatos sexuais, estando situada entre o pegar e namorar (OLIVEIRA et al., 2007). Já o namoro é socialmente concebido como uma relação interpessoal leve, lúdica (DINIZ; ALVES, 2015) e didática que envolve:

[...] encontro para uma interação social, em atividades conjuntas e com intenção implícita ou explícita de continuar o relacionamento, até o momento que uma ou outra parte decida rompê-la, ou que um relacionamento mais próximo seja estabelecido, tal como: morar juntos, noivado ou casamento. (ALDRIGHI, 2004; p. 109).

A forma como cada adolescente vive essas experiências é singular e modulada pelas diferenças de gênero e relações de poder existentes no imaginário social (DINIZ; ALVES, 2015). As crenças construídas podem influenciar essas interações entre os adolescentes, estabelecendo relações desiguais de poder e dominação entre os gêneros, assim como nas relações de intimidade entre adultos, resultando em violação de direitos e abusos já nas primeiras relações afetivas/sexuais (GOMES; MINAYO; SILVA, 2005; OLIVEIRA, 2014; DINIZ; ALVES, 2015).

Essas agressões vivenciadas pelos adolescentes, no âmbito afetivo e/ou sexual, recebem a denominação de violência no namoro (VN), sendo definida pela OMS como uma modalidade de violência provocada por parceiro íntimo (VPI) que ocorre em todo o mundo, independente da raça, crença religiosa, grupo étnico e/ou econômico, atingindo indivíduos de diversas faixas etárias, incluindo a adolescência (WHO, 2012; 2014). Para Cornelius e Resegue (2007) a violência no namoro é definida como *“qualquer comportamento para controlar ou dominar o (a) parceiro (a) por meios físicos, psicológicos ou sexuais, gerando sofrimento e danos para a*

*saúde e o desenvolvimento*”. O Centers for Disease Control and Prevention (CDC) inclui a esta definição a perseguição praticada contra o(a) parceiro(a) (CDC, 2016).

Murray e Kardatzke (2007) destacam que a VN compreende o envolvimento de duas pessoas, que vivenciam uma relação que ultrapassa a amizade, compartilhando uma ligação sexual e/ou emocional e romântica e não são casados ou noivos, em comportamentos violentos entre si. E, segundo Murta e colaboradores (2013a), este tipo de abuso pode ocorrer em relações de curta ou longa duração e entre casais hetero ou homoafetivos (WHO, 2010).

O fenômeno tem sido abordado na literatura internacional desde a década de 1980, destacando-se a partir do ano 2000, onde recebe predominantemente a denominação de “*dating violence*” ou “*courtship violence*” (MAKEPEACE, 1981; AIZENMAN, KELLEY, 1988; AVERY-LEAF et al., 1997; HALPERN et al., 2001; WOLFE et al., 2001; ASHLEY, FOSHEE, 2005; JAYCOX et al., 2006; WHITAKER et al., 2006; HALPERN et al., 2009; BONOMI et al., 2012; ZWEIG et al., 2013; SHAMU et al., 2016; FOSHEE et al., 2016; HOSSAIN et al., 2020).

No Brasil, para nomear as agressões físicas, sexuais e/ou psicológicas perpetradas por parceiros íntimos adolescentes, além do termo “violência no namoro”, utiliza-se “violência nos relacionamentos íntimos de adolescentes”, “violência nas relações afetivas” e “violência nas relações afetivo-sexuais de adolescentes” (BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016; LOURENÇO et al., 2019; FERREIANI et al., 2019; TAQUETTE et al., 2020). Desde o ano de 2000 essa temática passou a despertar o interesse de pesquisadores brasileiros (TAQUETTE et al., 2003), obtendo visibilidade científica a partir de um estudo multicêntrico realizado em dez capitais, entre 2007 e 2009, que identificou a prevalência e as representações da violência no namoro entre adolescentes de 15 a 19 anos (MINAYO, ASSIS, NJAINE, 2011).

A partir da publicação deste estudo, houve crescimento da produção científica nacional sobre a VN, sendo ainda considerada pequena quando comparada a outras regiões do mundo (NASCIMENTO et al., 2011; MURTA, et al. 2013a; 2013b; OLIVEIRA et al., 2014; BARREIRA, A. K. et al., 2014; BESERRA et al., 2015; BRANCAGLIONI, FONSECA, 2016; SILVA et al. 2017; FERRIANI et al., 2019).

Os estudos voltados aos fatores de risco para a VN revelam que, assim como ocorre na violência provocada por parceiro íntimo adulto, essa problemática apresenta determinação multifatorial que envolve aspectos pessoais e/ou socioculturais. Entre eles, merecem destaque: má comunicação ou deficiência de habilidades sociais para resolução de conflitos; incapacidade de controlar a raiva; crenças acerca dos papéis tradicionais de gênero; crença de que a violência no namoro é aceitável; convívio com amigos que praticam a violência no namoro; atividade

sexual precoce e múltiplas relações; ser exposto ou testemunhar a violência doméstica e comunitária; uso de álcool e outras drogas; baixa autoestima, ansiedade, depressão e transtorno do estresse pós-traumático, distúrbios alimentares, alucinações e outros problemas de ordem psíquica (BONTEMPO; PEREIRA, 2012; VAGI et al., 2013; CDC, 2016).

Para melhor compreender as questões individuais, sociais, culturais e econômicas que ampliam o risco de envolvimento dos adolescentes com a violência no namoro, o presente estudo pautou-se no Modelo Ecológico (DAHLBERG; KRUG, 2006). A visão ecológica tem sido indicada desde o ano de 2002 pela OMS para o enfrentamento em intervenções voltadas à prevenção da violência, estendendo-se às relações de namoro entre adolescentes (WHO, 2015; 2018).

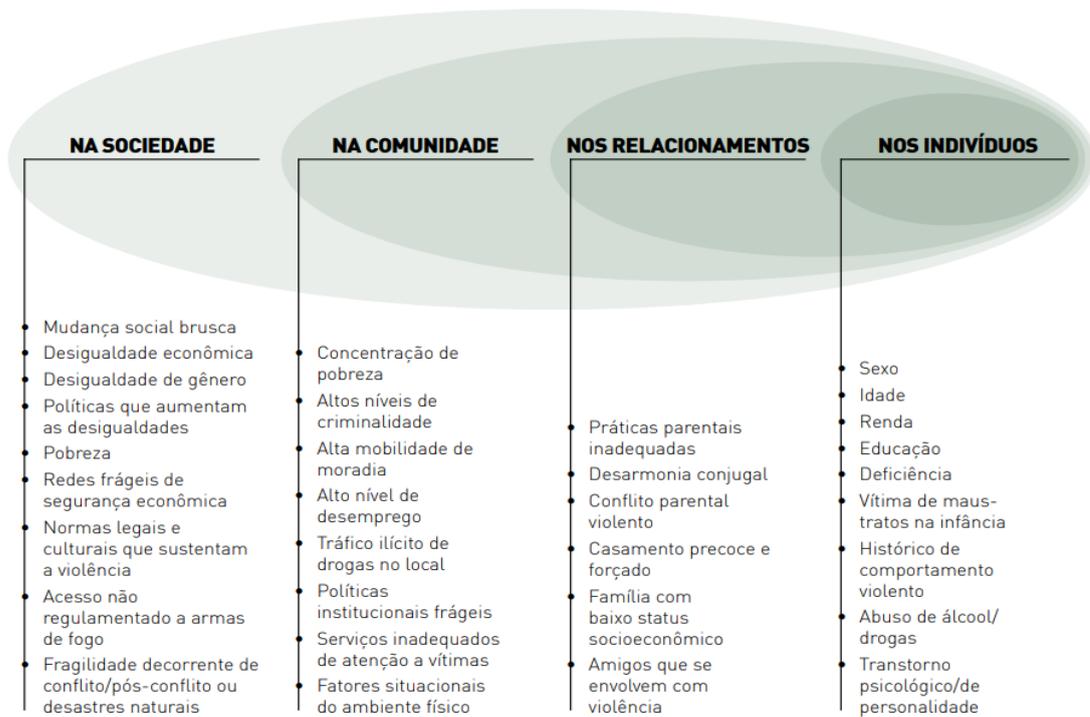
O modelo ecológico utilizado pela OMS para compreender a relação existente entre a violência e a saúde, considerando o ciclo deste fenômeno na sociedade, está alinhado com a concepção teórica de Bronfenbrenner (2011). Este autor afirma que o processo de desenvolvimento humano sofre influência da relação dinâmica entre a pessoa que se desenvolve e o contexto em que ela está inserida, sendo este organizado em vários níveis, desde o individual até os mais amplos, como as estruturas das políticas públicas e sociais que interferem neste processo.

Neste sentido, a OMS busca, a partir da concepção ecológica de inserção da violência nas relações humanas, categorizar quais os fatores de risco (e de proteção) interferem neste processo, estruturando-os a partir de quatro níveis interligados que envolvem aspectos individuais, relacionais, comunitários e sociais (WHO, 2015; 2018), como observado na figura 2. A forma como os adolescentes são expostos a esses fatores de risco e proteção, ao longo do seu desenvolvimento, pode contribuir com a naturalização deste fenômeno nas relações entre os pares, o que o torna um problema complexo e que precisa ser observado dentro de um contexto mais amplo.

Ao descrevermos os quatro níveis, observa-se que, no aspecto individual, encontram-se aspectos da história biológica e pessoal que podem aumentar a probabilidade de se tornar vítima ou perpetrador da violência; no nível relacional estão os relacionamentos com pares, parceiros íntimos e membros familiares, ou seja, pessoas ou grupos que compõem o círculo social mais próximo ao adolescente e podem favorecer a adesão à comportamentos de vitimização e/ou perpetração da violência; no nível comunitário estão presentes as características da comunidade na qual o adolescente se afilia e os contextos onde as relações sociais se concretizam (escola, trabalho/lazer, vizinhos) que ampliam as vulnerabilidades para se tornar vítima ou perpetrador de violência; e no nível social estão presentes os fatores macrossociais que influenciam a

violência praticada na sociedade, tais como desigualdade sociais e de gênero, as crenças religiosas ou culturais, as normas sociais, políticas e/ou econômicas que criam ou sustentam lacunas e tensões entre grupos de pessoas (WHO, 2018).

**Figura 2** – Modelo Ecológico para explicação da violência, segundo a Organização Mundial de Saúde.



Fonte: WHO, 2018, p. 17.

Ainda, segundo a WHO (2010) 29,4% das meninas adolescentes na faixa etária de 15 a 19 anos, em todo o mundo, já sofreram algum abuso físico ou sexual provocado pelo namorado. Entretanto, é oportuno destacar que a literatura internacional (SWAHN et al., 2008; GIORDANO et al., 2010; HAMBY; TURNER, 2013; ORPINAS et al., 2013; REIDY et al., 2017) e nacional (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011; BARREIRA et al., 2014; COSTA; COSTA; NASCIMENTO, 2018) vem demonstrando que o sexo feminino também é violento nos relacionamentos afetivos sexuais, trazendo a discussão sobre bidirecionalidade da violência no namoro, ou seja, quando ambos os parceiros perpetraram atos violentos.

A utilização do termo direcionalidade, embora contribua para compreensão de que a perpetração da violência pode acontecer apenas pelo adolescente menino, apenas pela menina e por ambos (bidirecional), não pressupõe que ambos os parceiros são igualmente violentos. As evidências mostram que mesmo nos relacionamentos em que ambos os parceiros perpetraram violência existe assimetria quanto à motivação para as agressões e em relação às consequências

dos abusos entre os adolescentes. Os efeitos adversos decorrentes da violência perpetrada pelo sexo masculino geralmente são mais frequentes e mais graves do que aqueles resultantes dos abusos realizados pelo sexo feminino (SHERER; SHERER, 2008; STRAUS, 2008; BARREIRA et al., 2014; STRAUS; GOZJOLKO, 2014; BESERRA et al., 2015).

Independentemente da direcionalidade, a prevalência da VN apresenta grandes flutuações em todo o mundo, com taxas que variam entre 5,9% a 68%, devido às diferentes metodologias e instrumentos de coleta utilizados nos estudos. Dentre eles estão África com taxas entre 26,5% e 48% (SHAMU et al., 2016); Canadá com ocorrência entre 6,8% e 56,4% (HERBET; BLAIS; LAVIOE, 2017); Espanha com 24,3% (FERNÁNDEZ-FUERTE; FUERTES, 2010); Estados Unidos da América com índices entre 8,3% a 68% (BONOMI et al., 2012; ZWEIG et al., 2013; DUPONT-REYES et al., 2014; VAGI, et al., 2015); Portugal com taxas entre 5,9% e 30% (MACHADO; CARIDADE; MARTINS, 2010; BESERRA et al., 2015). Mesmo com as diferenças encontradas para a prevalência da VN entre adolescentes nos diversos países citados, não há dúvida de que os números são preocupantes, especialmente pelas consequências que estes abusos podem deflagrar nas vítimas e perpetradores.

No Brasil, a ocorrência da VN, em estudo multicêntrico que abrangeu dez capitais brasileiras, entre 2007 e 2009, com adolescentes com idade entre 15 e 19 anos, oriundos de escolas públicas e particulares, foi de 86,9% para a vitimização e de 86,8% para a perpetração da VN. As meninas (86,8%) sofreram mais violência verbal que os meninos (82,1%), entretanto para as demais formas de abusos houve similaridade na ocorrência entre os sexos (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011). Dentre estudos que descreveram a ocorrência de VN na capital pernambucana, as estimativas de prevalência variaram entre 19,2% (BESERRA et al., 2015) e 87,2% (OLIVEIRA, 2014).

Além do conhecimento sobre a prevalência encontrada para a VN apontado nas pesquisas listadas até o momento, foram realizados estudos de abordagem qualitativa que buscaram compreender o conhecimento e significados atribuídos a este fenômeno pelos adolescentes. Os resultados, em geral, demonstram que os adolescentes conhecem e compreendem algumas dimensões da VN, como os abusos físicos, sexuais e psicológicos, embora, na maioria das vezes, não reconheçam a presença destes abusos nos seus próprios relacionamentos. A influência de fatores culturais e a naturalização da violência nas relações de namoro também foram achados que merecem destaque nos estudos (NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011; HAGLUND; BELKNAP; GARCIA, 2012; TAYLOR et al., 2017a; 2017b; SHAFFER et al., 2018).

Diante da compreensão da dimensão e gravidade da violência no namoro para a saúde da população adolescente destaca-se a necessidade de intervenção precoce, junto a este grupo etário, para a promoção a saúde e prevenção da problemática, estimulando-os a adotar modos de vida mais saudáveis que os insiram no eixo do pensamento crítico, da conscientização e motivação para o cuidado de si e dos outros e no estabelecimento de relações de namoro não abusivas.

### 3.3 INTERVENÇÕES PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NO NAMORO ENTRE ADOLESCENTES: características e contextos

O contexto escolar se configura como um *locus* privilegiado para intervenções direcionadas à promoção da saúde e prevenção dos diversos agravos junto à população adolescente. Isto ocorre porque a escola exerce função primordial no desenvolvimento de habilidades sociais para o convívio grupal (MALTA et al., 2014a; 2014b). Deste modo, a realização de intervenções para prevenção da violência no namoro no cenário escolar parece oportuno, visto que é neste ambiente que os adolescentes ampliam sua rede de interações e vivenciam as primeiras experiências de namoro (MALTA et al., 2014a; 2014b; MALHOTRA; GONZALEZ-GUARDA; MITCHELL, 2015).

Outra questão importante que envolve a aplicação de estudos de prevenção no ambiente escolar é que as evidências apontam a necessidade de realizar precocemente intervenções direcionadas à prevenção da violência no namoro para desconstruir as crenças legitimadoras da utilização da violência para a resolução de conflitos (MURTA et al., 2013a; MURTA et al., 2015; BEATRIZ et al., 2018; MILLER et al., 2018). É ainda nas primeiras experiências afetivas que os adolescentes podem ser sensibilizados a adotar estratégias dialogadas, respeitosas e éticas para a resolução dos conflitos em seus relacionamentos.

Nos últimos cinco anos, têm-se observado que várias iniciativas foram elaboradas para reduzir a ocorrência da violência no namoro em todo o mundo, destacando-se os programas desenvolvidos nos Estados Unidos e alguns países da Europa (AMAR et al., 2015; GONZALEZ-GUARDA et al., 2015; MILLER et al., 2015a; 2015b; MOYNIHAN et al., 2015; TAYLOR et al., 2015; WILLIAMS et al., 2015; BEATRIZ et al., 2018; CASCADI et al., 2018; PESKIN et al., 2019; VIVES-CASES et al. 2019). A maior parte dos estudos de intervenção supracitados realizou intervenções multicomponentes, direcionadas ao desenvolvimento de habilidades e algumas utilizaram a arte/dramatização para redução da violência no namoro.

Alguns programas multicomponentes têm sido destacados em estudos de revisão voltados à prevenção da violência no namoro devido aos seus resultados positivos na aquisição

de conhecimentos, atitudes e comportamentos não violentos entre namorados. São eles: *Safe Dates* (FOSHEE et al., 2004; 2005); *The Fourth R: skill for youth relationships* (WOLF et al., 2009) e *Shifting Boundaries* (TAYLOR et al., 2013; TAYLOR; MUMFORD; STEIN, 2015). Outro estudo multicêntrico, o *Lights 4 Violence* (DAVÓ-BLANES et al., 2019; VIVES-CASES et al., 2020), encontra-se em fase inicial e desperta interesse devido a sua possibilidade de generalização dos dados futuros.

O Programa *Safes Dates* (FOSHEE et al., 2004; 2005) é um programa realizado em 14 escolas rurais na Carolina do Norte, Estados Unidos, composto por dez sessões educativas de 45 minutos, direcionado a estudantes do oitavo e nono anos (entre 13 e 15 anos) e ministrado por professores de Educação Física e Programas de Saúde. A proposta está direcionada à prevenção primária e secundária e aborda tópicos relacionados a estereótipos de gênero; definição, consequências e caminhos para enfrentar a problemática, e habilidades para resolução não abusiva de conflitos (DE LA RUE et al., 2016). O programa também envolve o engajamento em ações que envolvem a dramatização e jogos no componente curricular, além da participação de pais e dos professores inseridos nas sessões educativas.

O *Safes Dates* apresenta modelagem experimental, com acompanhamento do tipo follow-up, que realizou 4 avaliações na linha do tempo. Os efeitos da intervenção demonstram redução significativa na perpetração e vitimização da violência física; diminuição moderada da violência sexual e discreta da violência psicológica. Entretanto, não se observou impactos significativos na prevenção primária das três formas de violência investigadas ao longo do segmento. Embora seus resultados sejam promissores, sua generalização torna-se limitada por se tratar de uma população especificamente rural (FOSHEE et al., 2005).

O segundo programa, *The Fourth R: Skills for Youth Relationships* (WOLFE et al., 2009), é um programa integrado ao currículo escolar do ensino médio, desenvolvido na região de Ontário, Canadá, que aborda os componentes individuais e escolares. No nível individual, o programa está estruturado em 21 sessões que se dividem em três unidades, cada uma contendo sete encontros com 75 minutos de duração. Os temas abordados incluem a prevenção do uso de drogas; a prevenção da violência escolar e no namoro; sexualidade; e habilidades para relacionamentos saudáveis. No nível escolar, as atividades envolvem a oferta de informações para os pais e estudantes que exerçam liderança no educandário, formação dos professores sobre a violência no namoro e relacionamentos saudáveis e distribuição de um manual com orientações sobre o programa.

Os resultados deste programa mostraram-se efetivos na redução da perpetração da violência em namoros de adolescentes tardios, com destaque para os meninos. Entretanto não

foram observadas mudanças significativas na violência entre pares na escola, no uso de substâncias psicoativas e houve aumento da perpetração de violência por meninas (WOLFE et al., 2009; CROOKS et al., 2017; 2019).

Já o programa *Shifting Boundaries*, concebido em 30 escolas de Nova York, EUA, junto a adolescentes do sexto e do sétimo anos, articulou intervenções curriculares e intervenções no ambiente escolar para trabalhar conteúdos relacionados à prevenção de VRI e à prevenção do assédio sexual. O estudo experimental teve duração de seis a dez semanas e realizou atividades em sala de aula com os estudantes, dirigidas pelos professores sobre as temáticas alvo, além do levantamento de “áreas de risco” identificadas pelos adolescentes nos educandários. No geral o programa apresentou redução significativa na frequência da vitimização e perpetração da violência no namoro, tanto para meninos quanto para meninas, independentemente de envolvimento prévio com o fenômeno. (TAYLOR; MUMFORD; STEIN, 2015).

Por último, o programa *Lights 4 Violence* desenvolvido em 6 países europeus, Espanha, Itália, Portugal, Polônia, Reino Unido e Romênia, é desenvolvido no ambiente escolar, com adolescentes de 13 a 17 anos, estruturado em dois módulos com quatro sessões de cinquenta minutos. O conteúdo dos módulos é ministrado por professores ou outros profissionais devidamente treinados, incluindo ações para o desenvolvimento positivo dos adolescentes e promoção de relacionamentos saudáveis e competências promotoras de relacionamentos saudáveis entre casais (DAVÓ-BLANES et al., 2019). A intervenção tem caráter quase-experimental e especula obter informações relevantes sobre a eficácia de intervenções educacionais que combinam o estímulo a atitudes positivas com a conscientização educacional sobre a importância de alcançar igualdade de gênero, além da prevenção e combate à violência de gênero (VIVES-CASES et al., 2019).

No contexto brasileiro os estudos abordando a temática da violência no namoro ainda estão concentrados na identificação da prevalência e fatores relacionados, sendo incipientes os estudos direcionados a implementação de intervenções no contexto escolar (ANDRADE; LIMA, 2018). Foram identificados cinco estudos para prevenção desta problemática, desenvolvidos com adolescentes e no ambiente escolar (MURTA et al., 2013a; 2016; SANTOS, 2016; PRIOLO-FILHO, 2017; SOUZA, 2020), concentrados nas regiões Sudeste e Centro-oeste, que apresentam metodologias e embasamento teóricos variados, demonstrando a necessidade da realização de novos estudos e com outros contextos populacionais e culturais.

A primeira intervenção realizada no Brasil sobre a violência no namoro foi desenvolvida por Murta e colaboradores (2013a). Trata-se de um estudo quase-experimental que realizou sete sessões educativas de 80 minutos, durante o horário escolar, com adolescentes do ensino médio,

sobre gênero, direitos e habilidades de vida. Houve maior redução em crenças sexistas e homofóbicas entre os participantes e não se observou diferença entre o grupo experimental e controle.

Murta et al. (2016) também desenvolveram uma intervenção quase-experimental para prevenir a violência, as dificuldades de regulação de emoções e o endosso aos papéis tradicionais de gênero masculino. As atividades educativas com os adolescentes ocorreram em nove encontros semanais com duração de 80 minutos cada. Os temas abordados foram a violência no namoro, habilidades sociais, tomada de decisão, papéis de gênero, direitos sexuais e reprodutivos e empoderamento. Evidenciou-se redução em crenças que suportam papéis de gênero masculino no grupo experimental, no entanto entre as condições experimentais a intenção de enfrentamento à violência no namoro foi similar, com redução na intenção de violência e resignação, e um aumento na intenção de negociação.

Outra pesquisa, realizada por Santos (2016) investigou os efeitos de uma intervenção experimental, baseada nos pares e na abordagem dos espectadores e redução da violência no namoro, que desenvolveu intervenções breves de três sessões sobre relações de namoro saudáveis e violentas, qualidade da amizade na rede de pares e o papel do espectador. Os resultados indicaram diferenças significativas entre os sexos para a violência psicológica, com meninos do grupo intervenção sofrendo menos ameaças do que as meninas após a intervenção; redução da média do número de amigos envolvidos em violência no namoro para o sexo feminino, e aumento discreto da qualidade da amizade dos meninos. Também ocorreu discreto aumento da empatia, atitudes do espectador e intenção de ajudar no grupo intervenção.

Já o estudo de Priolo-Filho (2017) se caracterizou por uma intervenção experimental sobre sexualidade e resolução de problemas sociais e no namoro com adolescentes escolares. Foram desenvolvidos encontros educativos, separadamente com meninos e meninas, havendo uma diminuição da frequência de comportamentos violentos praticados e sofridos para o grupo experimental, bem como do número de participantes que eram agressivos três e seis meses após a sessões educativas.

Por último, Souza (2020) desenvolveu um programa de intervenção quase-experimental multicomponentes voltado para a conscientização de adolescentes, do oitavo e nono ano, sobre violência nas relações de intimidade e para capacitá-los para a construção de relações saudáveis. Os resultados evidenciaram que os adolescentes participantes do programa não apresentaram diferenças significativas nos conhecimentos sobre violência nos relacionamentos íntimos e nas competências sociais para a construção de relações de intimidade saudáveis.

Ao analisar a produção científica sobre a prevenção da violência no namoro no cenário escolar, observa-se lacunas quanto à eficácia dos estudos relacionados à temática. Devido a isso, alguns estudos destacam a necessidade de mensurar a efetividade de intervenções educativas voltadas à prevenção da violência no namoro, especialmente no que tange a sua replicação, ao seu impacto a médio/longo prazo na redução da prevalência dos abusos praticados por namorados e ao seu estímulo de habilidades para o convívio harmonioso, ético e livre de violências entre os namorados (LUDRIGEN; AMIN, 2015; DE LA RUE et al., 2016; OLIVEIRA et al., 2016b; CARLOS et al., 2017; JENNINGS et al., 2017).

### 3.4 A EDUCAÇÃO EM SAÚDE À LUZ DO PENSAMENTO FREIREANO: elementos para entender e prevenir a violência no namoro

A Educação em Saúde constitui importante ferramenta de Promoção da Saúde, alicerçada no respeito ao outro, na empatia e confiança para a troca de experiências e conhecimentos entre os membros da comunidade e os profissionais de saúde para a reflexão e construção de atitudes mais saudáveis (MONTEIRO; VIEIRA, 2008; 2010; SALCI et al., 2013). Promover Saúde, vai além da prevenção de agravos, implica em “um processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo maior participação no controle deste processo” (WHO, 1986, p.1).

No território brasileiro, a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) propõe como principal objetivo a promoção da qualidade de vida e redução das vulnerabilidades e riscos em saúde relacionados aos determinantes e condicionantes sociais. Para tanto, orienta a implementação de ações inclusivas e com participação comunitária na escolha dos temas/problemas de maior interesse àquele grupo social, bem como na definição e implementação das estratégias de enfrentamento para melhoria das condições de saúde (BRASIL, 2010c).

Outro aspecto interessante da PNSP é o estímulo a composição de ações cooperadas, ou intersetoriais, entre o Campo da Saúde e outros atores e áreas de interesse social. Tais medidas corroboram com a construção coletiva de saberes e práticas para pensar e resolver questões complexas que envolvem as necessidades de saúde da população (BRASIL, 2009; 2010c; AZEVEDO; PELICIONI; WESTPHAL, 2012), a exemplo de intervenções que envolvem a saúde dos adolescentes no ambiente escolar.

Nessa concepção, torna-se necessário considerar a representatividade do contingente populacional adolescente e jovens de 10 a 24 anos de idade que, segundo o censo demográfico de 2010, representavam, um total de 51.402.821 pessoas, que equivale a 36,89% da população

brasileira. Este grupo populacional exige novos modos de produzir saúde voltados às vulnerabilidades decorrentes dos modos de vida, hábitos e comportamentos (BRASIL, 2018). Como elemento fundante da Promoção da Saúde, a Educação em Saúde deve ser capaz de desenvolver habilidades necessárias a construção da autonomia destes sujeitos sociais para o enfrentamento das vulnerabilidades individuais e coletivas (WHO, 1986; BRASIL, 2010b; SALCI et al., 2013).

Em uma perspectiva metodológica, a Educação em Saúde deve ser compreendida como processo político pedagógico que busca edificar um pensar crítico e reflexivo capaz de desvelar a realidade e propor ações transformadoras que estimulem a autonomia e emancipação dos sujeitos históricos e sociais, e de conduzi-los a propor e julgar as decisões de saúde para cuidar de si, de sua família e de sua coletividade (MACHADO et al., 2007).

E, como já citado, necessita-se utilizar de processos educativos mais democráticos, que incorporem a participação e o saber popular no enfrentamento aos problemas de saúde, a partir do diálogo com os saberes prévios dos usuários e/ou grupos populacionais, e na análise crítica da realidade (FALKENBERG et al., 2014). Essa forma de ensino se aproximou do campo da saúde entre as décadas de 1960 e 1970 e, em meados dos anos 1980, ganhou força no âmbito da assistência à saúde, como Movimento Popular em Saúde (OLIVEIRA, 2009), sistematizado partir dos constructos teóricos de Paulo Freire (FREIRE, 2014), sendo mais tarde denominada Educação Popular em Saúde (GOMES; MERHY, 2011).

No âmbito do SUS, os constructos Freireanos são incorporados às ações educativas em saúde, com a denominação de Educação Popular em Saúde (EPS), como política de Estado, por meio da portaria 2.761 de 19 de novembro de 2013, do Ministério da Saúde. A Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEP-SUS), constitui-se por um conjunto de práticas e saberes populares e tradicionais que se apresentam como um caminho capaz de contribuir com metodologias, tecnologias e saberes para a construção de novos sentidos e práticas no âmbito do SUS (BRASIL, 2013a; 2014).

Para que a PNEP-SUS possa reorientar as práticas educativas no SUS, incorporou em seus princípios os constructos Freireanos do diálogo, amorosidade; problematização; construção compartilhada do conhecimento e emancipação; além do compromisso com a construção do projeto democrático e popular (BRASIL, 2013a). Além disso, para uma efetiva aplicação da EPS é necessário o envolvimento corresponsável de todos os participantes na construção, na apropriação e na multiplicação do conhecimento entre seus pares (BRASIL, 2016).

Na prática dos serviços de atenção primária em saúde, a educação popular em saúde foi inicialmente delegada a outros profissionais, identificados como educadores populares, distanciando a atuação da equipe de saúde do compromisso com as ações educativas em saúde junto à população. Entretanto, somente a partir da real compreensão da importância de inserção nessas atividades pelos profissionais da saúde, bem como dos resultados alcançados por elas, como a promoção de vínculo e corresponsabilização entre os profissionais e a comunidade para a obtenção das metas de saúde almejadas, a EPS foi sendo incorporada no cotidiano da equipe multiprofissional.

Sensível às Políticas Públicas que norteiam à atenção integral à saúde da população, a enfermagem tem incorporado à sua formação e práxis profissional bases teóricas e metodológicas que se aproximem das necessidades de saúde da população (AMARAL, PONTES; SILVA, 2014). Um caminho oportuno está na utilização de práticas educativas que se baseiam na participação e interação da comunidade, com respeito à diversidade e subjetividade de cada indivíduo histórico. Ou seja, a partir da inserção de elementos da Educação Popular em Saúde, é possível ao profissional da enfermagem estruturar ações de Promoção da Saúde alinhadas com as necessidades e realidades da população, especialmente nos espaços sociais da atenção primária em saúde (MONTEIRO; VIEIRA, 2010; SILVA et al., 2010; VASCONCELOS et al., 2015; NASCIMENTO; DE MICHELI, 2015), inclusive com adolescentes e inseridos no cenário escolar.

Considerando as situações de violência que podem atingir a população adolescente, as intervenções educativas devem proporcionar o desenvolvimento de competências e habilidades sociais que estimulem o respeito nas relações interpessoais, a luta por igualdade e justiça social e a construção de uma cultura de paz que combata qualquer forma de violência em suas comunidades e nas escolas (BRANDÃO NETO, 2012; BRANDÃO NETO et al., 2015; MONTEIRO et al., 2015a). Cabe compartilhar uma proposta educativa capaz de promover o pensamento crítico e reflexivo dos adolescentes sobre a ocorrência da violência no namoro, como também desenvolver uma conscientização sobre as possibilidades de identificar e intervir de modo eficaz com a busca de resoluções dialógicas diante de possíveis conflitos no namoro.

Buscando estimular a reflexão crítica e o processo de conscientização dos adolescentes sobre a temática, para que fossem capazes de modificar seus comportamentos e atitudes; assumir habilidoso diálogo nas relações no namoro e que também pudessem atuar como multiplicadores entre os seus pares e comunidade, a abordagem de ensino crítica social de Freire constitui fértil embasamento teórico metodológico.

Para esta aproximação entre a abordagem educativa Freireana, que se constitui em uma ação de ensino humanizada, e o enfrentamento da violência nas relações de namoro entre os adolescentes, é necessário, num primeiro momento, compreender que a VN se constitui como uma ação opressora que desumaniza (FREIRE, 2014) os adolescentes com ela envolvidos, baseando-se na desigualdade de poder entre os pares afetivos envolvidos em virtude das construções sociais que naturalizam a cultura da violência na sociedade.

Neste sentido, a proposta pedagógica de Freire ultrapassa os limites da educação tradicional, constituindo-se uma forma de “ler” o mundo, de modo reflexivo, para transformá-lo a partir de uma ação consciente, dialógica e problematizadora (BRASIL, 2014; SALCI et al., 2013; HEIDEMANN, 2006; HEIDEMANN et al., 2010). Assim, ao constituir uma intervenção educativa em saúde sobre violência no namoro para ser aplicada a adolescentes, que possua a intencionalidade de despertar a consciência e motivação necessárias a seu enfrentamento, compreende-se a necessidade de aprofundar e integrar alguns construtos da Educação de Paulo Freire, como a concepção da natureza humana; da educação; do diálogo; da amorosidade; da ética; e da problematização.

### **3.4.1 A concepção humana na perspectiva Freireana**

Segundo Freire (2015a), a natureza humana carrega em sua essência necessidade de estabelecer relações pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas no mundo e com o mundo. Ou seja, os homens e mulheres se constituem enquanto sujeitos que se relacionam com outras pessoas, com seus próprios pensamentos e com o mundo. Esta interação, necessária a todos os humanos, ocorre para que estes não só se percebam neste mundo, mas que se sintam pertencentes a ele, uma vez que, ao relacionarem-se, os homens e mulheres interagem uns com os outros e com o próprio mundo, criticando e refletindo sobre ele, mas também sobre si e os outros humanos.

Neste sentido, o ser humano é também um ser de integração porque é capaz de compreender sua realidade (ou contexto social em que vive e convive) e a ela ser crítico. Com isso, ao invés de nela apenas acomodar-se, o ser humano passar a ser sujeito da ação para transformar-se e transformar o mundo/realidade porque se constitui um ser plural, cultural, temporal, histórico (FREIRE, 2015a) e inconcluso (FREIRE, 2014).

Pensar na pluralidade da relação humana com o mundo nos ajuda a compreender as maneiras de enfrentar os desafios presentes existentes no contexto social. O ser plural deve ser capaz de refletir ao se deparar com problemas complexos, como a violência nas relações de

namoro, buscando motivar-se para superá-los com as melhores soluções, caminhos, ou alternativas disponíveis (FREIRE, 2015a).

A busca por caminhos para enfrentar os obstáculos presentes na sua realidade social permite a homens e mulheres o desenvolvimento da capacidade criativa de intervir no mundo (sua realidade). A este somatório de experiências, criações e recriações presentes no cotidiano de homens e mulheres, no passado e presente, que se configuram como a manifestação de sua existência no mundo denomina-se cultura (SALCI et al., 2013). Para Freire (2015a, p. 109) cultura “é toda a criação humana” que decorre do estar no mundo e com o mundo.

A cultura inclui valores, símbolos, normas e práticas a partir dos quais o homem e mulher constroem significados para suas ações e práticas sociais. Deste modo, ela pode ser apreendida ao longo da existência humana, compartilhada entre os sujeitos durante seu convívio social e padronizada em alguns grupos populacionais (LANGDON; WIJK, 2010), ou seja, ela é uma aquisição sistemática, crítica e criadora da experiência humana ao longo de sua existência histórica (FREIRE, 2015a).

Dentro dessa perspectiva, compreende-se que o homem e a mulher são frutos do contexto que se inscrevem, carregando consigo as “marcas” de sua construção histórica e sociocultural, que pode ser modificada a partir de sua interação com o outro e com o mundo, de modo a assumirem o papel de protagonistas de sua própria biografia (FREIRE, 2015a). Destarte a compreensão do status de inacabado do ser humano, que tem a capacidade de moldar sua realidade e projetar o seu futuro (FREIRE, 2014; 2015a).

A consciência de inacabamento permite ao ser humano a capacidade de não se acomodar nas situações de opressão impostas pelo seu contexto social. Homens e mulheres inacabados estão em constante formação e transformação, porque se permitem dialogar e aprender uns com os outros, constituindo-se em um “ser mais” que busca sua humanização (FREIRE, 2014; 2015a; 2015b).

Essas reflexões vêm subsidiar possibilidades de desvelar relações de violência no namoro, permitindo aos adolescentes reconhecerem os fatores que concorrem para tal situação e sobre a construção do diálogo para juntos revisitarem suas relações, considerando o reaprendizado ao respeito, no modo de perceber e relacionar-se com o outro.

Neste sentido, ao tomarem consciência da existência da violência no namoro e buscarem caminhos para sua superação, os adolescentes assumem o papel de sujeitos ativos no processo de transformação no modo de se relacionarem.

### **3.4.2 A educação crítica social à luz dos pressupostos da dialogicidade**

Para Freire (2014), educar é tornar os sujeitos mais humanos. E a ação humanizadora está em situar os processos e práticas educativas nos anseios e lutas populares (ARROYO, 2001; BRASIL, 2016) que se contrapõe a concepção educacional tradicional ou bancária. A educação Freireana é dialógica, problematizadora, crítica, criativa e transformadora, enquanto a segunda preocupa-se em transmitir, armazenar, reproduzir o conhecimento de forma a alienar os aprendizes (FREIRE, 2014).

O *diálogo* é uma necessidade humana que “se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (FREIRE, 2014, p.109). Ele é a condição básica que media a construção do conhecimento da educação problematizadora e está ancorado em cinco princípios: o amor, a humildade, a fé nos homens, a esperança e o pensar crítico. Compreende-se o amor como o comprometimento com a libertação dos oprimidos da condição de passividade, a partir do engajamento, da empatia e disponibilidade. O amor humaniza os sujeitos a partir de uma atitude ética que não aceita a discriminação e luta contra qualquer tipo de injustiça, exploração ou desesperança. Ele se manifesta nas relações autênticas de respeito, tolerância e empatia entre as pessoas na busca da humanização (FREIRE, 2014; MENEZES; SANTIAGO, 2014).

O diálogo também é composto de humildade, ao reconhecer e valorizar os diversos saberes de homens e mulheres. Ele proporciona uma relação respeitosa, interessada, atenta e aberta ao que o outro tem a oferecer. Essa humildade permite ao educador e ao educando estabelecerem uma relação horizontal na busca de novos conhecimentos, onde os saberes são compartilhados e todos são sujeitos ativos no processo dialógico da construção de um novo saber (FREIRE, 2014; CRUZ; CARVALHO; ARAÚJO, 2018).

Para tanto, é necessário que as pessoas envolvidas no processo educativo acreditem na sua capacidade de mudança e tenham fé umas nas outras e no seu poder para fazer e refazer, criar e recriar. E é através da fé nos homens que o diálogo impulsiona homens e mulheres a desafiar sua condição de oprimidos, assumindo o papel de sujeitos de transformação social, sujeitos em busca do “ser mais” (FREIRE, 2014).

Essa fé presente no diálogo, move a esperança, que se constitui em uma resposta aos desafios vividos; ela implica em superar a condição da passividade, que desumaniza homens e mulheres, levando-os a ação para transformar sua realidade. Por fim, só existe diálogo quando os sujeitos pensam de forma crítica. O *pensar crítico* impulsiona a reflexão sobre a realidade, de modo a interpretar os problemas nela existentes para superar a visão ingênua, levando as pessoas a perceberem os caminhos para modificá-la (FREIRE, 2014). Ou seja, o diálogo é a atividade pedagógica por excelência, numa relação horizontal de “A” com “B” em que emerge

a consciência da própria realidade (reflexão) para motivar a transformação (ação) (FREIRE, 2014; SERRANO, 2016).

Essa perspectiva pedagógica, permite a valorização do outro enquanto sujeito social e a relação horizontal entre as pessoas, gerando confiança e empatia, contribuindo para o engajamento e a motivação necessárias à participação em vivências no campo da educação em saúde. A educação dialógica também é capaz de sensibilizar os sujeitos a agirem como multiplicadores do conhecimento produzido (MONTEIRO et al., 2015a; 2015b), favorecendo a construção da autonomia, uma vez que, ao refletirem e deliberarem sobre as formas de compartilhar conhecimento com seus pares, estão aprendendo a decidir (FREIRE, 2015b).

### **3.4.3 A educação crítica social à luz do pressuposto da amorosidade**

A amorosidade constitui-se como um princípio fundamental para a ação educativa libertadora. Somente a partir do compromisso amoroso com a causa é possível desenvolver uma proposta pedagógica verdadeiramente crítica e problematizadora (CRUZ; CARVALHO; ARAÚJO, 2018). Para Freire (2014), a amorosidade é um ato de coragem que nasce na aproximação e construção de vínculos verdadeiros entre educadores e educandos. Ela se traduz num compromisso ético e humanístico ao respeitar e incentivar a autonomia do outro através do estímulo ao pensamento crítico, a reflexão necessária para despertar a inquietação e o desejo de construir novos caminhos, novos sonhos e possibilidades de transformação social.

A atitude ética presente na amorosidade Freireana se opõe a qualquer forma de opressão, discriminação e desesperança (FREIRE, 2015a) que podem estar presentes nas relações de namoro marcadas por comportamentos abusivos e violentos. O pensar e agir éticos buscam a construção de relações equitativas, dialógicas e críticas a partir da solidariedade, do respeito à diversidade e aos diferentes saberes, da valorização da autonomia coletiva para consolidação da ação educativa libertadora (BATISTA; VASCONCELOS; COSTA, 2014; FREIRE, 2015a).

Neste estudo a busca por descortinar as situações de violência presentes nas relações de namoro dos adolescentes só é possível na presença da amorosidade. Esta, por sua vez, constitui elemento essencial para promover a afetividade, o respeito, a ética e a humildade necessárias ao desenvolvimento da autonomia e protagonismo dos participantes da intervenção educativa na busca de formas não violentas para enfrentar os conflitos.

### **3.4.4 A educação crítica social à luz do pressuposto da conscientização**

O processo de conscientização consiste no exercício de tomar posse da sua realidade e dela afastar-se para criticá-la. Ela conduz homens e mulheres a compreenderem a relação entre

o sujeito e o objeto do conhecimento, a sua realidade e o mundo, impulsionados pelo enfrentamento dos problemas ou dificuldades, na superação de situações limites em busca do “ser mais”. Ela revela a verdadeira realidade e não existe sem o ato de agir e refletir, sem distanciar-se do objeto para analisá-lo de forma crítica, construindo, assim, um conhecimento crítico acerca daquele objeto (FREIRE; 2014; 2018).

Por isso, a conscientização determina a maneira pela qual os homens e mulheres se relacionam com o mundo. A conscientização conduz a superação da consciência ingênua, que aceita o estado de opressão, sem questioná-lo, de modo passivo, para a consciência crítica, que consegue perceber, analisar e criticar a sua realidade, tomando consciência de si e do mundo que os cerca. Ela é em si um processo pedagógico:

[...] que busca dar ao ser humano uma oportunidade de descobrir-se através da reflexão sobre sua existência. Ela consiste em inserir criticamente os seres humanos na ação transformadora da realidade, implicando, de um lado, no desvelamento da realidade opressora e, de outro, na ação sobre ela para modificá-la (FREIRE, 2018, p. 15).

No que tange a prevenção da violência no namoro, esse processo de tomada de consciência, mediado pelo diálogo e reflexão crítica sobre a problemática e sua relação com os adolescentes integrantes dos Círculos de Cultura, implica no reconhecimento de que existe a violência no cotidiano de suas relações, na percepção de que esta existência é um problema de saúde e que existem possibilidades para superar a condição de opressão. E, a partir desta consciência, mobilizarem-se para a construção de estratégias para enfrentamento da violência no namoro na comunidade escolar.

### 3.5 CÍRCULOS DE CULTURA: ferramenta de intervenção educativa para a promoção da saúde

A proposta pedagógica desenvolvida por Paulo Freire tem sido incorporada em intervenções educativas na área da saúde no Brasil e no mundo com o objetivo de provocar nos participantes a reflexão sobre sua realidade, de forma crítica e participativa, mediadas pelo diálogo. Este movimento encoraja os integrantes destas ações ao desenvolvimento da autonomia para decidir sobre as situações relacionadas a sua saúde (HEIDEMANN et al., 2010).

O desenvolvimento de intervenções educativas em saúde fundamentadas nas concepções de Freire pela(o) enfermeira(o) constituem ato de compromisso profissional com a sociedade (FREIRE, 2016). Este compromisso se revela no exercício de agir e refletir sobre si, sua prática e seu estar no mundo quando.

Um caminho para o exercício da Educação em Saúde comprometida com o desenvolvimento da autonomia e emancipação dos sujeitos históricos e sociais está na escolha de metodologias educacionais que concorram com o processo de conscientização individual e coletiva e conduzam a ampliação de sua capacidade de compreensão da complexidade dos determinantes de ser saudável (MONTEIRO, VIEIRA, 2010).

Os Círculos de Cultura de Paulo Freire constituem uma estratégia educacional que promove uma vivência participativa com ênfase no diálogo, campo profícuo para a reflexão-ação na elaboração coletiva de uma proposta sistematizada para uma educação em saúde emancipatória (FREIRE, 2014). Para Brandão (2005) esta ferramenta pedagógica se constitui em uma arena em que os indivíduos vivenciam uma forma de aprendizagem participativa e mediada pelo diálogo em que os educandos (aqui os adolescentes) são estimulados por um animador a pensar e refletirem juntos na aquisição de novos conhecimentos. Neste modelo de ensino todos aprendem e ensinam ao mesmo tempo, compondo uma forma inovadora e inclusiva de ensinar.

Freire (2014; 2015b) concebeu os Círculos de Cultura em três momentos pedagógicos: a investigação temática, a tematização e a problematização. Na primeira, os integrantes do Círculo e o animador(a) buscam conhecer, no universo vocabular dos participantes da ação e de sua comunidade/sociedade, as palavras e temas centrais inscritos em sua biografia, como homens e mulheres históricos. O momento de tematização busca codificar e decodificar os temas revelados na investigação temática para compreensão dos significados a eles atribuídos pelos participantes, conduzindo-os a tomada de consciência sobre o tema e sua relação com o mundo.

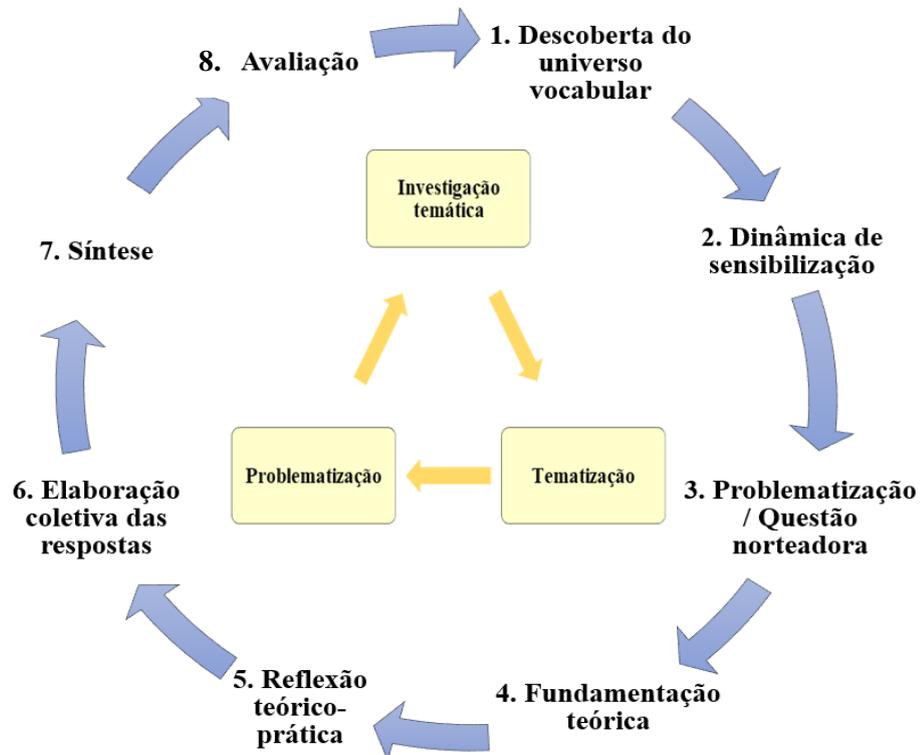
As codificações são representações de situações existenciais que permitem aos participantes o reconhecimento de seu espaço social, ou seja, a consciência do mundo vivido. Sua execução pode ser realizada através de vários canais de comunicação que permitam a descontração e sensibilização, como a leitura de textos, o uso de imagens, de música, do teatro, dinâmicas de grupo ou outros artifícios que ampliem a percepção dos participantes sobre sua realidade (PINTO, 2015; MONTEIRO; VIEIRA, 2008). Enquanto a descodificação é considerada um ato de traduzir, de forma colaborativa e com a participação do grupo, o que foi codificado em informação para a compreensão do problema de pesquisa, a partir da leitura de sua realidade. A descodificação dá significado aos códigos e contribui para realizar o diagnóstico das necessidades do grupo (PINTO, 2015; FREIRE, 2014; MONTEIRO; VIEIRA, 2008).

Já o momento de problematização busca superar a visão inicial, ingênua ou mágica dos participantes dos Círculos de Cultura, por uma visão crítica capaz de impulsionar os participantes a buscar formas para a transformação do contexto vivido. A problematização representa a mudança de uma postura acrítica para uma postura conscientizada e conscientizadora (MONTEIRO; VIEIRA, 2008; BRANDÃO, 2005; FEITOSA, 1999).

A partir da proposta pedagógica de Freire (2014; 2015b), Monteiro e Vieira (2008; 2010), propuseram uma adaptação metodológica dos Círculos de Cultura com o objetivo de fundamentar a utilização desta tecnologia educacional em intervenções voltadas a educação em saúde. A adaptação realizada conduziu a distribuição dos três momentos idealizados por Freire em oito etapas cíclicas e interrelacionadas que convergem para a conscientização a partir do movimento de ação-reflexão-ação entre os sujeitos que participam das intervenções em saúde.

A figura 3 apresenta uma representação esquemática dos Círculos de Cultura com as três etapas concebidas por Paulo Freire, bem como a adaptação as necessidades em saúde desenvolvida por Monteiro e Vieira (2008) e que está fundamentando a proposta de intervenção utilizada nesta pesquisa.

**Figura 3** – Representação esquemática dos Círculos de Cultura.



Fonte: Freire (2014); Monteiro e Vieira (2008), adaptado pela autora.

Esta estratégia educativa valoriza o saber popular e proporciona o envolvimento dos participantes, de forma ativa e crítica sobre sua realidade para que assumam o lugar de protagonistas no cuidado de si e de sua comunidade (MONTEIRO, VIEIRA, 2010). Diante disso, vários estudos voltados a promover a saúde de adolescentes escolares se utilizaram deste referencial teórico e metodológico, na busca de estimular a tomada de consciência sobre as vulnerabilidades que podem interferir negativamente no processo de crescimento e desenvolvimento deste grupo etário (BRANDÃO-NETO et al., 2015; MONTEIRO et al., 2015a; 2015b; FARRE et al., 2018; BRANDÃO-NETO et al., 2020).

## 4 MÉTODO

### 4.1 TIPO DE ESTUDO

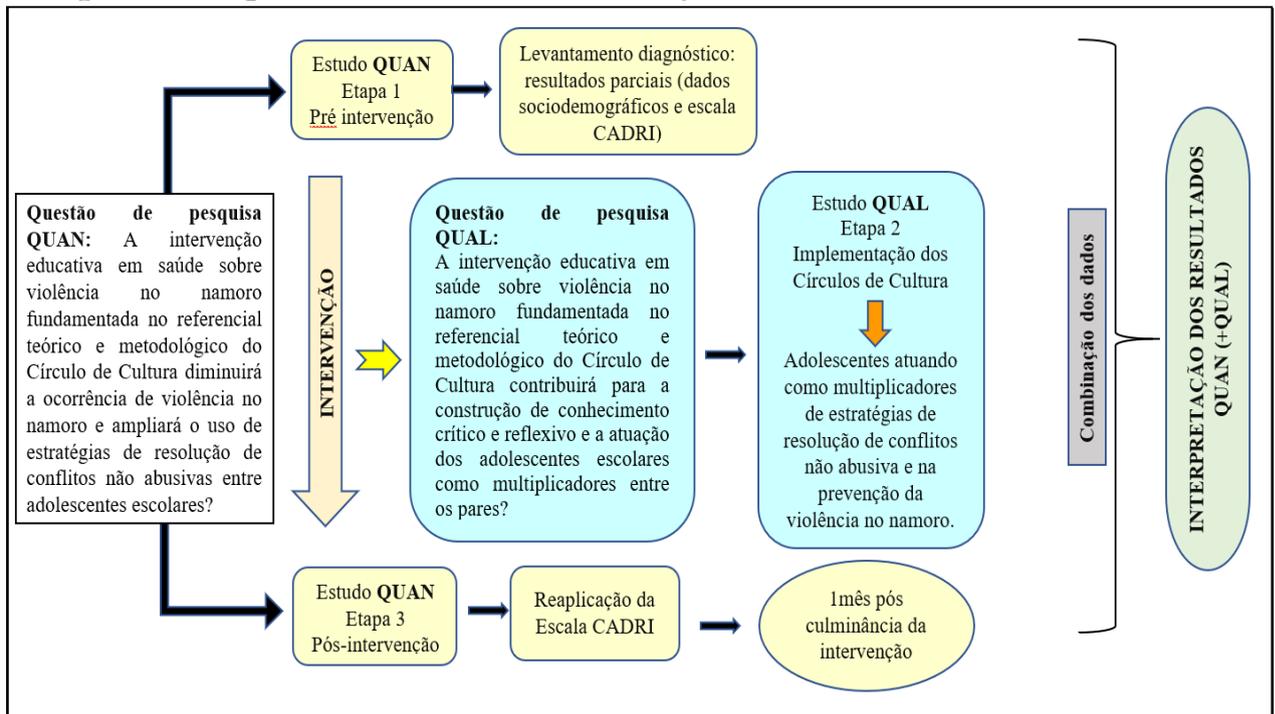
Trata-se de um estudo de intervenção com abordagem mista, que requer a utilização do rigor metodológico para o planejamento, a organização e interpretação dos dados de forma quantitativa e qualitativa (CRESWELL; CLARK, 2013). Os estudos de metodologia mista emergem como um novo paradigma na pesquisa científica, que visa superar as limitações impostas às técnicas quantitativas e qualitativas, para o alcance de interpretações mais apuradas, ou pelo menos, mais completas sobre os fenômenos de investigação (PARANHOS et al., 2016; OLIVEIRA; MAGALHÃES; MATSUDA, 2018).

Nesta investigação optou-se por utilizar a abordagem de método misto incorporado em que a pesquisadora incluiu um elemento qualitativo em uma pesquisa quase-experimental (CRESWELL; CLARK, 2013; CRESWELL, 2014). A incorporação da metodologia qualitativa buscou, principalmente, apoiar o desenvolvimento de intervenção educativa em saúde sobre a violência no namoro, numa perspectiva de complementariedade, para entender os fatores contextuais que poderiam afetar o resultado, bem como auxiliar a explicar os resultados após a conclusão da intervenção (FETTERS; CUEEY; CRESWELL, 2013; PARANHOS et al. 2016).

Neste sentido, o estudo foi organizado e desenvolvido em três etapas (Figura 4). O componente quantitativo foi executado nas etapas 1 e 3, respeitando os critérios de um estudo quase-experimental, comparativo do tipo antes e depois, bastante utilizado em razão de sua praticidade, exequibilidade e adaptação à realidade, por utilizar o ambiente natural dos sujeitos pesquisados e proporcionar bom potencial de generalização (HULLEY et al., 2015). Também envolve a utilização de uma variável independente, constituída da intervenção, sem a necessidade de randomização da amostra ou utilização de grupo controle (POLIT; BECK, 2011).

A segunda etapa da pesquisa constitui em uma intervenção, desenvolvida a partir de um estudo qualitativo do tipo pesquisa-ação que se caracteriza pela estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo, cujos participantes e pesquisadora estão envolvidos de modo cooperado ou participativo (THIOLLENT, 2011). Esta modalidade de pesquisa se configura como uma possibilidade metodológica para pesquisas na área da enfermagem, pois envolve pessoas na resolução de problemas, desenvolve grupos interessados em mudanças e aproxima o pesquisador dos participantes. (GRITTEM; MEIER; ZAGONEL, 2008).

**Figura 4** – Diagrama descritivo do desenho e etapas do estudo. Recife-PE, 2018-2020.



Fonte: Elaborado pela autora.

Esta pesquisa-ação utilizou o referencial teórico metodológico dos Círculos de Cultura (FREIRE, 2014) adaptado por Monteiro e Vieira (2007; 2008; 2010) para estimular adolescentes a desenvolverem um conhecimento crítico e reflexivo sobre a violência no namoro, atuando como multiplicadores do conhecimento apreendido entre seus pares e a aplicarem estratégias de resolução de conflitos não abusivos nos seus relacionamentos afetivos. A intervenção foi denominada de “Projeto de prevenção da violência no namoro”.

A estratégia educativa desenvolvida constitui um modelo de intervenção denominada pelos adolescentes como “Projeto de prevenção da violência no namoro”, desenvolvido mediante os Círculos de Cultura. Estes, conceberam proposta pedagógica crítica e reflexiva, comprometida com a sensibilização e o estímulo a criatividade e ao protagonismo por meio de uma práxis educacional dialógica, valorativa da autonomia e do processo de conscientização dos participantes. A ação também provocou a busca por uma unidade na diversidade e desafios instituídos do cenário real para promover saúde mediante a prevenção da violência no namoro entre a população adolescente escolar.

A introdução do componente qualitativo foi oportuna, uma vez que este tipo de estudo busca responder as questões que envolvem o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (FLICK, 2013; BAUER; GASKELL, 2015). Esta abordagem metodológica apresenta interrelação com as etapas quantitativas e sua

aplicação contribui para a compreensão dos efeitos da intervenção sobre os participantes do estudo. Nesta pesquisa empírica a intervenção se consistiu em uma ação educativa participativa baseada no referencial teórico metodológico dos Círculos de Cultura de Paulo Freire, adaptado por Monteiro e Vieira (2010), que buscou estimular o protagonismo juvenil e a motivação necessária para que os adolescentes pudessem atuar como multiplicadores de conhecimentos, contribuindo para a prevenção da violência no namoro no ambiente escolar.

O componente qualitativo, realizado na segunda etapa, se configura na intervenção educativa ancorada no referencial teórico metodológico proposto por Freire (2014) e adaptado por Monteiro e Vieira (2007; 2008; 2010) para ser aplicado com grupos populacionais como estratégia educativa promotora de saúde. Constitui requisito fundamental da adaptação apresentada pelas referidas autoras, a descrição das etapas necessárias a construção participativa dos Círculos de Cultura em uma perspectiva inclusiva a serem aplicadas na práxis de profissionais de saúde.

A combinação ou mixagem dos dados quantitativos e qualitativos ocorreu por meio da integração narrativa contígua (FETTERS; CURRY; CRESWELL, 2013), na fase de interpretação, visando favorecer as análises e conclusões do estudo.

#### **4.1.1 Cenário de estudo**

O estudo foi desenvolvido em uma escola pública estadual, situada no município de Recife e vinculada a Gerência Recife Norte (GRE Recife Norte) da Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco (SEE-PE). O educandário está inserido em uma construção térrea, inaugurada em 1958 e sua infraestrutura apresenta 13 salas de aula, uma biblioteca, uma sala de informática, um laboratório, um pequeno refeitório e uma quadra não coberta onde se situa um palco para atividades artísticas culturais.

Segundo o Sistema de Informações da Educação de Pernambuco - SIEPE a escola matriculou, no ano de 2018, 1315 estudantes, distribuídos da seguinte forma: 624 no ensino fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º ano); 367 no ensino médio regular (1º, 2º e 3º ano) e 324 na educação de jovens e adultos (EJA ensino fundamental anos finais e ensino médio); além de 48 professores (PERNAMBUCO, 2018). Atualmente o educandário possui 46 docentes e 1192 estudantes matriculados (PERNAMBUCO, 2020).

O bairro Alto José Bonifácio, onde se localiza a escola (Figura 5), compõe parte da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) da região de Casa Amarela, município do Recife-PE. A população, no censo de 2010, foi estimada em 12.462 habitantes, sendo 29,62% deste contingente composto por pessoas com idade inferior a 18 anos. No âmbito da Secretaria de



Após a seleção do educandário, outro fator relevante para a escolha foi o acolhimento da proposta de pesquisa/intervenção pela gestão escolar, bem como o apoio no que tange a infraestrutura física e operacional para seu desenvolvimento.

#### **4.1.2 População e amostra**

A população do estudo foi composta pelos adolescentes matriculados no 8º e 9º ano do ensino fundamental II e 1º ano do ensino médio, nos turnos da manhã e tarde, no ano de 2018 de um educandário público estadual no município de Recife-PE. Os dados fornecidos pelo Sistema de Informações da Educação de Pernambuco (SIEPE) para a escola, em 2018, informaram um total 140; 121 e 135 estudantes, respectivamente matriculados no 8º e 9º ano do ensino fundamental II e 1º ano do ensino médio, totalizando de 396 adolescentes.

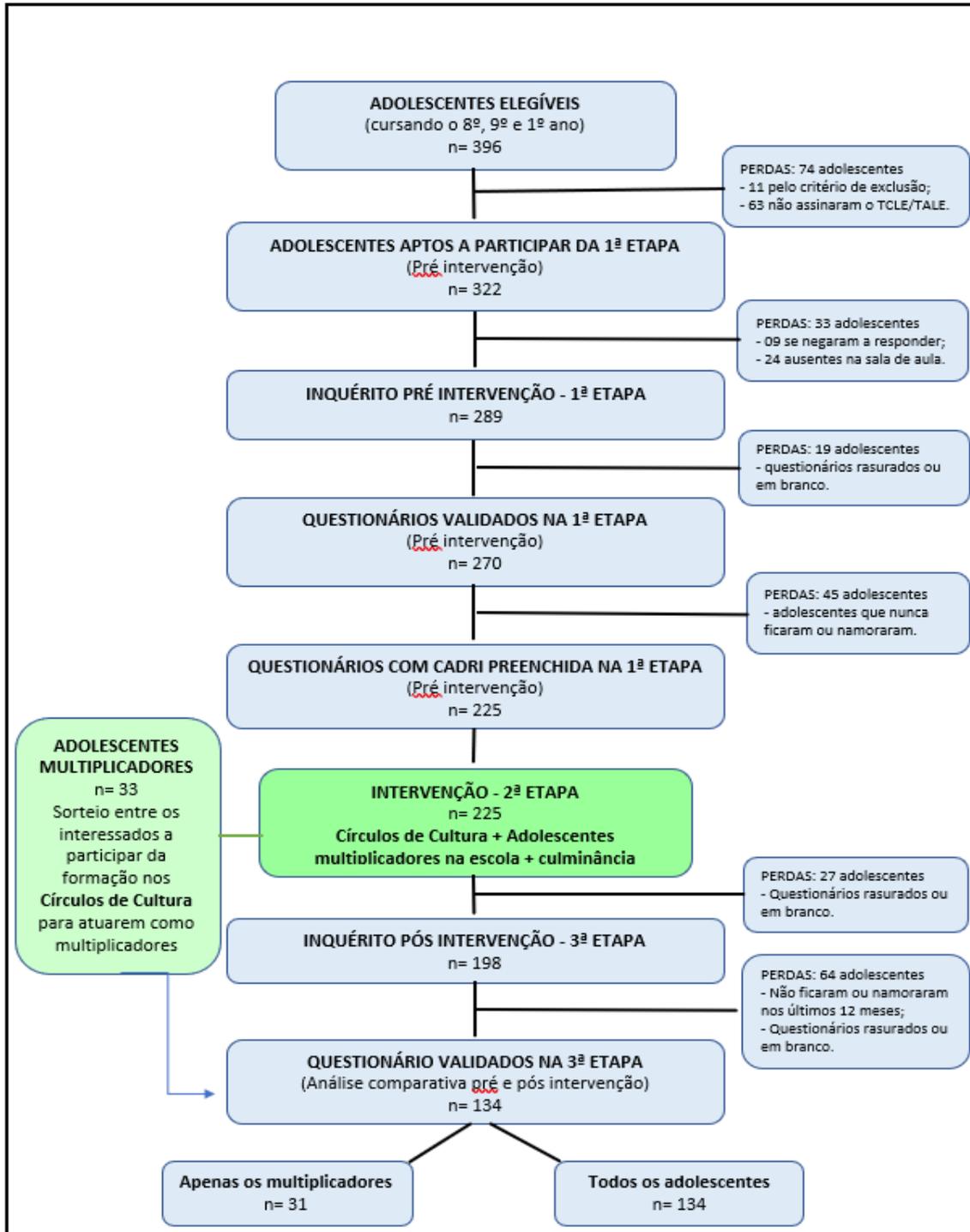
Inicialmente, foi aplicada a amostragem não probabilística e intencional, uma vez que considerou todos os adolescentes matriculados no 8º e 9º ano do ensino fundamental II e 1º ano do ensino médio, nos turnos da manhã e tarde (Figura 6), no ano de 2018, que compõem um recorte etário oportuno para estudos de prevenção da violência no namoro (MURTA et al., 2013a). A amostragem não probabilística é aquela que utiliza apenas o julgamento do pesquisador para a seleção dos elementos da população para composição da amostra. Enquanto na amostra intencional, são selecionados os elementos da população de acordo com critérios estabelecidos pelo pesquisador, como pertencer a determinado grupo julgado como de interesse ao objeto de estudo (POLIT; BECK, 2011).

Para delimitar o número de participantes nos Círculos de Cultura, para atuarem como multiplicadores de conhecimentos sobre a violência no namoro entre seus pares, foram selecionados inicialmente 40 estudantes, considerando a possibilidade de perdas para composição de dois grupos, sendo um no turno da manhã e outro da tarde. A proposta por metodologias ativas como Círculo de Cultura como abordagem de ensino e de pesquisa em educação em saúde recomenda um quantitativo delimitado de participantes (MONTEIRO; VIEIRA, 2008; 2010). Isto foi verificado em estudos que apresentaram uma variação de 11 a 26 participantes em abordagens de ensino mediadas por Círculos de Cultura (MONTEIRO, et al. 2015a; BRANDÃO NETO et al., 2015; 2020).

Devido a uma procura superior ao número de participantes recomendado para os Círculos de Cultura, realizou-se sorteio equiprobabilismo (HULLEY et al., 2015) para evitar viés de seleção destes adolescentes por parte da pesquisadora. Para seleção de quatro estudantes de cada turma do 8º ano (4 turmas) e 9º ano (3 turmas) do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio (3 turmas) foram realizados sorteios utilizando os três últimos dígitos do número

de matrícula. Todo o processo de amostragem seguiu as recomendações do Consolidated Standards of Reporting Trials 2010 (CONSORT 2010) para pesquisas que envolvam intervenção (MOHER et al., 2010; FALCI; MARQUES, 2015).

**Figura 6** – Fluxograma de composição da amostra do estudo. Recife-PE, 2018-2019.



Fonte: Elaborado pela autora com base no CONSORT 2010 (MOHER, 2010; FALCI; MARQUES, 2015)

Com o início dos Círculos de Cultura foi identificada a ausência de sete adolescentes, sendo quatro da manhã e três da tarde, que foram substituídos no segundo e terceiro Círculo,

com auxílio dos demais colegas para seus engajamentos. A admissão dos novos participantes, devido à necessidade de disponibilidade e adesão aos Círculos, como também a procura e interesse dos adolescentes que não haviam sido sorteados, teve como critério de seleção a intencionalidade deles em participar do projeto.

A composição final dos adolescentes participantes dos Círculos de Cultura foi de 33 adolescentes, entretanto o período de culminância teve a participação de apenas 31 adolescentes, sendo 20 do turno da manhã e 11 da tarde.

#### **4.1.3 Critérios de inclusão para as etapas quantitativa e qualitativa**

Foram considerados como critérios de inclusão:

- Etapa 1 - **Aplicação do instrumento CADRI antes da intervenção:** ser adolescente com faixa etária de 12 até 19 anos; estar regularmente matriculado no 8º e 9º ano do ensino fundamental II e 1º ano do ensino médio; frequentando regularmente as aulas no seu respectivo turno escolar (manhã ou tarde).
- Etapa 2 - **Intervenção educativa em saúde mediada por Círculos de Cultura sobre violência no namoro:** ter participado na primeira etapa com relato de vivência em namorar/ficar e ter interesse em participar das atividades educativas culturais.
- Etapa 3 - **Aplicação do instrumento CADRI após a intervenção:** Ter participado da etapa 1 e do momento de Culminância com a apresentação da atividade artística teatral sobre violência no namoro.

#### **4.1.4 Critérios de exclusão**

Foram adotados critérios de exclusão apenas para a primeira etapa do estudo:

- Etapa 1: adolescentes portadores de alguma diversidade funcional (cognitiva, visual/auditiva ou psíquica), com diagnóstico profissional, que o impedisse de responder o instrumento de coleta auto aplicado. Esta situação foi verificada neste estudo, com a impossibilidade de participação de dois adolescentes, um com deficiência intelectual e outro visual.

#### **4.1.5 Instrumentos de coleta de dados**

##### *4.1.5.1 Etapa quantitativa*

Para investigar a ocorrência da violência no namoro entre os adolescentes foi utilizado um instrumento autoaplicável (APÊNDICE A) composto pelo inventário *Conflict in Adolescent*

*Dating Relationships Inventory* (CADRI), elaborado por Wolfe e colaboradores (2001), com adaptação e validação transcultural para o Brasil realizada por Minayo, Assis, Njaine (2011) e por questões fechadas referentes às características sociodemográficas dos participantes e das relações de namoro. A escolha de um instrumento auto preenchível para a coleta de dados nesta etapa do estudo buscou evitar inibição dos adolescentes em relatar as situações de violência vividas nos seus relacionamentos (HICKMAN; JAYCOX; ARONOFF, 2004; WHO, 2010) e já possuem habilidades para compreender as perguntas e respondê-las corretamente (OLIVEIRA et al., 2017).

O inventário CADRI é constituído por 70 questões (ANEXO 1), organizadas em duas dimensões com 35 itens cada que compreendem os comportamentos executados pelo próprio respondente (perpetração) e os comportamentos praticados contra este por seu namorado/parceiro (vitimização). Estas dimensões correspondem às estratégias de resolução de conflitos não abusivas e outro às estratégias de resolução de conflitos abusivas. O CADRI também permite identificar a ocorrência de violência física, sexual e psicológica (emocional/verbal, relacional e comportamento de ameaça), além do comportamento violento (não considerado no presente estudo).

O instrumento é do tipo Likert e para cada questão existem 4 opções de resposta: nunca = 0; raramente = 1 (aconteceu 1-2 vezes); às vezes = 2 (aconteceu 3-5 vezes); frequentemente = 3 (aconteceu 6 vezes ou mais) (WOLFE et al., 2001). Para computar a pontuação de cada dimensão quanto aos tipos de violência e as estratégias para resolução de conflitos entre os adolescentes foi utilizada a média, onde quanto mais alta, maior é a frequência da violência no namoro ou das estratégias não abusivas e abusivas (SAAVEDRA et al., 2011).

Para avaliar a consistência interna do inventário CADRI foi utilizado o alfa de Cronbach. Este coeficiente varia de 0 a 1, quanto maior esse valor, maior a confiabilidade. Na adaptação do inventário para o português do Brasil, a medida do alfa de Cronbach foi de 0,88 para violência perpetrada e de 0,87 para violência sofrida (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011). No presente estudo, o coeficiente alfa de Cronbach foi igual a 0,789 para o comportamento do respondente (perpetração) e de 0,765 para o comportamento do(a) namorado(a) (vitimização). Também foi realizada uma análise de reprodutibilidade do CADRI, através da aplicação do coeficiente de correlação interclasses (ICC) nas amostras pareadas nos momentos pré e pós intervenção, conforme descrito na tabela 1. Os valores foram considerados insatisfatórios/pobres quando atingiram  $ICC < 0,4$ ; satisfatórios aqueles com  $ICC \leq 0,4$  e  $< 0,75$ , e excelente para o  $ICC \geq 0,75$ .

**Tabela 1** – Análise de Reprodutibilidade (ICC) dos Escores de Violência do Inventário de Conflitos nos Relacionamentos Íntimos entre Adolescentes. Recife-PE, 2020.

DOMÍNIOS	ICC (IC 95%)
<b>Escore Violência Física</b>	
Vítima	0,722 (0,605 – 0,804)
Agressor	0,729 (0,619 – 0,807)
<b>Escore Violência Sexual</b>	
Vítima	0,656 (0,517 – 0,755)
Agressor	0,623 (0,471 – 0,732)
<b>Escores de violência psicológica</b>	
Escore Violência Emocional/ Verbal	
Vítima	0,714 (0,594 – 0,798)
Agressor	0,719 (0,604 – 0,801)
Escore Violência Relacional	
Vítima	0,204 (0,123 – 0,435)
Agressor	0,604 (0,439 – 0,720)
Escore Comportamento Ameaça	
Vítima	0,612 (0,453 – 0,725)
Agressor	0,661 (0,523 – 0,759)

Fonte: Banco de dados da autora.

Para conhecer a prevalência de vitimização, perpetração da violência física, sexual e psicológica e das estratégias de resolução de conflitos (abusivas e não abusivas), foi criada uma variável dicotômica, considerando que houve vitimização ou perpetração quando o adolescente assinalou “raramente”, “às vezes” ou “sempre” para as formas de violência e resolução de conflitos. A resposta “nunca” foi considerada como ausência de envolvimento do adolescente. Utilizou-se o conceito de violência bidirecional, quando o adolescente foi perpetrador e vítima de algum tipo de violência ao mesmo tempo e no mesmo relacionamento, sugerindo que ambos os adolescentes agem de forma violenta no namoro.

Anteriormente ao início da coleta, foi realizado pré-teste com um grupo de escolares do ensino fundamental II e médio de outro educandário da rede pública estadual para verificar a compreensão do conteúdo do instrumento pelos adolescentes, bem como o tempo necessário à sua aplicação. Estes questionários não compõem a amostra deste estudo.

#### 4.1.5.2 Variáveis do estudo

As variáveis independentes do estudo relacionam-se a intervenção e incluem a participação dos adolescentes, além de sua mobilização, conscientização sobre a violência no namoro e seu engajamento para agir como multiplicador.

As variáveis dependentes, analisadas nas fases pré e pós intervenção, estão relacionadas à:

- Prevalência de vitimização, perpetração ou ambas (vitimização-perpetração) para a violência física, sexual e psicológica no namoro dos adolescentes;

- Frequência dos atos de violência física, sexual e psicológica (nunca, raramente, às vezes, sempre) perpetrados ou sofridos pelos adolescentes;
- Média do escore de vitimização e perpetração da violência física, sexual e psicológica;
- Frequência das estratégias de resolução de conflitos abusivas e não abusivas utilizadas pelos adolescentes (nunca, raramente, às vezes, sempre);
- Média do escore das estratégias de resolução de conflitos abusivas e não abusivas utilizadas pelos adolescentes.

Para a etapa 1 do estudo também foram utilizadas as covariáveis idade, sexo, prática religiosa, renda familiar, escolaridade do pai e da mãe, orientação sexual, status do relacionamento (juntos ou separados), duração do relacionamento e frequência das situações de conflito, para auxiliar a pesquisadora a compreender o fenômeno no grupo estudado.

#### 4.1.6 Procedimentos para coleta de dados

##### 4.1.6.1 Etapa quantitativa

A realização desta etapa ocorreu mediante a aprovação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, conforme descrito no item referente aos aspectos éticos da pesquisa. No primeiro momento, houve a inserção nas reuniões colegiadas/pedagógicas e de pais e mestres para integração com a comunidade escolar e apresentação do projeto aos professores e familiares/responsáveis pelos adolescentes (Figura 7).

**Figura 7** – Momento da reunião pedagógica com os pais ou responsáveis pelos adolescentes para apresentação do projeto. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora.

A coleta de dados foi precedida pela preparação dos integrantes da equipe de apoio, composta por sete estudantes de graduação em enfermagem que cursavam o terceiro e sétimo

períodos, com experiência em atividades extensionistas no contexto escolar. A preparação dos mesmos correu em curso para apresentação da metodologia de ensino e pesquisa mediada por Círculos de Cultura que embasou o desenvolvimento da intervenção educativa do estudo, com ênfase na atuação dos membros da equipe para auxiliar a pesquisadora na disponibilização de recursos necessários ao desenvolvimento da intervenção educativa, como também na apreensão por meio de gravação e filmagem, além do registro fotográfico das vivências e matérias produzidos pelos adolescentes durante a realização dos Círculos e a Culminância.

A primeira etapa de coleta de dados ocorreu em 09 de agosto de 2018. Neste momento, os adolescentes responderam, em sala de aula e com a presença de um professor do educandário, além da pesquisadora e equipe de apoio, o instrumento de coleta de dados quantitativo, composto de questões sociodemográficas, sobre a vivência do namoro e do inventário CADRI para caracterização da violência no namoro e das estratégias abusivas e não abusivas de resolução de conflitos. O tempo médio para preencher o instrumento foi de 35 minutos. Após a intervenção, houve a reaplicação do instrumento, que ocorreu depois de um ano, no dia 08 de agosto de 2019 nos turnos da manhã e tarde e seguiu os mesmos critérios utilizados na etapa 1 da pesquisa.

A reaplicação do CADRI, foi realizada respeitando o intervalo de 1 mês após o momento de culminância da intervenção educativa que ocorreu no período de outubro de 2018 a junho de 2019, respeitando a pausa no calendário escolar entre os meses de dezembro de 2018 e janeiro de 2019.

#### *4.1.6.2 Etapa qualitativa*

A segunda etapa de coleta de dados contemplou a intervenção educativa com adolescentes e teve início em outubro de 2018. A pesquisadora juntamente com a equipe de apoio realizou seis Círculos de Cultura, com duração média de 2 horas cada, acontecendo sempre em horário pactuado entre os adolescentes, gestão escolar e pesquisadora.

Os Círculos de Cultura abordaram conteúdos referentes ao: 1. autoconhecimento e perspectiva de vida futura; 2. papéis e estereótipos de gênero; 3. relacionamentos abusivos e violência no namoro; 4. consequências da violência no namoro à saúde dos adolescentes e 5. as estratégias para enfrentamento da problemática; 6. protagonismo Juvenil na prevenção da violência no namoro e promoção da cultura de paz.

#### *4.1.6.3 Entrevista individual semiestruturada*

A entrevista individual foi realizada após os adolescentes demonstrarem o interesse em participar da intervenção (YIN, 2016; FLICK, 2013), entre os meses de setembro e outubro de 2018, nos turnos da manhã e da tarde, em data previamente combinada e em local reservado para evitar interferência de outras pessoas e constrangimento ao respondente. Houve gravação das falas, com o consentimento dos participantes, para garantir a fidedignidade dos dados. O objetivo das entrevistas foi aproximar a pesquisadora dos adolescentes e possibilitar o conhecimento sobre seus hábitos e habilidades e vivências relacionadas ao fenômeno da violência e sobre o ambiente escolar (APÊNDICE B).

Isto permitiu o enriquecimento da fase exploratória da pesquisa, iniciada na etapa 1, e ampliar o conhecimento acerca do universo vocabular dos adolescentes, além de possíveis crenças e valores presentes nas falas dos participantes do estudo. O roteiro de entrevista incluiu questões referentes à caracterização dos adolescentes, como sexo, idade, religião, orientação sexual, atividades recreativas (culturais, artísticas e esportivas), conhecimento sobre a violência e violência no namoro, vivências pessoais ou de pessoas com quem convive com a violência no namoro, conhecimento sobre prevenção da violência e percepção sobre ações de prevenção da violência no cenário escolar.

#### *4.1.6.4 Os Círculos de Cultura como ferramenta de coleta de dados e estratégia de intervenção educativa*

Os Círculos de Cultura, constituídos por Paulo Freire e adaptados por Monteiro e Vieira (2008) para ações de educação em saúde, foram planejados para serem desenvolvidos com os adolescentes de forma horizontal e dialogada e ocorreram entre os meses de outubro e dezembro de 2018. Esta estratégia educacional favoreceu o respeito à cultura e vivências de cada sujeito, estimulando a corresponsabilização dos participantes a atuarem como multiplicadores na prevenção da violência no namoro na arena escolar.

Neste estudo, os Círculos de Cultura foram utilizados como ferramenta para a coleta de dados e utilizou às técnicas de observação participante com anotações em diário de campo, gravação, filmagem, registro fotográfico dos encontros, além das produções coletivas dos adolescentes como a elaboração de cartazes e de uma dramatização teatral para assegurar uma triangulação dos dados qualitativos e assim estabelecer maior fidedignidade na apreensão dos mesmos.

A observação participante possibilitou a aproximação e conhecimento do campo e dos sujeitos de estudo, descrição detalhada das atividades/intervenções/ações desenvolvidas para a triangulação com os dados gerados por outras técnicas de coleta na fase de análise e

interpretação dos resultados. Sua utilização também auxiliou na apreensão dos significados produzidos pela interação dos adolescentes nos encontros, assim como das informações relacionadas as atitudes, gestos, expressões e falas emitidas pelos mesmos (CRESWELL, 2014; FLICK, 2013). O exercício da observação participante foi iniciado ainda na etapa anterior, quando da inserção da pesquisadora no campo para realização da etapa de diagnóstico situacional quantitativo.

O registro das impressões decorrentes da observação participante foi efetuado em um diário de campo, contribuindo para o resgate das impressões e informações pertinentes sobre campo de pesquisa e atividades realizadas nos encontros com os adolescentes. A filmagem e as fotografias apoiaram na descrição das atividades desenvolvidas, de forma holística, e com maior riqueza de detalhes, além de favorecerem a reavaliação dos dados a qualquer momento (FLICK, 2009; ANGROSINO, 2009; YIN, 2016; BAUER; GASKELL, 2015).

Os Círculos de Cultura foram realizados de acordo com as etapas metodológicas propostas por Monteiro e Vieira (2008; 2010), descritas abaixo:

1. Dinâmica de descontração e sensibilização: objetivaram introduzir a temática do encontro e ampliar o conhecimento da pesquisadora sobre o universo vocabular dos adolescentes;

2. Problematização: Etapa que introduziu as perguntas condutoras com o eixo central de cada Círculo de Cultura, para estimular o grupo a debater e expressar o saber popular ou conhecimento ingênuo que os participantes apresentam sobre a temática;

3. Fundamentação teórica: estratégia utilizada para ampliar/aprofundar o conhecimento dos participantes em relação a temática abordada no Círculo;

4. Reflexão teórico-prática: momento direcionado ao confronto entre o saber popular e o conteúdo abordado na fundamentação teórica, exercitado através da discussão e reflexão do grupo sobre o tema;

5. Elaboração coletiva das respostas: organização e listagem do conteúdo/aspecto que respondem à questão norteadora, agora com uma visão crítica do processo;

6. Síntese: compilação dos elementos mais significativos apreendidos pelo grupo e que sintetizam as respostas a pergunta condutora;

7. Avaliação: direcionada ao conteúdo discutido no encontro, a autoavaliação dos participantes, das técnicas/dinâmicas utilizadas e sugestões para estruturação/planejamento dos Círculos subsequentes.

Uma síntese da trajetória percorrida no processo educativo desenvolvido nos círculos de cultura com os adolescentes está descrita no quadro 1.

**Quadro 1** – Temas abordados nos Círculos de Cultura com os adolescentes multiplicadores. Recife-PE, 2018-2019.

<b>Círculo de Cultura</b>	<b>Tema gerador</b>	<b>Questões Norteadoras</b>	<b>Recursos pedagógicos utilizados</b>
1. Quem sou eu? Um ser adolescente!	Autoconhecimento: descoberta dos sonhos, potencialidades e a perspectiva de vida futura dos participantes.	Quem sou eu? Como é o meu cotidiano? O que eu desejo para o meu futuro?	Dinâmica de socialização (apresentação e customização de crachás) e sensibilização (elaboração do pacto de convivência); Leitura e escuta da música “Mundo jovem” de Negra Lee.
2. O ser menino e menina adolescente na sociedade.	Papeis e estereótipos de gênero e sua interferência nas relações interpessoais dos adolescentes.	Quais os papéis definidos na sociedade para os meninos e as meninas? Ambos têm os mesmos direitos?	Dinâmica de sensibilização: canto e expressão corporal; Vídeo: Desigualdade de gênero no olhar de crianças. Link: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=VbIc4GDpIkQ">https://www.youtube.com/watch?v=VbIc4GDpIkQ</a> Diálogo e reflexão crítica.
3. Namorar me faz alegre ou triste?	Relacionamentos abusivos e violência no namoro.	O que você sabe sobre violência no namoro?	Dinâmica de sensibilização: cuidando de seu namoro – balões; Trabalho em grupo: confecção de cartazes; Dramatização; Leitura do texto: Violência no namoro: vamos conhecer este problema! (elaborado pela autora); Diálogo e reflexão crítica.
4. Consequências da violência no namoro	Consequências da violência no namoro à saúde dos adolescentes.	Que consequências a violência no namoro pode trazer a saúde dos adolescentes (vítimas e agressores)?	Dinâmica de sensibilização: papel amassado; Trabalho em grupo: elaboração de cartazes com desenho, pintura e apresentação; Leitura do texto: Impactos/consequências da violência no namoro entre os adolescentes (adaptado pela autora); Diálogo e reflexão crítica.
5. O namoro e os conflitos: o diálogo é a solução!	Caminhos para estabelecer o respeito e a cultura de paz entre namorados.	Como agir para promover a resolução não violenta de conflitos nas relações de namoro?	Dinâmica de sensibilização: música e violão; Trabalho em grupo: elaboração de cartazes com desenho e tinta; massa de modelar; Leitura do texto: O conflito (adaptado pela autora); Diálogo e reflexão crítica.
6. Violência no namoro: e agora? Como ser um multiplicador?	Protagonismo juvenil na prevenção da violência no namoro e promoção da cultura de paz.	De que forma vocês querem atuar como multiplicadores entre seus pares na disseminação de conhecimento sobre a prevenção da violência no namoro?	Dinâmica de sensibilização: caras e bocas; Leitura do texto: Como transformar as situações de conflito em oportunidade para promover a cultura de paz? (adaptado pela autora); Diálogo e reflexão crítica.

Fonte: Dados da autora.

Durante o desenvolvimento dos Círculos de Cultura foram utilizadas algumas técnicas de apoio para promover o engajamento e participação dos adolescentes nas atividades, sendo incluídos: leitura de textos, interpretação de músicas e vídeos, elaboração de desenhos e de esculturas em massa de modelar, dramatização e dinâmicas em grupo. Durante toda a fase da intervenção os participantes foram estimulados a atuarem como multiplicadores entre os seus pares. O desenvolvimento de algumas ações foi proposto pelos adolescentes para o horário do recreio e nas atividades em sala de aula, como discussões e, grupo, com apoio dos professores.

No primeiro semestre de 2019, os adolescentes multiplicadores atuaram no planejamento e desenvolvimento de uma peça teatral, como estratégia educativa para sensibilizar seus pares sobre a identificação e prevenção da violência no namoro e estratégias não abusivas para resolução de conflitos no namoro. A atividade teatral foi apresentada no mês de junho de 2019 e contou com a participação dos adolescentes protagonistas e de outros estudantes das turmas incluídas na intervenção.

Para contribuir com a avaliação da efetividade da intervenção foi reaplicado o CADRI, um mês após a apresentação da peça teatral no educandário.

#### **4.1.7 Procedimentos para análise dos dados**

##### *4.1.7.1 Etapa quantitativa*

O plano de análise proposto inicialmente teve por objetivo a caracterização da amostra a partir de distribuições absolutas (N), frequências relativas (percentuais) das variáveis qualitativas; e médias, medianas e desvios-padrão para as variáveis quantitativas. Para a comparação entre o tipo de envolvimento do adolescente com a violência no namoro (vítima, perpetrador, vítima-perpetrador, não se envolveu) em relação às variáveis qualitativas foram aplicados o teste Qui-quadrado de Pearson, ou o teste Exato de Fisher, quando necessário.

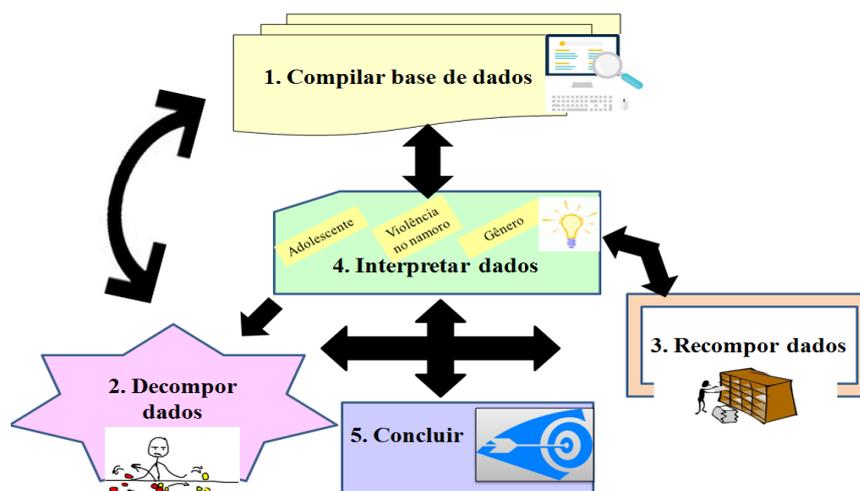
Quanto à avaliação da diferença do grupo antes e depois da intervenção, foi realizada a análise da frequência da violência no namoro (física, sexual, psicológica) e o tipo de envolvimento dos adolescentes com a problemática (vítima, perpetrador, vítima-perpetrador, sem envolvimento) através do teste de McNemar. Para tanto deve-se assumir que houve mudança significativa das distribuições na comparação antes e depois quando o P-valor foi  $\leq 0.5$ . E para avaliação dos escores de vitimização e perpetração e estratégias de resolução de conflitos (abusivas ou não abusivas) foi utilizado o teste “t” pareado.

O nível de significância assumido será de 5%. Os cálculos estatísticos foram realizados no software SPSS for Windows versão 21.0 - Statistical Package for the Social Science.

#### 4.1.7.2 Etapa qualitativa

Os dados oriundos das gravações dos relatos dos adolescentes durante os círculos foram transcritos e submetidos a técnica de análise de conteúdo proposta por Yin (2016), composta por cinco etapas (figura 8): compilação, decomposição, recomposição, interpretação e conclusão. Na compilação os dados (falas) foram organizados em uma base de dados, devidamente ordenada por um glossário com palavras ou expressões presentes nas falas dos participantes para destacar o conteúdo relevante à pesquisa.

**Figura 8** – Descrição das fases de análise de conteúdo, segundo Yin (2016)



Fonte: Yin (2016, p.159), adaptado pela autora.

Em seguida, na decomposição, foram construídos códigos iniciais de acordo com a semelhança, singularidade e padrões encontrados nos dados, e a partir deles foram criados os códigos de categoria. Logo após, houve a recomposição com o agrupamento dos códigos (iniciais e de categoria) em temas mais amplos ou conceitos teóricos que formularam o corpus interpretativo da base de dados obtida. A quarta etapa, consistiu na interpretação dos dados e permitiu inscrição de significados ao corpus interpretativo. A conclusão, última etapa, objetivou arrematar a fase interpretativa e apresentar as lições aprendidas/ categorias finais oriundas do material empíricos das entrevistas.

O material oriundo dos encontros com os adolescentes nos Círculos de Cultura, também foi transcrito na íntegra e de forma minuciosa, com o apoio das anotações presentes no diário de campo, filmagens e os depoimentos registrados nos vídeos, fotografias, foi organizado num *corpus* único e homogêneo (SANTOS; ARAÚJO; BELLATO, 2016), de acordo com a sequência cronológica da intervenção, e analisado com apoio da triangulação de dados por permitir maior profundidade e validade dos resultados (MINAYO, ASSIS; SOUZA, 2005; YIN,

2016). Esta proposta possibilitou identificar possíveis convergências com os dados quantitativos e/ou apoiar a análise explicativa destes resultados (BRANDÃO NETO, 2018).

#### 4.2 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa respeitou as recomendações da resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e só foi executada após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, sob parecer nº 2.581.545/2018 e CAAE 82896118.4.0000.5208.

A participação dos adolescentes na pesquisa só ocorreu após o esclarecimento sobre os objetivos do projeto, e assinatura, de forma voluntária, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos pais ou responsáveis (APENDICE C), além da assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelo adolescente (APENDICE D).

Para manter a privacidade e o anonimato quanto às identidades de todos os adolescentes foi utilizada a estratégia de codificação numérica nos questionários da etapa quantitativa e a alfanumérica para proteger o perfil dos participantes da intervenção educativa. Esta última foi utilizada para descrever os participantes das entrevistas e Círculos de Cultura a partir da associação entre a letra A, para representar o(a) adolescente; o número referente à ordem cronológica que a fala do participante foi captada nos encontros educativos; a primeira letra do sexo biológico do adolescente (M= masculino e F= feminino), como destacado no exemplo a seguir: A1M.

As imagens fotográficas oriundas dos registros foram editadas, para a publicação dos dados no repositório de teses e nos artigos dela derivados, de modo a não permitir a identificação dos adolescentes, garantindo assim o sigilo.

## 5 RESULTADOS

### 5.1 CARACTERÍSTICAS DA VIOLÊNCIA NO NAMORO NO CONTEXTO DOS ADOLESCENTES ESCOLARES

Os dados produzidos nesta etapa do estudo subsidiaram a elaboração de um diagnóstico situacional sobre a violência no namoro entre os adolescentes do educandário. O conhecimento produzido neste momento da pesquisa contribuiu para o planejamento e organização da intervenção educativa que objetivou estimular os adolescentes a atuarem como multiplicadores de conhecimentos sobre a violência no namoro, de forma crítica e reflexiva, e a aplicarem estratégias não abusivas de resolução de conflitos entre seus pares afetivos, como descritos na etapa qualitativa deste estudo.

A composição dos participantes do estudo no momento da aplicação prévia do instrumento CADRI (Tabela 2), correspondeu a um total de 270 adolescentes com idade média de 14,9 anos (DP=1,3), distribuídos entre as turmas do 8º ano (37,8%), 9º ano (31,1%) do ensino fundamental II e 1º ano do ensino médio (31,1%). A maioria era do sexo feminino (53,5%), de heterossexuais (74,4%); praticantes de alguma religião (57,8%) e de etnia autodeclarada parda (42,6%) e negra (30,7%). Quanto à escolaridade, foram identificados seis pais/responsáveis analfabetos e sete mães/responsáveis analfabetas, entretanto houve maior frequência de pais/responsáveis e mães/responsáveis com ensino médio completo (24,0% e 29,3%). A renda familiar de mais da metade dos adolescentes (51,9%) foi de até 1 salário mínimo, conforme descrito na tabela 2.

**Tabela 2** – Caracterização sociodemográficas dos adolescentes segundo a idade, série, sexo, orientação sexual, filiação religiosa, raça/cor, escolaridade do pai/responsável, escolaridade da mãe/responsável e renda familiar. Recife-PE, 2018. (continua)

Variáveis sociodemográficas	%
Idade (anos)	
Média (DP)*	14.9 (1.3)
Mínimo - Máximo	12 - 19
Série	
8º ano de Ensino Fundamental II	102 (37.8%)
9º ano de Ensino Fundamental II	84 (31.1%)
1º ano do Ensino Médio	84 (31.1%)
Sexo	
Masculino	126 (46.7%)
Feminino	144 (53.3%)
Orientação sexual	
Heterossexual	201 (74.4%)
Bissexual	24 (8.9%)
Sem informação	45 (16.7%)
Filiação religiosa	
Sim	156 (57.8%)
Não	99 (36.7%)
Sem informação	15 (5.6%)

**Tabela 2** – Caracterização sociodemográficas dos adolescentes segundo a idade, série, sexo, orientação sexual, filiação religiosa, raça/cor, escolaridade do pai/responsável, escolaridade da mãe/responsável e renda familiar. Recife-PE, 2018. (continuação)

Variáveis sociodemográficas	%
Raça/cor	
Amarelo/indígena	15 (5.6%)
Branco	50 (18.5%)
Negro	83 (30.7%)
Pardo	155 (57.8%)
Sem informação	7 (2.6%)
Escolaridade do pai/responsável	
Até Ens. Fund. Incompleto	62 (22.9%)
Ens. Fund. Completo até Ens. Médio incompleto	55 (20.3%)
Ens. Médio completo ou mais	65 (24.0%)
Não sabe/não tem pai/responsável	84 (31.1%)
Sem informação	4 (1.5%)
Escolaridade da mãe/responsável	
Até Ens. Fund. Incompleto	75 (27.7%)
Ens. Fund. Completo até Ens. Médio incompleto	60 (22.2%)
Ens. Médio completo ou mais	79 (29.3%)
Não sabe/não tem mãe/responsável	50 (18.5%)
Renda Mensal da família	
Até 1 SM**	140 (51.9%)
Mais de 1SM até 3 SM	86 (31.9%)
Mais de 3 SM até 5 SM	18 (6.7%)
Sem informação	26 (9.6%)

N = 270; \*DP: Desvio Padrão; \*\*SM: sigla para salário mínimo

Fonte: Banco de dados da autora.

A vivência de alguma relação de namoro /ficar foi descrita por 83.0% (225/270) dos adolescentes. A tabela 3 descreve as características do relacionamento escolhido pelo(a) adolescente para responder o Inventário CADRI, sendo observado que 54.2% dos participantes já havia terminado o relacionamento quando responderam à pesquisa. O tempo médio de duração desse relacionamento foi inferior a 12 meses em 76.9% dos envolvimento afetivos dos respondentes, sendo 48% com tempo inferior a 1 mês e 28.9% com duração entre 1 mês e 11 meses. A ocorrência de brigas entre o casal foi descrita como frequente (muitas vezes ou sempre) por 23.8% dos respondentes.

**Tabela 3** – Características do namoro de adolescentes, segundo status, duração e frequência das situações de conflito no relacionamento. Recife-PE, 2018. (continua)

Características do namoro dos adolescentes	n = 225 / %
Status do relacionamento	
Ainda estão juntos	98 (43.6%)
Já terminaram	122 (54.2%)
Sem informação	5 (2.2%)
Duração do relacionamento	
Menos de 1 mês	108 (48.0%)
Entre 1 mês e 11 meses	65 (28.9%)
1 ano ou mais	43 (19.1%)
Sem informação	09 (4.0%)

**Tabela 3** – Características do namoro de adolescentes, segundo status, duração e frequência das situações de conflito no relacionamento. Recife-PE, 2018. (continuação)

Características do namoro dos adolescentes	n = 225 / %
Frequência das situações de conflito no relacionamento	
Sempre	18 (8.0%)
Muitas vezes	35 (15.6%)
Poucas vezes	160 (71.1%)
Sem informação	12 (5.3%)

Fonte: Banco de dados da autora

Para identificar a prevalência da violência no namoro entre os adolescentes foi realizada a categorização dos abusos vivenciados, a partir das escalas do Inventário CADRI (WOLFE et al., 2001), em vítimas, perpetradores e vítima-perpetradores, como descritos no capítulo de método. Na tabela 4 é possível observar o envolvimento do(a) adolescente na condição de vítima, perpetrador e vítima-perpetrador em relação a violência física, sexual e psicológica no namoro.

Foi verificado maior frequência de vítima-perpetradores para a violência física (46.5%), sexual (60.7%) e psicológica (89.4%). Chama atenção a elevada bidirecionalidade (vítima-perpetradores) da violência psicológica quando comparada aos outros tipos de violência, somando o triplo da violência física e o dobro da violência sexual (Tabela 4).

**Tabela 4** – Envolvimento dos adolescentes, segundo a forma de violência vivenciada na relação de namoro. Recife, PE, 2018.

Tipo de envolvimento do adolescente	Forma de violência vivenciada na relação de namoro		
	Violência Física	Violência Sexual	Violência Psicológica
Nenhum envolvimento	114 (53.5%)	104 (48.1%)	23 (11.3%)
Vítima	20 (9.4%)	30 (13.9%)	5 (2.7%)
Perpetrador	33 (15.5%)	14 (6.5%)	14 (6.9%)
Vítima+perpetrador	46 (21.6%)	68 (31.5%)	161 (79.3%)
Total	213 (100.0%)	216 (100.0%)	203 (100.0%)

Fonte: Banco de dados da autora.

Nas tabelas 5 a 7 é possível identificar as características sociodemográficas, como idade, sexo, orientação sexual, filiação religiosa, renda familiar e escolaridade do pai e da mãe dos adolescentes segundo o tipo de envolvimento com a violência física, sexual e psicológica no namoro.

**Tabela 5** – Características sociodemográficas dos adolescentes segundo o tipo de envolvimento com a violência física na relação de namoro. Recife-PE, 2018.

Variáveis sociodemográficas**	Tipo de envolvimento com a violência Física				Total	p
	Nenhum envolvimento	Vítima	Perpetrador	Vítima + perpetrador		
Idade (n=210)						0.206
< 15 anos	44 (50.6%)	5 (5.7%)	14 (16.1%)	24 (27.6%)	87 (100.0%)	
≥ 15 anos	67 (54.5%)	15 (12.2%)	19 (15.4%)	22 (17.9%)	23 (100.0%)	
Sexo (210)						0.001*
Masculino	61 (62.2%)	16 (16.3%)	1 (1.0%)	20 (20.4%)	98 (100.0%)	
Feminino	50 (44.6%)	4 (3.6%)	32 (28.6%)	26 (23.2%)	112 (100.0%)	
Orientação Sexual (210)						0.043*
Heterossexual	104 (55.6%)	18 (9.6%)	29 (15.5%)	36 (19.3%)	187 (100.0%)	
Bissexual	7 (30.7%)	2 (8.7%)	4 (17.4%)	10 (43.5%)	23 (100.0%)	
Filiação Religiosa (n=144)						0.005*
Não	34 (41.5%)	13 (15.9%)	13 (15.9%)	22 (26.8%)	82 (100.0%)	
Sim	74 (61.7%)	5 (4.2%)	19 (15.8%)	22 (18.3%)	120 (100.0%)	
Renda (n=192)						0.003*
Até 1 SM	49 (43.4%)	12 (10.6%)	24 (21.2%)	28 (24.8%)	113 (100.0%)	
> 1 SM	54 (68.4%)	6 (7.6%)	5 (6.3%)	14 (17.7%)	79 (100.0%)	
Escolaridade Pai (n=143)						0.012*
Até Fund. Incompleto	28 (53.8%)	1 (1.9%)	6 (11.5%)	17 (32.7%)	52 (100.0%)	
Até Médio incompleto	29 (69.0%)	2 (4.8%)	7 (16.7%)	4 (9.5%)	42 (100.0%)	
Médio completo ou +	22 (44.9%)	8 (16.3%)	5 (10.2%)	14 (28.6%)	49 (100.0%)	
Escolaridade Mãe (n=166)						0.368
Até Fund. Incompleto	28 (45.9%)	4 (6.6%)	10 (16.4%)	19 (31.1%)	61 (100.0%)	
Até Médio incompleto	27 (58.7%)	3 (6.5%)	9 (19.6%)	7 (15.2%)	46 (100.0%)	
Médio completo ou +	32 (54.2%)	7 (11.9%)	6 (10.2%)	14 (23.7%)	59 (100.0%)	

\*estatisticamente significativa ( $p < 0.05$ ); \*\*213 adolescentes responderam sobre o envolvimento com a violência física, entretanto houve variação no número de respondentes das variáveis sociodemográficas.

Fonte: Banco de dados da autora.

Quanto à violência física, foi observada associação estatisticamente significativa ( $p < 0.05$ ) com o sexo e a orientação sexual, filiação religiosa, renda familiar e escolaridade do pai (Tabela 5). Foi observado que o sexo masculino apresentou maior percentual de adolescentes sem envolvimento com a violência física, quando comparados ao sexo feminino. Chama atenção que apenas um adolescente masculino assumiu o papel de perpetrador. Já o sexo feminino esteve mais envolvido com os abusos físicos (55.4%) que os meninos; destacando-se o percentual de meninas perpetradoras (28.6%) e vítima-perpetradoras (23.2%), que somou 51.8% e superou o dobro do percentual da soma dessas duas categorias entre os meninos (21.4%).

Quanto à orientação sexual, foi evidenciado que os adolescentes que se autodeclararam heterossexuais (55.6%) estiveram mais protegidos da violência física, seguido da condição de vítima-perpetrador (19.3%). Destaca-se na amostra o elevado percentual de adolescentes bissexuais que já haviam sido expostos a alguma forma de violência física (69.1%), considerando a soma daqueles categorizados como vítimas (8.7%), perpetradores (17.4%) e

vítima-perpetradores (43.5%). Sendo que essa última corresponde a cinco vezes a taxa de vítimas e duas vezes e meia a de perpetradores deste tipo de abuso.

A filiação religiosa dos adolescentes também configurou fator protetivo para o envolvimento com os abusos físicos, destacando-se que 61.7% dos participantes adeptos a alguma religião não havia vivenciado este tipo de violência. Houve maior envolvimento na condição de vítima e vítima-perpetrador entre os participantes não religiosos, com 15.9% e 26.8%, respectivamente, quando comparados aos religiosos (4.2% e 18.3%) e não houve diferença percentual entre os adolescentes perpetradores religiosos e não religiosos (Tabela 5).

Os adolescentes com renda familiar até um salário mínimo estiveram mais expostos à violência física (56.6%) que o grupo cuja família apresenta rendimento superior a um salário mínimo (31.6%). O percentual de perpetradores (21.2%) e vítima-perpetradores (24.8%) correspondeu ao dobro daquele encontrado para as vítimas (10.6%) entre os participantes com menor renda familiar. Observa-se ainda similaridade no percentual de adolescentes vítima-perpetradores entre os grupos com renda de até um salário mínimo ou maior que um salário mínimo, porém, os participantes com pior renda apresentaram percentuais três vezes maiores de perpetradores do que entre aqueles com renda superior a um salário.

Em relação à escolaridade do pai, foi evidenciada menor exposição à violência física no namoro entre os participantes cujo pai não havia concluído o ensino médio. Dentre os adolescentes em que o pai não concluiu o ensino fundamental, 53.8% nunca haviam sofrido abusos físicos no namoro e 32.7% foi envolvido na condição de vítima-perpetrador; quando o pai tinha o ensino médio incompleto, observou-se não exposição de 69.0% dos adolescentes, seguido de 16.7% de perpetradores e o menor percentual de vítima-perpetradores (9.5%).

Além disso, embora entre os adolescentes em que os pais haviam concluído o ensino médio tenha sido observado maior percentual de adolescentes expostos a violência física (55.1%), o envolvimento apenas na condição de vítima foi maior neste grupo, assim como foi menor o percentual de indivíduos apenas perpetradores (Tabela 5).

Na tabela 6 encontra-se a descrição do envolvimento dos adolescentes com a violência sexual no namoro, segundo as variáveis sociodemográficas. Não foi observada associação estatisticamente significativa ( $p < 0.05$ ) entre o abuso sexual entre namorados e as variáveis analisadas. E, mesmo considerando a aleatoriedade quanto ao envolvimento dos adolescentes, destaca-se que em todas as variáveis analisadas houve elevado percentual de adolescentes envolvidos na condição de vítima-perpetrador.

**Tabela 6** – Características sociodemográficas dos adolescentes segundo o tipo de envolvimento com a violência sexual na relação de namoro. Recife-PE, 2018.

Variáveis sociodemográficas*	Tipo de envolvimento com a violência Sexual				Total	p
	Nenhum envolvimento	Vítima	Perpetrador	Vítima + perpetrador		
Idade						0.077
< 15 anos	42 (50.0%)	17 (20.2%)	4 (4.8%)	21 (25.0%)	84 (100.0%)	
≥ 15 anos	57 (44.9%)	13 (10.2%)	10 (7.9%)	47 (37.0%)	127 (100.0%)	
Sexo						0.559
Masculino	42 (43.8%)	12 (12.5%)	8 (8.3%)	34 (35.4%)	96 (100.0%)	
Feminino	57 (49.6%)	18 (15.7%)	6 (5.2%)	34 (29.6%)	115 (100.0%)	
Orientação Sexual (n=209)						0.628
Heterossexual	88 (47.3%)	26 (14.0%)	13 (7.0%)	59 (31.7%)	186 (100.0%)	
Bissexual	10 (43.5%)	4 (17.4%)	0 (0%)	9 (39.1%)	23 (100.0%)	
Filiação Religiosa (n=201)						0.641
Não	35 (43.2%)	11 (13.6%)	6 (7.4%)	29 (35.8%)	81 (100.0%)	
Sim	60 (50.0%)	19 (15.8%)	7 (5.8%)	34 (28.3%)	120 (100.0%)	
Renda (n=195)						0.550
Até 1 SM	53 (46.1%)	19 (16.5%)	6 (5.2%)	37 (32.2%)	115 (100.0%)	
> 1 SM	35 (43.8%)	10 (12.5%)	8 (10.0%)	27 (33.8%)	80 (100.0%)	
Escolaridade Pai (n=146)						0.231
Até Fund. incompleto	27 (49.1%)	8 (14.5%)	2 (3.6%)	18 (32.7%)	55 (100.0%)	
Até Médio incompleto	15 (36.6%)	10 (24.4%)	3 (7.3%)	13 (31.7%)	41 (100.0%)	
Médio completo ou +	23 (46.0%)	3 (6.0%)	5 (10.0%)	19 (38.0%)	50 (100.0%)	
Escolaridade Mãe (n=168)						0.342
Até Fund. incompleto	33 (53.2%)	11 (17.7%)	3 (4.8%)	15 (24.2%)	62 (100.0%)	
Até Médio incompleto	16 (36.4%)	5 (11.4%)	4 (9.1%)	19 (43.2%)	44 (100.0%)	
Médio completo ou +	27 (43.5%)	7 (11.3%)	5 (8.1%)	23 (37.1%)	62 (100.0%)	

\*213 adolescentes responderam sobre o envolvimento com a violência física, entretanto houve variação no número de respondentes das variáveis sociodemográficas.

Fonte: Banco de dados da autora

Na análise do envolvimento dos adolescentes com a violência psicológica (tabela 7) também não foi identificada associação estatisticamente significativa com as variáveis sociodemográficas. Entretanto, verificou-se uma discrepante distribuição percentual entre os adolescentes não expostos e expostos a violência psicológica, com grande concentração de participantes que já vivenciaram a condição de vítima-perpetradores na relação de namoro.

As tabelas 8, 9 e 10 retratam o envolvimento dos adolescentes com a violência no namoro, segundo o status e duração do relacionamento e a frequência das situações de conflito entre o casal. Na tabela 8 foi verificada relação estatisticamente significativa ( $p < 0.05$ ) entre a violência física no namoro e o status do relacionamento e a frequência dos conflitos entre o casal. Houve maior percentual de adolescentes sem envolvimento (58.3%), assim como de vítimas (12.2%), entre os adolescentes que já haviam terminado o namoro. Destacando-se que o percentual de vítimas entre os que não estavam mais namorando (12.2%) foi quase o dobro daqueles que permaneciam no relacionamento (6.5%). Já entre os adolescentes que ainda

estavam vivenciando o relacionamento no momento da coleta de dados, a taxa de perpetradores (21.7%) e vítima-perpetradores (25.0%) foi mais elevada que entre os que já haviam concluído o relacionamento.

**Tabela 7** – Características sociodemográficas dos adolescentes segundo o tipo de envolvimento com a violência psicológica na relação de namoro. Recife-PE, 2018.

Variáveis sociodemográficas	Tipo de envolvimento com a violência Psicológica				Total	p
	Nenhum Envolvimento	Vítima	Perpetrador	Vítima + Perpetrador		
Idade (n=203)						0.189
< 15 anos	13 (15.3%)	1 (1.2%)	8 (9.4%)	63 (74.1%)	85 (100.0%)	
≥ 15 anos	10 (8.5%)	4 (3.4%)	6 (5.1%)	98 (83.1%)	118 (100.0%)	
Sexo (n=203)						0.890
Masculino	12 (12.9%)	2 (2.2%)	7 (7.5%)	72 (77.4%)	93 (100.0%)	
Feminino	11 (10.0%)	3 (2.7%)	7 (6.4%)	89 (80.9%)	110 (100.0%)	
Orientação Sexual (n=203)						0.904
Heterossexual	21 (11.7%)	5 (2.8%)	12 (6.7%)	142 (78.9%)	180 (100.0%)	
Bissexual	2 (8.7%)	0 (0%)	2 (8.7%)	19 (82.6%)	23 (100.0%)	
Filiação Religiosa (n=195)						0.607
Não	6 (7.6%)	2 (2.5%)	5 (6.3%)	66 (83.5%)	79 (100.0%)	
Sim	16 (13.8%)	3 (2.6%)	7 (6.0%)	90 (77.6%)	116 (100.0%)	
Renda (n=185)						0.550
Até 1 SM	11 (10.2%)	1 (0.9%)	8 (7.4%)	88 (81.5%)	108 (100.0%)	
> 1 SM	12 (15.6%)	2 (2.6%)	5 (6.5%)	58 (75.3%)	77 (100.0%)	
Escolaridade Pai (n=140)						0.991
Até Fund. Incompleto	7 (13.5%)	2 (3.8%)	4 (7.7%)	39 (75.0%)	52 (100.0%)	
Fund. Comp. + Médio incomp.	5 (12.2%)	1 (2.4%)	3 (7.3%)	32 (78.0%)	41 (100.0%)	
Médio completo ou mais	6 (12.8%)	1 (2.1%)	2 (4.3%)	38 (80.9%)	47 (100.0%)	
Escolaridade Mãe (n=163)						0.116
Até Fund. Incompleto	8 (13.1%)	2 (3.3%)	3 (4.9%)	48 (78.7%)	61 (100.0%)	
Fund. Comp. + Médio incomp.	2 (4.5%)	1 (2.3%)	0 (0%)	41 (93.2%)	44 (100.0%)	
Médio completo ou mais	9 (15.5%)	2 (3.4%)	6 (10.3%)	41 (70.7%)	58 (100.0%)	

\*203 adolescentes responderam sobre o envolvimento com a violência física, entretanto houve variação no número de respondentes das variáveis sociodemográficas.

Fonte: Banco de dados da autora.

A menor frequência nas situações de conflitos entre o casal esteve associada a maior proteção para a violência física, ao se verificar que 56.3% dos adolescentes que relataram poucos conflitos não haviam vivenciado abusos físicos no namoro. Este mesmo grupo apresentou maior percentual de vitimização (11.3%) quando comparado aqueles participantes que brigavam muitas vezes ou sempre. Os indivíduos autodeclarados perpetradores foram mais prevalentes nos relacionamentos com muitas brigas (21.2%) e chamou atenção o fato de 50.0% dos adolescentes que sempre vivenciavam situações de conflito ocuparam a condição de vítima-perpetradores, como descrito na tabela 8.

**Tabela 8** – Características do relacionamento de adolescentes, segundo o tipo de envolvimento com a violência física no namoro. Recife-PE, 2018.

Características do Relacionamento	Tipo de envolvimento com a violência Física				Total	p
	Nenhum Envolvimento	Vítima	Perpetrador	Vítima + Perpetrador		
Status do Relacionamento (n=207)						0.046*
Terminaram	67 (58.3%)	14 (12.2%)	12 (10.4%)	22 (19.1%)	115 (100.0%)	
Permanecem juntos	43 (46.7%)	6 (6.5%)	20 (21.7%)	23 (25.0%)	92 (100.0%)	
Duração do Relacionamento (n=205)						0.061
Até 1 mês	61 (58.7%)	9 (8.7%)	10 (9.6%)	24 (23.1%)	104 (100.0%)	
Entre 1 mês e 11 meses	28 (45.2%)	9 (14.5%)	13 (21.0%)	12 (19.4%)	62 (100.0%)	
≥ 12 meses	18 (46.2%)	1 (2.6%)	10 (25.6%)	10 (25.6%)	39 (100.0%)	
Frequência das situações de conflito (n=202)						0.048*
Sempre	5 (27.8%)	1 (5.6%)	3 (16)	9 (50.0%)	18 (100.0%)	
Muitas vezes	14 (42.4%)	2 (6.1%)	7 (21.2%)	10 (30.3%)	33 (100.0%)	
Poucas vezes	85 (56.3%)	17 (11.3%)	22 (14.6%)	27 (17.9%)	151 (100.0%)	

\*estatisticamente significativa (p<0.05)

Fonte: Banco de dados da autora.

Não houve associação entre o status, duração do relacionamento e frequência dos conflitos ocorridos entre o casal e o envolvimento dos adolescentes com a violência sexual e psicológica no namoro (Tabelas 9 e 10).

**Tabela 9** – Características do relacionamento de adolescentes, segundo o tipo de envolvimento com a violência sexual no namoro. Recife-PE, 2018.

Variáveis Relacionais	Tipo de envolvimento com a violência Sexual				Total	p
	Sem Envolvimento	Vítima	Perpetrador	Vítima + Perpetrador		
Status do Relacionamento (n=209)						0.139
Terminaram	62 (53.0%)	15 (12.8%)	9 (7.7%)	31 (26.5%)	117 (100.0%)	
Permanecem juntos	36 (39.1%)	15 (16.3%)	5 (5.4%)	36 (39.1%)	92 (100.0%)	
Duração do Relacionamento (n=204)						0.891
Até 1 mês	50 (48.1%)	16 (15.4%)	6 (5.8%)	32 (30.8%)	104 (100.0%)	
Entre 1 mês e 11 meses	30 (48.4%)	8 (12.9%)	4 (6.5%)	20 (32.3%)	62 (100.0%)	
≥ 12 meses	14 (36.8%)	6 (15.8%)	2 (5.3%)	16 (42.1%)	38 (100.0%)	
Frequência das situações de conflito (n=203)						0.774
Sempre	6 (35.3%)	3 (17.6%)	2 (11.8%)	6 (35.3%)	17 (100.0%)	
Muitas vezes	14 (41.2%)	5 (14.7%)	1 (2.9%)	14 (41.2%)	34 (100.0%)	
Poucas vezes	72 (47.4%)	21 (13.8%)	11 (7.2%)	48 (31.6%)	152 (100.0%)	

Fonte: Banco de dados da autora.

**Tabela 10** – Características do relacionamento de adolescentes, segundo o tipo de envolvimento com a violência psicológica no namoro. Recife-PE, 2018.

Variáveis Relacionais	Tipo de envolvimento com a violência Psicológica				Total	p
	Sem Envolvimento	Vítima	Perpetrador	Vítima + Perpetrador		
Status do Relacionamento (n=200)						0.271
Terminaram	17 (14.9%)	2 (1.8%)	9 (7.9%)	86 (75.4%)	114 (100.0%)	
Permanecem juntos	6 (7.0%)	1 (1.2%)	5 (5.8%)	74 (86.0%)	86 (100.0%)	
Duração do Relacionamento (n=198)						0.255
Até 1 mês	12 (12.4%)	2 (2.1%)	11 (11.3%)	72 (74.2%)	97 (100.0%)	
Entre 1 mês e 11 meses	7 (11.3%)	2 (3.2%)	3 (4.8%)	50 (80.6%)	62 (100.0%)	
≥ 12 meses	3 (7.7%)	1 (2.6%)	0 (0%)	35 (89.7%)	39 (100.0%)	
Frequência das situações de conflito (n=195)						0.481
Sempre	0 (0%)	0 (0%)	1 (5.6%)	17 (94.4%)	18 (100.0%)	
Muitas vezes	3 (9.7%)	0 (0%)	0 (0%)	28 (90.3%)	31 (100.0%)	
Poucas vezes	17 (11.6%)	3 (2.1%)	11 (7.5%)	115 (78.8%)	146 (100.0%)	

Fonte: Banco de dados da autora.

## 5.2 INTERVENÇÃO EDUCATIVA COM ADOLESCENTES MEDIADA POR CÍRCULOS DE CULTURA

O desenvolvimento dos Círculos de Cultura foi precedido por uma etapa primordial para a instrumentalização do seu desenvolvimento, por permitir ao animador, ator social que estimula e coordena a participação dos integrantes da atividade educativa, conhecer os saberes populares dos participantes, como descrito na sequência.

### 5.2.1 Investigação temática

Na etapa inicial da intervenção foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os adolescentes participantes, para conhecê-los e apreender o conhecimento e vivências relacionadas às situações de violência, inclusive nas relações de namoro, no seu cotidiano. Essa iniciativa contribuiu com o planejamento da abordagem educativa mediada pelos Círculos de Cultura.

Participaram dos Círculos de Cultura 33 adolescentes integrantes da 8<sup>o</sup> e 9<sup>o</sup> ano do ensino fundamental II e do 1<sup>o</sup> ano do ensino médio dos turnos da manhã e da tarde, sendo 12 do sexo masculino e 21 do sexo feminino com idade entre 13 e 18 anos. Durante as entrevistas também foram identificadas as habilidades e atividades artístico cultural ou de lazer praticadas e que poderiam ser agregadas na intervenção, sendo encontradas três meninas participando da gestão do grêmio escolar; duas outras trabalhando no contraturno escolar, uma na pinacoteca da Fundação Joaquim Nabuco e a outra no comércio local do próprio bairro. Outros sete adolescentes praticavam alguma atividade artística e/ou cultural, como teatro, dança popular,

canto e composição musical e outros dois participavam de atividades esportivas dentro e fora do educandário.

Uma questão também investigada nas entrevistas foi o conhecimento e vivências dos adolescentes sobre a violência, de forma ampla, visto que os abusos nas relações de namoro e/ou intimidade é um tema mais delicado e que poderia deixá-los desconfortáveis se abordado no início da entrevista. E, na sequência, foram introduzidas as questões direcionadas a violência no namoro com o objetivo de apreender a percepção e as vivências dos adolescentes acerca do fenômeno.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e tiveram duração média de quatro minutos e quarenta e cinco segundos. O tempo utilizado para coleta dos dados da entrevista pode ter sido influenciado pelas crenças dos adolescentes em relação ao envolvimento com a violência no namoro, limitando a abertura para relatar possíveis eventos relacionados ao fenômeno que os envolvessem. O conteúdo oriundo das falas foi compilado, formando uma base de dados que foi decomposta, permitindo a pesquisadora identificar as categorias temáticas que dela emergiram, de acordo com a técnica de análise de conteúdo proposta por Yin (2014). As categorias temáticas apreendidas foram: Concepção e relatos de violência no cotidiano dos adolescentes, conhecimentos sobre violência no namoro, vivências de violência no namoro dos adolescentes e de sua rede social, medidas de enfrentamento a violência no namoro.

#### *5.2.1.1 Concepção e relatos de violência no cotidiano dos adolescentes*

Foi possível identificar nas falas dos adolescentes a definição e tipificação da violência. A forma de violência física foi a mais abordada nas falas dos adolescentes, sendo caracterizada por atos de bater ou agredir alguém, seguida da violência psicológica/verbal (xingamentos e ofensas), também foram citadas a violência doméstica e os assassinatos como expressões da violência sob o olhar dos adolescentes.

*“É a pessoa agredir a outra com palavras e jogar na cara tudo aquilo que a pessoa já fez”. A12F*

*“É um ato que abusa fisicamente ou psicologicamente dos outros”. A4M*

*“Violência é tratar a pessoa mal, diferente das outras. Na violência a pessoa pode sentir a dor na pele, mas também sente no emocional”. A2F*

*“Violência é você machucar, agredir a outra pessoa com palavras e com atos”. A2F*

*“Um adulto bater numa criança, um marido bater na mulher, uma pessoa matar a outra”. A32F*

Os estereótipos de gênero e a dominação masculina foram levantadas pelos estudantes como violências enraizadas na sociedade, além do preconceito étnico/racial e da homofobia. O conteúdo das entrevistas também revelou a presença marcante dos abusos praticados por agentes públicos na comunidade em que residem, como destacam algumas falas abaixo:

*“Eu acho tão errado a violência contra a mulher. A gente não pode usar mais short, uma roupa que aparece algo, que muita gente já olha. Tem o racismo”. A6F*

*“[...] pode ser uma violência verbal. Eu defino isso direto, para mim se você vê um gay e chama ele de bichona já é uma violência”. A7F*

*“Ir para uma festa e beber demais e sair brigando, tem violência contra a mulher, tem homofobia”. A32F*

*“Violência é um ato muito chato que ocorre em vários ambientes, é gritar, agredir, puxar. Quando os policiais em vez de pedirem permissão para entrar, já vão logo ‘emburacando’ a casa, batendo nos outros, eu acho isso errado, isso é violência”. A17F*

A escola revelou-se como um ambiente de intensa violência, retratados em brigas no pátio, agressões entre os pares e o desrespeito aos professores. O bullying foi descrito como algo habitual na cultura escolar, sendo relatado uma situação de suicídio a ele relacionado.

*“A escola é o ambiente que mais ocorre violência. Essa escola tem que mudar muito porque não está certo. Tem muita violência, um bate no outro [...]. A direção deveria chamar o pai para conversar. Aqui tem pessoas que querem estudar e outras não. Tem que ter policial aqui também, o menino faz tudo no banheiro, cheira pó, fuma maconha, cheira loló na escola, as meninas também”. A17F*

*“Aqui na escola tem muita briga, por causa de homem, até amigas brigam por causa de homem, e eu acho isso muito ridículo”. A21F*

*“Aqui o povo vai brigar no pátio por causa de uma fofoca [...] Tem gente aqui que só falta bater nos professores e ninguém faz nada. Eu sou do grêmio e venho a tarde e vejo muita falta de respeito com os professores”. A10F*

*“Também tem uns que adoram fazer bullying, tem brincadeira de bater aqui na escola e já teve gente que se matou aqui na escola, acho que esse negócio de suicídio mesmo tem que falar também” A28F*

Os participantes também expressaram as vivências relacionadas a violência intrafamiliar, como os conflitos interparentais e a atitude punitiva no ambiente doméstico como forma de educação. O envolvimento com drogas associado a violência no ambiente comunitário também estiveram presentes nos relatos.

*“É quando o adulto bate em alguém menor e ela não consegue se defender”. A16F*

*“Tem violência dentro de casa com os pais e os filhos”. A32F*

*“Eu andei dando uns vacilos, eu estava com uns bagulhos na minha mochila e os policiais vieram me bascolear e pegaram [...] eu apanhei. E não foi pouco”. A28M*

### 5.2.1.2 Conhecimentos de adolescentes sobre violência no namoro

Os adolescentes expressaram o que consideravam violência nas relações de namoro/ficar e suas formas de expressão entre os pares. A violência física, assim como a violência psicológica/verbal, contra mulher e os abusos sexuais, como o estupro, foram as agressões listadas pelos adolescentes para definir a violência no namoro, conforme destacado abaixo:

*“É agressão física, agressão verbal”. A23M*

*“É bater, xingar, humilhar a pessoa que você está se envolvendo”. A2F*

*“É briga entre o casal”. A28M*

*“É quando bate na mulher, é o bater e é com palavras também, quando fala, que magoa”. A31F*

*“Beijar à força, fazer ato sexual a força, é estupro”. A4M*

A vinculação dos abusos à figura masculina, no papel perpetrador foi destacada pela maioria dos entrevistados, sendo descrito por meninas e meninos. Em minoria, houve indicação de perpetração da violência no namoro por ambos os sexos.

*“Quando ele começa a apertar, a fazer coisas onde a pessoa não quer, quando a mulher não quer, nesse momento começa a agressão”. A27F*

*“Ele batendo nela! Quando ela diz não e ele quer, isso é violência. Ele quer alguma coisa e ela não quer, ele fica falando alto”. A7F*

*“Ciúme ou discussão, esculhambar, bater na namorada ou na esposa”. A11F*

*“[...] não só a parte de homens, meninas também que é principalmente muito ‘esquentadas’, quando discutem ficam esculhambado”. A23M*

Os estereótipos de gênero estiveram presentes na maioria das falas, a culpabilização feminina em relação a briga de casal e o controle da vestimenta feminina foram apontadas pelos adolescentes como uma das motivações geradoras de conflitos e agressões entre os casais.

*“É quando a mulher faz alguma coisa de errado e o homem quer bater nela, fala palavrões com ela, e a mulher também faz isso”. A30M*

*“O garoto ficar controlando as roupas das meninas, que não pode usar short curto”. A9F*

*“(...) dizendo que a roupa está curta. Minhas amigas só vestem o que os namorados delas deixam”. A2F*

*“(...) dizer que a pessoa não pode usar um short, que está muito curto, não pode usar essa blusa que está muito curta”. A12F*

*“(...) dizer que essa roupa não é de pessoa direita”. A24F*

O comportamento de controle e a restrição da autonomia feminina dentro do relacionamento, como a perda do direito de ir e vir da mulher após o início do relacionamento também foram apontadas como manifestações da violência no namoro. A proibição do contato com amigos e o controle das redes sociais e celular também estiveram presentes nos relatos.

*“É quando um homem bate na mulher, não deixa ela sair”. A33M*

*“[...] Quando a menina sai sozinha o menino vai e sai arrastando ela, bate nela porque saiu pra festa sem dizer pra ele”. A24F*

*“O namorado ou a namorada ficar sufocando com ciúme e não deixar sair com os amigos”. A10F*

*“Ir bater na pessoa porque está com raiva ou ficou com ciúme dela falando com um garoto. [...] A garota ficar querendo ver com quem você falou no WhatsApp®, briga e diz que vai acabar se eu não mostrar”. A3M*

*“Um bater no outro com ciúmes, não deixar sair de casa, ter amigos. (...) Proibir ela de falar com os amigos. Mas tem menina que faz isso também”. A9F*

*“Minha namorada é muito ciumenta. Às vezes, ela fica achando que eu traio ela, nem celular eu tenho, ela pensa que estou com as meninas da escola”. A28M*

### 5.2.1.3 Vivências de violência no namoro dos adolescentes ou pessoa próxima

Emergem, nesta categoria, as vivências de abusos nas relações de namoro pelos adolescentes, seus familiares, amigos e vizinhos. É possível destacar que a problemática da violência é uma realidade no contexto social dos adolescentes convergindo para a naturalização das agressões entre os parceiros românticos. A vitimização feminina surgiu como algo comum, em comparação a masculina, desvelando a influência das normas sociais que estimulam a desigualdade de gênero e violência contra as mulheres.

*“Quando começou a namorar ele mudou totalmente e falou alto comigo”. A11F*

*“Eu acho que sofri, eu considerava ele muito como amigo e ele provocou um estupro, já foi para a delegacia, teve audiência”. A21F*

*“Minha mãe já sofreu a violência física”. A31F*

*“A minha prima estava namorando e quando ela descobriu a gravidez ele bateu nela, sumiu e ela cuida do menino até hoje”. A16F*

*“Uma colega já falou que o namorado era muito abusivo, ele batia nela e até na relação sexual machucava ela”. A8F*

*“Minha amiga foi para festa com a gente e o namorado arrastou ela de lá. Ela disse que foi só dessa vez. Toda vez que a gente chamava ela para fazer alguma coisa ela dizia que estava ocupada, eu acho que ele não deixava e ela tinha vergonha de dizer para a gente”. A24F*

*“Algumas amigas já sofreram violência, depois da discussão os namorados batiam nelas [...] a pessoa que eu estou agora quando a gente discute fala coisas para machucar, muitos “palavrões”, xingando algumas vezes”. A18F*

Os depoimentos também revelaram consequências graves à saúde das vítimas dos abusos nas relações de namoro dos adolescentes ou seus familiares e amigos. Foi citada a redução da autoestima, lesões físicas, depressão, tentativa de suicídio e até situações irreversíveis, como o feminicídio.

*“Teve um dia que ela veio para cima de mim e me deu um ‘tapão’. Eu dei outro nela! Só aprende assim! [...] A menina que eu estava me deu um tapa e eu dei outro nela. A coitada passou uma semana de cara roxa”. A28M*

*“Já tive colega que entrou em depressão porque o namorado dizia todo dia que ela era feia e que estava com ela por pena. E ela era linda. Ela sofreu muito até esse namoro acabar. Se afastou das amigas e ficava pelos cantos”. A10F*

*“Já tive amiga que tomou remédio para morrer porque achou que tinha sido traída”. A2F*

*“Na minha família, o marido da minha tia matou ela, eles se separavam e voltavam muito. Teve uma vez que os dois se separaram e ele chamou ela para ir a uma festa, quando chegou nessa festa ele deu um tiro nela”. A18F*

#### 5.2.1.4 Ações de enfrentamento a violência no namoro descritas pelos adolescentes

Nessa categoria temática os adolescentes descrevem as possíveis medidas de prevenção da violência no namoro. As intervenções educativas foram bastante citadas nos relatos, justificando que o entendimento sobre o fenômeno auxilia na sua prevenção e controle. O investimento em ações que conscientizem e contribuam para as estratégias de não violência na resolução de conflitos, como o diálogo; a atitude de buscar ajuda profissional e de familiares/amigos, bem como ajudar amigos que estão passando pelo problema foram destacados como pontos importantes para reduzir as consequências dos abusos.

*“Conversas, palestra, chamar a atenção, conversar é dar apoio, perguntar o por que a pessoa está fazendo isso”. A12F*

*“Ensinar sobre respeitar o espaço do parceiro. As pessoas hoje em dia não têm tanta moral ou caráter para entrar em um relacionamento, pode ser pela idade ou pelos acontecimentos do passado”. A5M*

*“(...) trazendo projetos que falem sobre a violência, os jovens vão entender que a violência não é uma coisa boa”. A1M*

*“Acho que pode fazer campanhas, palestras, porque aqui tem muita violência, o povo briga por tudo e isso pode melhorar”. A25F*

*“Acho que pode fazer projeto, falar que se bater na mulher vai preso na lei Maria da Penha, assim os caras se ligam. É, na escola tem muita confusão, briga e isso pode ajudar”. A33M*

*“Poderia divulgar na televisão, nas escolas, fazer projetos para ir às escolas falar disso, nas igrejas”. A2F*

A busca por ajuda e a conversar com amigos para aconselhamento e apoio foram sinalizadas como estratégias para superar a situação de abuso sofrida.

*“A pessoa que bate em outra sem motivo, sem razão, não precisa da violência era só dialogar um com outro. Porque, hoje em dia, a pessoa não pode nem tocar na outra que já estão se batendo, se estranhando. Se uma pessoa dialogar com a outra, não precisa uma agarrar a outra para bater, brigar, discutir”. AIM*

*“Eu acho que deveria sentar para conversar, ter mais diálogo entre as duas pessoas, e as duas deveriam pensar antes de fazer qualquer coisa”. A29F*

*“É a pessoa se unir mais, conversar. Não ficar olhando a vidas dos outros, já que tem vizinho que fica.”. A20M*

*“As pessoas começam a pensar melhor antes de sofrer ou provocar a agressão, xingamento e não guardar para si, contar a alguém, isso ajuda”. A18F*

*“Só não esconder, ninguém gosta da violência, mas todo mundo acha normal porque todo dia passa na televisão um matando o outro”. A7F*

Os adolescentes também destacaram o diálogo entre os pares como estratégias para a resolução de conflitos não abusivas nos relacionamentos interpessoais, nos relatos anteriores. E, por fim, a escola foi identificada pelos participantes como ambiente oportuno para aplicação de medidas preventivas de violência no namoro, visto que este é um espaço de ampla interação social dos adolescentes e onde ocorrem, muitas vezes, as primeiras experiências afetivas/sexuais, considerado um ambiente profícuo para intervenções voltadas a promoção da saúde.

*“Os meninos de hoje pensam que são os pais das meninas, um exemplo, eu vou sair com um short e meu namorado não deixa, começa a xingar a menina, tu tem que ter cuidado que os homens olham, isso era pra escola ter uma aula falando sobre isso”. A27F*

*“Então a gente tem que falar sempre porque se deixar de lado vai continuar e ninguém se preocupa. Sempre lembrar, ter vários projetos porque na escola estamos sendo educados. Aqui eles precisam ensinar isso e eu vi várias pessoas que têm problemas”. A8F*

*“Nas escolas os meninos desmerecem as meninas, não só os meninos, as meninas também, mas tem menina que procura discussão, deveria conscientizar”. A23M*

*“Fazer projeto, falar com as pessoas, palestras na escola”. A24F*

*“[...] mostrar filmes, coisas assim porque tem muita confusão nessa escola mesmo”. A2F*

## 5.2.2 A intervenção: Círculos de Cultura com adolescentes multiplicadores

Os Círculos de Cultura ocorreram nos turnos da manhã e da tarde, em dia e hora previamente pactuados com os participantes e a gestão escolar, de modo a não comprometer as atividades curriculares do semestre letivo. A escola designou a biblioteca, a sala de informática e uma sala de aula, utilizadas de acordo com a disponibilidade da agenda escolar, para realização das atividades. Foram realizados seis encontros com duração média de duas horas.

Anteriormente ao início do primeiro Círculo de Cultura foi necessário pactuar com os gestores do educandário e responsáveis pelos adolescentes a estimativa prevista para duração da intervenção, como número e duração média dos encontros, para demonstrar o compromisso da pesquisadora e favorecer a participação dos adolescentes em todo o processo. Este momento possibilitou o esclarecimento de dúvidas dos pais/responsáveis que ainda existiam sobre a intervenção, em virtude da complexidade e crenças que circundam a temática. Tudo isso corroborou para o planejamento detalhado dos encontros, de modo a motivar o diálogo e reflexão crítica dos adolescentes sobre a violência no namoro.

O período de inserção da pesquisadora no educandário, anteriormente a realização dos Círculos de Cultura com os adolescentes possibilitou aproximá-la das crenças e cultura inscritos nos membros da comunidade escolar e que interferiam na visão de mundo dos adolescentes e forma de se relacionar com seus pares. Com isso, foi possível realizar o planejamento da intervenção educativa para o enfrentamento da violência no namoro entre os adolescentes, bem como o levantamento dos conteúdos mais relevantes para as ações educativas.

O primeiro encontro buscou aproximar os adolescentes da metodologia dos Círculos de Cultura a partir da reflexão sobre suas potencialidades e aspirações/sonhos, criatividade e habilidades artísticas e culturais, e de como se perceberem enquanto sujeitos/protagonistas de sua história de vida.

### 5.2.2.1 Primeiro Círculo de Cultura com os adolescentes - *Quem sou eu? Um ser adolescente!*

Este Círculo de Cultura teve como tema gerador “*Autoconhecimento: descoberta dos sonhos, potencialidades e a perspectiva de vida futura dos participantes*” que surgiu após a codificação e decodificação das entrevistas, dos registros em diário de campo derivados das observações participantes, participação em reuniões com a gestão escolar e pais e da interação com os adolescentes durante a inserção da pesquisadora no campo. A atividade teve por objetivo aproximar a pesquisadora/animadora dos adolescentes que participaram da formação e ampliar o conhecimento sobre o universo vocabular do grupo.

Neste primeiro Círculo de Cultura, visando acolher os adolescentes, foi criado um ambiente mais aconchegante com a sala organizada em roda e com presença de som ambiente durante a recepção dos participantes. O início da atividade foi marcado pelo **momento de apresentação e sensibilização** em que os participantes realizaram a customização dos seus crachás, identificando a forma como gostariam de ser chamados, seguida de sua apresentação e relato da expectativa para participação nas intervenções. Estas falas desvelaram o desejo de viver novas experiências educativas, com criatividade e diversão, bem como a expressaram motivação para melhorar a sua vida pessoal e escolar, conforme apreendido nos relatos abaixo:

*“Eu espero que seja melhor e que eu consiga saber melhor os assuntos”. A2F*

*“Vai ser excelente!”. A4M*

*“Espero mais criatividade para a escola!”. A5F*

*“Espero que tenhamos experiências legais”. A8F*

*“Espero que seja legal e que todo mundo possa se divertir e ter experiências boas”. A9F*

*“Espero ter uma melhora. Tanto na minha vida pessoal, como na minha vida escolar”. A10F*

Para estimular a boa convivência entre os adolescentes, foi proposto aos adolescentes a construção de um pacto de convivência para fixação das regras de convívio e estimular um ambiente propício ao desenvolvimento dos Círculos de Cultura. Um cartaz (figura 9) foi confeccionado tendo como arquétipo a figura de uma árvore, com todos os seus elementos, em que as raízes representaram o alicerce, base para que as atividades ocorressem de forma satisfatória; o tronco para sustento e direcionamento das ações e trabalho do grupo; as folhas que refletiriam o bom trabalho em equipe; e os frutos que deveriam ser coletados ao final da jornada.

O grupo mostrou-se motivado em refletir sobre as relações de convivência para o trabalho coletivo, além de comprometidos e conscientes de que a proposta educativa tinha em seus princípios a participação de todos para a construção de um resultado exitoso. Alguns comentários podem ser apreciados nos seguintes recortes de fala:

*“Precisamos ter paciência para esperar os frutos nascerem”. A1M*

*“Focar para atingir seus objetivos! Focar mais no que a gente vai trabalhar”. A6F*

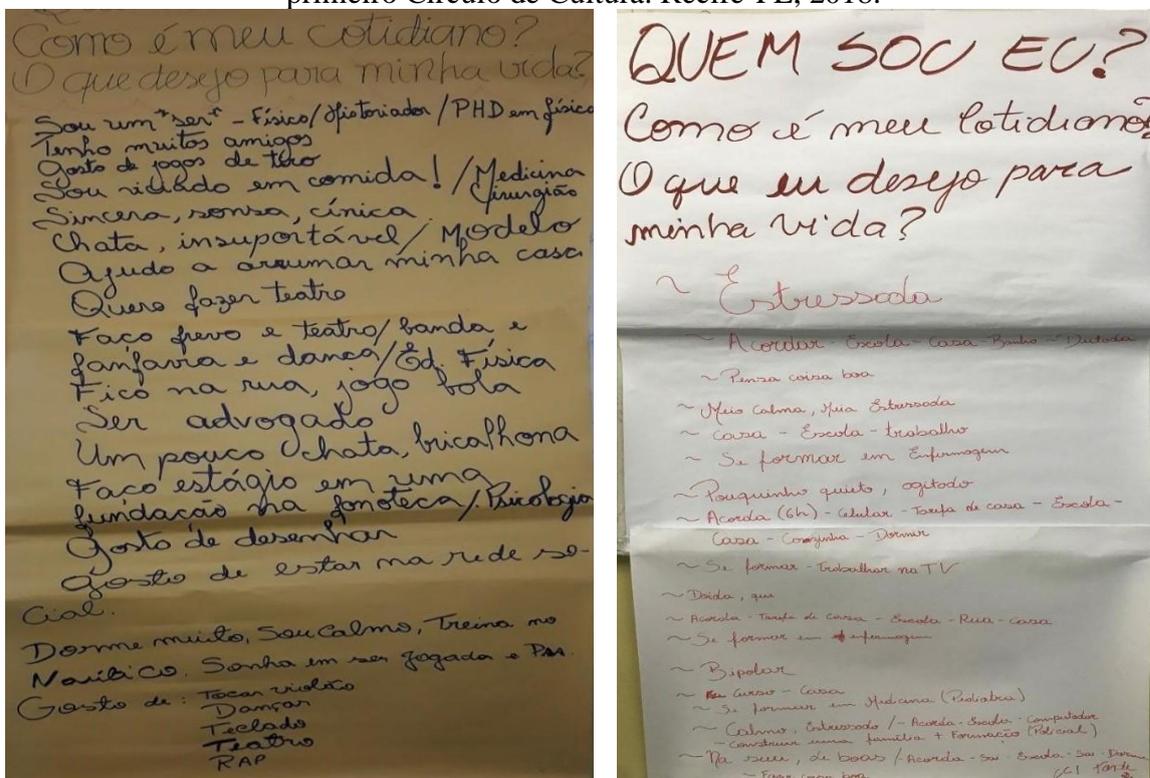
**Figura 9** – Pacto de convivência elaborado pelos adolescentes participantes dos Círculos de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora.

O momento de problematização partiu das seguintes questões norteadoras: “*Quem sou eu?; Como é meu cotidiano?; O que eu desejo para o meu futuro?*”. O grupo reagiu com empolgação e mostrou-se estimulado a reflexão, as falas subsidiaram a elaboração de um cartaz (Figura 10), mediado pela técnica de tempestade de ideias.

**Figura 10** – Mural com registros do autoconhecimento e projetos de vida dos adolescentes no primeiro Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora

Neste momento foi possível, através do diálogo, revisitar as características pessoais, rotina diária, atividades de lazer e habilidades dos participantes, com destaque para as aptidões artísticas e culturais como: a dança popular e contemporânea, música, escrita (poesia e música), fotografia, desenho, esportes. Além de atividades de lazer centradas no uso de jogos eletrônicos, como o *Free Fire*®, que estimulam atitudes violentas.

Algumas características pessoais elencadas pelos adolescentes traziam uma representação negativa de si próprios e revelavam angústias relacionadas a instabilidade emocional, como observado nas falas a seguir:

*“Eu me considero uma pessoa cínica, com pensamento negativo”. A5M*

*“Sou sincera, sou cínica também, sou sonsa”. A10F*

*“Eu sou muito bipolar! Meus sentimentos mudam de uma hora para outra”. A16F*

*“Eu sou uma doida no mundo. E estressada! Minha mãe, às vezes, diz que vai me levar para o hospício”. A18F*

*“Eu sou uma pessoa doida, que não quer nada com a vida”. A19F*

Emergiram também, de forma positiva, os sonhos relacionados ao projeto de vida pessoal e profissional, que idealizam possibilidades de conquistar uma formação superior ou técnica compatível com uma condição de autonomia financeira para constituir sua família, conforme descrito nos relatos a seguir:

*“Quero ser físico, ou um historiador e com certeza, PhD em química”. A5M*

*“O que eu quero para minha vida é ser juíza civil e modelo”. A10F*

*“Penso em fazer educação física”. A6F*

*“Eu quero fazer faculdade de psicologia”. A9F*

*“Eu quero me formar em Enfermagem, quero ter um futuro bom e ter meu apartamento, ter meu carro, se Deus quiser”. A12F*

*“Eu quero me formar em medicina veterinária, ter a minha família, meu emprego e poder ajudar minha família”. A17F*

*“Eu desejo me formar, ser galã da Globo®, trabalhar na televisão”. A20M*

*“Eu faço curso de primeiros socorros. Eu quero terminar os estudos, começar a estudar medicina, me formar pediatra”. A21F*

*“Eu quero construir uma família, me formar e quero ser policial”. A23M*

Na etapa de **fundamentação teórica** foi realizada a leitura e escuta/canto da música Mundo Jovem<sup>1</sup> (RALPHES; LI, 2006), que aborda questões relacionadas a respeito, projeto de vida e justiça social no âmbito da juventude (Figura 11), para posterior discussão no grupo.

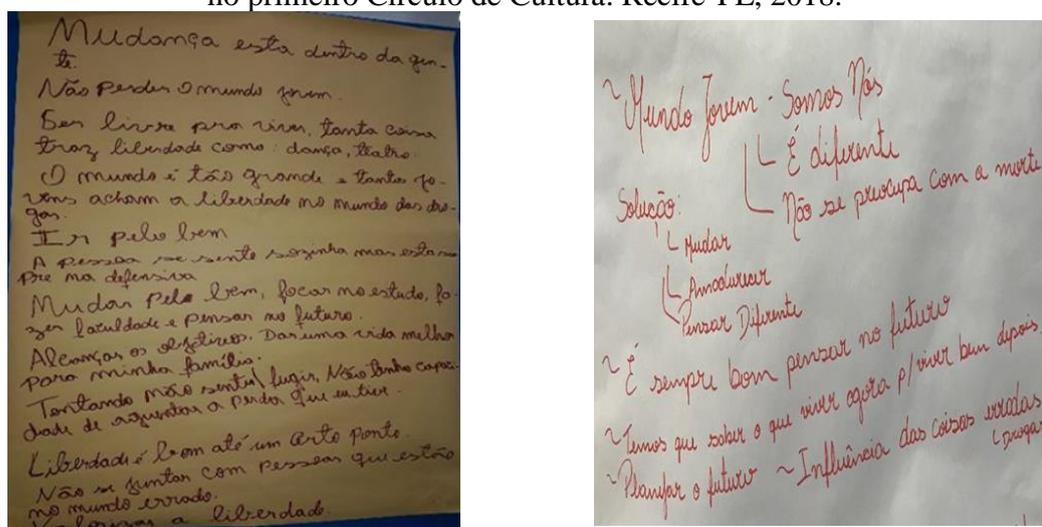
**Figura 11** – Momento de fundamentação teórica com os adolescentes no primeiro Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora

Após a leitura, teve início o momento de **reflexão teórico-prática**, em que se buscou estimular o diálogo a partir da articulação entre as questões de vulnerabilidade social presentes na letra da música e o cotidiano do grupo, levando a reflexão crítica sobre si e sua realidade social (Figura 12). Houve intensa interação dos integrantes, emergindo questões relacionadas a realidade social presente no dia a dia, como por exemplo do uso de drogas na adolescência e a violência social.

**Figura 12** – Mural com registros do momento de reflexão teórico-prática com os adolescentes no primeiro Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora.

<sup>1</sup>A música tem duração de 3 minutos e 32 segundos e foi lançada no álbum musical “Negra Livre” da cantora Negra Li, em 2006.

As atividades artísticas e culturais e a educação foram destacadas como alicerces estruturantes na elaboração de um projeto de vida que possa ser consolidado no futuro. Destacaram-se algumas falas, mais significativas, como:

*“É mudar pelo bem! [...] Tem gente que é livre pela droga e mudar pelo bem é deixar a droga e focar nos estudos. Fazer uma faculdade para pensar no futuro”. A2F*

*“Que a gente não perdesse a juventude. Que a gente é livre para viver, não é? Mas, muita gente é livre para viver e faz o que faz: entra no mundo das drogas, entra na vida errada. Porque aqui tem dizendo: “Ei mundo jovem livre pra viver”. O termo que eles tão dizendo aqui é um exemplo para não entrar no mundo das drogas, tem tanta coisa em que a gente pode ser livre, menos no mundo das drogas. Porque o povo diz: eu sou livre, mas muita gente não está no mundo das drogas pelo “livramento” que os pais e as mães deram. Não sabe que você tem um sentimento, que você pode fazer um ballet de ponta, um contemporâneo, aquilo ali é um livre. Você pode fazer um teatro, você pode soltar tudo que você tem dentro de si para o teatro”. A6F*

*“Acho que não escolher o caminho errado. Sempre escolher o melhor, escolher o caminho que futuramente a gente colha coisas boas. Não ir pelo caminho errado agora, se for pelo errado agora futuramente vai colher o que plantou. A mudança está dentro da gente! Eu acho que ela está querendo dizer que a gente é livre para fazer tantas coisas, para tocar um violão, para dançar, para fazer teatro, fazer uma faculdade e muitos jovens vão para as drogas, vão vender drogas, entendeu? Eu acho que o livre que ela está querendo falar é isso!”. A9F*

*“Tem que saber usar a liberdade! Valorizar a liberdade que a gente tem! Não ter essa liberdade para o mal. Não ir para o mal caminho! Usar essa liberdade para ir para lugares bons, com pessoas boas, não se juntar com um grupo de pessoas que já estão no mundo errado”. A9F*

*“Eu, pelo menos, entendi que a gente tem que focar no nosso futuro e lá na frente vamos ter nossos frutos. Uma das frases que tem aqui é: “ele planta hoje e amanhã os jovens que colherão os frutos”. Como se fosse a gente focar no futuro agora e lá na frente a gente está colhendo os frutos da gente. Focar e nunca fugir dos seus atos”. A10F*

*“Tem jovem que vive as coisas erradas e não sabe se vai morrer ou se vai ficar vivo. Tem que mudar. Mudar é uma coisa boa! Amadurecer! A20M*

O contexto de vulnerabilidade social/econômica também foi relatado, despertando a reflexão do grupo sobre sua realidade.

*“A gente tem que estudar, não é?! Alcançar nossos objetivos para lá na frente ter tudo. Como eu sempre digo a minha mãe: eu quero estudar para lhe dar uma vida melhor e se eu tiver um filho poder dar uma vida melhor. Uma coisa que minha mãe não pode dar a mim, por exemplo: ir ao shopping. E chegar lá na frente e ele pedir: mãe quero alguma coisa; eu comprar para ele na mesma hora. Então, agora meu pai saiu do emprego e só minha mãe está com emprego. É super difícil porque em casa somos também eu, meu irmão e meu avô. Meu avô trabalha, mas não é de ajudar. Está supercomplicado! Hoje em dia eu não posso pedir uma coisa para o meu pai comprar. Antes, quando ele trabalhava poderia ser que sim. Vou querer dar uma vida melhor para os meus pais e para o meu filho futuramente”. A10F*

A interação do grupo permitiu a adolescente A10, F sentir-se confortável e acolhida o suficiente para revelar sua inabilidade em lidar com questões de fórum íntimo, como a perda de um ente querido e o sofrimento diante do luto vivido.

*“Eu mesma tenho mania de fugir dos meus atos. Perdi minha avó 3 meses atrás. Eu estava tentando fugir daquilo, tentando não sentir o sentimento de perda. E me descuidei completamente porque tinha que dar força a minha mãe e eu não sabia ter forças. Estava querendo fugir de tudo, fingir que não estava acontecendo nada. Até hoje ainda fujo porque eu não tenho capacidade de aguentar a perda que eu tive. E aí eu tento fugir”. A10F*

Na etapa de **elaboração coletiva das respostas** foi retomada a questão geradora e os adolescentes articularam o conteúdo oriundo da reflexão crítica sobre os saberes populares e científicos. Eles destacaram a importância de viver o presente sem esquecer de semear os sonhos, e que é importante traçar objetivos de vida e esperar alcançá-los. Destacam-se os seguintes depoimentos:

*“Na ideia inicial já tinha o foco. Reforçou mais a minha ideologia. Eu tinha foco e agora eu tenho mais. Se não tiver esperança não dá em nada. Se a gente não pensar que lá na frente o que a gente possa mudar, a gente não vai ter nada!”. A8F*

*“Me deu esperança para acreditar em mim! Porque sou um pouco tímida. Mudei um pouquinho meu jeito de pensar! Me achava um pouco perdida, não era assim, mas depois que aconteceu as coisas com a minha avó, aí eu fiquei mais. E agora acho que não estou mais tão perdida”. A10F*

*“Quando a música falou que a gente sabe viver é porque a gente sabe das coisas certas e das coisas erradas e, muitas vezes, é influenciado pelas coisas erradas, mas sabe que está errado. Às vezes, achava que não estava certo pensar no futuro agora e, às vezes, achava que sim. Agora, acho que tenho que continuar pensando no meu futuro porque vai ser melhor para mim”. A12F*

*“A gente tem que saber dividir as coisas, saber viver o agora e tem que saber o que tem que viver depois”. A19F*

*“A gente pode dividir as coisas. Porque como é que eu vou viver o meu futuro se eu não estou planejando agora”. A20M*

No momento de **síntese** os adolescentes destacaram quais seriam as suas atitudes e estratégias mais importantes, no presente, para o alcance seus objetivos de vida futura, expondo as seguintes falas:

*“O futuro do jovem só depende do próprio jovem! Não tem como a gente dizer: o futuro dele vai ser assim ou não. A gente mesmo é que vai fazer nosso futuro! Tem gente que não acredita nos nossos sonhos e faz com que a gente também não queira acreditar”. A10F*

*“Pensar quem somos nós na nossa juventude. Que é bom a gente pensar no nosso futuro. Eu só penso nisso, inclusive”. A12F*

*“Fez a gente pensar o que pode ser da gente no futuro. Pensar que a gente não vai ser jovem para sempre, um dia vai ter que mudar as atitudes!”. A18F*

*“Que precisamos repensar as atitudes.” A18F*

*“Pensar no nosso futuro.” A23M*

No **momento de avaliação** o grupo expressou sua opinião acerca do encontro e das expectativas geradas para a atividade educativa. Alguns se expressaram através de palavras, como: experiência; libertação; revolução; conforto; ótimo; maravilhoso; excelente, como também mediante relatos mais amplos, como:

*“Foi maravilhoso. Todo mundo se abriu. Teve confiança de falar do seu pessoal para o grupo”. A2F*

*“Eu ia falar que foi uma felicidade só!”. A8F*

*“Houve confiança para conversar, para contar história! Nós podemos escutar mais o outro e não querer sempre está falando, falando. Do mesmo jeito que eu tenho coisas para contar o outro também tem!”. A9F*

#### 5.2.2.2 Segundo Círculo de Cultura com os adolescentes – O ser menino e o ser menina adolescente na sociedade

As entrevistas com os adolescentes revelaram conteúdos relacionados às crenças sobre a violência no namoro, muitas vezes resultantes das suas vivências no ambiente familiar, comunitário e nas relações de namoro que, ao serem codificados e decodificados, auxiliaram a pesquisadora a identificar o tema gerador sugerido a este Círculos de Cultura: “Papéis e estereótipos de gênero e sua interferência nas relações interpessoais dos adolescentes”.

Este Círculo foi iniciado, **momento de sensibilização**, por uma dinâmica, de descontração e aquecimento (Figura 13), denominada “Diga o seu nome”, composta de dança, expressão corporal, imitação e vocalização com o canto, com o intuito de instigar o grupo que havia passado pela semana de avaliações.

**Figura 13** – Momento da dinâmica de descontração e aquecimento com os adolescentes participantes no segundo Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora.

Com o grupo aquecido, foi efetuada outra dinâmica, intitulada “Pense rápido”, agora para sensibilizá-los sobre a temática. Nela, os participantes, foram estimulados a pensar e verbalizar, de forma rápida, quais adjetivos ou características que eles atribuíam aos meninos/homens e meninas/mulheres. O objetivo da atividade foi captar o imaginário socialmente construído no inconsciente dos adolescentes sobre os estereótipos sociais de gênero. Emergiram neste momento algumas *construções sociais de gênero*, conferindo ao sexo feminino uma maior proporção de características relacionadas a beleza física, passividade, submissão e com o papel de gestora do cuidado familiar, como: “bonitas”, “gostasas”, “elegantes”, “vaidosas”, “carinhosas”, “cuidadosas”, “fiéis”, “respeitadas”, “chatas” e “ciumentas”. Em menor proporção foram listadas qualidades femininas vinculadas ao prestígio intelectual e socioeconômico, sendo elas: “inteligentes”, “independentes”. Ao sexo masculino foram atribuídas mais características relacionadas ao status e notoriedade social, como “inteligentes”, “independentes”, “normais”, “muito legais”. Também foram expressos aos meninos atributos, como “machistas”, “infiéis”, “mentiroso”.

Na **problematização** foram apresentadas duas questões norteadoras (figura 14): “*Quais são os papéis definidos na sociedade para meninos e meninas? Ambos têm os mesmos direitos?*”. O grupo se mostrou bastante motivado em expor suas opiniões. Surgiu, de início, a *visão machista da sociedade sobre o exercício da sexualidade*, que permite e estimula os meninos a liberdade para vivenciar múltiplos relacionamentos afetivos e sexuais como forma de aprendizado e amadurecimento, enquanto as meninas são educadas a reprimir seus impulsos sexuais para preservar sua imagem social, corroborando a construção social do machismo que já emergiu na etapa anterior da intervenção. Abaixo destacam-se algumas falas emitidas durante a problematização:

*“É o que eu digo: se um homem for para uma festa e pegar três na noite, é o garanhão. Se a mulher for é puta.”. A6F*

*“Eu acho que muitas pessoas da sociedade pensam que com os homens podem ser mais liberais [...] não ligam muito se os homens namorarem. Já com a menina é diferente, tem que prender, não pode namorar, e quando pode tem que ser no dia certo”. A12F*

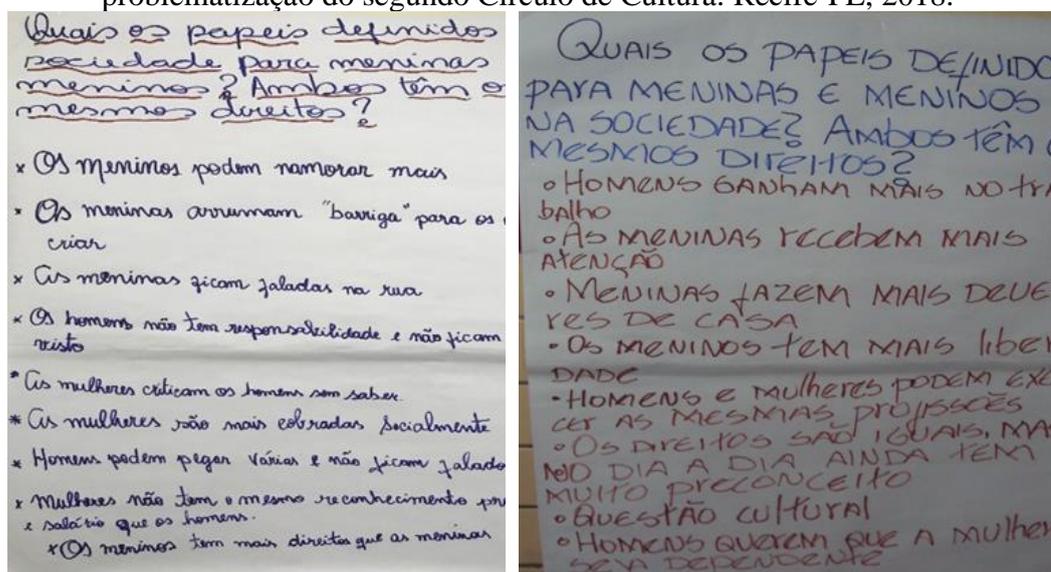
*“Porque na sociedade para o homem nada é difícil. Para o homem tudo é fácil, pode pegar várias, que nunca vai ser falado, nunca vai acontecer nada”. A12F*

*“A mulher tem mais prejuízo! Porque tem pirralho que faz o menino e larga.”. A1M*

*“As meninas têm que criar o filho quando “pegam um bucho”. Tem homens que fazem papel de homem, assumem seus atos. Tem outros que não, que fazem um filho aqui outro ali, e fingem que nada aconteceu”. A2F*

*“A gente tem que tá presa e eles podem sair”. A16F*

**Figura 14** – Mural sobre o ser menino e ser menina na sociedade no momento da problematização do segundo Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora

A desigualdade de direitos entre os sexos foi descrita como algo presente no cenário escolar, onde os meninos têm liberdade de vestir roupas fora do padrão estabelecido como fardamento escolar, enquanto as meninas são tolhidas deste direito. Neste momento da problematização o grupo feminino se manifestou de forma mais enfática, expondo questões relacionadas a *objetificação e sexualização do corpo feminino* que, segundo elas, são reforçadas quando se estabelecem regras de vestimenta mais rigorosa ao sexo feminino.

*“Na escola os meninos podem vir de bermuda e as meninas não podem vir de short”.* A6F

*“Os meninos podem vir para a escola de sandália, podem vir de bermuda. E se a gente vir de saia é até aqui (aponta para baixo do joelho). Se não, vai levar falta, vai para casa. Se a gente vir de camisa normal assim de manga curta dizem: não, você vai voltar e vestir sua camisa. Aí os meninos podem entrar de regata a gente não pode falar nada”.* A11F

*“Não pode vir de calça rasgada, porque o homem tem tesão em joelho. Não pode vir de regata, porque tem tesão por ombro”.* A2F

*“É para não tirar a concentração dos meninos, que dizem”.* A10F

O grupo também se manifesta sobre os estereótipos sociais que padronizam a moda feminina e masculina, as profissões adequadas a cada sexo e gênero, com destaque para a alta costura e ao esporte. Além da *desigualdade financeira entre homens e mulheres*. Mereceram destaque as seguintes falas:

*“Se a menina colocar uma roupa de homem, as pessoas dizem: é sapatão. Se o menino ficar brincando com a irmã ou com uma menina de boneca, as pessoas dizem: não deixa esse menino brincar disso não, vai ser gay, vai ficar afeminado”.* A24F

*“Que eu saiba mulher também pode usar azul. Por que homem não pode usar rosa? Cores não vem dizendo azul é de menino, rosa é de menina, as cores são cores”. A10F*

*“Se botar um homem para ser estilista de moda vão falar logo que é gay por causa do machismo”. A12F*

*“Ser jogador de futebol mesmo: a sociedade é machista! Por isso o porquê de se a jogadora de futebol for mulher, dizem: essa é lésbica! Agora, se eu for jogar é normal. Mas é que eles são iguais. Marta (jogadora de futebol) é a melhor jogadora e tem mais gols que Pelé na seleção”. A4M*

*“Mas Marta (jogadora de futebol) não é reconhecida. O povo mostra que Neymar é o melhor jogador, mas Marta também é a melhor jogadora e não se mostra isso. Mas, eu acho também que é por causa da sociedade que é machista”. A10F*

*“Tem homem que é mais recompensado financeiramente que mulher”. A19F*

No final da problematização os adolescentes trouxeram outros elementos relacionados a *cultura patriarcal e as relações de poder* existentes na sociedade, e que se perpetuam ao longo do tempo, para justificar as diferenças de tratamento dada aos homens e mulheres, como destacados nas falas a seguir:

*“Acho que uma coisa que tem a ver com esse negócio de que antigamente muita mulher ficava em casa”. A23M*

*“Acho que é costume da sociedade”. A12F*

*“É como se o homem tivesse mais valor que a mulher. E Eles querem que sejamos dependentes deles”. A21F*

*“Meu pai arrumou um emprego para minha tia. Quando ela começou a trabalhar, o marido dela ia atrás, todo dia. Era um aperreio!”. A18F*

Para a **fundamentação teórica** foi utilizado o vídeo “Desigualdades de gênero no olhar de crianças” que utiliza a diferença nas recompensas oferecidas a crianças, em que os meninos recebiam uma gratificação maior que as meninas, após a execução da mesma tarefa, designada a ambos os sexos (DESIGUALDADES, 2018). Após a exibição do vídeo, a animadora questionou o grupo sobre o que mais chamou sua atenção em relação à situação apresentada na mídia, sendo então iniciado o **momento da reflexão teórico-prática**. Os adolescentes destacaram que se tratava de uma situação de injustiça e que reforçava a ideia de desigualdade do reconhecimento social das atividades desempenhadas por homens e mulheres na sociedade. Eles relataram sentimentos de raiva, tristeza e angústia ao assistirem o vídeo, destacando a influência da cultura na perpetuação das diferenças nas relações de gênero presentes na sociedade. Destacam-se algumas falas mais significativas:

*“Isso é injusto com as mulheres”. A3M*

*“Mulheres e homens trabalham igual e nós (mulheres) ganhamos menos”. A22F*

*“As meninas devem receber a mesma coisa também”. A4M*

*“Se fosse aqui, o menino ganhar mais e a menina ganhar menos, o menino ficaria dizendo: ganhei mais que tu, otária! Iria ficar zombando da menina porque ele ganhou mais”. A24F*

*“[...] Isso é por causa da sociedade. É cultural! Eles pensam que vão ser trocados, que vão ficar sem atenção”. A3M*

*“Antigamente as mulheres não trabalhavam, ficavam em casa cuidado do filho e da casa. E os homens trabalhavam. Mas hoje em dia não! Os homens se tornam ameaçados pela mulher trabalhar, ser independente, ter o próprio dinheiro e não depender do homem, porque é cultural ela ficar em casa”. A10F*

*“Lá em casa o esposo da minha irmã trabalha. E quando ela diz que vai começar a trabalhar, ele diz: comece não viu, você vai ficar em casa! Aí começa a confusão e eu saio logo de perto. Ela não trabalha e fica em casa cuidado das meninas, e fazendo comida e as coisas”. A11F*

Durante a reflexão teórico-prática, foi apresentado por uma integrante da intervenção uma situação abuso que estava sendo exibida em uma telenovela, cujo marido não aceitava que a esposa trabalhasse e fosse bem-sucedida. O caso exposto no teledrama refletia questões culturais relacionadas ao machismo e as relações de poder entre homens e mulheres na sociedade. Este exemplo despertou inquietação em todo o grupo e produziu amplo debate entre os adolescentes, sendo destacadas algumas falas:

*“A gente pode tirar pela novela. Tem uma mulher que ela está trabalhando, ela é chef de cozinha, e o marido não aceita de jeito nenhum que ela trabalhe. E por se sentir muito ameaçado ele queria bater, por ela trabalhar. E ele a vendo ficar mais famosa, mais bonita, porque ela está sendo mais vaidosa, está indo comprar as coisas, comprar roupas, que antes ela não ligava para ela mesma. [...] É inveja, ciúmes. Ele vê que tem um monte de homem em cima dela, pedindo autógrafa, essas coisas. O pior é que ele fica xingando ela de doida, e outras coisas. A10F*

*“Ele tem inveja dela, ciúmes”. A6F*

*“É errado! Porque o homem quer a mulher só para ele”. A3M*

*“Eu acho que o homem pensa que a mulher, só porque se casou, vai ficar em casa atrás dele, e ele sendo o bonzão que vai trabalhar”. A12F*

*“Também não são todos. Agora a gente está no século XXI [...] essa história do homem deixar a mulher em casa cuidado dos filhos é muito antiga. [...] agora o povo está entendendo mais, algumas pessoas estão entendendo mais, e estão vendo que a sociedade está mudando, que somos evoluídas”. A10F*

No **momento de elaboração coletiva das respostas**, além das discussões já apresentadas, foram destacados caminhos para combater as diferenças existentes entre homens e mulheres na sociedade como o uso das redes sociais para campanhas, projetos, panfletos, conversas e debates com a sociedade. Para os adolescentes estas medidas poderiam contribuir para maior inserção das mulheres no mundo do trabalho, além de colaborar para ampliar o

diálogo, compreensão, entendimento, parceria e igualdade entre homens e mulheres no cotidiano social.

*“Respeito, apoio. Apoiar um ao outro, ter inteligência”. A3M*

*“Se você for tratado com indiferença em casa, não passar isso, essa indiferença, para outras pessoas, como os filhos”. A15F*

*“Que o salário de homens e mulheres sejam iguais”. A27F*

*“É preciso respeitar todos e todas”. A20M*

*“A gente tem que fazer a diferença! Que os direitos são iguais. [...] Eu pretendo trabalhar, ser independente, não depender de homem, porque homem é hoje, não é amanhã, e é isso!”. A10F*

*“Arrumar um emprego bom para que eu possa ter dinheiro para se sustentar. Se respeitar! Casar, pode! Mas tem que ter o seu dinheiro. Na hora que você quiser sair tem o seu dinheiro. [...] Ter independência e dar conselhos: do homem para a mulher e da mulher para o homem também, dar o apoio”. A12F*

No **momento de síntese**, os participantes destacaram os elementos mais significativos do apreendidos na atividade educativa do dia. Foi enfatizada a importância dos conhecimentos adquiridos no encontro para o enfrentamento das desigualdades de gênero no futuro e da importância em levar as discussões do encontro para a vida pessoal. Algumas falas que retratam o conteúdo estão destacadas abaixo:

*“Aprendi sobre igualdade. Mudar os nossos hábitos também, e os nossos erros. Ter mais compreensão e ter um relacionamento saudável, um relacionamento com respeito, compreensão, com confiança”. A10F*

*“Que homens e mulheres têm que ter os mesmos direitos. Temos que mudar o jeito de pensar, homens e mulheres têm os mesmos direitos, acho que foi o mais forte. Eu acho isso, não por conta dele, mas eu acho que a mensagem mais forte é que homens e mulheres têm os mesmos direitos, é o mais forte, o que mais fecha”. A12F*

*“Aceitar que a mulher tem a mesma força que o homem para enfrentar a vida”. A14F*

*“Que o padrão da sociedade tem que mudar. Mudar a gente, mudar o modo de pensar”. A24F*

*“Mudar a sociedade e, também, usar a inteligência. O mais importante de ter é determinação! Confiança! Mudar nossos hábitos e o nosso jeito de pensar”. A3M*

*“Que os direitos são iguais”. A4M*

*“Ter mais respeito com as mulheres”. A1M*

Na **etapa de avaliação**, os adolescentes expuseram suas opiniões sobre o aprendizado e dinâmica utilizada para a atividade educativa, que foi avaliada como positiva pelo grupo:

*“Foi legal e bom”. A24M*

*“Foi bom hoje. Acho que mudou meu pensamento”. A16F*

*“Foi ótimo, maravilhoso”. A27F*

*“Muito aprendizado”. A19F*

### 5.2.2.3 Terceiro Círculo de Cultura – Namorar me faz alegre ou triste?

Assim como nos demais Círculos de Cultura, o tema gerador “Relacionamentos abusivos e violência no namoro” derivou da busca da pesquisadora em sistematizar o conhecimento prévio dos adolescentes a partir da investigação prévia.

O encontro teve início com a dinâmica “Cuidando do seu namoro” (figura 15), no **momento de sensibilização**. Para tanto, os adolescentes receberam lápis, bexigas e um recorte de papel em que deveriam registrar uma frase ou palavra representativa de uma relação de namoro feliz, colocando-o na bexiga, que deveria ser preenchida por ar. Em seguida, cada participante recebeu uma tarjeta que continha os personagens envolvidos, direta ou indiretamente, nas relações de namoro/ficar, foram eles: namorado, namorada, crush, amigo, amiga, “ficante”, irmão, irmã, prima, pai, professor, sendo então orientados a jogar as bolas para o ar, sem deixá-las cair, ao som de uma música animada, imaginando que a bexiga era seu relacionamento. A única regra era não deixar as bexigas caírem e os participantes poderiam ajudar uns aos outros quando alguém perdesse o controle de seu balão. Aos poucos, a animadora foi retirando os participantes da dinâmica, restando, ao final, apenas aqueles que possuíam as tarjetas “namorado” e “namorada”.

**Figura 15** – Momento de sensibilização com os adolescentes no terceiro Círculo e Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora.

Ao término da música, todos retornaram aos seus lugares, sendo, cada um, orientados a escolherem uma bexiga, de forma aleatória, estourando-a para leitura das frases/palavras previamente escritas. As frases revelaram que, para eles, uma relação feliz deveria ser regada

de companheirismo, cumplicidade, confiança, compreensão, respeito, reciprocidade, lealdade, empatia e livre de violência verbal ou física. Algumas destas falas estão registradas abaixo:

*“Sonho com mais amor e carinho, compreender o lado de cada um”*. A8F

*“É a sinceridade que é a base de tudo”*. A12F

Entretanto, segundo alguns depoimentos, é muito comum a ocorrência de infidelidade nos relacionamentos e ela pode estar relacionada a falta de satisfação, valorização, afeto ou cumplicidade entre o casal. Segundo os adolescentes este tipo de situação conduz a quebra de confiança e respeito entre os namorados(as):

*“Nem todo o namoro tem compreensão ou respeito, assim como nem sempre têm gaia”*. A10F

*“Acho que é questão de caráter. Ter uma recaída e “pegar” numa festa, não! É falta de caráter. Estou namorando, vou respeitar. Pronto! Acabou-se!”*. A32F

*“Mas tem uma coisa: se ele procura outra pessoa, minha filha, é porque você não está satisfazendo ele, simplesmente isso. Tipo assim: ela está ficando com o boy e o boy fica com outra pessoa, ele só fica porque a outra pessoa não o valorizou. Porque ela não deu valor a ele, por isso que ele está pegando outra”*. A26F

*“Eu acho que se tem gaia a pessoa não gosta da outra, se tu estás com uma pessoa, se uma pessoa está namorando com a outra é porque aquela pessoa está lhe satisfazendo. Para que tu vais procurar alguém na rua, se já tem uma pessoa que tu amas, para mim não tem para que (fazer) isso não. [...] Muitas vezes as pessoas namoram já pensando que não vai dar certo. Eu posso namorar com ele procurar outra pessoa. Mas, se eu namoro com ele, será que ele é uma boa pessoa, é uma pessoa legal para namorar? Será que namorando com ele vai procurar outra pessoa por aí?”*. A12F

Os adolescentes também expuseram opinião sobre a retirada dos outros personagens que interagem com o casal de namorados(as) durante a dinâmica. Eles destacam que estes atores sociais podem ajudá-los a partir do momento em que escutam suas vivências. Entretanto, alguns integrantes também apontaram que a depender do perfil das relações sociais e familiares em que estes namorados(as) estão inseridos(as) a participação destes atores poderá ser negativa, atrapalhando o relacionamento. E que, por isso, cada pessoa divide sua intimidade em decorrência dos arranjos destas relações sociais e familiares. Destacam-se alguns trechos de fala:

*“A bola caiu porque não tinha ninguém para segurar. Significa que o casal e a relação são importantes e as pessoas que estão por fora ajudam”*. A17F

*“[...] tem amigos que dão conselhos para aquele namoro crescer mais”*. A12F

*“[...] tem família que a gente abre demais, tipo o relacionamento é da família, mas tem família que quer montar e se mete demais, em qualquer briguinha”*. A24F

*“Na minha opinião quem tem que dar o equilíbrio no namoro é o namorado e a namorada e não os amigos.” A14F*

O momento de **problematização** constituiu-se a partir da seguinte pergunta norteadora: O que você sabe sobre violência no namoro? Para sistematizar o conhecimento dos adolescentes foi proposta a elaboração coletiva de cartazes que trouxessem o conhecimento do grupo sobre a temática. Houve intensa interação e o grupo se mostrou interessado e colaborativo confecção dos cartazes e a produção foi apresentada e discutida no coletivo (Figura 16).

**Figura 16** – Momento dos adolescentes em atividade coletiva de produção de cartazes na etapa de problematização no terceiro Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora.

A violência no namoro foi considerada crime e as formas citadas pelos adolescentes foram a psicológica/verbal, física, sexual; em duas ilustrações o assassinato de mulheres foi usado como exemplo de violência no namoro, sendo motivado pelo ciúme. O consumo de bebidas alcoólicas também foi indicado como um elemento que eleva a vulnerabilidade das vítimas de parceiros abusivos (Figura 17).

Abaixo estão alguns recortes de fala que retratam conteúdos relacionados aos conceitos, causas e classificação da violência no namoro. Nas falas os adolescentes abordam como atitudes violentas o ciúme excessivo, o controle de roupas, o comportamento de ameaça; e os abusos verbais, físicos e sexuais:

*“No início do namoro todo casal tem ciúmes, é uma coisa normal. Mas só que o ciúme pode passar pra possessividade e você pode levar como um simples ciúme, sendo que se começar algo mais sério, essa possessividade pode levar ele a bater. Por exemplo: no começo do namoro ele dizia a roupa que ela tinha que vestir e ela achava que era ciúme até que um dia, quando foram morar juntos, ele bateu nela para fazer o que ele quer, vestir a roupa que ele queria e não a que ela queria”. A14F*

*“A gente tem que entender que isso é errado. Possessividade não pode se chamar ciúme, porque ciúme é quando você quer cuidar de uma pessoa. Porque ciúme,*

quando a pessoa faz algo que você não gosta, você vai e fala sobre. E possessividade é quando você acha que aquela pessoa é sua, você é dono daquela pessoa, a pessoa tem que andar como você quer, porque você é dono dela. E o namoro não é isso, isso pode levar a dor, sofrimento psicológico.” A17F

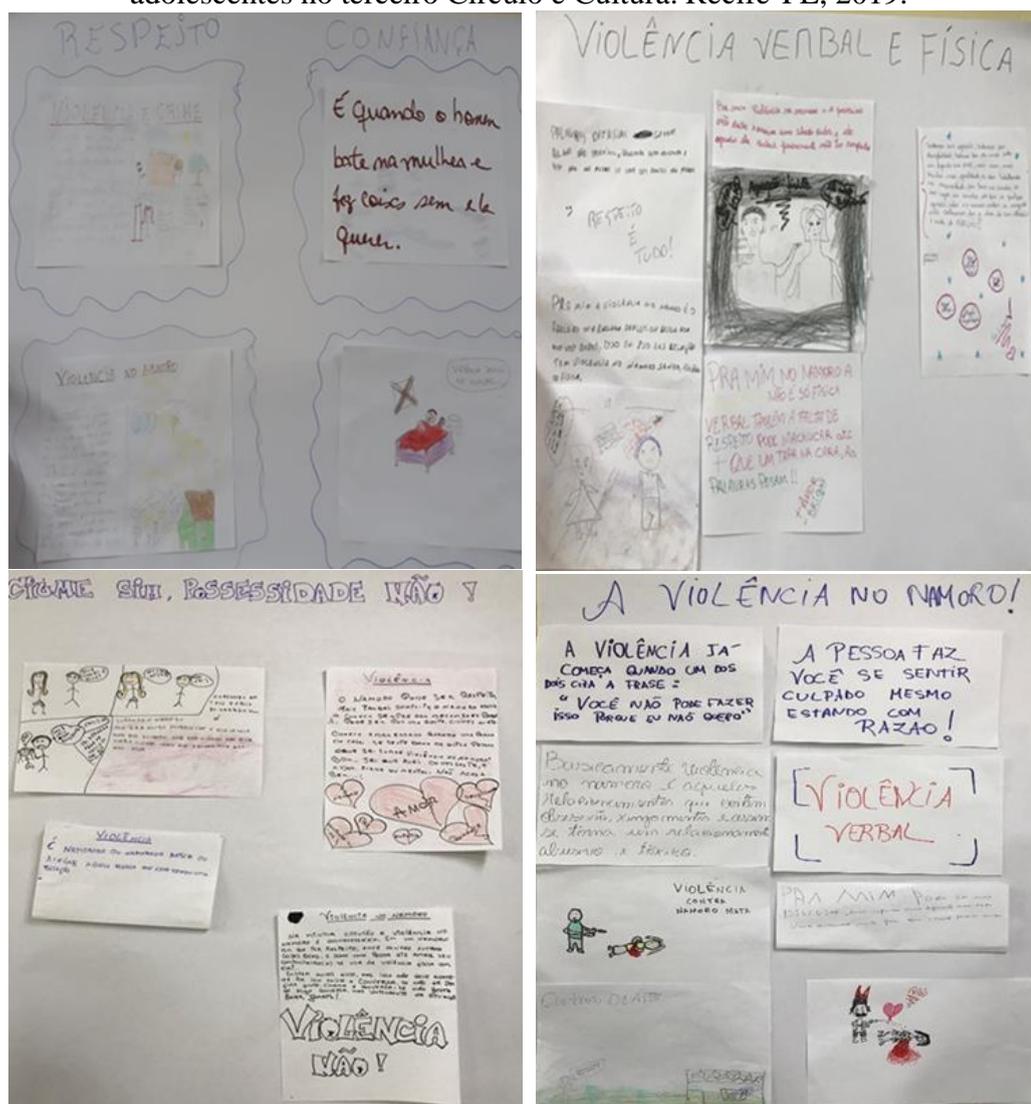
“A violência não é só agressão, mas se o namorado vai sair com a namorada e ela tem vários shorts curtos e ele diz tira, tira que eu não quero que você vá com essa roupa, isso aí já é uma violência”. A12F

“A violência no namoro começa quando um dos dois cita a seguinte frase: você não pode fazer isso porque eu não quero. A pessoa faz você se sentir culpada mesmo estando com razão. Basicamente, violência no namoro contém obsessão, xingamentos e assim se torna um relacionamento abusivo e tóxico”. A2F

“É, como posso dizer, é ele está dando na cara dela, falando vários palavrões e dizendo que ela é burra e que ela não faz nada dentro de casa”. A10F

“Violência sexual é quando ele faz uma situação (sexo) quando a mulher não quer, abusa da mulher. Isso é falta de respeito. Tanto para o homem quanto para a mulher”. A27F

**Figura 17** – Mural com registro das representações da violência no namoro para os adolescentes no terceiro Círculo e Cultura. Recife-PE, 2019.



Fonte: Acervo da autora.

Uma adolescente destacou a dificuldade em reduzir a violência nas relações de namoro em virtude de sua elevada ocorrência através de abusos verbais e físicos nos relacionamentos deste grupo etário.

*“A violência gera violência e isso não vai mudar assim, uma não violência é respeito. Para mim a violência no namoro é o parceiro ou a parceira discutir ou brigar por motivos bobo, por isso 80% das relações do namoro vai ter violência verbal ou física”. A6F*

Também foram expostas situações de violência nos relacionamentos afetivos vivenciadas por pessoas próximas e parentes dos adolescentes:

*“Aconteceu com minha mãe. Ela e meu ex padrasto, eles moravam juntos e ele não queria que ela trabalhasse. Quando eu fui morar com ela, comecei a descobrir que ele batia nela, aí ele parou um pouco. Só que quando eu fui morar com meu pai de novo, ele voltou a bater nela. Meu irmão se envolveu na situação e os dois se separaram. Ele batia muito nela por causa da roupa, porque ele queria que só usasse roupa do joelho pra baixo.” A21F*

*“Outra situação é quando o “cara” ingere drogas e bebida alcoólica. Porque eu tenho uma vizinha e um vizinho, eles moram juntos e você escuta os gritos dela, brigando, chorando, pedindo para ele parar. Até minha mãe disse que isso é para denunciar, que isso é errado!”. A27F*

*“Minha prima conheceu o menino e com menos de um mês já foi morar com ele, aí terminou que ele engravidou ela e batia muito nela porque não queria que ela saísse, entre outras coisas. Aí, do nada ele sumiu e deixou ela lá.” A16F*

No momento da **fundamentação teórica** ocorreu a leitura de um texto elaborado pela animadora e denominado *“Violência no namoro: vamos conhecer este problema!”* que abordou o conceito, tipos de violência no namoro e as motivações mais comuns para estes abusos. Um adolescente voluntário realizou a leitura em voz alta, enquanto os demais participantes o acompanhavam.

No **momento de reflexão teórico-prática**, os integrantes comentaram o que mais lhes chamou atenção no texto e a violência social ou relacional foi destacada como muito comum no cotidiano do namoro na realidade do grupo. Ainda no início da discussão, uma integrante declarou que havia se afastado de alguns familiares a pedido do namorado, contudo, considerava esta situação como algo aceitável, sem a compreensão de que se tratava de um comportamento abusivo.

*“Tem parte da minha família que ele (namorado) não vai com a cara, aí ele manda eu parar de falar, aí eu paro. Ele diz se você falar vai ter briga. Aí é vice-versa: se ele não faz o que eu não gosto eu também não farei o que ele não gosta. Eu também acho normal mexer na rede social, eu mexo no celular do meu namorado”. A24F*

O depoimento mobilizou o grupo, sendo abordada a importância em saber que se trata de um comportamento abusivo e de dividir esses acontecimentos com amigos e/ou familiares

para que se sintam encorajados a enfrentar a situação. Abaixo alguns dos relatos mais significativas, como:

*“Antes do namoro a gente já tem uma vida. Independentemente, temos uma família, amigos, entendesse! O namoro pode durar um ano, dois anos, dez anos e pode acabar. E o que resta não é a família?”. A32F*

*“A gente não pode empatar ele ou ela de falar com a própria família. Ai se você se sentir sozinha e quiser alguém para conversar? Mas essa pessoa que você parou de falar é aquela que te dava conselhos, que fazia de tudo para lhe ver bem”. A2F*

Durante a interação os participantes discutiram sobre alguns comportamentos compreendidos como não saudáveis pelo grupo e que poderiam, no futuro, agir como preditores de violências mais graves nos relacionamentos afetivos. Eles também pontuaram quais os limites a serem respeitados para que não haja violência no namoro, além de sugerirem alguns caminhos para melhor lidar com essas situações.

*“Muita gente pode dizer: não, ele só falou aquilo brincando e tal. [...] Poxa, ele me agrediu! E não foi batendo, não foi com palavra, foi de internet, todo mundo fica sabendo, todo mundo viu. E fica feio para mim entendeu?” A17F*

*“A gente tem que entender que não é só pela idade, ou porque está junto, ou porque estuda junto, que vai ou não acontecer. Pode acontecer com qualquer um, só que a gente não pode ficar calado, e falar que está acontecendo porque eu mereci ou porque estava errada”. A17F*

*“Eu acho que o texto aqui diz que ciúme nunca é justificativa para isso. Que não é bom a gente está indo para o caminho da violência. A10F*

*“Acho que é sempre possível ultrapassar uma situação de violência com ajuda de alguém”. A29F*

*“Uma coisa que eu digo é: no dia em que eu começar a namorar novamente ela vai ter que me aceitar. Porque eu gosto de brincar, eu gosto de conversar com todo mundo. A26M*

Na etapa de **elaboração coletiva das respostas** adolescentes destacaram que é necessário haver compreensão, diálogo e respeito entre os namorados para que não ocorram situações de violência e que o ciúme não é motivo para agressões. Também emergiu na discussão a necessidade dos amigos e familiares estarem atentos aos sinais de violência no namoro, mas também que é preciso que as vítimas busquem ajuda devido aos prejuízos que podem acarretar à saúde.

*“Independentemente da situação de um namoro, nunca se deve partir para a violência física. Porque não tem necessidade! A pessoa vê que está chegando a um ponto que não está gostando mais, o diálogo é muito importante”. A24F*

*“A gente tem que entender que pode ter amigos sofrendo isso e a gente não agir porque a gente não presta atenção. E que se for você, deve sempre buscar ajuda da mãe, pai, sogra, vizinha, polícia”. A17F*

Durante a elaboração das respostas o grupo aponta o sentimento de desconfiança entre o casal como um dos motivadores da violência no namoro e que a vítima não é culpada pelas agressões sofridas. O grupo também afirma que não se expressa amor através de atos violentos; apresenta algumas consequências decorrentes da vitimização a problemática e sugerem o diálogo, o respeito e a compreensão entre o casal como formas de enfrentá-la.

*“Porque tem muita gente que tem aquele ciúme possessivo e diz: eu faço isso porque eu te amo. Não! Amar é respeitar, é entender e conversar!” A2F*

*“Você não é culpado pelo que aconteceu ou está acontecendo”. A23M*

*“É assim a violência nunca é a forma de expressar o amor, a paixão. Quer dizer que a violência não é solução para nada!” A6F*

*“Quando a pessoa passa por isso se sente sozinho ou assustado, isso pode levar a pessoa, o parceiro ou a parceira, a depressão”. A27F*

No momento de **síntese** os participantes enfatizaram a relevância de entender e reconhecer atitudes violentas nas relações de namoro, com o objetivo de quebrar o ciclo da violência nos relacionamentos afetivos e ajudar outras pessoas que vivenciam esses abusos a enfrentá-los.

*“Se hoje eu não entender o que é uma violência, aí no futuro essa violência pode ser mais grave!”. A14F*

*“O ciúme não justifica para nenhum tipo de violência.” A3M*

*“Eu acho que a pessoa pode estar em um relacionamento abusivo e ninguém sabe. Até a pessoa, às vezes, nem tem o conhecimento. Tem gente que nem passa pela cabeça que está em um relacionamento abusivo e ela pode estar vivendo em um. Mas o bom é que aqui, depois de hoje, tu já sabes.” A25F*

*“temos que entender que a gente pode sofrer e também tem mais gente sofrendo isso. E a gente não age, por que não presta atenção.” A17F*

*“Se acontecer comigo, eu vou em alguém denunciar”. A20M*

Na fase de **avaliação** os integrantes revelaram que estavam agitados, mas que isso não atrapalhou a atividade, considerando o encontro como muito bom.

*“Tirando a conversa, foi bom (...) nos ensinou muitas coisas.” A29F*

*“Foi top.” A25F*

*“Foi massa, foi legal!” A20M*

#### 5.2.2.4 Quarto Círculo de Cultura – Consequências da violência no namoro

A animadora iniciou o Círculo retomando o conteúdo discutido no encontro anterior para aproximar os adolescentes do tema gerador: *“Consequências da violência no namoro à saúde dos adolescentes”*. O grupo foi recebido com boas vindas e uma música instrumental de

fundo e, no **momento de sensibilização**, foi proposta a dinâmica do papel amassado (figura 18). Cada participante recebeu uma folha em branco, devendo apreciá-la para observar todos os seus detalhes, cor, textura, ou outro elemento que a compusesse.

**Figura 18** – Momento da dinâmica de sensibilização com os adolescentes no quarto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora.

Após um minuto de observação, os adolescentes foram orientados a amassar a folha formando uma bola de papel e depois a desamassá-la, tentando moldá-la a estrutura original. E que eles se esforçassem ao máximo para alcançar o objetivo. Alguns adolescentes ficaram surpresos com o pedido e apreensivos ao não conseguirem mais deixar a folha íntegra e surgem alguns comentários, como:

*“Você amassou a pessoa e a pessoa vai ficar com a marca, amassada”. A28M*

*Antes ela estava normal e agora foi amassada, ela nunca mais vai voltar ao que era antes, fica marcada de toda forma”. A9F*

*“Namorou com alguém e se despedaçou. Ela vai lembrar do que aconteceu. Ela vai seguir com as marcas”. A20M*

Alguns educandos ficam com dúvidas e a animadora esclarece-os comparando o que aconteceu com a folha com uma situação de violência no namoro, metaforicamente, como se a

folha fosse uma pessoa marcada por esse tipo de abuso. E mais alguns se manifestam gerando um debate entre o medo de uma nova agressão e a reprodução do comportamento violento por parte da vítima:

*“A pessoa vai ficar magoada, machucada”. A11F*

*“Ela não vai querer mais namorar”. A16F*

*“Ela vai lembrar do que aconteceu e vai seguir com as marcas”. A20M*

O diálogo continuou até que o grupo percebesse que existem muitas formas de reagir às situações de violência, como por exemplo, reproduzir os abusos sofridos, apresentar medo e desenvolver sofrimento psíquico, como a depressão e a automutilação.

*“Ela vai voltar outra pessoa e vai tratar as pessoas desse mesmo jeito”. A27M*

*“Ela pode entrar em depressão. Ela pode se cortar”. A27F*

*“Ela pode ficar com medo de ser tratada daquele mesmo jeito, mas não acho que ela vai tratar as outras pessoas da mesma forma”. A28F*

Ao final da sensibilização, buscando introduzir o momento da **problematização**, foi lançada a seguinte pergunta condutora: *“Que consequências a violência no namoro pode trazer a saúde dos adolescentes (vítimas e agressores)?”*. E o grupo foi convidado a elaborar cartazes ilustrando esses prejuízos decorrentes da violência nas relações de namoro. Após a confecção dos cartazes pelos integrantes, foi realizada a apresentação no grupo para que todos compreendessem o conteúdo presente no material elaborado. Durante este momento do encontro, algumas narrativas descritas nos cartazes chamaram atenção por abordarem as relações de dominação e controle entre o casal, bem como a associação do consumo de álcool ou outras drogas como justificativa ou como elemento encorajador das agressões perpetradas pelos parceiros; além de situações extremas como a automutilação, o suicídio e o feminicídio.

*“No começo os sentimentos dela eram coloridos. Eram ativos, eram bonitos. Depois, que aconteceu isso [...] a violência, ela se sentiu triste e escura por dentro. E não tinha mais o brilho que ela tinha antes”. A17F*

*“No começo tudo era bem lindo, bonitinho, organizadinho, colorido. Aí, depois, quando se casa, vem as coisas ruins. [...] O escuro porque ele batia nela, ela não podia sair, não podia usar roupa, e ela sentia a tristeza dela, a agonia”. A20M*

*“Eles namoravam e ele a chamou para ver um filme em casa. Ele quis fazer sexo e ela não, aí ele puxou a roupa dela e fez sexo com ela a força e bateu nela. Ela ficou muito triste”. A26M*

*“No começo era tudo beleza, ele era bonito, ela achou que ele era um príncipe encantado. Depois de alguns anos, ela engravidou e teve um filho, mas ele só queria saber de jogo, não queria saber dela, não queria ajudar e ela fazia tudo sozinha. Foi tanta pressão, tanto peso em cima dela que ela pensou em se matar”. A29F*

*“Ele não gostava dela. Dizia que só namorava com ela porque um dia tirou a virgindade dela e a mãe dela mandou ele assumir. Ele gritou [...] e ela foi para o quarto chorando, falando que odiava a vida e começou a se cortar”. A15F*

*“Ela sofreu violência sexual e engravidou. Ela encontrou refúgio se automutilando”. A16F*

*“Aqui é um caso diferente, porque geralmente é o homem que bate na mulher, mas, só que aqui é a mulher que bate no homem. Ela bateu tanto nele que ele ficou em depressão e queria se matar. [...] aí, infelizmente ele tomou chumbinho, mas só que ele não morreu, ficou na UTI em estado grave. É isso...”. A4M*

*“Aqui é uma menina que sofria violência física, veja que ela está sangrando e aqui na imagem também tem um coração partido, ela se decepcionou na vida amorosa. [...] Foi um ano de namoro e [...] ela sendo espancada. E chegou um tempo que ela não aguentou mais, pegou uma arma, veneno e foi para cima do apartamento, para se suicidar. Tomou remédio, pegou a arma e atirou na cabeça, e caiu”. A22M*

*“Aqui é uma menina antes e depois do relacionamento. Ela ficou com trauma, pânico, depressão, medo, ansiedade e se suicidou”. A32F*

*“Aqui eram dois meninos, eles namoravam e brigavam muito com ciúme, aí ficaram com depressão achando que um não gostava do outro, eles tiveram a ideia de se matar. Sem saber, no mesmo dia os dois se mataram: um se informou e o outro foi para cima do prédio deu um tiro na cabeça e caiu lá de cima”. A1M*

*“O marido dela ingeriu bebida alcoólica, chegou em casa [...] e forçou a fazer coisas que ela não queria. E aí, ele matou ela. Veio a ambulância do IML, ali é o saco do IML”. A27F*

*“Ele pensou que ela tinha traído ele, aí ele matou ela. Três tiros ele deu”. A13M*

Durante a apresentação dos cartazes houve um misto de indignação, comoção e brincadeiras sobre as narrativas das imagens produzidas pelo grupo. Ao mesmo tempo, os adolescentes participavam do momento com tranquilidade e demonstrando certa aproximação com o tema. Um dos desenhos trouxe a vivência de uma adolescente que integrava a atividade sobre uma situação de abandono perpetrada pelo seu ex namorado e pai de seu filho

*“meu desenho fala de depressão. É como se fosse uma família, [...] eles ficam mais de dois anos juntos e depois ela tem um filho dele e ele vai embora. Quer curtir a vida, não quer segurar aquela barra pesada. Ela diz para ele não ir cedo assim, que o menino (filho) não sabe nada da vida, não compreende. [...] Ela vai segurar a barra pesada sozinha. Porque ele não paga a despesa, não paga nada! Então, ela fica com o menino e tem uma depressão e pensa em se matar (choro). Mas, ela não deixa se levar, vai superar tudo e cuidar do filho dela, mesmo não tendo nada dele. Os pais dela ajudam. Ela quer subir na vida! E ela vai ajudar o filho dela!” A31F*

O conteúdo dos cartazes produzidos retrata os abusos presentes no cotidiano dos adolescentes, alguns deles representativos de vivências pessoais ou de familiares e amigos (Figura 19). Dentre eles foram listados: o comportamento de controle de roupas e amizades; ameaças do(a) namorado(a); sexo desprotegido e vulnerabilidade para gravidez e infecções sexualmente transmissíveis; violência verbal; até agressões mais graves, como a violência

física, sexual, suicídio e o feminicídio. Além da automutilação, uma forma de violência praticada pela própria vítima contra si.

**Figura 19** – Mural com os registros das representações das consequências da violência no namoro a saúde das vítimas e agressores produzidos pelos adolescentes no quarto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora.

Ao término das apresentações a animadora questionou o grupo se havia outras consequências decorrente dos abusos nas relações de namoro, sendo iniciada uma discussão que mobilizou a elaboração de um cartaz com o conteúdo. Os efeitos negativos da violência no namoro para vítimas, elencados pelo grupo foram: traumas, arranhões, cortes profundos, cicatrizes, hematomas, dores psicológicas, medo, fobia, pânico, depressão, suicídio, infecções

sexualmente transmissíveis. Os prejuízos relacionados aos adolescentes agressores: dor na consciência, receio, ansiedade, problemas de saúde mental.

No momento da **fundamentação teórica** foi realizada a leitura do texto “*Impactos e consequências da violência no namoro entre adolescentes*”, adaptado pela animadora do folheto educativo para crianças da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2011) para esta atividade, e que abordou as repercussões à saúde dos adolescentes vítimas e agressores e quais os caminhos para superá-las.

Ao término da leitura os adolescentes iniciaram o momento de **reflexão-teórico-prática** e debateram sobre os elementos do texto que consideraram mais importantes e que trouxeram novos conhecimentos ao que já havia sido debatido na problematização. Surgiram fatores contextuais que influenciaram os adolescentes a perpetrar a violência no namoro, como a violência doméstica/intrafamiliar. Os integrantes também contextualizam sobre as situações que podem levá-los ao sofrimento e destacam a importância em compreender que os agressores também sofrem as consequências ao praticarem atos de violência e precisam de ajuda tanto quanto aqueles que sofrem as agressões.

*“Aprendi que não é somente as vítimas que sofrem, mas também os agressores”. A4M*

*“Eu acho que ele (o agressor) pode ficar com a mente pesada”. A12F*

*“Se a pessoa matar alguém, a pessoa [...] não vai dormir direito. Ele nunca vai ter paz”. A28M*

*“Tem também a questão dos pais, do pai e da mãe terem muitas brigas e o menino se revolta. Não que isso justifique, lógico que não, mas também pode acontecer”. A23M*

*“Eu tenho uma amiga que ontem o marido chegou bêbado em casa. E ela não queria ficar com ele e saiu de casa. Ele chegou: Cadê ela? (com palavrões) e a filha disse que ela não estava, mas já viu a mãe apanhar. Ela pode achar que isso é normal, não é?”. A26M*

Em relação às vítimas dos abusos nas relações de namoro, o grupo destacou as consequências relacionadas a saúde mental e traumas, a gravidez. Durante essa reflexão emergiu à discussão uma situação de estupro que culminou em traumas e gravidez não planejada a vítima do abuso.

*“Eu nunca pensei que a violência no namoro fosse causar insônia, esses distúrbios de humor, distúrbios alimentares”. A27F*

*“Aprendi muita coisa aqui de consequências, a depressão, o suicídio que a depressão pode levar”. A31F*

*“Minha tia quando era mais nova foi morar em Vitória de Santo Antão. Na época ela tinha uns 14 anos. Chegando lá, minha tia foi violentada sexualmente por esse amigo do meu avô. Ai, ela terminou engravidando [...] ela tem trauma até hoje. A16F*

No momento de **elaboração coletiva das respostas**, o grupo enfatizou que é preciso não permitir que os primeiros abusos aconteçam, pois os abusos nunca serão esquecidos. Eles

também apontaram que as sequelas existirão e que os agressores também podem sofrer essas consequências.

*“[...] que não preciso de ninguém para ser feliz”. A5M*

*“Não deixar a pessoa que se relaciona oprimir a gente”. A9F*

*“Que quando a agressão acontece uma vez pode se repetir. É melhor cortar pela raiz”. A10F*

*“A agressão pode acabar um dia, mas você sempre vai lembrar dela” A17F*

*“O agressor pode ter sido vítima. Não é desculpa para ele fazer, mas pode [...] ter algum distúrbio ou trauma”. A9F*

*“A violência cria muitas doenças”. A16F*

*“Nem sempre é só a vítima que está doente”. A17F*

Os adolescentes também salientaram a dificuldade que as vítimas apresentam em buscar ajuda e que é necessário perder a vergonha e o medo de ser julgado e contar o que está acontecendo para seus familiares e/ou amigos, além de buscar os profissionais de saúde para superar o problema.

*“As vítimas não procuram ajuda”. A10F*

*“Não procura ajuda por medo de ser julgado”. A13M*

*“Chamou atenção que quem sofre essas agressões não procura ajuda, acha que isso é normal”. A20M*

No **momento de síntese**, o grupo registrou que vítimas e perpetradores podem sofrer as consequências da violência, sendo necessário buscar ajuda. E que é preciso solidariedade e empatia com vítimas e agressores.

*“Quem sofre não é só quem foi agredido”. A23M*

*“Causa depressão e depressão leva a morte”. A26M*

*“O agressor deve procurar ajuda”. A21F*

*“A se colocar no lugar do outro”. A20M*

*“Ter empatia”. A16F*

Na **etapa de avaliação**, os adolescentes exaltaram o debate e reflexão promovidos no encontro para avaliar como satisfatório o encontro.

*“Foi legal essa parte aqui, debatendo”. A2F*

*“Gostei muito desse debate”. A28M*

*“O trabalho em grupo foi legal”. A23M*

### 5.2.2.5 *Quinto Círculo de Cultura com os adolescentes - Como agir para promover a resolução não violenta de conflitos no namoro?*

O momento de **sensibilização** foi iniciado com a dinâmica roda invertida, em que os adolescentes formaram um círculo, com todos de mãos dadas, e receberam a orientação de inverter a roda sem que ninguém soltasse a mão durante esta mudança. Quando algum adolescente tinha uma ideia de como fazer o círculo inverter, deveria dar um passo à frente e falar as instruções para que os demais seguissem a orientação. Os participantes ficaram ansiosos para desvendar este enigma e acharem a solução. Depois de algumas tentativas, um integrante propôs uma forma de resolução efetiva e os outros foram colaborando para a conclusão do objetivo. Ao fim da dinâmica a animadora estimulou os integrantes a relatarem como se sentiram durante a dinâmica e foi possível verificar os seguintes comentários:

*“Dificuldade”. A6F*

*“Complicação”. A33M*

*“Medo”. A28M*

*“Me senti desconfortável”. A8F*

Os adolescentes também foram encorajados a expor a opinião deles sobre qual mensagem aquela dinâmica trazia ao grupo, levando em conta as situações de conflito no namoro, a seguir encontram-se alguns pontos de vista:

*“Pra pensar e achar uma solução[...] pensar junto”. A9F*

*“Tentar compreender a situação com o outro”. A10F*

*“Saber conversar”. A28M*

*“Ser inteligente”. A33M*

*“Saber agir”. A3M*

Durante a reflexão sobre a dinâmica os adolescentes chegaram à conclusão de que o diálogo é fator primordial para resolução do conflito no namoro. Porém, compreendem que a conversa nem sempre é fácil de ser estabelecida, devido a existência de alguns obstáculos como gritos, raiva e agressões físicas. Sendo assim, eles acreditam que dependendo da situação e dos comportamentos é importante esperar um tempo para refletir sobre o que aconteceu para enfim dialogar com o namorado ou namorada. Mas, que também é preciso mudar as atitudes.

*“No namoro o mais importante é o diálogo, o respeito por cada um. Mas nem sempre é isso que acontece, às vezes um dos dois é uma pessoa explosiva e não é fácil dialogar. A9M*

*“Se a pessoa não dialogar, como é que vai arrumar uma solução para o problema, se não dialogar não vai mudar nada”. A8F*

*“Quando tem um conflito é preciso conversar para chegar numa solução”. A33M*

Durante este momento da sensibilização houve dúvida de alguns integrantes sobre a diferença entre conflito e violência e algumas integrantes trouxeram a seguinte explicação:

*“A violência vem através do conflito”. A18F*

*“Conflito é quando a sua opinião é diferente da outra pessoa e aí, a outra pessoa não aceita e você vai discutir. A violência vai além disso. A17F*

Na sequência, o grupo debateu sobre as motivações para que os conflitos ocorram nas relações de namoro dos adolescentes, sendo listados: a roupa, ciúmes, debater sobre as amigas e as interações nas redes sociais.

*“Às vezes as mínimas coisas [...] até comentários no Instagram®”. A9F*

*“Às vezes as amigas dele vem falar e eu estou do lado, fico me controlando né? A27F*

Para o momento de **problematização**, a lançada a seguinte pergunta: *Como agir para promover a resolução não violenta de conflitos no namoro?* E para estimular a discussão a animadora fez a exposição do vídeo *“Bridge: não precisamos derrubar ninguém para seguir”* que aborda o conflito entre animais que tentam atravessar uma ponte estreita e se cruzam no meio do percurso (BRIDGE, 2010). A animadora incentivou o grupo a imaginar que a situação do vídeo fosse um conflito na relação de namoro e a reflexão foi aberta.

Os adolescentes expuseram que houve falta de diálogo e empatia, levando a não solução do conflito e que para conseguir resolver os problemas que surgem no namoro é preciso ter empatia, calma e paciência. Ainda na problematização, o grupo foi dividido para composição de cartazes que expressassem a resolução não abusiva de conflitos no namoro (figura 20). Os adolescentes elaboraram os cartazes e alguns usaram a massa de modelar para retratar as situações de conflitos.

Os grupos abordaram os desentendimentos causados por ciúmes, destacando-se como principal cenário para o conflito, o uso das redes sociais. Todos os cartazes confeccionados pelo grupo apontaram o diálogo como forma mais efetiva de solucionar os conflitos e elencaram quais seriam os possíveis argumentos utilizados nessa conversa com o parceiro. Abaixo seguem dois trechos referentes ao ciúme decorrente do uso das redes sociais, como o recebimento de mensagens de amigos:

*“Para eles se resolverem, ela disse pra ele que a base do namoro deles era a confiança, não tinha porque ele ficar bravo, porque ela não tinha lido a mensagem, ela bloqueou a mensagem e não ligou mais, aí eles se resolveram”. A12F*

*“O argumento que ela usou foi que ela não respondeu o comentário dele, e que ela sempre se entregou a esse relacionamento. E que não tinha por que o relacionamento deles ficar apagado por um comentário de uma pessoa que ela nem conhecia, aí ela conversou, disse que amava ele, aí eles se resolveram e terminaram se abraçando, e ficou tudo felizes para sempre”. A9F*

**Figura 20** – Mural com as representações de estratégias de resolução não abusivas de conflitos no namoro produzidos pelos adolescentes no quinto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora.

No momento da **fundamentação teórica** foi utilizado o texto “O conflito” (MENDOZA, 2011), adaptado pela animadora para o encontro. Os participantes se alternaram na leitura, sendo estimulados a observar com atenção a mensagem por ele transmitida.

Após a leitura foi solicitado ao grupo, no momento de **reflexão teórico-prática**, a reflexão sobre a mensagem apreendida pelo texto (figura 21). Os adolescentes estavam empolgados e bastante participativos na discussão, expressando suas perspectivas sobre a leitura, onde elencaram atitudes que colaboram para a resolução não violenta de um conflito no namoro. Além de abordarem novamente a relevância do diálogo, refletiram sobre a importância de compreender o parceiro e de não se esquivar da resolução dos conflitos, porque isso poderia

afetar a continuidade saudável do relacionamento ou até mesmo das próximas relações afetivas. Durante a discussão destacaram-se algumas falas, como:

*“A gente saber entender o lado do outro”. A10F*

*“Tem que ter colaboração”. A33F*

*“Encarar a situação, não com violência ou gritaria, mas com diálogo. Conversar sobre o problema, como abordou aqui os temas de rede social. Esse tipo de conflito mesmo é bom encarar, explicar como é, para depois não ser pior, ou no momento também acontecer alguma violência”. A9F*

*“E sempre um escutando o outro, não é?”. A28M*

*“O casal deve procurar [...] entender um ao outro”. A12F*

**Figura 21** - Momento de fundamentação teórica com os adolescentes no quinto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora.

Na etapa de **elaboração coletiva das respostas** buscando a formação de uma resposta coletiva baseada nos conhecimentos prévios dos adolescentes somado ao aprendizado do círculo foi retomada a questão geradora. Os participantes acentuaram a importância de se colocar no lugar do parceiro antes de agir para resolver um conflito e reforçaram que para evitar atitudes violentas, às vezes, é necessário se afastar e refletir para depois solucionar o conflito. Observando-se as seguintes falas:

*“Você se colocar no lugar do outro e pensar se aquilo que você vai falar para ela, ela gostaria de escutar e se você gostaria de escutar”. A17F*

*“[...] quem fala o que quer, escuta o que não quer”. A20M*

*“Eu mesmo vou para casa”. A21F*

*“Sai para respirar, fica mais calmo.”. A17F*

No momento de **síntese** os integrantes estabeleceram os elementos e métodos mais eficazes para resolver uma situação de conflito no namoro sem a presença da violência, apresentando as falas a seguir:

*“No conflito a pessoa tem que aprender a dialogar com o outro”. A16F*

*“Manter a paciência, vê o que vai falar para as pessoas não se magoar”. A18F*

*“Colocar respeito acima de qualquer dificuldade”. A17F*

*“A ter paciência”. A22M*

*“Respeito”. A19F*

*“Eu aprendi aqui que tudo agora não é só na violência e sim no diálogo, né”. A28M*

*“O respeito sempre tem que fortalecer, né. O respeito sempre tem que estar”. A12F*

Para o **momento de avaliação** os adolescentes compartilharam suas opiniões sobre o encontro, onde apontaram o que acharam de mais interessante e alguns também partilharam uma autoavaliação durante o círculo, expondo as seguintes falas:

*“Foi ótimo. Foi divertido. Interagi bastante”. A10F*

*“Gostei da conversa”. A33M*

*“Mexi na massinha, amei”. A30M*

*“A roda foi massa”. A4M*

*“No meu grupo mesmo a maioria cooperou”. A25F*

#### 5.2.2.6 Sexto Círculo de Cultura – Protagonismo Juvenil na Prevenção da violência no namoro e promoção da cultura de paz

O Último Círculo de Cultura teve início com uma **dinâmica de sensibilização** intitulada “Caras e Bocas”, que trabalha a criatividade e a expressão corporal através da mímica (figura 22). O grupo foi organizado em círculo e cada integrante sorteou um papel em que estavam escritos sentimentos, características ou emoções, que deveriam ser expressas pela expressão corporal, sem emitir nenhum som, para que os demais pudessem adivinhá-la.

**Figura 22** – Momento da dinâmica de sensibilização “Caras e Bocas” no sexto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora.

A dinâmica *Caras e bocas* foi um momento de intensa descontração e interação entre os participantes e, ao término os adolescentes descreveram os sentimentos gerados com a representação, revelando ansiedade e nervosismo pela insegurança gerada em expressarem o que estava designado, especialmente, porque existia uma plateia formada pelos demais integrantes da atividade.

*“Eu fiquei ansiosa!”. A17F*

*“Eu fiquei com vergonha em fingir deboche.” A23M*

*“Para mim foi até fácil, eu tenho estudado sobre isso, sobre expressões faciais. São basicamente como expressar os sentimentos de como eu quero ser hoje”. A5M*

O momento de **problematização** foi iniciado com a seguinte pergunta: *“De que forma vocês querem atuar como multiplicadores entre seus pares na disseminação de conhecimento sobre a prevenção da violência no namoro?”*. Os adolescentes destacaram a responsabilidade envolvida em dividir os conhecimentos ali apreendidos de forma sistematizada, diferentemente do que ocorreu até este momento em que dialogavam com colegas de sala sobre os encontros e compartilhavam materiais, mas de modo informal. Com base nessa compreensão os integrantes iniciaram o levantamento das características individuais de cada um para que definissem o caminho mais adequado para atuarem como multiplicadores, numa ação elaborada e desenvolvida pelo grupo, destacando-se algumas falas:

*“Preciso está sorrindo independentemente da situação”. A21F*

*“Mostrar que na escola poderia ter mais coisas”. A31F*

Durante a **fundamentação teórica** (Figura 23) foi utilizado o texto intitulado “Como transformar situações de conflitos dentro e fora do namoro para promover a cultura de paz” (CREA, 2017), que apresenta formas não abusivas de resolver os conflitos e sugere formas de atuação de protagonistas de cenário escolar.

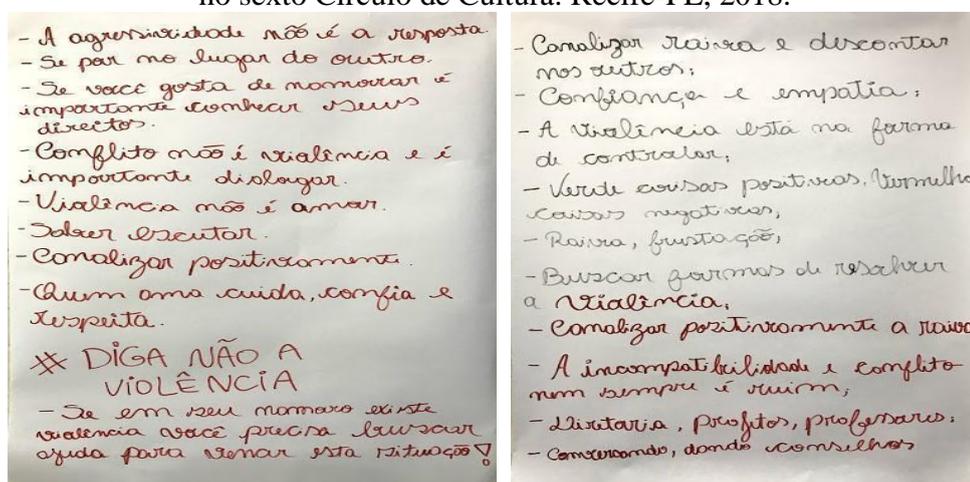
Ao final da leitura, no momento de **reflexão teórico-prática**, o grupo refletiu sobre que elementos abordados no texto que poderiam contribuir com a elaboração da intervenção educativa. E dentre os itens listados como imprescindíveis para a elaboração da ação, os adolescentes destacaram a confiança, empatia, buscar ajuda para resolver as situações de abuso nos relacionamentos, seja de profissionais, ou da própria família. Eles também destacam o controle de emoções, o diálogo, a necessidade de saber escutar o outro, organização de projetos e outros, conforme destacado na figura 24.

**Figura 23** – Momento de fundamentação teórica com os adolescentes no sexto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora

**Figura 24** – Mural com registros do momento de reflexão teórico-prática com os adolescentes no sexto Círculo de Cultura. Recife-PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora

No momento de **elaboração coletiva das respostas**, os integrantes retomam decodificação do texto e um integrante destacou que a intervenção precisa inserir uma mensagem sobre a necessidade de se conhecer os direitos dos namorados:

*“Ser tratado com carinho e respeito. Escolher seus amigos, roupas, trabalho e religião. Decidir se quer ou não fazer sexo. Recusar sexo sem camisinha. Terminar o namoro”. A5-M*

E a animadora estimulou o grupo a buscar respostas coletivas para a sua atuação como multiplicadores, surgindo ideias como debates, seminários, músicas/raps, vídeos, teatro.

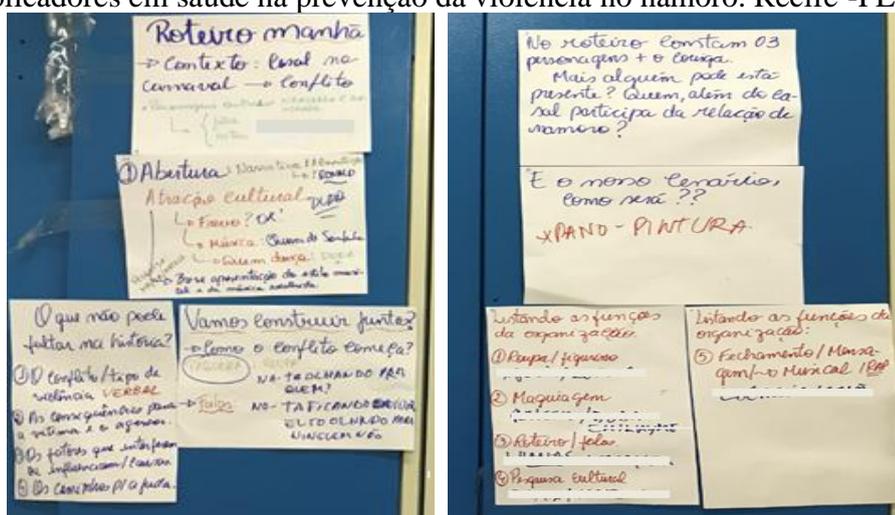
*“Fazer um debate assim. Pega uma quantidade de aluno de cada sala, tipo cinco de uma sala, cinco de outra iria ser uma conversa”. A23M*

*“Talvez um vídeo e um seminário. Podia apresentar ao vivo e, também algo mais lúdico, para mobilizar mais ‘a galera’”. A5M*

A partir das habilidades dos integrantes dos Círculos foram listadas atividades que poderiam ser realizadas pelo grupo, como discussões em salas, elaboração de cartazes e músicas/Raps e após refletirem com uma das integrantes que já havia feito teatro e atualmente realizava dança popular e o grupo pensou em inserir um elemento cultural à proposta do grupo, surgindo a ideia de uma peça teatral para o encerramento do projeto no educandário. Neste momento os adolescentes iniciaram a elaboração de uma ideia de roteiro para a peça (figura 25) que, devido à proximidade do término do semestre letivo, foi finalizado, juntamente com demais atividades, no semestre subsequente. Sendo destacada a expectativa do grupo para o acolhimento das ações para sensibilização no educandário, conforme percebido na fala a seguir:

*“Espero que as pessoas entendam o que a gente quer passar, que possa causar uma mudança de pensamento”. A23M*

**Figura 25** – Mural com o roteiro inicial da peça teatral para atuação dos adolescentes como multiplicadores em saúde na prevenção da violência no namoro. Recife -PE, 2018.



Fonte: Acervo da autora

No **momento de avaliação** foi oportunizado aos adolescentes expressarem seus sentimentos em relação ao encontro e ao encerramento desta etapa da intervenção, surgindo respostas como: maravilhoso; ótimo; um novo aprendizado; realização; felicidade; apoio, e mais algumas falas como:

*“Depois que eu cheguei aqui eu mudei o meu pensamento outra pessoa vai mudar... Foi uma experiência diferente do que a gente aborda o assunto é normal, mas ninguém conversa sobre isso”. A23M*

*“Poxa, vai passar muitos tempos sem ver a senhora. Sem conversar desse jeito. Essa conversa é boa, não é? E colocar em prática o que a gente conversou aqui [...] eu estou triste, mas eu estou feliz também. Triste porque a senhora e eles vão se afastar de nós [...] mas feliz por essas conversas, pelas orientações, que não tem a maioria das pessoas pra pessoa conversar”. A28M*

*“O sentimento de hoje é gratidão. Por vocês trazerem essas coisas, algumas coisas eu já sabia, outras não, e é isso, valeu demais”. A10F*

### **5.2.3 Atuação dos adolescentes como multiplicadores na prevenção da violência no namoro**

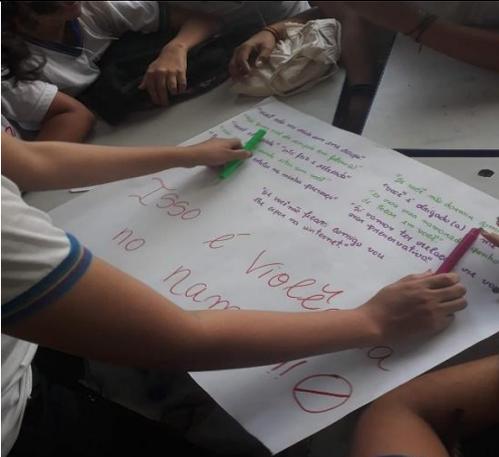
Durante os círculos de culturas o desenvolvimento de uma construção crítica e reflexiva sobre a violência no namoro, desencadeou processos de conscientização e responsabilidade social para contribuir com a prevenção da ocorrência do fenômeno e propagação sobre as estratégias de resolução de conflitos no namoro entre os adolescentes.

O exercício sistemático em assumir uma atitude de protagonismo na construção dos conhecimentos nos Círculos de Cultura contribuiu para o empoderamento dos adolescentes no desenvolvimento de uma responsabilidade social, para atuarem como multiplicadores entre os seus pares no contexto escolar. Após o retorno das aulas, no início do ano letivo de 2019, o grupo realizou um encontro na última semana de fevereiro, para planejamento das ações para retomar as estratégias necessárias para o compartilhado com a comunidade escolar dos conhecimentos apreendidos.

A motivação e mobilização dos adolescentes, ao longo dos três meses que antecederam a culminância, oportunizaram momentos de discussão sobre a temática com apoio dos professores, envolvendo os demais estudantes das turmas. O tema violência no namoro foi trabalhado de modo transversal nas disciplinas de arte, matemática e biologia.

Os integrantes do estudo desenvolveram as seguintes estratégias para propagação dos conhecimentos com ênfase na conscientização sobre o fenômeno da violência no namoro e das estratégias não abusivas de resolução de conflito. Para tanto foram gerados, momentos de discussões em sala de aula, elaboração de cartazes; sugestão para inserção da temática nos trabalhos de encerramento do ensino fundamental; pesquisa e adaptação de um poema sobre a violência no namoro; desenvolvimento de uma peça teatral para o momento de culminância do projeto no educandário. Algumas dessas ações são apresentadas no quadro 2.

**Quadro 2 – Ações de sensibilização sobre violência no namoro desenvolvidas pelos adolescentes multiplicadores com seus pares. Recife-PE, 2018-2019.**

<b>Ações de sensibilização desenvolvidas</b>	
Inserção da temática com a leitura de um poema, adaptado pelos adolescentes, sobre a violência no namoro.	
	
Discussões em sala de aula e elaboração de cartazes sobre a violência no namoro pelos adolescentes nas turmas dos multiplicadores.	
	
	

Fonte: Acervo da autora.

#### **5.2.4 Culminância: Atuação dos adolescentes como multiplicadores na prevenção da violência no namoro**

A peça teatral construída pelos adolescentes que participaram dos Círculos de Cultura foi elaborada com o auxílio de outros estudantes engajados pelos multiplicadores e com animação da pesquisadora, além do envolvimento de alguns professores. O roteiro produzido

contemplou a definição de violência no namoro, suas consequências e como conseguir ajuda para superar este problema, além das estratégias não abusivas de resolução de conflitos.

Ao longo de três meses o grupo pesquisou sobre a elaboração de roteiros, cenários e figurinos, contando com orientações da professora de educação artística, e passou a se reunir semanalmente para dar seguimento aos preparativos. As atribuições foram distribuídas de acordo com as habilidades identificadas no grupo: alguns já tinham conhecimento sobre o teatro, participando de outras composições cênicas, outros tinham facilidade de acesso à internet e poderiam pesquisar para construção do roteiro; uns tinham habilidade de desenvolver a narrativa, outros imaginaram a composição de figurinos, cenário e som.

Durante o desenvolvimento do roteiro, os adolescentes sentiram a necessidade de estabelecer uma interação entre os personagens e a plateia, sendo apresentados ao grupo os fundamentos do Teatro do Oprimido de Boal (2013). Após reflexão o grupo incorporou alguns elementos da metodologia apresentada, como: a presença do personagem coringa para interagir com a plateia, o congelamento das cenas e participação da plateia. Foram elaborados dois roteiros (Figura 26), um pelo grupo da manhã e outro pelo grupo da tarde, para abordar a violência no namoro no educandário: um deles envolveu um casal heterossexual e o outro, abordou uma relação homoafetiva. A diferença entre os roteiros estava na estruturação de alguns personagens, como os casais de namorados e rede familiar e social dos personagens principais, mas mantiveram o mesmo enfoque em provocar uma reflexão crítica sobre a problemática e enfatizando estratégias não abusivas de resolução de conflitos.

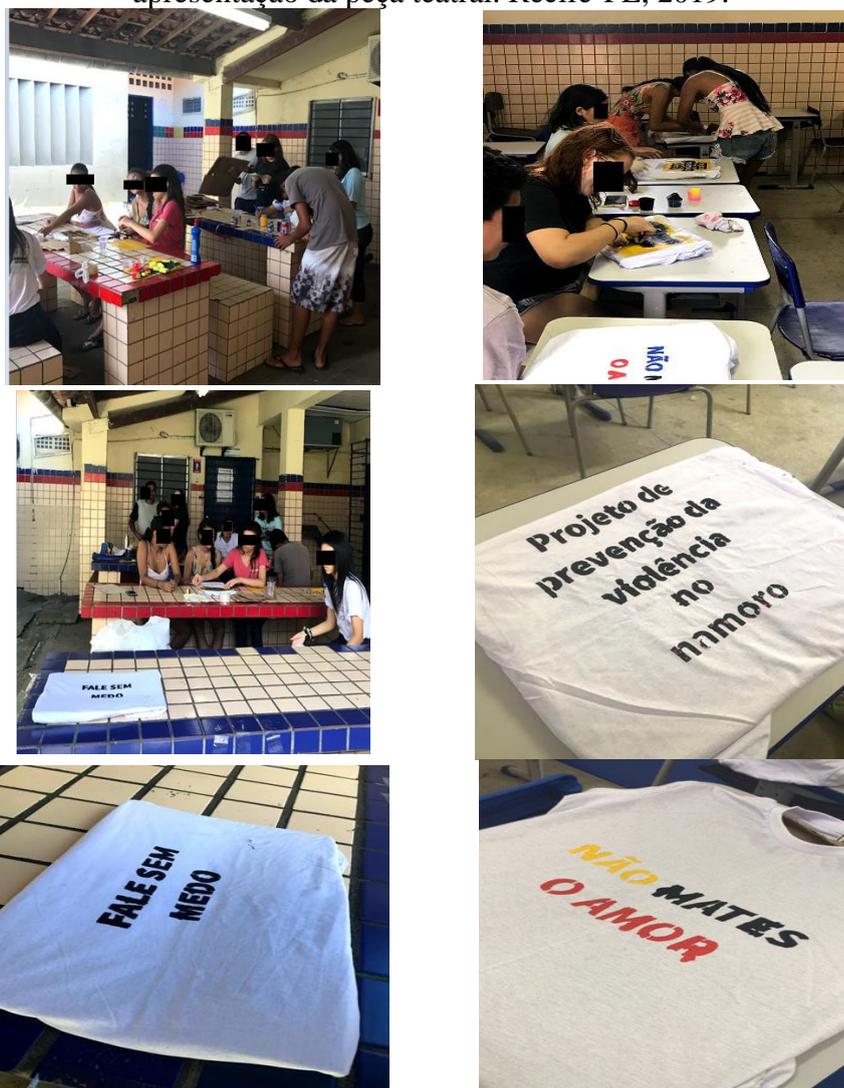
Os adolescentes nomearam os roteiros com os seguintes títulos: “Não mates o amor” e “Fale sem medo” e promoveram um mutirão de customização de camisas para caracterização da equipe envolvida com a apresentação da peça no educandário (figura 27). Para customização das camisas foi realizada pactuação com o educandário e agendado um sábado, em adesão ao projeto Escola Aberta, estimulando a dedicação integral dos estudantes, sem atrapalhar as atividades curriculares. A pesquisadora e equipe de apoio participaram da ação, fornecendo ao grupo camisas de algodão na cor branca, tintas acrílicas para tecido (cores variadas), moldes com os títulos das peças e o nome do projeto, papelão, pincéis, buchas, e a criatividade dos adolescentes. Alguns estudantes não puderam participar deste momento, devido a compromissos familiares, religiosos ou trabalho e suas camisas foram customizadas pelos integrantes que estavam presentes.

**Figura 26** – Momento de construção do roteiro final e ensaio da peça teatral elaborada pelos adolescentes multiplicadores. Recife-PE, 2019.



Fonte: Acervo da autora

**Figura 27** – Momento de customização pelos adolescentes do figurino utilizado durante a apresentação da peça teatral. Recife-PE, 2019.



Fonte: Acervo da autora

Além da customização das camisetas, os adolescentes identificaram uma artista plástica na comunidade, também adolescente, que trabalhava com o grafite. Ela auxiliou os adolescentes do grupo na elaboração dos painéis que foram utilizados para compor os cenários das encenações (figura 28).

O roteiro final das peças incluiu narradores, uma apresentação cultural de frevo no momento da abertura, os personagens e os coringas (dois em cada apresentação) e teve duração de aproximadamente 40 minutos. As apresentações aconteceram nos turnos da manhã e tarde, tendo como plateia os estudantes, professores e alguns pais/mães que vieram prestigiar o evento.

**Figura 28** – Painéis customizados para compor o cenário das peças teatrais. Recife-PE, 2019.



Fonte: Acervo da autora

As apresentações do turno da manhã ocorreram em sala de aula, devido a indisponibilidade de utilizar a quadra e o palco, devido à ausência de cobertura na área da plateia. No turno da tarde foi utilizado o palco da escola, que apresenta uma estrutura espaçosa e a quadra organizada com cadeiras, de modo a representar um teatro. Durante as apresentações foram distribuídas senhas para os espectadores e estas foram sorteadas durante o congelamento das cenas, proporcionando interação com os coringas, como também foi distribuída pipoca para deixar o ambiente mais aconchegante as pessoas que assistiram o espetáculo.

A encenação possibilitou aos adolescentes protagonistas e a plateia o reconhecimento da violência no namoro e suas consequências e como prevenir esta relação abusiva mediada pelo diálogo na resolução dos conflitos no namoro. A intervenção educativa também ilustrou a

potencialidade dos adolescentes para atuarem como multiplicadores no cenário escolar (figuras 29 e 30).

**Figura 29** – Momento da culminância da intervenção educativa: apresentação da peça teatral na comunidade escolar no turno da manhã. Recife-PE, 2019.

**Grupo da manhã**

**Peça: “Fale sem medo”**



Fonte: Acervo da autora

**Figura 30** – Momento da culminância da intervenção educativa: apresentação da peça teatral na comunidade escolar no turno da tarde. Recife-PE, 2019.

**Grupo da tarde**

**Peça: “Não mates o amor”**



(continua)

**Figura 30** – Momento da culminância da intervenção educativa: apresentação da peça teatral na comunidade escolar no turno da tarde. Recife-PE, 2019. (continuação)



Fonte: Acervo da autora.

Ao final das apresentações teatrais, em ambos os turnos, os adolescentes realizaram a leitura de um poema que haviam adaptado e divulgado nas turmas, denominado “Violência no namoro, não!”, de autoria desconhecida, descrito abaixo:

Para quê violar se podemos amar e tratar?  
 Cuida da tua cara metade, pois podes nunca mais voltar a encontrá-la!  
 Respeita os outros se queres que te respeitem!  
 Não sou um objeto, sou a tua cara metade.  
 Numa relação não se bate, se ama!  
 Numa relação o único que deve bater é o coração!  
 Pare com a violência, para não acontecer a sua decadência.  
 Diz não ao amor violento!  
 Não mates o amor...  
 O amor não te mata, ele te faz viver.  
 Não trates mal quem te ama.  
 Preserva quem te ama, dê carinho.  
 Faz quem te ama se sentir bem.  
 Violência não: isso não é a solução!

Na sequência, agradeceram a participação da plateia e, espontaneamente, realizaram um momento de avaliação da participação no projeto e os impactos decorrentes dessa vivência em sua vida pessoal. Eles destacaram que a possibilidade de experimentar uma proposta educativa em saúde tão participativa e que lhes permitiu ter voz e poder de decisão, como foram os Círculos de Cultura e o desenvolvimento das demais atividades decorrentes da atuação como multiplicadores, inclusive estudantes que foram engajados apenas nas atividades de elaboração da culminância. Abaixo, destacam-se algumas falas:

*“Eu cheguei aqui para participar e ajudar meus amigos na elaboração da peça e achei que tinha tudo para dar errado. A gente improvisou e foi melhor do que eu pensava. A gente se esforçou para estar aqui com vocês. Mas, a peça veio para mostrar algo diferente, veio para mostrar que as coisas que a gente vive em casa, ou com nossos pais e até a família, podem ser diferentes.” A34M (Adolescente engajado para o momento de construção da peça pelos multiplicadores)*

*“No começo eu não queria nada, depois fui para os encontros porque tinha lanche. E hoje eu estou aqui! Fui o coringa! Que precisa sair conversando com todo mundo. Pensei que não iria ter coragem. Consegui!” A20M*

*“Não foi do jeito que a gente esperava, na verdade foi bem melhor do que a gente imaginava! Porque a gente se divertiu, se sentiu bem, fez amizades novas. Pessoas que a gente nem falava e, hoje em dia, a gente está rindo juntos e conversando. Então: vocês são jovens, tem muita coisa para viver. Vocês têm muito o que ensinar e aprender! Espero que quando saírem daqui vocês consigam entender que vale a pena escutar cada pessoa que está aqui. Porque cada um que está nessa peça, eu sei i quanto é especial, o quanto tem luz e o quanto brilham. Então eu espero que essa peça sirva de algo para vocês.” A11F*

*“A peça veio para mostrar a vocês algo diferente sobre a violência que vocês passam dentro de casa, num relacionamento, na rua. Vocês viram aqui que a violência pode causar muitos problemas, levar a depressão a morte. [...] foi muito especial para a gente [...] muitas pessoas aqui passaram por situações muito difíceis, perderam pessoas da família, se machucaram, sofreram muito. Mesmo assim, a gente insistiu e não desistiu desse projeto. Muita gente me perguntou por que tu não desististe. Todo mundo sabe aqui que eu tenho depressão e tem dias que estou muito mal. E eu não desisti porque essas pessoas aqui que me ajudavam quando eu estava mal. Essas pessoas se tornaram a minha família. Então, ela (falando da pesquisadora) não desistiu de nós, ela foi importante para mostra que cada um aqui, com suas diferenças, todo mundo junto pode fazer algo maravilhoso.” A11F*

### 5.3 AVALIAÇÃO PRÉ E PÓS-INTERVENÇÃO EDUCATIVA MEDIADA POR CÍRCULOS DE CULTURA COM ADOLESCENTES ESCOLARES.

#### 5.3.1 Análise isolada do grupo de adolescentes multiplicadores

Participaram da intervenção educativa sobre violência no namoro com Círculos de Cultura e da investigação antes e depois, 31 adolescentes que cursavam o 8º e 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio matriculados nos turnos da manhã e tarde. Destes, 10 eram do sexo masculino e 21 sexo feminino.

Os resultados desta análise demonstraram aumento no percentual de adolescentes que não se envolveram com a violência física, sexual e psicológica no namoro após a intervenção com os Círculos de Cultura (Tabela 11). Observa-se alterações no percentual de vítimas e vítimas-perpetradores da violência física; bem como dos adolescentes vítimas, perpetradores e vítima-perpetradores de abusos sexuais; e de perpetradores e vítima-perpetradores da violência psicológica, destacando-se que o p-valor encontrado no teste de McNemar não permite assegurar que existe diferença entre os grupos.

**Tabela 11** – Tipo de envolvimento dos 31 adolescentes multiplicadores com a violência física, sexual e psicológica nas fases pré e pós-intervenção. Recife-PE, 2018-2019.

Tipo de envolvimento do adolescente com a violência no namoro	Fase - Pré intervenção	Fase - Pós intervenção	p-valor
Físico			0.711
Nenhum envolvimento	16 (53.3%)	20 (66.7%)	
Vítima	3 (10.0%)	2 (6.7%)	
Perpetrador	5 (16.7%)	5 (16.7%)	
Vítima-perpetrador	6 (20.0%)	3 (10.0%)	
Sexual			0.872
Nenhum envolvimento	16 (53.3%)	22 (73.3%)	
Vítima	5 (16.7%)	3 (10.0%)	
Perpetrador	1 (3.3%)	0 (0%)	
Vítima-perpetrador	8 (26.7%)	7 (16.7%)	
Psicológico			0.792
Nenhum envolvimento	2 (6.7%)	4 (13.3%)	
Vítima	0 (0%)	1 (3.3%)	
Perpetrador	3 (10.0%)	2 (6.7%)	
Vítima-perpetrador	25 (83.3%)	23 (76.7%)	

Fonte: Banco de dados da autora.

Quando comparada a distribuição do tipo de envolvimento dos adolescentes multiplicadores com a violência física nas fases pré e pós intervenção (tabela 12) foi observado que 16 adolescentes não tinham se envolvido em abusos físicos na fase inicial do estudo e destes 68.8% continuou sem nenhum tipo de envolvimento. Dentre as vítimas dos abusos, apenas 33.3% permaneceu nesta condição após a intervenção, os demais (66.7%) não vivenciaram agressões físicas na fase pós. Dos adolescentes perpetradores na fase pré, 60.0% passou a não se envolver com este tipo de abuso na etapa final e 20.0% se reconheceu como vítima-perpetrador no momento pós intervenção. Destacou-se a migração de participantes vítima-perpetradores para a categoria “nenhum envolvimento” (66.7%).

**Tabela 12** – Distribuição do envolvimento dos adolescentes multiplicadores como vítimas, perpetradores ou vítima-perpetradores da violência física no namoro nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.

		Envolvimento com a violência física – Pós intervenção				Total	
		Nenhum envolvimento	Vítima	Perpetrador	Vítima-Perpetrador		
Envolvimento com a violência física – Pré intervenção	Nenhum envolvimento	N	11	1	3	1	16
		%	68.8%	6.3%	18.8%	6.3%	100.0%
	Vítima	N	2	1	0	0	3
		%	66.7%	33.3%	0.0%	0.0%	100.0%
	Perpetrador	N	3	0	1	1	5
		%	60.0%	0.0%	20.0%	20.0%	100.0%
	Vítima-Perpetrador	N	4	0	1	1	6
		%	66.7%	0.0%	16.7%	16.7%	100.0%
Total	N	20	2	5	3	30	
	%	66.7%	6.7%	16.7%	10.0%	100.0%	

p-valor = 0.711

Fonte: Banco de dados da autora.

A distribuição do envolvimento dos adolescentes multiplicadores com a violência sexual revelou que dos adolescentes que não haviam vivenciado estes abusos na etapa inicial, 87.5% permaneceram nessa condição no momento final. Dentre os participantes autodeclarados vítimas, 60.0% permaneceu nesta condição no momento pós-intervenção e 40.0% passou a não mais vivenciar esta condição. Um adolescente declarou ter perpetrado a violência sexual no namoro e se manteve cometendo estes abusos no momento final do estudo. Quanto aos participantes vítima-perpetradores, 62.5% passou a não ter qualquer envolvimento com a violência sexual no momento pós-intervenção (tabela 13).

**Tabela 13** – Distribuição do envolvimento dos adolescentes multiplicadores como vítimas, perpetradores ou vítima-perpetradores da violência sexual no namoro nas fases pré e pós-intervenção. Recife-PE, 2018-2019.

		Envolvimento com a violência sexual – Pós intervenção					
		Nenhum envolvimento	Vítima	Perpetrador	Vítima- Perpetrador	Total	
Envolvimento com a violência sexual – Pré intervenção	<b>Nenhum envolvimento</b>	N	14	0	0	2	16
		%	87.5%	0.0%	0.0%	12.5%	100.0%
	<b>Vítima</b>	N	2	3	0	0	5
		%	40.0%	60.0%	0.0%	0.0%	100.0%
	<b>Perpetrador</b>	N	1	0	0	0	1
		%	100.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100.0%
	<b>Vítima- Perpetrador</b>	N	5	0	0	3	8
		%	62.5%	0.0%	0.0%	37.5%	100.0%
	<b>Total</b>	N	22	3	0	5	30
		%	73.3%	10.0%	0.0%	16.7%	100.0%

p-valor = 0.879

Fonte: Banco de dados da autora.

Em relação à distribuição do envolvimento com a violência psicológica antes e depois da intervenção com Círculos de Cultura, foi observado que 50.0% dos adolescentes sem envolvimento com este tipo de abuso migrou para a categoria de vítima-perpetrador. Os perpetradores passaram a condição de vítima-perpetradores 33.3% e sem envolvimento (33.3%). Chama atenção o percentual de adolescentes que permaneceram na condição de vítima-perpetradores (84.0%) na etapa final do estudo (tabela 14).

Foi evidenciado redução nos escores de perpetração da violência pelo adolescente multiplicadores, nas dimensões física, sexual e psicológica (Tabela 15), destacando-se as subescalas de violência psicológica/relacional ( $p=0.093$ ) e de psicológica/comportamento de ameaça ( $p=0.046$ ). Em relação a vitimização dos adolescentes multiplicadores pelos abusos de seus namorados, também foi observada redução nos escores de todas as dimensões da violência no namoro. Houve diminuição estatisticamente significativa para a violência psicológica, especificamente na subescala de violência relacional/verbal ( $p=0.027$ ) e do comportamento de

ameaça (0.043). A subescala de violência psicológica/relacional mostrou tendência ao declínio no escore ( $p=0.051$ ).

**Tabela 14** – Distribuição do envolvimento dos adolescentes multiplicadores como vítimas, perpetradores ou vítima-perpetradores da violência psicológica no namoro nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.

		Envolvimento com a violência psicológica – Pós intervenção					Total
		Nenhum envolvimento	Vítima	Perpetrador	Vítima-Perpetrador		
Envolvimento com a violência psicológica – Pré intervenção	Nenhum envolvimento	N	1	0	0	1	2
		%	50.0%	0.0%	0.0%	50.0%	100.0%
	Vítima	N	0	0	0	0	0
		%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%
	Perpetrador	N	1	0	1	1	3
		%	33.3%	0.0%	33.3%	33.3%	100.0%
	Vítima-Perpetrador	N	2	1	1	21	25
		%	8.0%	4.0%	4.0%	84.0%	100.0%
	Total	N	4	1	2	23	30
		%	13.3%	3.3%	6.7%	76.7%	100.0%

p-valor = 0.792

Fonte: Banco de dados da autora.

**Tabela 15** – Comparação das médias dos escores das escalas de perpetração e vitimização da violência física, sexual e psicológica dos adolescentes multiplicadores nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.

Dimensões da violência no namoro	Adolescente			Namorado/namorada		
	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor
<b>Violência Física</b>						
Média (DP)	0.57 (1.0)	0.37 (0.9)	0.340	1.71 (3.1)	0.84 (2.2)	0.122
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	0 (0 – 1)	0 (0 – 0)		0 (0 – 3)	0 (0 – 1)	
<b>Violência Sexual</b>						
Média (DP)	1.03 (1.8)	0.68 (1.3)	0.199	0.61 (1.0)	0.52 (1.1)	0.643
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	0 (0 – 2)	0 (0 – 1)		0 (0 – 1)	0 (0 – 0)	
<b>Violência Psicológica</b>						
Subescala: Emocional/Verbal						
Média (DP)	4.03 (2.9)	3.53 (3.1)	0.136	5.47 (4.5)	4.01 (3.8)	0.027*
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	4 (1.8 – 6)	2.5 (0.7 – 6)		5 (2 – 8)	3.5 (0.7 – 6)	
Subescala: Relacional						
Média (DP)	0.7 (1.5)	0.23 (0.7)	0.093	0.9 (1.5)	0.36 (0.8)	0.051
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	0 (0 – 1)	0 (0 – 0)		0 (0 – 1)	0 (0 – 0)	
Subescala: Comportamento de Ameaça						
Média (DP)	1.4 (1.6)	0.9 (1.5)	0.046*	2.06 (2.3)	1.22 (2.1)	0.043*
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	0 (0 – 2)	0 (0 – 2)		1 (0 – 3)	1 (0 – 2)	

N = 31; DP = Desvio Padrão; P<sub>25</sub>: Percentil 25; P<sub>75</sub>: Percentil 75; \* estatisticamente significativa ( $p<0,05$ )

Fonte: Banco de dados da autora.

Na tabela 16 observa-se redução estatisticamente significativa nas médias dos escores das escalas de estratégias abusivas de resolução de conflitos do(a) adolescente multiplicador(a) e seu/sua namorado(a) quando realizada a comparação nos grupos antes e depois da intervenção educativa.

**Tabela 16** – Comparação das médias dos escores das escalas de Estratégias de Resolução de Conflitos nas relações de namoro dos adolescentes multiplicadores nas fases pré e pós-intervenção. Recife-PE, 2018-2019.

Dimensões	Adolescente			Namorado/namorada		
	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor
Escore Resolução Abusiva			0,011*			0,004*
Média (DP)	7.20 (5.4)	6.30 (5.0)		9.87 (7.2)	6.67 (6.0)	
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	8.5 (4 – 12)	5 (3 – 11)		9 (4 – 13)	6.5 (2 – 10)	
Escore Resolução Não Abusiva			0,351			0,123
Média (DP)	14.07 (6.4)	14.93 (6.5)		13.80 (6.3)	15.40 (5.8)	
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	14.5 (11 - 19)	15.5 (12 – 19)		13 (11 – 18)	16.5 (13 – 20)	

N = 31; DP = Desvio Padrão; P<sub>25</sub>: Percentil 25; P<sub>75</sub>: Percentil 75; \*estatisticamente significativa (p<0,05)

Fonte: Banco de dados da autora.

### 5.3.2 Análise global dos adolescentes

Os resultados evidenciam redução no percentual de adolescentes vítimas, perpetradores e vítima-perpetradores quanto à ocorrência geral da violência no namoro, bem como dos abusos físicos e sexuais após a intervenção educativa com os Círculos de Cultura.

A tabela 17 retrata a análise do tipo de envolvimento dos adolescentes com a violência física no namoro nas fases pré e pós-intervenção. Foi observado um aumento no percentual de adolescentes categorizados como sem envolvimento quanto a violência física (62.7%), sexual (61.2%) e psicológica (17.2%) na fase pós a intervenção, entretanto, não foi observada significância estatística (p<0.05) que possa confirmar a diferença entre os grupos nesta análise.

**Tabela 17** – Tipo de envolvimento dos adolescentes com a violência física, sexual e psicológica nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.

Tipo de envolvimento com as formas de violência no namoro	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor
Físico			
Sem envolvimento	72 (53,7%)	84 (62,7%)	
Vítima	14 (10,4%)	13 (9,7%)	0,595
Perpetrador	19 (14,2%)	16 (11,9%)	
Vítima + Perpetrador	29 (21,6%)	21 (15,7%)	
Sexual			
Sem envolvimento	69 (51,5%)	82 (61,2%)	
Vítima	17 (12,7%)	12 (9,0%)	0,233
Perpetrador	7 (5,2%)	8 (6,0%)	
Vítima + Perpetrador	41 (30,6%)	32 (23,9%)	
Psicológico			
Sem envolvimento	18 (13,4%)	23 (17,2%)	
Vítima	4 (3,0%)	4 (3,0%)	0,364
Perpetrador	11 (8,2%)	6 (4,5%)	
Vítima + Perpetrador	101 (75,4%)	101 (75,4%)	

n=134

Fonte: Banco de dados da autora.

Nas tabelas 18, 19 e 20 é verificada a distribuição do tipo de envolvimento dos adolescentes com a violência física, sexual e psicológica nos grupos pré e pós-intervenção. Esses resultados contribuíram com a compreensão da mobilidade dos adolescentes entre as categorias “nenhum envolvimento”, “vítimas”, “perpetradores” e “vítima-perpetradores”, mas não revelaram associação significativa entre essas mudanças na comparação entre os dois grupos.

Dos 72 adolescentes sem envolvimento com os abusos físicos na etapa pré-intervenção, 73.6% mantiveram-se nesta categoria na fase pós (Tabela 18). Do grupo de 14 adolescentes identificados como vítimas no momento anterior aos Círculos de Cultura, 71.4% passou a condição de sem envolvimento e outros 14.3% migrou para o papel de vítima-perpetrador no momento pós. Dentre os perpetradores, antes da intervenção, 36.8% permaneceu neste papel, enquanto 42.1% migrou para a categoria sem envolvimento e 21.1% mudou para vítima-perpetradores. Já os 29 adolescentes categorizados como vítima-perpetradores na etapa inicial, 44.8% deixou de apresentar envolvimento com esta forma de agressão e, 13.8% migrou para condição de vítima e perpetrador, respectivamente, na etapa final.

**Tabela 18** – Distribuição do envolvimento dos adolescentes como vítimas, perpetradores ou vítima-perpetradores da violência física no namoro nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.

		Envolvimento com a violência física – Pós intervenção					Total
		Nenhum envolvimento	Vítima	Perpetrador	Vítima-Perpetrador		
Envolvimento com a violência física – Pré intervenção	Sem envolvimento	N	53	7	5	7	72
		%	73.6%	9.7%	6.9%	9.7%	100.0%
	Vítima	N	10	2	0	2	14
		%	71.4%	14.3%	0.0%	14.3%	100.0%
	Perpetrador	N	8	0	7	4	19
		%	42.1%	0.0%	36.8%	21.1%	100.0%
	Vítima-Perpetrador	N	13	4	4	8	29
		%	44.8%	13.8%	13.8%	27.6%	100.0%
Total	N	84	13	16	21	134	
	%	62.7%	9.3%	11.9%	15.7%	100.0%	

p-valor = 0,595

Fonte: Banco de dados da autora.

A distribuição entre o tipo de envolvimento dos adolescentes com a violência sexual nas fases pré e pós-intervenção evidenciou que entre os participantes categorizados como sem envolvimento no primeiro momento, 76.8% permaneceram nesta categoria após a intervenção (tabela 19). Dentre as 13 vítimas da violência sexual, 41.2% migrou a categoria sem envolvimento e 39.4% para a condição de vítima-perpetrador na etapa final. Do grupo de perpetradores na fase pré, 42.9% passaram a não ter envolvimento com esses abusos e 57.1% assumiram a condição de vítima-perpetradores na fase pós. Já entre os 41 estudantes classificados como vítima-perpetradores, 46.3% migrou para a categoria sem envolvimento;

9.8% passou a condição de vítimas e 7,3% migrou para o papel de agressor na etapa final (tabela 19).

**Tabela 19** – Distribuição do envolvimento dos adolescentes como vítimas, perpetradores ou vítima-perpetradores da violência sexual no namoro nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.

		Envolvimento com a Violência Sexual – Pós intervenção					Total
		Nenhum envolvimento	Vítima	Perpetrador	Vítima + Perpetrador		
Envolvimento com a Violência Sexual - Pré	Sem envolvimento	N	53	3	5	8	69
		%	76.8%	4.3%	7.2%	11.6%	100.0%
	Vítima	N	7	5	0	2	14
		%	41.2%	29.4%	0.0%	14.3%	100.0%
	Perpetrador	N	3	0	0	4	7
		%	42.9%	0.0%	0.0%	21.1%	100.0%
	Vítima + Perpetrador	N	19	4	3	8	41
		%	46.3%	9.8%	7.3%	27.6%	100.0%
Total	N	82	12	8	21	134	
	%	61.2%	9.0%	6.0%	15.7%	100.0%	

p-valor = 0,233

Fonte: Banco de dados da autora.

A análise comparativa do envolvimento com a violência psicológica antes e após a intervenção (tabela 20) mostra que entre os 18 adolescentes do grupo categorizado como sem envolvimento na fase inicial, 44.4% continuou nesta condição e 44.8% migrou para condição de vítima-perpetrador. Dentre as quatro vítimas na primeira fase da pesquisa, 25.0% passou para a categoria sem envolvimento e 75.0% assumiu o papel de vítima-perpetrador na etapa final. Dos 11 perpetradores, 36.4% deixou de apresentar envolvimento com este tipo abuso e 36.4% assumiu o papel de vítima-perpetrador depois da intervenção. Quanto aos 101 adolescentes vítima-perpetradores na fase pré intervenção, 85.1% continuou nesta condição na fase pós.

**Tabela 20** – Distribuição do envolvimento dos adolescentes como vítimas, perpetradores ou vítima-perpetradores da violência psicológica no namoro nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.

		Tipo de envolvimento com a Violência Psicológica - Pós intervenção					Total
		Nenhum envolvimento	Vítima	Perpetrador	Vítima-Perpetrador		
Tipo de envolvimento com a Violência Psicológica - Pré intervenção	Sem envolvimento	N	8	2	0	8	18
		%	44.4%	11.1%	0.0%	44.4%	100.0%
	Vítima	N	1	0	0	3	4
		%	25.0%	0.0%	0.0%	75.0%	100.0%
	Perpetrador	N	4	1	2	4	11
		%	36.4%	9.1%	18.2%	36.4%	100.0%
	Vítima - Perpetrador	N	10	1	4	86	101
		%	9.9%	1.0%	4.0%	85.1%	100.0%
Total	N	23	4	6	101	134	
	%	17.2%	3.0%	4.5%	75.4%	100.0%	

p-valor = 0,550

Fonte: Banco de dados da autora.

Não foram identificadas mudanças relevantes quanto a frequência dos atos de violência física e sexual perpetrados ou sofridos nas relações de namoro dos adolescentes antes e após os Círculos de Cultura, descritos nas tabelas 21 e 22. Entretanto, tenha sido observado um aumento no percentual de adolescentes que nunca perpetraram abusos físicos em todos os atos de violência, bem como das vítimas de objetos jogados contra si pelo(a) namorado(a) no momento após a intervenção (Tabela 21).

**Tabela 21** – Frequência dos atos de violência física perpetrada e/ou sofrida pelos adolescentes nas relações de namoro antes e após os Círculos de Cultura. Recife-PE, 2018-2019.

Atos de violência física nas relações de namoro	Perpetrado			Sofrido		
	Fase Pré*	Fase Pós**	P-valor	Fase Pré*	Fase Pós**	P-valor
Q8: Jogar algo contra o(a) namorado(a)						
Nunca	103 (76.9%)	110 (82.1%)	0.068	105 (78.4%)	113 (84.3%)	0.063
Raramente	8 (6.0%)	13 (9.7%)		12 (9.0%)	11 (8.2%)	
Às vezes	9 (6.7%)	8 (6.0%)		11 (8.2%)	5 (3.7%)	
Sempre	14 (10.4%)	3 (2.2%)		6 (4.5%)	5 (3.7%)	
Q25: Bater, chutar ou dar soco no(a) namorado(a)						
Nunca	116 (86.6%)	119 (88.8%)	0.206	119 (88.8%)	114 (85.1%)	0.261
Raramente	3 (2.2%)	7 (5.2%)		7 (5.2%)	15 (11.2%)	
Às vezes	9 (6.7%)	4 (3.0%)		6 (4.5%)	4 (3.0%)	
Sempre	6 (4.5%)	4 (3.0%)		2 (1.5%)	1 (0.7%)	
Q30: Dar um tapa ou puxar o cabelo do(a) namorado(a)						
Nunca	106 (79.7%)	115 (86.5%)	0.098	118 (88.1%)	118 (88.1%)	0.834
Raramente	3 (2.3%)	6 (4.5%)		7 (5.2%)	8 (6.0%)	
Às vezes	14 (10.5%)	7 (5.3%)		7 (5.2%)	6 (4.5%)	
Sempre	10 (7.5%)	5 (3.8%)		2 (1.5%)	2 (1.5%)	
Q34: Empurrar ou sacudir o(a) namorado(a)						
Nunca	115 (86.5%)	116 (87.2%)	0.215	120 (90.2%)	117 (88.0%)	0.999
Raramente	6 (4.5%)	10 (7.5%)		6 (4.5%)	10 (7.5%)	
Às vezes	6 (4.5%)	5 (3.8%)		5 (3.8%)	6 (4.5%)	
Sempre	6 (4.5%)	2 (1.5%)		2 (1.5%)	0 (0%)	

N=134; \*Relacionamento anterior ou atual; \*\*Relacionamento nos últimos 12 meses.

Fonte: Fonte: Banco de dados da autora.

Assim como se percebeu discreta redução no número de adolescentes que, às vezes ou sempre, perpetraram toques sexuais não desejados, ameaçaram na tentativa de fazer sexo e beijaram quando o(a) namorado(a) não queria na fase pós intervenção; e discreto decréscimo no número de participantes que sofreram todas as formas de agressão sexual na etapa final da pesquisa (Tabela 22).

Na tabela 23 é possível observar as manifestações de violência psicológica perpetrada ou sofrida pelos adolescentes antes e após a intervenção educativa. Houve redução, respectivamente, de 65.2% e 62.5% entre os perpetradores que sempre diziam coisas somente para deixar o(a) namorado(a) com raiva ( $p=0.027$ ) e que acusavam o(a) namorado(a) de paquerar outro(a) garoto(a) ( $p=0.028$ ) na etapa final. Contrariamente, o ato de culpar o(a)

namorado(a) pelo problema vivido pelo casal apresentou elevação no percentual ( $p=0.023$ ) de adolescentes que perpetraram esta forma de abuso “raramente” e “às vezes” e redução do grupo que nunca praticou, na fase pós intervenção. Também merece destaque o insulto ao(a) parceiro(a) que apresentou uma tendência de queda ( $p<0.010$ ) para as categorias “sempre”, “às vezes” e “raramente”.

**Tabela 22** – Frequência dos atos de violência sexual perpetrada e/ou sofrida pelos adolescentes nas relações de namoro antes e após os Círculos de Cultura. Recife-PE, 2018-2019.

Atos de violência sexual nas relações de namoro	Perpetrado			Sofrido		
	Fase Pré*	Fase Pós**	p-valor	Fase Pré*	Fase Pós**	p-valor
Q2: Tocar sexualmente quando ele(a) não queria						
Nunca	124 (92.5%)	127 (94.8%)	0.053	117 (87.3%)	121 (90.3%)	0.194
Raramente	1 (0.7%)	4 (3.0%)		9 (6.7%)	5 (3.7%)	
Às vezes	6 (4.5%)	2 (1.5%)		5 (3.7%)	6 (4.5%)	
Sempre	3 (2.2%)	1 (0.7%)		3 (2.2%)	2 (1.5%)	
Q13: Forçar a fazer sexo quando ele(a) não queria						
Nunca	131 (97.8%)	131 (97.8%)	0.999	125 (93.3%)	132 (98.5%)	0.478
Raramente	2 (1.5%)	3 (2.2%)		4 (3.0%)	1 (0.7%)	
Às vezes	1 (0.7%)	0 (0%)		3 (2.2%)	1 (0.7%)	
Sempre	0 (0%)	0 (0%)		2 (1.5%)	0 (0%)	
Q15: Ameaçar ele(a) na tentativa de fazer sexo						
Nunca	130 (97.0%)	130 (97.0%)	0.998	127 (94.8%)	128 (95.5%)	0.639
Raramente	1 (0.7%)	1 (0.7%)		2 (1.5%)	2 (1.5%)	
Às vezes	3 (2.2%)	2 (1.5%)		4 (3.0%)	3 (2.2%)	
Sempre	0 (0%)	1 (0.7%)		1 (0.7%)	1 (0.7%)	
Q19: Beijar quando ele(a) não queria						
Nunca	87 (64.9%)	96 (71.6%)	0.688	85 (63.4%)	94 (70.1%)	0.591
Raramente	18 (13.4%)	17 (12.7%)		21 (15.7%)	20 (14.9%)	
Às vezes	14 (10.4%)	11 (8.2%)		16 (11.9%)	12 (9.0%)	
Sempre	15 (11.2%)	10 (7.5%)		12 (9.0%)	8 (6.0%)	

N=134; \*Relacionamento anterior ou atual; \*\*Relacionamento nos últimos 12 meses.

Fonte: Banco de dados da autora.

Na análise dos abusos psicológicos sofridos (tabela 23), foi observada aumento não significante no percentual de adolescentes que “nunca” foram vítimas de destruição ou ameaça de destruição de algo de valor praticada pelo(a) namorado(a); de coisas ditas somente para deixá-lo com raiva; de falas hostis ou maldosas; de insultos ou deprecições e de coisas ditas sobre si a seus amigos para virá-los contra ele(a) na fase pós intervenção.

**Tabela 23** – Frequência dos atos de violência psicológica perpetrada e/ou sofrida pelos adolescentes nas relações de namoro antes e após os Círculos de Cultura. Recife-PE, 2018-2019.

Atos de violência psicológica nas relações de namoro	Perpetrado			Sofrido		
	Fase Pré*	Fase Pós**	P-valor	Fase Pré*	Fase Pós**	P-valor
Q3: Tentar virar os amigos contra ele(a)						
Nunca	116 (87.2%)	117 (88.0%)	0.805	108 (82.4%)	106 (80.9%)	0.717
Raramente	6 (4.5%)	7 (5.3%)		6 (4.6%)	10 (7.6%)	
Às vezes	5 (3.8%)	4 (3.0%)		9 (6.9%)	7 (5.3%)	
Sempre	6 (4.5%)	5 (3.8%)		8 (6.1%)	8 (6.1%)	
Q5: Destruir ou ameaçar destruir algo de valor para ele(a)						
Nunca	122 (91.7%)	124 (93.2%)	0.866	117 (87.3%)	124 (92.5%)	0.235
Raramente	7 (5.3%)	5 (3.8%)		10 (7.5%)	6 (4.5%)	
Às vezes	3 (2.3%)	4 (3.0%)		5 (3.7%)	1 (0.7%)	
Sempre	1 (0.8%)	0 (0%)		2 (1.5%)	3 (2.2%)	
Q9: Dizer coisas somente para deixá-lo(a) com raiva						
Nunca	49 (36.6%)	57 (42.5%)	0.027*	53 (39.8%)	59 (44.4%)	0.638
Raramente	33 (24.6%)	33 (24.6%)		31 (23.3%)	29 (21.8%)	
Às vezes	29 (21.6%)	36 (26.9%)		34 (25.6%)	36 (27.1%)	
Sempre	23 (17.2%)	8 (6.0%)		15 (11.3%)	9 (6.8%)	
Q12: Falar com ele(a) em tom de voz hostil ou maldoso						
Nunca	76 (57.6%)	86 (65.2%)	0.185	79 (59.0%)	86 (64.2%)	0.281
Raramente	26 (19.7%)	28 (21.2%)		23 (17.2%)	28 (20.9%)	
Às vezes	25 (18.9%)	12 (9.1%)		25 (18.7%)	17 (12.7%)	
Sempre	5 (3.8%)	6 (4.5%)		7 (5.2%)	3 (2.2%)	
Q17: Insultá-lo(a) com depreciações						
Nunca	112 (84.2%)	123 (92.5%)	0.082	115 (86.5%)	123 (92.5%)	0.105
Raramente	11 (8.3%)	6 (4.5%)		9 (6.8%)	7 (5.3%)	
Às vezes	5 (3.8%)	3 (2.3%)		6 (4.5%)	2 (1.5%)	
Sempre	5 (3.8%)	1 (0.8%)		3 (2.3%)	1 (0.8%)	
Q20: Dizer coisas sobre ele(a) aos seus amigos para virá-los contra ele(a)						
Nunca	126 (94.0%)	126 (94.0%)	0.972	123 (91.8%)	124 (92.5%)	0.235
Raramente	4 (3.0%)	7 (5.2%)		3 (2.2%)	5 (3.7%)	
Às vezes	3 (2.2%)	1 (0.7%)		6 (4.5%)	2 (1.5%)	
Sempre	1 (0.7%)	0 (0%)		2 (1.5%)	3 (2.2%)	
Q21: Ridicularizá-lo(a) na frente dos outros						
Nunca	126 (94.0%)	127 (94.8%)	0.905	126 (94.0%)	122 (91.0%)	0.797
Raramente	5 (3.7%)	5 (3.7%)		5 (3.7%)	8 (6.0%)	
Às vezes	3 (2.2%)	2 (1.5%)		3 (2.2%)	4 (3.0%)	
Sempre	0 (0%)	0 (0%)		0 (0%)	0 (0%)	
Q24: Culpá-lo(a) pelo problema						
Nunca	82 (61.2%)	71 (53.0%)	0.023*	80 (59.7%)	77 (57.5%)	0.698
Raramente	26 (19.4%)	28 (20.9%)		29 (21.6%)	27 (20.1%)	
Às vezes	21 (15.7%)	30 (22.4%)		17 (12.7%)	24 (17.9%)	
Sempre	5 (3.7%)	5 (3.7%)		8 (6.0%)	6 (4.5%)	
Q28: Acusá-lo (a) de paquerar outro(a) garoto(a)						
Nunca	72 (53.7%)	79 (59.0%)	0.028*	70 (52.2%)	83 (61.9%)	0.162
Raramente	20 (14.9%)	20 (14.9%)		21 (15.7%)	13 (9.7%)	
Às vezes	26 (19.4%)	29 (21.6%)		24 (17.9%)	25 (18.7%)	
Sempre	16 (11.9%)	6 (4.5%)		19 (14.2%)	13 (9.7%)	

continua

**Tabela 23** – Frequência dos atos de violência psicológica perpetrada e/ou sofrida pelos adolescentes nas relações de namoro antes e após os Círculos de Cultura. Recife-PE, 2018-2019. (continuação)

Atos de violência psicológica nas relações de namoro	Perpetrado			Sofrido		
	Fase Pré*	Fase Pós**	p-valor	Fase pré*	Fase Pós**	p-valor
Q29: Tentar amedrontá-lo(a) de propósito						
Nunca	106 (79.7%)	114 (85.7%)	0.283	104 (78.2%)	116 (87.2%)	0.166
Raramente	13 (9.8%)	9 (6.8%)		13 (9.8%)	5 (3.8%)	
Às vezes	8 (6.0%)	8 (6.0%)		14 (10.5%)	9 (6.8%)	
Sempre	6 (4.5%)	2 (1.5%)		2 (1.5%)	3 (2.3%)	
Q31: Ameaçar machucá-lo(a)						
Nunca	116 (86.6%)	119 (88.8%)	0.602	121 (90.3%)	121 (90.3%)	0.821
Raramente	5 (3.7%)	6 (4.5%)		8 (6.0%)	7 (5.2%)	
Às vezes	6 (4.5%)	6 (4.5%)		2 (1.5%)	4 (3.0%)	
Sempre	7 (5.2%)	3 (2.2%)		3 (2.2%)	2 (1.5%)	
Q32: Ameaçar terminar o relacionamento						
Nunca	81 (60.9%)	82 (61.7%)	0.771	93 (69.4%)	92 (68.7%)	0.643
Raramente	14 (10.5%)	20 (15.0%)		17 (12.7%)	18 (13.4%)	
Às vezes	27 (20.3%)	24 (18.0%)		20 (14.9%)	17 (12.7%)	
Sempre	11 (8.3%)	7 (5.3%)		4 (3.0%)	7 (5.2%)	
Q35: Espalhar boatos sobre ele(a)						
Nunca	125 (94.0%)	130 (97.7%)	0.768	128 (96.2%)	128 (96.2%)	0.987
Raramente	6 (4.5%)	3 (2.3%)		1 (0.8%)	1 (0.8%)	
Às vezes	2 (1.5%)	0 (0%)		4 (3.0%)	3 (2.3%)	
Sempre	0 (0%)	0 (0%)		0 (0%)	1 (0.8%)	

N=134; \*Relacionamento anterior ou atual; \*\*Relacionamento nos últimos 12 meses.

Fonte: Banco de dados da autora.

Analisando a tabela 24, que descreve a comparação do escore das escalas de violência física, sexual e psicológica do Inventário CADRI quanto a perpetração e vitimização, é possível evidenciar redução estatisticamente significativa nas médias dos escores das escalas de perpetração da violência sexual ( $p=0.015$ ); na subescala de violência psicológica emocional/verbal ( $p=0.018$ ) e de vitimização física ( $p=0.004$ ); sexual ( $p=0.035$ ) e na subescala de violência psicológica emocional/verbal ( $p=0.013$ ).

A tabela 24 descreve a comparação da frequência de dos 13 itens da subescala de Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas nas relações de namoro dos adolescentes nas fases pré e pós intervenção. Houve redução na frequência de adoção de 10 itens da subescala de estratégias abusivas que compõem o inventário CADRI pelos participantes do estudo na fase pós intervenção. Destacam-se, com redução estatisticamente significativa, o ato de dizer coisas para deixar o(a) namorado(a) com raiva ( $p=0.027$ ), acusar o(a) namorado(a) de paquerar outro(a) garoto(a) ( $p=0.028$ ). Foi observada, ainda, tendência de queda no ato de insultar o(a) namorado(a) com deprecições ( $p<0.10$ ) praticado pelos adolescentes participantes do estudo. de namorados(as) que faziam algo para provocar ciúmes (9.0%) na fase pós intervenção. O ato do adolescente raramente ou às vezes culpar o(a) namorado(a) pelo problema ( $p=0.023$ ),

apresentou aumento percentual, passando, respectivamente de 19.4% para 20.9% e de 15.7% para 22.4%, na fase pós intervenção.

**Tabela 24** – Comparação das médias dos escores das escalas de perpetração e vitimização da violência física, sexual e psicológica dos adolescentes nas fases pré e pós-intervenção. Recife-PE, 2018-2019.

Escalas de violência	Score Perpetração			Score Vitimização		
	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor	Pré-intervenção	Pós-intervenção	p-valor
<b>Violência Física</b>						
Média (DP)	0.94 (1.91)	0.82 (1.76)	0.378	1.52 (2.85)	0.94 (2.05)	0.004*
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	0 (0 – 1)	0 (0 – 1)		0 (0 – 2)	0 (0 – 1)	
<b>Violência Sexual</b>						
Média (DP)	1.09 (1.80)	0.78 (1.46)	0.015*	0.92 (1.59)	0.68 (1.27)	0.035*
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	0 (0 – 2)	0 (0 – 1)		0 (0 – 1,25)	0 (0 – 1)	
<b>Violência Psicológica</b>						
Subescala: Emocional/ Verbal						
Média (DP)	4.09 (3.56)	3.52 (3.41)	0.018*	4.44 (3.81)	3.73 (3.42)	0.013*
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	4 (1 – 6.5)	3 (0 – 5)		4 (1 – 7)	3 (0 – 6)	
Subescala: Relacional						
Média (DP)	0.66 (1.46)	0.69 (1.54)	0.778	0.51 (1.07)	0.39 (0.94)	0.362
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	0 (0 – 1)	0 (0 – 1)		0 (0 – 0.75)	0 (0 – 0)	
Subescala: Comportamento de Ameaça						
Média (DP)	1.22 (1.83)	1.08 (1.87)	0.368	1.54 (2.03)	1.22 (1.77)	0.099
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	0 (0 – 2)	0 (0 – 2)		1 (0 – 2)	0 (0 – 2)	

N = 134; DP = Desvio Padrão; P<sub>25</sub>: Percentil 25; P<sub>75</sub>: Percentil 75; \* estatisticamente significativa (p<0.05)

Fonte: Banco de dados da autora.

Em relação ao(à) namorado(a) do adolescente participante, foi observada redução na frequência de utilização em oito itens da subescala de Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas, após a aplicação dos Círculos de Cultura. Entretanto, só houve redução estatisticamente significativa no ato de fazer algo para provocar ciúmes no(a) namorado(a), que apresentava uma ocorrência de 72.9% na fase pré intervenção, passando a um percentual de 67.7% na etapa final. Também merece destaque a ação de vigiar com que o(a) namorado(a) que demonstrou tendência de queda (p<0.10), com frequência de 44.8% no primeiro momento da pesquisa, passando a 34.3% na etapa pós intervenção (tabela 25).

Na tabela 26 se observa a comparação das frequências de uso das Estratégias de Resolução de Conflitos Não Abusivas pelos adolescentes e seus pares afetivos nas fases pré e pós intervenção. Foi evidenciado o aumento na utilização, às vezes e/ou sempre, de estratégias não abusivas pelos adolescentes em todos os nove itens que compõem esta subescala. Houve acréscimo estatisticamente significativo, na fase pós intervenção, no ato de dizer ao(à) namorado(a) que tinha parte da culpa (p=0,03); dar as razões pelas quais achava que ele(a) estava errado (p=0,018); discutir o assunto calmamente (p=0,026) e dizer para ele(a) o quanto

estava aborrecido(a) ( $p=0,008$ ), com destaque para a adoção dessas estratégias as vezes e sempre, que juntas somaram, respectivamente, 45,9%; 40,9%; 61,2% e 61,2%. A estratégia de deixar o local para se acalmar durante um conflito também apresentou incremento, que passou de 51,5% na fase inicial para 61,9% na etapa final do estudo ( $p=0,082$ ).

**Tabela 25** – Comparação da frequência de Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas nas relações de namoro dos adolescentes nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019. (continua)

Estratégias de Resolução de conflitos abusivas utilizadas pelos adolescentes	Adolescente			Namorado/namorada		
	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor
Q3: Tentar virar amigos contra ele/ela						
Nunca	116 (87.2%)	117 (88.0%)	0.805	108 (82.4%)	106 (80.9%)	0.717
Raramente	6 (4.5%)	7 (5.3%)		6 (4.6%)	10 (7.6%)	
Às vezes	5 (3.8%)	4 (3.0%)		9 (6.9%)	7 (5.3%)	
Sempre	6 (4.5%)	5 (3.8%)		8 (6.1%)	8 (6.1%)	
Q4 (n=131): Fazer algo para provocar ciúmes nele/nela						0.018*
Nunca	36 (27.5%)	47 (35.9%)	0.130	36 (27.1%)	43 (32.3%)	
Raramente	32 (24.4%)	23 (17.6%)		22 (16.5%)	26 (19.5%)	
Às vezes	43 (32.8%)	44 (33.6%)		48 (36.1%)	52 (39.1%)	
Sempre	20 (15.3%)	17 (13.0%)		27 (20.3%)	12 (9.0%)	
Q7: Mencionar algo de ruim que ele/ela fez no passado						
Nunca	75 (56.0%)	74 (55.2%)	0.220	74 (55.6%)	78 (58.6%)	0.669
Raramente	21 (15.7%)	31 (23.1%)		20 (15.0%)	22 (16.5%)	
Às vezes	30 (22.4%)	19 (14.2%)		25 (18.8%)	23 (17.3%)	
Sempre	8 (6.0%)	10 (7.5%)		14 (10.5%)	10 (7.5%)	
Q9: Dizer coisas somente para deixá-lo/deixá-la com raiva						
Nunca	49 (36.6%)	57 (42.5%)	0.027*	53 (39.8%)	59 (44.4%)	0.638
Raramente	33 (24.6%)	33 (24.6%)		31 (23.3%)	29 (21.8%)	
Às vezes	29 (21.6%)	36 (26.9%)		34 (25.6%)	36 (27.1%)	
Sempre	23 (17.2%)	8 (6.0%)		15 (11.3%)	9 (6.8%)	
Q12: Falar com ele/ela em tom de voz hostil ou maldoso						
Nunca	76 (57.6%)	86 (65.2%)	0.185	79 (59.0%)	86 (64.2%)	0.281
Raramente	26 (19.7%)	28 (21.2%)		23 (17.2%)	28 (20.9%)	
Às vezes	25 (18.9%)	12 (9.1%)		25 (18.7%)	17 (12.7%)	
Sempre	5 (3.8%)	6 (4.5%)		7 (5.2%)	3 (2.2%)	
Q17: Insultá-lo/insultá-la com deprecições						
Nunca	112 (84.2%)	123 (92.5%)	0.082	115 (86.5%)	123 (92.5%)	0.105
Raramente	11 (8.3%)	6 (4.5%)		9 (6.8%)	7 (5.3%)	
Às vezes	5 (3.8%)	3 (2.3%)		6 (4.5%)	2 (1.5%)	
Sempre	5 (3.8%)	1 (0.8%)		3 (2.3%)	1 (0.8%)	
Q20: Dizer coisas sobre ele/ela aos seus amigos para virá-los conta ele(a)						
Nunca	126 (94.0%)	126 (94.0%)	0.972	123 (91.8%)	124 (92.5%)	0.235
Raramente	4 (3.0%)	7 (5.2%)		3 (2.2%)	5 (3.7%)	
Às vezes	3 (2.2%)	1 (0.7%)		6 (4.5%)	2 (1.5%)	
Sempre	1 (0.7%)	0 (0%)		2 (1.5%)	3 (2.2%)	

Continua

**Tabela 25** – Comparação da frequência de Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas nas relações de namoro dos adolescentes nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019. (continuação)

Estratégias de Resolução de conflitos abusivas utilizadas pelos adolescentes	Adolescente			Namorado/namorada		
	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor
Q21: Ridicularizá-lo/ridicularizá-la na frente dos outros			0.905			0.797
Nunca	126 (94.0%)	127 (94.8%)		126 (94.0%)	122 (91.0%)	
Raramente	5 (3.7%)	5 (3.7%)		5 (3.7%)	8 (6.0%)	
Às vezes	3 (2.2%)	2 (1.5%)		3 (2.2%)	4 (3.0%)	
Sempre	0 (0%)	0 (0%)		0 (0%)	0 (0%)	
Q23: Vigiar com quem e onde ele/ela estava			0.966			0.098
Nunca	83 (61.9%)	87 (64.9%)		74 (55.2%)	88 (65.7%)	
Raramente	25 (18.7%)	23 (17.2%)		27 (20.1%)	21 (15.7%)	
Às vezes	19 (14.2%)	18 (13.4%)		18 (13.4%)	17 (12.7%)	
Sempre	7 (5.2%)	6 (4.5%)		15 (11.2%)	8 (6.0%)	
Q24: Culpá-lo/culpá-la pelo problema			0.023*			0.698
Nunca	82 (61.2%)	71 (53.0%)		80 (59.7%)	77 (57.5%)	
Raramente	26 (19.4%)	28 (20.9%)		29 (21.6%)	27 (20.1%)	
Às vezes	21 (15.7%)	30 (22.4%)		17 (12.7%)	24 (17.9%)	
Sempre	5 (3.7%)	5 (3.7%)		8 (6.0%)	6 (4.5%)	
Q28: Acusá-lo/acusá-la de paquerar outro(a) garoto (a)			0.028*			0.162
Nunca	72 (53.7%)	79 (59.0%)		70 (52.2%)	83 (61.9%)	
Raramente	20 (14.9%)	20 (14.9%)		21 (15.7%)	13 (9.7%)	
Às vezes	26 (19.4%)	29 (21.6%)		24 (17.9%)	25 (18.7%)	
Sempre	16 (11.9%)	6 (4.5%)		19 (14.2%)	13 (9.7%)	
Q32: Ameaçar terminar o relacionamento			0.771			0.643
Nunca	81 (60.9%)	82 (61.7%)		93 (69.4%)	92 (68,7%)	
Raramente	14 (10.5%)	20 (15.0%)		17 (12.7%)	18 (13.4%)	
Às vezes	27 (20.3%)	24 (18.0%)		20 (14.9%)	17 (12.7%)	
Sempre	11 (8.3%)	7 (5.3%)		4 (3.0%)	7 (5.2%)	
Q35: Espalhar boatos sobre ele/ela			0.768			0.987
Nunca	125 (94.0%)	130 (97.7%)		128 (96.2%)	128 (96.2%)	
Raramente	6 (4.5%)	3 (2.3%)		1 (0.8%)	1 (0.8%)	
Às vezes	2 (1.5%)	0 (0%)		4 (3.0%)	3 (2.3%)	
Sempre	0 (0%)	0 (0%)		0 (0%)	1 (0.8%)	

N = 134; \* estatisticamente significante (p<0.05)

Fonte: Banco de dados da autora.

Em relação ao namorado(a) do adolescente participante (tabela 26), houve aumento no uso de sete das nove estratégias de resolução de conflitos não abusivas que compõem essa subescala na etapa pós intervenção. Entretanto, só houve acréscimo significativo no ato de ceder só para evitar conflito (p=0.031), que apresentava uma taxa de 53.0% na etapa pré, migrando para 63.4% na etapa pós. A ação de discutir o assunto calmamente, merece destaque (p<0.10) pela ampliação no percentual de namorados(as) que a adotaram durante um conflito.

**Tabela 26** – Comparação da frequência de Estratégias de Resolução de Conflitos Não Abusivas nas relações de namoro dos adolescentes nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.

Estratégias de Resolução de conflitos não abusivas utilizadas pelos adolescentes	Adolescente			Namorado/namorada		
	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor
Q1: Justificar os meus argumentos						
Nunca	31 (23.1%)	24 (17.9%)	0.124	34 (25.6%)	27 (20.3%)	0.152
Raramente	24 (17.9%)	22 (16.4%)		31 (23.3%)	23 (17.3%)	
Às vezes	48 (35.8%)	44 (32.8%)		40 (30.1%)	50 (37.6%)	
Sempre	31 (23.1%)	44 (32.8%)		28 (21.1%)	33 (24.8%)	
Q6: Dizer a ele(a) que tinha parte da culpa						
Nunca	67 (50.4%)	43 (32.3%)	0.003*	65 (48.5%)	55 (41.0%)	0.107
Raramente	23 (17.3%)	29 (21.8%)		32 (23.9%)	27 (20.1%)	
Às vezes	33 (24.8%)	50 (37.6%)		29 (21.6%)	40 (29.9%)	
Sempre	10 (7.5%)	11 (8.3%)		8 (6.0%)	12 (9.0%)	
Q10: Dar as razões pelas quais eu achava que ele(a) estava errado						
Nunca	48 (36.4%)	44 (33.3%)	0.018*	50 (37.6%)	53 (39.8%)	0.176
Raramente	27 (20.5%)	34 (25.8%)		31 (23.3%)	21 (15.8%)	
Às vezes	46 (34.8%)	31 (23.5%)		37 (27.8%)	43 (32.3%)	
Sempre	11 (8.3%)	23 (17.4%)		15 (11.3%)	16 (12.0%)	
Q14: Propus uma solução que eu pensei que faria nós dois felizes						
Nunca	33 (24.8%)	31 (23.3%)	0.883	37 (27.6%)	35 (26.1%)	0.796
Raramente	18 (13.5%)	15 (11.3%)		15 (11.2%)	14 (10.4%)	
Às vezes	33 (24.8%)	29 (21.8%)		40 (29.9%)	36 (26.9%)	
Sempre	49 (36.8%)	58 (43.6%)		42 (31.3%)	49 (36.6%)	
Q16: Parei de falar até que nós dois nos acalmássemos						
Nunca	40 (29.9%)	40 (29.9%)	0.173	41 (30.6%)	42 (31.3%)	0.294
Raramente	25 (18.7%)	15 (11.2%)		22 (16.4%)	20 (14.9%)	
Às vezes	35 (26.1%)	45 (33.6%)		38 (28.4%)	45 (33.6%)	
Sempre	34 (25.4%)	34 (25.4%)		33 (24.6%)	27 (20.1%)	
Q18: Discuti o assunto calmamente						
Nunca	36 (26.9%)	28 (20.9%)	0.026*	37 (27.6%)	35 (26.1%)	0.098
Raramente	31 (23.1%)	24 (17.9%)		30 (22.4%)	15 (11.2%)	
Às vezes	27 (20.1%)	49 (36.6%)		33 (24.6%)	51 (38.1%)	
Sempre	40 (29.9%)	33 (24.6%)		34 (25.4%)	33 (24.6%)	
Q22: Dizer a ele(a) o quanto estive aborrecido(a)						
Nunca	50 (37.3%)	39 (29.1%)	0.008*	47 (35.3%)	42 (31.6%)	0.473
Raramente	27 (20.1%)	13 (9.7%)		27 (20.3%)	22 (16.5%)	
Às vezes	41 (30.6%)	57 (42.5%)		38 (28.6%)	51 (38.3%)	
Sempre	16 (11.9%)	25 (18.7%)		21 (15.8%)	18 (13.5%)	
Q26: Deixar o local para se acalmar						
Nunca	65 (48.5%)	51 (38.1%)	0.082	67 (50.0%)	63 (47.0%)	0.953
Raramente	22 (16.5%)	19 (14.2%)		29 (21.6%)	26 (19.4%)	
Às vezes	28 (20.9%)	46 (34.3%)		26 (19.4%)	32 (23.9%)	
Sempre	19 (14.2%)	18 (13.4%)		12 (9.0%)	13 (9.7%)	
Q27: Ceder só para evitar conflito						
Nunca	62 (46.6%)	53 (39.8%)	0.338	63 (47.0%)	49 (36.6%)	0.031*
Raramente	21 (15.8%)	21 (15.8%)		23 (17.2%)	28 (20.9%)	
Às vezes	25 (18.8%)	40 (30.1%)		26 (19.4%)	45 (33.6%)	
Sempre	25 (18.8%)	19 (14.3%)		22 (16.4%)	12 (9.0%)	

N = 134; \*estatisticamente significativa (p<0.05)

Fonte: Banco de dados da autora.

Quando analisadas as médias dos escores de resolução de conflitos nas relações de namoro dos adolescentes (tabela 27) foi evidenciada redução estatisticamente significativa entre as fases pré e pós intervenção para os escores das estratégias de abusivas praticadas pelos adolescentes ( $p=0.002$ ) e por seus(suas) namorados(as) ( $p=0.008$ ). Já em relação às estratégias não abusivas, foi observado aumento significativo para os atos praticados pelos adolescentes ( $p=0.012$ ) e por seus(suas) namorados(as) ( $P<0.001$ ) entre os dois momentos estudados.

**Tabela 27** – Comparação das médias dos escores das escalas de Estratégias de Resolução de Conflitos nas relações de namoro dos adolescentes nas fases pré e pós intervenção. Recife-PE, 2018-2019.

Domínio	Adolescente			Namorado/namorada		
	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor	Pré intervenção	Pós intervenção	p-valor
Escore Resolução Abusiva						
Média (DP)	7.90 (6.23)	6.53 (5.89)	0.002*	7.66 (6.04)	6.57 (5.45)	0.008*
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	7 (3–12)	5 (2–10)		6.5 (2–12)	6 (2–9.5)	
Escore Resolução Não Abusiva						
Média (DP)	12.80 (6.38)	13.91 (6.87)	0.042*	13.31 (6.39)	15.11 (6.89)	<0.001*
Mediana (P <sub>25</sub> – P <sub>75</sub> )	13 (8.75–17.25)	16 (10.5–18.5)		14 (9–17.25)	17 (12–20)	

N = 134; DP = Desvio Padrão; P<sub>25</sub>: Percentil 25; P<sub>75</sub>: Percentil 75; \*estatisticamente significativa ( $p<0.05$ )

Fonte: Banco de dados da autora.

## 6 DISCUSSÃO

Nos achados evidenciados cabe destacar as especificidades apreendidas pelos dados quantitativos e qualitativos, entretanto foi possível apreender uma triangulação entre ambos, para agregar uma dimensão ampliada da complexidade que envolve a violência no namoro e a perspectiva de seu enfrentamento no contexto da promoção da saúde da população adolescente escolar.

Isto posto, faz-se necessária a contextualização das potencialidades do referencial teórico metodológico dos Círculos de Cultura identificada utilizado em estudos anteriores com adolescentes escolares que concorreram motivar e engajar os adolescentes a aprenderem juntos conhecimentos em saúde. Uma dissertação de metodologia qualitativa que promoveu a avaliação de intervenções educativas que haviam aplicado Círculos de Cultura com adolescentes escolares sobre hanseníase, após intervalo de um e dois anos de seu desenvolvimento. Os resultados, ao entrevistar os adolescentes/escolares, os professores que acompanharam os escolares e os animadores dos círculos de cultura (estudantes de graduação de enfermagem), evidenciaram através dos depoimentos que a vivência havia provocado mudanças no comportamento dos adolescentes/escolares. Estes escolares passaram a participar e destacarem-se nas aulas, de modo a despertar a curiosidade dos professores sobre a metodologia utilizada no processo educativo em saúde, que havia motivado seu interesse e participação nas atividades em sala. Os educadores também relataram o estímulo dos adolescentes ao descreverem suas produções, como: elaboração de uma música e de uma peça teatral sobre a temática, como também a atuação em cena para multiplicar os conhecimentos apreendidos para auxiliar outros escolares a conhecer sobre hanseníase para a prevenção e controle da doença (ROCHA, 2016).

Dentro da mesma concepção, uma tese de doutorado, de metodologia mista, desenvolveu um programa de intervenção para prevenção do bullying entre adolescentes escolares do ensino fundamental. A proposta realizada engajou os adolescentes em um processo de formação sobre a temática, pautado no diálogo e na reflexão crítica, e com o apoio de estratégias educativas que favoreceram a ampla participação e construção coletiva de novos conhecimentos sobre o bullying. Estes adolescentes atuaram como multiplicadores durante o período de 3 meses, desenvolvendo atividades como o teatro, música, vídeos, debates, jogos e cartazes no cenário escolar de modo a contribuir com a redução significativa na ocorrência do bullying na população de estudo (BRANDÃO-NETO, 2018; BRANDÃO-NETO et al., 2020).

Neste sentido, a realização de uma intervenção educativa em saúde mediada pelo referencial teórico e metodológico de Círculos de Cultura como estratégia educativa, dialógica, crítica e reflexiva sobre a violência no namoro possibilitou, numa perspectiva qualitativa, estimular adolescentes a aprenderem juntos sobre a problemática, bem como a elaborarem e aplicarem ações educativas criativas e que estimulassem as potencialidades e habilidades dos mesmos para multiplicar os conhecimentos apreendidos entre seus pares. Enquanto, o enfoque quantitativo permitiu a compreensão da violência no namoro entre os adolescentes ao verificar a ocorrência da violência no namoro e da utilização de estratégias não abusivas para resolução de conflitos no momento anterior e posterior a realização da intervenção educativa.

Os resultados apreendidos na etapa inicial do estudo contribuíram para caracterizar a população de estudo e conhecer as características da violência no namoro entre os adolescentes escolares, que apresentavam uma média de idade que correspondia a população de interesse para estudos que abordam a temática da violência no namoro, assim como as técnicas de coleta de dados utilizadas para estudos com adolescentes.

Alguns pesquisadores questionam a realização de pesquisas com instrumentos auto aplicados na população adolescentes, entretanto, a OMS considera que o recorte etário utilizado neste estudo, já apresenta boa compreensão das perguntas e temas abordados nos formulários, e com isso, capacidade de responder de forma fidedigna as questões do estudo (OLIVEIRA et al., 2017). Outras pesquisas de intervenção envolvendo a violência no namoro entre adolescentes também optaram por incluir estudantes que cursavam os anos finais do ensino fundamental, além do ensino médio para ampliar o acesso a medidas de prevenção e por já possuírem a capacidade de responder as questões de pesquisa (MILLER et al., 2015a; 2015b; VIVES-CASES et al., 2019).

O maior percentual de adolescentes do sexo feminino (53,5%) aproxima-se das taxas (51,3%) encontradas na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada em 2015 pelo IBGE, com população de faixa etária semelhante (TERRIBELE; MUNHOZ, 2019). A maioria feminina também foi encontrada em outras pesquisas de intervenção envolvendo a temática da violência no namoro no Brasil e no exterior (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; MILLER et al., 2016; PESKIN et al., 2019).

A elevada concentração de adolescentes autodeclarados pardos (57,8%) e negros (30,7%) está acima do perfil encontrado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada em 2015, que identificou na população geral 54,1% de pardos e negros (BRASIL, 2016) e com os dados da PeNSE (56,5%), que divergindo deste estudo contempla também escolas particulares (TERRIBELE; MUNHOZ, 2019). Este achado pode ter relação

com a região geográfica e ao perfil socioeconômico do bairro em que o educandário está localizado, que em sua maioria se constitui de famílias com baixa renda que, no contexto brasileiro de desigualdades, se personifica em maior concentração de pessoas pardas e negras.

A orientação sexual declarada pelos adolescentes, predominantemente, foi a heterossexual, entretanto cabe ressaltar que alguns adolescentes se definiram como bissexuais e outros apresentaram restrição em expor seu entendimento, sendo evidenciada que esta temática ainda envolve tabus, que limitam o reconhecimento da dimensão da sexualidade no desenvolvimento pleno do adolescente. Os adolescentes em seu processo de descoberta da sexualidade são influenciados, segundo Taquette e Rodrigues (2015), com o entendimento de que só devem assumir sua orientação ou identidade sexual no final da adolescência.

Destarte a necessidade de escuta e orientação para evitar sua exposição a situações de vulnerabilidade que possam concorrer para experiências desagradáveis e danosas e sentimento de insegurança e baixa autoestima. Isso requer respeito a autodescoberta dos adolescentes sobre sua sexualidade, valorizando seus sentimentos e emoções, rompendo com o preconceito e estigma disseminado pela hegemonia heterossexual.

Ao investigar a religião/crença foi verificado que predominou entre os adolescentes a religião evangélica. Entretanto, uma parcela significativa afirmou não ter religião, e alguns destes crer em uma divindade. O exercício da religiosidade compõe um dos aspectos culturais da sociedade brasileira, sendo as religiões de matriz cristã as mais praticadas, em virtude do processo histórico de colonização vivido pelo país. Para além dos aspectos sócio-históricos, a vivência de uma religião proporciona a aproximação dos adolescentes com temas sensíveis a não violência nas relações interpessoais, como o amor ao próximo, o respeito às diferenças, a empatia, a reflexão sobre suas atitudes, visando a harmonia nas relações entre as pessoas (RIBEIRO; MINAYO, 2014).

O nível de escolaridade dos pais ou responsáveis pelos adolescentes, em sua maioria, era o ensino médio incompleto, inclusive com presença de alguns analfabetos. Este perfil escolar está intimamente relacionado a vínculos empregatícios mais frágeis e constituídos de elevada carga de trabalho e baixos salários, o que é compatível com a predominância de famílias com renda inferior a um salário mínimo e entre 1 e 3 salários mínimos evidenciada nos resultados desta pesquisa.

Esse conjunto de fatores sócio familiares contribui para a redução do convívio familiar decorrentes das altas jornadas de trabalho de pais e mães, acesso restrito a bens e serviços necessários ao pleno desenvolvimento dos adolescentes e ampliação das vulnerabilidades sociais deste grupo populacional. O cenário de pobreza gera, nesses adolescentes, dificuldade

para mobilidade social em virtude de sua cidadania fragilizada, quando comparado a outros grupos que apresentam melhores condições socioeconômicas, sendo necessário o investimento em políticas públicas que os apoie a adquirir as capacidades necessárias para a mudança de sua condição social (CARMO; GUIZARDI, 2018).

Quanto ao perfil das relações de namoro, foi destacada a baixa frequência na ocorrência de situações de conflitos entre o casal, despertando a necessidade de reflexão sobre o que os participantes compreendiam como conflito na relação de namoro, que muitas vezes pode ser confundido como algo negativo, indesejado e relacionado a violência. Esta ideia controversa sobre o conceito de conflito pode ter restringido a precisão dos adolescentes na emissão dessa resposta e melhor aprofundamento desta questão em investigações futuras.

A caracterização do perfil sócio demográfico e dos relacionamentos dos adolescentes contribuiu para identificar suas vulnerabilidades, segundo o Modelo Ecológico para compreensão da violência (WHO, 2018), no nível individual, relacional e comunitário. Embora sejam necessárias mais pesquisas para explicar as disparidades, a desigualdade econômica e racial e a discriminação de gênero, podem contribuir para ampliar esses fatores de risco (FEDINA et al., 2016; ROBERTS; TAMENE; ORTA, 2018; PESKIN et al., 2019).

A influência dessas características individuais e comunitárias também foi evidenciada nas etapas de investigação temática e durante o primeiro Círculo de Cultura, quando os adolescentes expuseram situações de vulnerabilidade social relacionadas a renda familiar e escolaridade dos pais, com relatos de privação econômica e do desejo de estudar e adquirir uma profissão para superar a condição de pobreza atual. Também, ao confrontar os dados, observou-se que os relacionamentos afetivos dos adolescentes influenciaram situações de risco à saúde e corroboram para compreender a complexidade do fenômeno. Silva e cols. (2014b) relacionam a presença da violência na comunidade e nas relações interpessoais dos adolescentes como questões que os vulnerabilizam frente à saúde e ampliam a chance de engajamento ao comportamento violento na sua forma de interagir com o mundo.

Foi evidenciada uma elevada taxa da violência física, sexual e psicológica no namoro dos adolescentes deste estudo. Destaca-se que os percentuais obtidos foram superiores ao estudo de Taylor e Mumford (2014) com 1804 adolescentes na faixa etária entre 12 e 18 anos, nos Estados Unidos da América, que obteve prevalência de vítima-perpetradores para a violência física (9,9%), sexual (7,7%) e psicológica (56,2%). Entretanto houve convergência com o mesmo estudo anteriormente citado quanto ao maior percentual de envolvimento dos participantes como vítima-perpetradores nas três formas de violência analisadas, quando comparada a ser apenas vítima ou somente perpetrador.

Estudo realizado em Recife, com adolescentes do segundo ano do ensino médio de escolas públicas e privadas investigou a ocorrência de violência física e psicológica entre 302 escolares do ensino médio na capital pernambucana, utilizando o inventário CADRI observou um padrão bidirecional, ou de agressões mútuas, mais próxima a prevalência desta pesquisa, com percentual de violência física (14,2%) e psicológica (verbal, 81,1%; ameaça, 21,9%; relacional, 9,3%) no namoro (BARREIRA et al., 2014). Outra pesquisa, desenvolvida na capital pernambucana com estudantes de 12 a 18 anos de seis escolas públicas no bairro de Santo Amaro, e que aplicou um instrumento desenvolvido pela autora, obteve prevalência global de vitimização-perpetração igual a 10,8% (BESERRA et al., 2015).

Este elevado percentual de adolescentes vítima-perpetradores encontrados no presente estudo desperta a reflexão quanto a naturalização da violência como forma de resolver os conflitos presentes no cotidiano dos adolescentes. Neste sentido, foi identificado nos relatos dos adolescentes participantes da intervenção educativa um número elevado de situações de violência vivenciadas por eles, seus familiares e amigos/vizinhos, seja no contexto intrafamiliar, comunitário ou escolar.

A bidirecionalidade da violência entre os namorados, revelada nos dados deste estudo, ao mesmo tempo, se configura como reflexo da sua naturalização entre os adolescentes, visto que a reprodução da violência no contexto em que se inserem os aproxima dos demais indivíduos que já vivenciam tais situações, o que para os adolescentes é considerado algo valioso por sua necessidade de reconhecimento e aceitação grupal. A vivência desses abusos também pode atuar como um fator que eleva o risco de reprodução desses abusos em relacionamentos futuros, alimentando o ciclo de opressão entre os casais. Esse processo cíclico corrobora com a perpetuação da violência doméstica/provocada por parceiro íntimo na sociedade.

Outro fator relevante, que envolve as taxas de prevalência da violência no namoro entre adolescentes e a direcionalidade destes abusos encontrada nos estudos nacionais e internacionais, é a exposição de um preocupante cenários que se reflete em riscos potenciais ao crescimento e desenvolvimento saudáveis, com consequências nocivas à saúde física, psicológica e sexual dos indivíduos expostos a estes abusos.

Na análise do tipo de envolvimento do adolescente com a violência física, sexual e psicológica em relação a idade, destaca-se o elevado percentual de indivíduos menores de 15 anos que já haviam vivenciado algum abuso na relação de namoro. Vivenciar de maneira tão precoce situações de violência, seja no papel de vítima ou de perpetrador, parece ter relação com as construções sociais que validam a resolução abusiva de conflitos. O contexto em que os

participantes do estudo se desenvolveram, revelam elevada vulnerabilidade social, marcado pela violência nas relações interpessoais, inclusive nos relacionamentos afetivo/sexuais.

Deste modo, apreende-se que para o adolescente o uso da violência é uma forma legítima de vivenciar esta fase da vida e passa a reproduzir esses abusos em outros cenários e relações, como a comunidade, a escola, o trabalho; bem como nas relações de amizade e de namoro. Neste sentido, cada vez mais, estudos indicam que adolescentes mais jovens e pré-adolescentes estão experimentando violência em suas relações. Por exemplo, um estudo em quatro comunidades urbanas nos EUA encontrou taxas muito altas de violência no namoro entre adolescentes do ensino médio, destes, 77% referiram perpetrar abuso emocional/psicológico, 32% relataram perpetração de abuso físico e 15% referiram perpetrar abuso sexual (NIOLON et al., 2015; BEATRIZ et al., 2018).

A vivência prematura de agressões nas relações de namoro, encontrada entre os participantes, nos leva a refletir sobre a necessidade do desenvolvimento de ações educativas em saúde junto aos adolescentes mais jovens, como propõe este estudo. Esta recomendação foi aplicada em pesquisas de intervenção com adolescentes escolares que trabalharam com adolescentes do ensino fundamental e médio, contemplando estudantes na faixa etária entre 13 e 18 anos (BEATRIZ et al., 2018; MILLER; JONES; MCCAULEY, 2018).

A literatura também sugere que a prevalência da violência no namoro tende a aumentar à medida que avança a idade dos adolescentes, assim como a gravidade dos abusos (JOHNSON et al., 2015; TAQUETTE; MONTEIRO, 2019; MILLER; JONES; MCCAULEY; 2018), corroborando com a ideia de que quanto mais precoce for a intervenção, menor serão os riscos de envolvimento com esta forma de abuso para os adolescentes.

Houve associação significativa apenas para a relação entre a violência física no namoro e o sexo dos adolescentes. É importante salientar que a problemática apresenta um perfil de ocorrência diferente na população adolescente, quando comparada a violência nas relações de intimidade de adultos, havendo envolvimento mútuo dos pares afetivos quanto a perpetração dos abusos físicos.

O elevado percentual de adolescentes do sexo feminino como praticantes de abusos físicos também foi observado na pesquisa de Shaffer e colaboradores (2018) com adolescentes do ensino fundamental e médio de uma província canadense concluiu que os meninos foram mais vitimizados que as meninas. Outros estudos de prevalência envolvendo adolescentes escolares no Brasil (BARREIRA et al., 2014), Estados Unidos (YBARRA et al., 2016) e África (SHAMU et al., 2016) identificaram o sexo feminino como principal perpetrador da violência física.

Além disso, o percentual mais elevado de meninas praticantes dos abusos físicos pode ter relação com a maior aceitação social deste tipo de violência física quando praticado pelo sexo feminino, uma vez que, as agressões perpetradas por mulheres tendem a ser consideradas como de menor potencial ofensivo e danoso (OLIVEIRA et al., 2016), enquanto a violência praticada por homens, normalmente, é repudiada por apresentar maior potencial ofensivo. E por isso, os meninos podem ter se sentido constrangido em declarar que cometeram algum tipo de agressão física contra suas namoradas na hora do preenchimento do inventário CADRI.

Durante a fase de investigação temática qualitativa foi evidenciado o relato marcante do sexo feminino como principal vítima de todas as formas de abuso, inclusive com desfechos irreversíveis à vida das vítimas. Entretanto, esses abusos foram desaprovados pelos adolescentes, principalmente em relação aos abusos físicos e sexuais devido a diferença na constituição corpórea existente entre o sexo feminino e masculino e as consequências graves desses abusos a saúde das vítimas, incluindo o feminicídio.

Entretanto, é necessária cautela acerca deste achado, visto que a violência no namoro pode apresentar variada prevalência de perpetração em relação ao gênero em virtude da faixa etária apresentada pelo adolescente. Alguns autores discutem que as meninas mais jovens tendem a ser mais agressivas que os meninos e essa realidade se modifica com o decorrer dos anos, quando as agressões dos meninos passam a ser mais constantes e intensas, de modo a reproduzir a cultura enraizada em diversas sociedades. Segundo Shorey e colaboradores (2017) as meninas apresentam um pico de perpetração da violência física em torno dos 15-16 anos, com tendência a queda nos anos subsequentes, enquanto os meninos mantêm um padrão constante, com incremento na prática de abusos ao final da adolescência, ou seja, entre 18-20 anos.

Embora os resultados demonstrem que adolescentes de ambos os sexos vivenciaram os abusos sexuais, as meninas apresentaram maior percentual de vitimização e os meninos prevaleceram como perpetradores e vítima-perpetradores. Este padrão de envolvimento encontrado reforça a construção histórica das normas tradicionais de gênero, que estabelecem desigualdades de poder e que contribuem para objetificação do corpo feminino pelos homens, colocando a mulher no papel de vítima dos abusos sexuais.

Essas nuances foram reveladas pelos adolescentes ao descreverem as motivações para os abusos de natureza sexual, mas também física, perpetrados contra as meninas, que normalmente estavam associados ao exercício do poder e comportamento de controle de roupas, amizades, mas que também eram realizados através de beijos, toques em partes íntimas e sexo sem o consentimento da menina. Dados estes que corroboram com outros estudos

desenvolvidos no contexto escolar, com adolescentes, também identificaram que o sexo masculino foi, frequentemente, mais perpetrador da violência sexual que o sexo feminino (SHOREY et al., 2008; SHAMU et al., 2016).

Chamou atenção o percentual de meninas na condição de vítima-perpetradores, embora apresente percentual menor que os meninos. Para compreender este resultado buscou-se aproximação com um estudo realizado com 872 adolescentes que cursavam o segundo ano do ensino médio no Texas, Estados Unidos, que evidenciou a existência de um padrão de risco para perpetração de violência sexual semelhantes entre meninos e meninas com idade entre 14 e 18 anos, havendo uma tendência a elevação para o sexo masculino após os 18 anos.

Ademais, muitas vezes os meninos se sentem forçados a ter relações sexuais por pressão exercida pela(o) parceira(o) ou de amigos e pelo medo de ter sua masculinidade ameaça por fofocas, zombarias e humilhações perante seus pares de ter a sua negativa exposta das categorias machismo e patriarcado influenciam, em diferentes contextos e intensidade, ao longo do desenvolvimento das meninas a aceitação da condição de vítima (MINAYO, ASSIS, NJAINE, 2011; BRANCAGLIONE; FONSECA, 2016).

A violência psicológica apresentou elevada ocorrência em ambos os sexos e concentrada nas agressões mútuas entre os namorados. Este perfil encontrado pode ter relação com uma das características dos abusos psicológicos, que é a não percepção pelos adolescentes envolvidos, como destaca Pérez-marco e Colaboradores (2020). Os abusos psicológicos não deixam marcas físicas, visíveis aos olhos, Esses atributos presentes na violência psicológica concorrem para configurá-la como a mais prevalente entre adolescentes quando comparada a outras formas de abusos (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; RUBIO-GARAY et al., 2017; RUBIO-GARAY et al., 2019).

O percentual de adolescentes autodeclarados bissexuais envolvidos com a violência no namoro merece reflexão, especialmente pela associação encontrada entre a orientação sexual e a violência física. Segundo Elísio, Neves e Paulos (2018), assim como nas agressões entre namorados heterossexuais, a violência psicológica emerge como uma das formas de vitimização mais expressivas, entre adultos e a violência sexual apresenta menor proporção que as demais formas. Nesse grupo social, a violência nas relações de intimidade configura-se como o terceiro maior problema enfrentado pelos homens homossexuais.

Esse grupo de adolescentes não foi observado na condição de perpetradores de violência sexual e de vítimas da violência psicológica. Estudo de Olsen, Vivolo-Kantor e Kann (2017) com adolescentes lésbicas, gays, bissexuais e aqueles que apresentam incerteza quanto à sua identidade sexual apresentam, de modo divergente desta pesquisa, maior prevalência e

frequência de vitimização em todas as formas da violência no namoro em comparação com a juventude heterossexual.

A proteção para o envolvimento com a violência no namoro exercida pela vinculação dos adolescentes a alguma religião/crença, destacando-se associação com a violência física, está relacionada à potencialidade que a religião apresenta, no processo de desenvolvimento desses sujeitos, para inserir princípios morais e éticos que promovam a humanização e amorosidade pautadas na pedagogia de Paulo Freire (2014) para enfrentar ou prevenir as situações opressoras como a própria violência no namoro. Isto conduz ao entendimento de que ter uma religião/crença constitui fator de proteção para as vulnerabilidades sociais, bem como o envolvimento dos adolescentes em situações de violência (RIBEIRO; MINAYO, 2014; DALCIN et al., 2016).

Do ponto de vista da teoria de embasamento ecológico, outro fator importante, além da religião, é a renda familiar e a escolaridade dos pais por influenciarem diretamente as condições socioeconômicas das famílias e com isso o acesso dos adolescentes a bens e serviços, condições dignas de moradia e maior tempo dos pais disponível para os filhos/família. A condição de pobreza das famílias esteve associada a um maior percentual de adolescentes envolvidos com a violência no estudo de Silva e colaboradores (2014b).

E, segundo Silva, Costa e Nascimento (2019) a vulnerabilidade social foi considerada um fator motivador de conflitos um ambiente familiar/doméstico, corroborando para tornar a relação familiar conflituosa e naturalizar a resolução de conflitos abusiva, bem como a perpetração ou tolerância a outras violências, como a violência no namoro como algo aceitável.

O status do relacionamento apresentou associação com a violência física. A maioria das vítimas já havia terminado o namoro, enquanto o maior percentual de perpetradores e vítima-perpetradores permaneciam com a relação em curso no momento da investigação. Dois estudos, realizados por Giordano e colaboradores (2010), com adolescentes de ambos os sexos, e por Rizzo e colaboradores (2017), com meninas, e direcionados a investigar as características da violência física no namoro neste grupo etário, vincularam o maior tempo de relacionamento entre os adolescentes ao aumento da probabilidade de ocorrência de violência física no namoro.

Rizzo e colaboradores (2017) destaca que quanto mais duradouros são os vínculos entre os pares afetivos, mais oportunidades para que a violência se desenvolva irá existir. Os vínculos e sentimentos desenvolvidos em relacionamento mais longos concorrem para que os adolescentes tenham dificuldade de romper as relações, mesmo com a presença de situações abusivas, conforme os valores e crenças construídos ao longo do desenvolvimento destes indivíduos.

A etapa de investigação temática e os encontros educativos nos Círculos de Cultura revelaram, nas categorias temáticas 1 e 3, algumas situações de violência nos relacionamentos de pequeno e médio tempo de duração, que apresentaram desfechos graves. Os relatos de agressões no ambiente escolar, entre os educandos e direcionada aos professores também foram identificados nesta fase do estudo, o que converge para a precocidade dos abusos em relação ao tempo de namoro.

Além disso, existem algumas crenças na sociedade de que ao decidir pelo rompimento de um relacionamento com sinais de abusos, pode desencadear atitudes de possessividade e posturas de agressões mais severas. O receio de que os abusos sofridos possam ocorrer de forma mais abusiva, concorrem para uma postura de submissão de muitas meninas à manutenção do namoro. As outras formas de violência (sexual e psicológica) não apresentaram resultados significantes, mas, assim como nos abusos físicos, estiveram mais concentradas nos envoltimentos de maior duração.

No estudo houve associação entre a frequência dos conflitos nos relacionamentos e ocorrência de violência física. Os dados revelaram maiores taxa de vitimização física e psicológica nos relacionamentos em que existia pouco conflito e de vitimização-perpetração física e psicológica nos relacionamentos em que sempre havia conflitos entre o casal. A concepção do processo de educação, como instrumentalização do pensamento crítico que sedimenta nos indivíduos uma leitura de mundo antes da leitura das palavras (FREIRE, 2014) concorre para inferir que adolescentes apresentam, inicialmente, uma percepção ingênua do fenômeno, concorrendo para a naturalização da violência nas relações de namoro, quando o adolescente é capaz de reconhecer a vivência dos vários tipos de violência, assumindo distintos papéis em relação à autoria da atitude violenta, entretanto, minimizam a frequência desses conflitos.

Compreende-se conflito como toda opinião, ou interpretação divergente, entre duas ou mais pessoas, sobre um dado ou acontecimento, sendo algo inevitável nas relações interpessoais e permite a percepção de olhares divergentes. A forma como os adolescentes lidam com os conflitos nas relações de namoro podem denotar, se construtivas, em vínculos emocionais positivos e ajudar a preservar o afeto entre o casal. Enquanto, as formas destrutivas tendem a prejudicar os indivíduos e os relacionamentos devido à hostilidade e desrespeito exibidos, podendo culminar em atos de violência (BONACH; RAMIREZ-SANTANA; GONZÁLEZ-MENDEZ, 2016).

O cenário escolar atua como um componente essencial à socialização dos adolescentes, ajudando na regulação da aprendizagem, emoções e comportamentos, a partir das relações com

os pares e professores/equipe de apoio pedagógico. Estes elementos, além de influenciarem a relação entre os iguais, por meio de normas, regras e da cultura da instituição, capacitam os estudantes a desenvolverem as habilidades sociais necessárias ao convívio harmônico em comunidade (POLLETO; KOLLER, 2008).

A inserção do adolescente em ambientes educacionais cuja estrutura física e das relações entre os pares não é acolhedora e possui na sua cultura a presença da violência são prejudiciais ao desenvolvimento deste sujeito, ampliando suas vulnerabilidades. O contexto escolar em que este estudo se desenvolveu observaram-se algumas fragilidades relacionadas a infraestrutura física e a presença de situações de violência nas relações entre os escolares, incluindo o consumo de drogas e o bullying, que podem influenciar nas relações interpessoais, concorrendo para a distorção dos princípios de ética, respeito, empatia e humanização e para um maior risco a relações conflituosas no namoro. Esta realidade converge com o estudo realizado por Debnam, Waasdorp e Bradshaw (2016), com estudantes do nono ao décimo segundo ano de escolas americanas, que encontrou associação entre o adolescente ter sofrido bullying com maior risco de sofrer violência no namoro no futuro.

O envolvimento dos adolescentes com a violência nas relações de namoro, identificado entre os participantes do estudo, constitui uma situação de vulnerabilidade com repercussões em seu desenvolvimento biopsicossocial e cultural, advertindo para a importância da implementação de propostas educativas relacionadas à temática no âmbito escolar. E essas ações devem estar ancoradas no conhecimento das vulnerabilidades sociais presentes no ambiente social, histórico, econômico e cultural em que os adolescentes estão inseridos, para atingir maior efetividade nos resultados.

A intervenção educativa proposta pelos adolescentes a partir das suas vivências de aprendizado mediado pelos Círculos de Cultura foi nomeada de *Projeto de Prevenção da Violência no Namoro*. Esta proposta educativa reconhece o potencial deste grupo etário para envolver-se e mobilizar-se em ações de promoção à saúde, de modo a atuarem como multiplicadores de conhecimentos diante de seus pares escolares, familiares e comunidade.

A aplicação das etapas que compõem o Círculo de Cultura para Monteiro e Vieira (2008; 2010), visou alicerçar um processo instigante e mobilizador na participação dos integrantes, rompendo com uma proposta conteudista e valorizando o exercício da reflexão crítica sobre o fenômeno da violência no namoro e almejando contribuir para a conscientização na construção de conhecimentos e na responsabilidade social para compartilhar esses conhecimentos.

Os elementos presentes no contexto da comunidade escolar, que envolveram a precária estrutura física, como ausência de iluminação adequada, depredação de banheiros e pátio,

espaço recreativo insuficiente ao quantitativo de estudantes por turno, falta de água regular, e ausência de quadra poliesportiva coberta. Foi identificada durante a fase que antecedeu os círculos de cultura a ocorrência da violência na escola, representada por brigas regulares entre os adolescentes, bullying, consumo de drogas e relação conflituosa destes com o corpo docente.

Somam-se as questões contextuais, que envolvem a ambiente escolar, elementos do cotidiano social externo à escola, mas que com ela dialogam, como a família e a comunidade/sociedade em que os adolescentes estão inseridos. O conteúdo da investigação temática com os adolescentes contribuiu para o desvelamento de algumas situações de violência presentes nas relações sociais dos adolescentes, de seus familiares e amigos, como racismo, homofobia e violência perpetrada por parceiro íntimo. Essa realidade social de proximidade com a violência contribui para sua naturalização entre os adolescentes, levando-os a reproduzir esses comportamentos violentos como forma de resolver os conflitos presentes nas suas relações sociais, incluindo o namoro (CARINHANHA; PENNA, 2012).

A estratégia pedagógica dos Círculos de Cultura foi utilizada para a construção de conhecimentos sobre a violência no namoro e para a adoção de estratégias de resolução de conflitos não violentas pelos adolescentes. Estes dois conteúdos foram identificados pelos adolescentes como elementos necessários para a consolidação de estratégias de enfrentamento da violência no namoro, durante a fase de investigação temática, sendo o diálogo apontado como o fio condutor das resoluções de conflito não abusivas. A partir deste conhecimento oriundo das entrevistas realizadas na investigação temática, o desenvolvimento da intervenção educativa buscou associar os fundamentos pedagógicos da educação de Freire (2014; 2015b) com perspectiva ecológica da violência proposta pela WHO (2018) ao abordar os aspectos relacionados ao fenômeno e estimular os participantes atuarem como multiplicadores com seus pares na comunidade escolar.

O processo pedagógico desenhado neste estudo colocou os adolescentes num lugar de protagonismo do processo de aprendizado, de forma coletiva e de modo a respeitar e estimular a autonomia dos sujeitos (COSTA et al., 2015; SOUZA et al., 2020). Os Círculos de Cultura constituíram-se como um espaço favorável ao diálogo e a reflexão dos adolescentes sobre a sua realidade, marcada pela naturalização da violência entre os namorados, motivando-os a idealizar alternativas para transformá-la.

Esta ferramenta educacional também foi utilizada em outras pesquisas para engajar adolescentes e jovens na aquisição de conhecimentos sobre temas relacionados a saúde e o desenvolvimento de competências sociais que favoreçam sua atuação no processo de mudança dos problemas vividos na comunidade escolar (MONTEIRO et al., 2015a; 2015b; BRANDÃO-

NETO et al., 2020). Outros estudos, voltados a prevenção da violência no namoro, utilizaram estratégias participativas de ensino-aprendizagem para provocar adolescentes a adquirirem competências para melhorar as estratégias de resolução de conflitos e redução da ocorrência da violência no namoro entre os participantes, obtendo resultados promissores (BEATRIZ et al., 2018; VIVES-CASES et al. 2019; PÉREZ-MARCO et al., 2020).

Neste sentido, incorporar o referencial teórico e metodológico dos Círculos de Cultura, como estratégia de intervenção em saúde para o enfrentamento da violência no namoro entre adolescentes, configurar-se como uma proposta que diferencia este estudo empírico das pesquisas brasileiras voltadas a mesma temática no presente momento.

Ademais, após a realização da intervenção educativa sobre a violência no namoro mediada pelos Círculos de Cultura houve redução na taxa de ocorrência da violência física (vitimização, perpetração e vitimização-perpetração); sexual (da vitimização e vitimização-perpetração) e psicológica (vitimização e perpetração) nas relações de namoro dos adolescentes multiplicadores e demais participantes do estudo.

Estes resultados são solidificados ao se verificar a diminuição na média de todos os escores de vitimização e de perpetração da violência física, sexual e psicológica entre os adolescentes multiplicadores; sendo esta redução estatisticamente significativa para a violência psicológica/verbal quanto a vitimização ( $p=0.027$ ) e psicológica/comportamento de ameaça para vitimização ( $p=0.043$ ) e perpetração ( $0.046$ ) na comparação dos momentos pré e pós-intervenção educativa mediada por uma metodologia de ensino que estimulou o protagonismo dos adolescentes.

E se analisarmos todo o grupo que participou antes e depois (134 adolescentes), também se observa um impacto nos escores de vitimização e perpetração, o que corrobora com a tese de que os adolescentes que integraram os Círculos de Cultura atuaram de forma efetiva como multiplicadores junto à comunidade escolar. Na análise do conjunto dos estudantes que responderam o inventário CADRI nos dois momentos de coleta de dados quantitativos e que foram pareados foi identificada redução estatisticamente significativa dos escores perpetração da violência sexual ( $p=0.015$ ) e psicológica/verbal ( $p=0.018$ ) e de vitimização física ( $p=0.004$ ), sexual ( $p=0.035$ ) e psicológica/verbal ( $p=0.013$ ) com os 134 adolescentes nos momentos pré e pós-intervenção.

Neste sentido, um programa de intervenção multicomponentes, ancorado no modelo ecológico para compreender o fenômeno e delinear a intervenção, desenvolveu conteúdo educativo para estudantes do sexto ao oitavo ano; treinamento para os pais e educadores; estratégias de comunicação para jovens e atividades do departamento de saúde local para avaliar

a capacidade e rastrear a violência no namoro entre os adolescentes. Seus resultados foram eficazes para reduzir comportamentos abusivos e relacionamento não saudáveis, como violência no namoro entre adolescentes e uso de estratégias abusivas de resolução de conflitos, em relação ao grupo controle (NIOLON et al., 2019).

O programa multicomponentes desenvolvido por Niolon e colaboradores (2019) além de ser mais amplo e envolver os pais e professores em atividades mais padronizadas, apreendeu número maior de participantes, o que nos leva a crer que os resultados encontrados no “*Projeto de prevenção da violência no namoro*” desenvolvido neste estudo são promissores. Especialmente pela substituição de uma visão ingênua sobre o fenômeno para uma postura crítica para as situações de violência, evidenciada nos seus depoimentos durante a pesquisa-ação e nos indicadores quantitativos, associados aos escores de envolvimento com estes abusos e na redução das estratégias abusivas de resolução de conflitos e aumento nas não abusivas.

Outra comparação interessante remete-se ao estudo de Souza (2020) que realizou uma intervenção multicomponentes, com desenho quase-experimental, com adolescentes escolares do oitavo e nono ano do ensino fundamental. A pesquisa em pauta, desenvolveu quatro sessões educativas com os estudantes e um encontro com os pais e professores para estimular habilidades para a redução da violência no namoro e de relacionamentos íntimos saudáveis não encontrou diferença na comparação entre o grupo intervenção e controle.

As divergências, muitas vezes encontradas entre estudos para prevenção da violência no namoro no cenário escolar, mesmo aqueles mais complexos e que são capazes de atingir igualmente os diversos componentes que envolve o fenômeno pode não ser efetivos em todos os itens analisados exatamente pela complexidade de fatores que envolvem a violência no namoro. Deste modo, a utilização de estratégias de intervenção que despertem o pensamento crítico e conscientização dos adolescentes podem ser um caminho promissor.

A apreciação de estudos que investigam a efetividade de intervenção relacionadas a violência no namoro, denotam a necessidade de que sejam empregadas estratégias educativas mais abrangentes (CARLOS et al., 2017) e multicomponentes do modelo ecológico social. Além disso, poucos programas de prevenção de violência no namoro foram testados em ambientes urbanos de alta criminalidade e pobreza, onde os jovens frequentemente enfrentam múltiplos riscos que pode aumentar a exposição a vitimização de adolescentes nas relações de namoro (NIOLON et al., 2019).

Isso remete a necessidade de considerar o contexto de vulnerabilidade social que os adolescentes integrantes deste estudo estavam inseridos, marcado pela pobreza, tráfico de drogas, violência comunitária, doméstica e no âmbito escolar que concorrem para ampliar o

risco de envolvimento em relações de namoro abusivas, como descrito por Niolon e colaboradores (2019).

Neste sentido, é importante salientar que a consolidação de competências e a mudança em comportamentos naturalizados na sociedade, como o uso da violência para resolução de conflitos entre as pessoas, necessita de abordagens duradouras e/ou que realizem o monitoramento contínuo da população estudada (SÁNCHEZ-JIMÉNEZ; MUNOZ-FRENÁNDES; ORTEGA-RIVERA, 2018). Esta ideia de enraizamento da violência no cotidiano dos adolescentes foi apreendida durante os Círculos de Cultura, quando os integrantes expuseram as vivências pessoais e de terceiros como algo comum e corriqueiro, inclusive as agressões letais, como feminicídio. Os comportamentos de controle e ameaça, muitas vezes eram descritos sem que eles percebessem que se tratava de violência tamanha a naturalização do fenômeno no seu ambiente social.

Esse aumento na percepção da violência no namoro, fruto do processo de conscientização dos adolescentes promovida pelo exercício da reflexão crítica dos Círculos de Cultura, pôde ser observado na comparação da distribuição das frequências da violência no namoro antes e depois da intervenção. O resultado desta análise mostrou a migração de que adolescentes anteriormente se autodeclararam sem envolvimento, ou, apenas como vítima ou perpetrador, para a condição de vítima-perpetradores.

Outras pesquisas que investigaram fatores associados a violência no namoro reconhecem que a exposição à violência doméstica e/ou comunitária amplia o risco de envolvimento com a violência no namoro e com outras formas de violência durante a adolescência ou outras fases da vida (FOSHEE et al., 2015; TURNER et al., 2016; REIDY et al., 2017).

Neste estudo a população está inserida em camadas sociais menos favorecida com limitado acesso a bens e serviços. A localização da escola na proximidade da comunidade onde os adolescentes residem é caracterizada por apresentar nos noticiários locais situações de conflitos e abusos nos relacionamentos íntimos. A junção desses aspectos sociais e culturais com os pessoais e familiares, favorece a compreensão do comportamento violento, corroborando para normatizar a perpetração ou a tolerância a vitimização das pessoas pela violência no namoro. Romper com pensamentos e atitudes que reproduzem situações de violência demandam estratégias educativas participativas e sistemáticas para o enfrentamento e diminuição na ocorrência do fenômeno.

Diante dessa complexidade de fatores que influenciam a problemática da violência no namoro e visando uma melhor compreensão das atitudes dos adolescentes frente aos conflitos

com seus pares afetivos, buscou-se verificar se houve mobilidade dos adolescentes, através da comparação das frequências do envolvimento, como vítima, perpetrador, e vítima-perpetrador, comparando os momentos antes e depois da intervenção com os Círculos de Cultura. Esta análise contribuiu para perceber que houve redução no percentual de adolescentes que não apresentavam envolvimento com todas as formas da violência no namoro e dos adolescentes vítimas-perpetradores dos abusos físicos e sexuais no momento pós-intervenção.

A estes resultados, somam-se as análises dos atos de violência perpetrados ou sofridos, e das estratégias abusivas e não abusivas de resolução de conflitos, que proporcionaram, na comparação entre os momentos pré e pós-intervenção, concorreram para a redução da maioria das atitudes violentas e a ampliação de comportamentos mais respeitosos e éticos. Ao observar tais mudanças, torna-se impossível dissociar alguns constructos da pedagogia de Paulo Freire (2014), como a amorosidade, a humanização e a ética, no processo de interação com os adolescentes e como elementos chave nos momentos de reflexão crítica sobre a realidade que, no contexto dos integrantes dos Círculos de Cultura, era marcado pela violência e por construções afetivas e morais fragilizadas tanto no âmbito familiar, quanto no comunitário.

Durante o processo de problematização nos Círculos de Cultura, os adolescentes realizaram intenso diálogo e reflexões críticas sobre a violência no namoro, seus fatores de risco e malefícios à saúde. Desse modo, a instrumentalização dos Círculos de Cultura auxilia na superação da visão ingênua dos adolescentes sobre o fenômeno, com o desenvolvimento de uma visão consciente e engajada com o desejo de mudança da realidade, conduzindo os adolescentes a enxergarem criticamente as múltiplas dimensões que envolvem a violência no namoro e a perceber-se como sujeito desse processo.

A partir da transformação do pensamento ingênuo para o pensamento crítico, os integrantes dos Círculos de Cultura foram impulsionados a buscar formas de enfrentar a violência no namoro e a se engajarem na atuação como multiplicadores de conhecimentos e na elaboração de ações de educação em saúde que abrangessem a comunidade escolar, alcançando os demais estudantes, professores e pais/responsáveis.

O desenvolvimento da atividade de culminância para encerramento da intervenção educativa permitiu, desde sua construção, o desabrochar das potencialidades presentes nos integrantes do grupo para conduzir a partilha dos conhecimentos adquiridos com os demais escolares, além dos professores e pais/responsáveis. Concomitantemente a elaboração da peça teatral, os integrantes realizaram algumas ações com suas turmas e ainda mobilizaram outros educandos na organização da atividade.

Durante a apresentação teatral foi observada a riqueza de detalhes, desde a composição de um roteiro que contemplou os aspectos relacionados à definição e tipos de violência no namoro, fatores de risco e proteção, consequências à saúde e as estratégias não abusivas para enfrentamento dos conflitos, além dos personagens que podem contribuir para que vítimas e perpetradores reconheçam o problema e busquem ajuda. Os adolescentes prepararam um espetáculo dinâmico e interativo que apresentou a comunidade escolar (estudantes, professores e pais/responsáveis) uma visão crítica, consciente e conscientizadora sobre a violência no namoro, para sensibilizá-los e refletirem criticamente sobre a temática.

Estudo de Peskin e colaboradores (2019) com adolescentes do ensino fundamental, fundamentado no modelo ecológico, e que utilizou o escore da CADRI, para avaliar o efeito de uma intervenção experimental, encontrou redução significativa na vitimização e perpetração da violência no namoro entre os participantes. Outra pesquisa desenvolvida por Taylor, Mumford e Stein (2015), com 2665 adolescentes que cursavam o ensino fundamental encontrou redução significativa da vitimização e perpetração da violência no namoro após uma intervenção educativa.

Segundo De La Rue e colaboradores (2016), aumentar a conscientização sobre violência no namoro e ajudar estudantes a reconhecerem violências e comportamentos abusivos é um passo importante para ajudá-los a criar relacionamentos seguros. Além de favorecer o conhecimento dos jovens sobre os recursos disponíveis para que ele consiga se posicionar diante de um relacionamento violento. Durante os Círculos de Cultura, os adolescentes tiveram a oportunidade de refletir sobre seus relacionamentos atuais e anteriores, identificando atitudes de violência que anteriormente eram veladas. Este processo reflexivo contribuiu para valorizar a essência humana dos adolescentes, conduzindo-os ao pensar ético e amoroso sobre seu comportamento (FREIRE, 2014) e de seus pares afetivos, culminando na redução do envolvimento com a violência no namoro.

Brandão-Neto et al. (2020) em uma pesquisa participante baseada na comunidade para a prevenção do bullying entre adolescentes do ensino fundamental foi utilizado como estratégia educativa o referencial teórico e metodológico dos Círculos de Cultura. Durante a intervenção os adolescentes produziram um conhecimento identitário do grupo, com apreensão da realidade concreta, em um movimento dialógico que mobilizou os participantes a atuarem como protagonistas, de forma semelhante alcançada pelos escolares.

Outra intervenção qualitativa realizada com adolescentes para prevenir a violência no namoro, denominada *Lights4Violence* utilizou roteiros de vídeos, observou que os participantes se viam como potenciais promotores de relacionamentos saudáveis com seus pares

e utilizavam medidas de proteção da violência no namoro, a partir do conhecimento adquirido no programa (PÉREZ-MARCO et al., 2020). Os resultados do estudo acima levam ao entendimento de que o namoro também se configura como uma vivência que proporciona oportunidade única de desenvolver habilidades para o gerenciamento de conflitos, mediados pelo diálogo e negociação de soluções de forma compartilhada.

Durante os Círculos de Cultura e no momento da culminância, com a apresentação da peça teatral com a comunidade escolar, foram abordadas algumas estratégias para resolução abusivas e não abusiva de conflitos. E para verificar os efeitos da intervenção sobre estas variáveis foi realizada a comparação dos seus escores nas fases anterior e posterior a aplicação dos Círculos de Cultura.

Foi verificado como efeito da intervenção educativa, mediada pelos Círculos de Cultura, a obtenção de resultados estatisticamente significantes quanto as médias dos escores das estratégias abusivas resolução de conflitos pelos adolescentes multiplicadores isoladamente ( $p=0.011$ ) e do grupo total de participantes ( $p=0.002$ ) e dos namorados dos adolescentes multiplicadores ( $0.004$ ) e dos namorados do grupo completo ( $p=0.008$ ) na comparação antes e após intervenção educativa mediada pelos Círculos de Cultura. Também com mudança estatisticamente significativa, houve elevação na média do escore referente as estratégias não abusivas de resolução de conflitos entre os adolescentes do grupo geral ( $p=0.042$ ) e dos pares afetivos dos 134 adolescentes ( $p<0.001$ ) nos momentos antes e após a intervenção.

Estes resultados apresentam melhor efetividade que os encontrados em estudo realizado com adolescentes do ensino fundamental, que obteve redução significativa nas estratégias de resolução de conflitos abusivas (PESKIN et al., 2019). Outros estudos também apresentaram redução apenas nas resoluções de conflitos abusivas (BONACHE; RAMÍREZ-SANTANA; GONZALEZ-MENDEZ, 2016; NIOLON et al, 2019). Bem como, revelam que a utilização dos Círculos de Cultura no enfrentamento da violência no namoro é um caminho viável tanto por sua capacidade de promover a construção coletiva de novos conhecimentos quanto da sua capacidade de despertar o protagonismo dos seus participantes para intervirem em seu contexto social.

## **7 LIMITAÇÕES DO ESTUDO**

Diante da dimensão e complexidade do estudo, que requereu a imersão da pesquisadora, cabe destacar como limitação o estudo de intervenção ter sido realizado em uma única escola pública. Assim como, a ausência de um grupo controle e randomização da amostra, considerado um requisito metodológico que confere maior rigor aos desfechos de natureza quantitativa. Outra limitação está associada ao próprio desenho de estudo, que por natureza não permite a generalização dos dados para outras realidades socioculturais.

Também pode ser considerado um fator limitante, o curto intervalo de tempo decorrente entre a culminância e a reaplicação do inventário CADRI, sendo necessário um acompanhamento longitudinal de seus participantes.

Além disso, as limitações estruturais da escola concorreram para maior investimento pessoal da pesquisadora e a sensibilidade para apresentar adequação para assegurar o bem estar dos adolescentes durante os Círculos de Cultura.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de Círculos de Cultura, como uma tecnologia educacional participativa, criativa e capaz de despertar a reflexão crítica e dialógica na construção de conhecimentos sobre a violência no namoro e a aquisição de habilidades necessárias a resolução de conflitos não abusivos pelos adolescentes, veio sedimentar um modelo de intervenção que se propõe a embasar cientificamente sua aplicabilidade no contexto dos Programas de Saúde Escolar. Além disso, os fundamentos do Círculo de Cultura, utilizados aqui como referencial teórico e metodológico para planejar, executar os conteúdos da intervenção, encontram-se conectados com os elementos filosóficos da pesquisa-ação, especialmente no que tange a sua dimensão colaborativa, convergindo a finalidade de sua aplicação como abordagem de ensino e técnica de coleta de dados.

O desenvolvimento dos Círculos de Cultura, para além dos conhecimentos e mobilização desperta nos adolescentes que o integraram a responsabilidade social por contribuir no enfrentamento da problemática da violência no namoro na escola, assumindo uma atitude de protagonismo para atuarem como multiplicadores sobre a temática.

A essência de formular momentos educativos motivadores e criativos contribuiu para o interesse e iniciativa dos escolares para discorrer sobre o fenômeno de modo contextualizado e integrado aos valores sócios culturais que alicerçam a identidade dos adolescentes em seu processo de autodescobertas e de autonomia para tomada de decisões sobre sua saúde e da coletividade. O momento da culminância da intervenção educativa em saúde resultou na produção e apresentação de uma peça teatral que apresentava de modo problematizador, situações contextualizadas do fenômeno da violência do namoro entre adolescentes. O acesso a conhecimentos críticos e reflexivos contribuiu para mudanças de atitudes e hábitos promotores de saúde, de modo a intervir como agentes ativos da transformação da realidade.

Este conjunto de iniciativas promoveu a eficiência, que podem ser observadas no entrelace dos modos de avaliação proposto pelo método misto, ao evidenciar resultados deste estudo, que indicam a redução do fenômeno na comunidade escolar envolvida.

Durante o desenvolvimento do estudo foi identificado que o fenômeno da violência era uma questão muito comum na comunidade escolar, e que a violência nas relações de intimidade era uma realidade na vida dos adolescentes/escolares ou de pessoas próximas. Emergiu o entendimento da influência das relações socioafetivas, para a naturalização da violência e submissão do(a) parceiro(a) a manutenção dessa relação conflituosa e danosa para a autoestima e dinâmica de vida dos adolescentes. Constituiu um desafio resgatar as potencialidades de

leitura de mundo dos adolescentes diante do autoconhecimento de suas potencialidades e do trabalho engajado no compromisso com o bem coletivo, que remete a compreensão de elementos da perspectiva ecológica social da violência com os elementos da ética-humanística, e das conquistas da cidadania para a construção de modos de resolução de conflitos no namoro.

O alcance de resultados exitosos de redução do fenômeno entre os adolescentes participantes dos Círculos de Cultura, com aumento no percentual de adolescentes não envolvidos com a violência no namoro no intervalo entre as etapas pré e pós-intervenção, além da redução significativa nos escores de perpetração dos abusos sexuais e psicológico/verbais e de vitimização física, sexual e psicológica, com o empoderamento dos adolescentes para mobilizar seus pares convergem para conceber a aplicação desta intervenção no contexto brasileira com estratégia possível de aplicabilidade de modo disseminado para execução de políticas pública junto a este grupo populacional.

A verificação de ampliação nos escores do uso das estratégias de resolução de conflitos não abusivas, no momento pós-intervenção, vem agregar a consolidação de evidência valorativa ao investimento em ações educativas em saúde em uma dimensão de trabalho na defesa e proteção da criança e do adolescente. Este resultado contribuiu para a sustentação da hipótese de que uma intervenção educativa em saúde, fundamentada no referencial teórico metodológico dos Círculos de Cultura estimularia adolescentes a desenvolverem um conhecimento crítico e reflexivo sobre a violência no namoro e a aplicarem estratégias de resolução de conflitos não abusivas, como também a atuarem como multiplicadores dos conhecimentos apreendidos entre seus pares.

A atuação do enfermeiro como educador em saúde em articulação com intervenções intersetoriais e interdisciplinares concorre para a necessidade de associar a visão ecológica da violência no enfrentamento da violência no namoro, mas também como tecnologia assertiva nas ações de educação em saúde e que dialoga com as políticas públicas de interesse a população adolescente. E com isso, pode-se afirmar que esta pesquisa traz subsídios para inspirar futuras intervenções, especialmente para aprimorar o desenho metodológico e avaliar a efetividade da intervenção em períodos de inervá-lo pós-intervenção mais longos.

## REFERÊNCIAS

- AIZENMAN, M.; KELLEY, G. The incidence of violence and acquaintance rape in dating violence relationships among college men and women. **Journal of College Student Development**. v. 29, n. 4, p. 305-311, 1988.
- ALDRINGHI, T. **Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil**. *Psicologia: teoria e prática*. v. 6, n. 1, p. 105-120, 2004.
- ALMEIDA, A. M. L. G. **Prevalência da vitimização física e fatores associados à violência entre namorados adolescentes da cidade do Recife**, 2008. 2010. 98p. Dissertação (Mestrado acadêmico em saúde pública) - Centro de Pesquisas Ageu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife.
- AMAR, A. F. et al. Friends Helping Friends: A nonrandomized control trial of a peer-based response to dating violence. **Nursing Outlook**. v. 63, suppl. 4, p. 496-503, 2015.
- AMARAL, M. C. S.; PONTES, A. G. V.; SILVA, J. V. O ensino de Educação Popular em Saúde para o SUS: experiência de articulação entre graduandos de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, p. 1547-1558, 2014.
- ANDRADE, T. A.; LIMA, A. O. Violencia y noviazgo en la adolescencia: una revisión de la literatura. **Desidades [online]**. n.19, pp. 20-35, 2018.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- APAV (2011). **Manual crianças e jovens vítimas de violência**: compreender, intervir e prevenir. APAV: Lisboa. Disponível em [https://apav.pt/publiproj/images/yootheme/PDF/Manual\\_Criancas\\_Jovens\\_PT.pdf](https://apav.pt/publiproj/images/yootheme/PDF/Manual_Criancas_Jovens_PT.pdf)
- ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. Alfabetização e cidadania: **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**. n. 11, p. 221-230, 2001.
- ASHLEY, O.; FOSHEE, V. 2005. Adolescent help-seeking for dating violence: Prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. **Journal of Adolescent Health**. v. 36, n. 1, p. 25-31, 2005.
- AVERY-LEAF, S. et al. Efficacy of a dating violence prevention program on attitudes justifying aggression. **J Adolesc Health**. v. 21, n. 1, p. 11-17, 1997.
- AYRES, J. R. et al. **O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde**: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Org.) *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. 2. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009.
- AZEVEDO, E.; PELICIONI, M. C. F.; WESTPHAL, M.F. Práticas intersetoriais nas Políticas Públicas de Promoção de Saúde. **Physis**. v. 22, n. 4, p. 1333-56, 2012.

BARREIRA, A. K. et al. Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Rev. Bras. epidemiol.**, v. 17, n. 1, p. 217-228, 2014.

BARREIRA, A. K.; LIMA, M. L. C.; AVANCI, J. Q. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. v. 18, n. 1, p. 233-243, 2013.

BATISTA, P. S. S.; VASCONCELOS, E. M.; COSTA, S. F. G. Ética nas ações educativas e de cuidado em saúde orientadas pela Educação Popular. **Comunicação Saúde Educação**, v. 18, n. 2, p.1401-12, 2014.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BEATRIZ, E. D. et al. Evaluation of a Teen Dating Violence Prevention Intervention among Urban Middle-School Youth Using Youth Participatory Action Research: Lessons Learned from Start Strong Boston. **Journal of Family Violence**. v. 33. n. 8, p. 563-578, 2018.

BESERRA, E. P. et al. Pedagogia freireana como método de prevenção de doenças. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. 1563-1570, 2011.

BESERRA, M. A., et al. Prevalência de violência no namoro entre adolescentes de escolas públicas de Recife/PE – Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**. n. 7, p. 91-99, 2015.

BEZERRA, M. A.R.; QUEIROZ, M. V. O.; OLIVEIRA, K. N. S. Reflexões acerca do adolescer e da saúde no ambiente escolar. **Journal Of Human Growth And Development**. São Paulo, v. 24, n. 2, p. 175-180, 2014.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BONACHE, H.; RAMÍREZ-SANTANA, G; GONZALEZ-MENDEZ, R. Conflict resolution styles and teen dating violence. **International Journal of Clinical na Helath Psychology**. v. 16, suppl.3, p.276-86, 2016.

BONOMI, A. E. et al. Dating violence victimization across the teen years: Abuse frequency, number of abusive partners, and age at first occurrence. **BMC Public Health**. v. 12, p. 1-10, 2012.

BONTEMPO, K. S.; PEREIRA, A. R. Saúde mental de crianças. **Revista Terapia Ocupacional da USP**. v. 23, n. 2, p. 130-136, 2012.

BRANCAGLIONI, B. C. A.; FONSECA, R. M. G. S. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 69, n .5, p. 946-55, 2016.

BRANDÃO NETO, W. **Desvelando a temática violência sob o olhar de adolescentes escolares: uma estratégia de enfermagem a partir dos Círculos de Cultura**. 2012. 159p. Dissertação (Mestrado) – Programa Associado de Pós Graduação em Enfermagem, Universidade de Pernambuco, Universidade Estadual da Paraíba, Recife, 2012.

BRANDÃO NETO, W. et al. Formação de adolescentes protagonistas para a prevenção do bullying no contexto escolar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, p. e20190418, 2020.

BRANDÃO NETO, W. et al. Intervenção educativa sobre violência com adolescentes: possibilidades para a enfermagem no contexto escolar. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. v. 18, n. 2, p. 195-201, 2014.

BRANDÃO NETO, W. et al. Violência sob o olhar de adolescentes: intervenção educativa com Círculos de Cultura. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 68, n. 4, p. 617-25, 2015.

BRANDÃO NETO, W. **Prevenção do bullying no contexto escolar: construção, implementação e avaliação de um programa de intervenção mediado pelos círculos de cultura**. 2018. 157p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, 2013b.

BRASIL. **Lei nº 11.340 de 7 de Agosto de 2006**. Lei Maria da Penha: cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher... Diário Oficial da União. Brasília, DF, 8 ago. 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 2.761, de 19 de Novembro de 2013**. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 19 de Novembro de 2013a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Linha de Cuidado para Atenção Integral à Saúde de Crianças e Adolescentes e suas Família em Situação de violência**. Brasília, 2010b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde na Escola**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Programa Saúde na Escola: caderno do gestor do PSE**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. 2.ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Estratégica e Participativa. **II Caderno de Educação Popular em Saúde**. Brasília: Ed. Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde – CNEPS. **Política Nacional de Educação Popular em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Ideias e dicas para o desenvolvimento de processos participativos em Saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010c.

BRÊTAS, J. R. S.; MUROYA, R. L.; GOELLNER, M. B. **Mudanças corporais na adolescência**. In: BORGES, A. L. V.; FUJIMORI, E. *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. São Paulo: Manole, 2009.

**BRIDGE**: não precisamos derrubar ninguém para seguir. Direção: BERTINO, T. et al. Ting Chian Tey, 2010. (2min 46seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CtckGvDS98U>

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CARINHANHA, J. I.; PENNA, L. H. G. Violência vivenciada pelas adolescentes acolhidas em instituição de abrigo. **Texto & Contexto Enfermagem**. v. 21, n. 1, p. 68-76, 2012.

CARLOS, D. M. et al. Intervenções na escola para prevenção da violência nas relações de intimidade entre adolescentes: revisão integrativa da literatura. **Revista de Enfermagem Referência**. v. 4, n. 14, 2017.

CARMO, M. E.; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, v.34, n.3, p. 1-14, 2018.

CARRASCOSA, L.; CAVA, M. J.; BUELGA, S. Psychosocial profile of Spanish adolescent aggressors and victims of dating violence. **Universitas Psychologica**. v. 17, n. 3, p.1-10, 2018.

CASCARDI, M. et al. School-Based Bullying and Teen Dating Violence Prevention Laws: Overlapping or Distinct? **Journal of Interpersonal Violence**. v. 33, suppl. 21, 3267–3297, 2018.

- CAVALCANTE, J. H. V. **Círculos de Cultura e o adolescente: contribuições para atitudes saudáveis frente às drogas.** 2014. 162 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde da Família) – Universidade Estadual Vale do Acaraú. Programa de Pós Graduação em Mestrado Profissional Saúde da Família. Sobral, 2014.
- CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). **Understanding teen dating violence.** Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control 2016.
- COMMUNITY OF RESEARCH ON EXCELLENCE FOR ALL (CREA). **Modelo dialógico de prevenção e resolução de conflitos.** Formação em Comunidades de Aprendizagem. Universidade de Barcelona, 2017.
- CORNELIUS, T. L.; RESSEGUIE, N. Primary and secondary prevention programs for dating violence: A review of the literature. **Aggression and Violent Behavior.** v. 12, p. 364-375, 2007.
- COSTA, A. M.; COSTA, M. C. O.; NASCIMENTO, O. C. Percurso amoroso e eventos violentos nas relações de namoro de jovens. **Revista de Saúde Coletiva da UEFS.** v. 8, p. 39-45, 2018.
- COSTA, G. M. C. et al. Promoção de saúde nas escolas na perspectiva de professores do ensino fundamental. **Revista Eletrônica de Enfermagem.** v. 15, n. 2, p. 506-15, 2013.
- COSTA, A. C. P. J. et al. Protagonism of adolescents in preventing sexually transmitted diseases. **Acta paulista enfermagem.** v. 28, suppl. 5, p. 482-487, 2015.
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens.** 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. P. **Pesquisa de métodos mistos.** 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- CROOKS, C. V. et al. Preventing gender-based violence among adolescents and young adults: lessons from 25 years of program development and evaluation. **Violence against women.** v. 25, suppl. 1, p. 29-55, 2019.
- CROOKS, C. V. et al. Two years of relationship-focused mentoring for First Nations, Métis, and Inuit adolescents: Promoting positive mental health. **Journal of Primary Prevention.** v. 38, p. 87-104, 2017.
- CRUZ, P.; CARVALHO, L. E.; ARAUJO, R. S. Amorosidade como princípio das práticas de saúde orientadas pela Educação Popular: um estudo bibliográfico. **Revista de APS – atenção Primária em Saúde.** v. 21, n. 4, p. 608-34, 2018.
- DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva,** v. 11, n. supl, p. 1163-78, 2006.
- DALCIN, B. et al. Fatores associados à violência em escolares: ampliando saberes e práticas para a enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem,** v. 25, n. 4, e4530014, p. 1-10, 2016.

DAVÓ-BLANES, M. C. et al. **Lights, Camera and Action. Against Dating Violence.** Manual para professorado. 2019.

DE LA RUE, L. et al. A Meta-Analysis of School-Based Interventions Aimed to Prevent or Reduce Violence in Teen Dating Relationships. **Review of Educational Research.** v.87, suppl.1, p.7–34 2016.

DEBNAM, K. J.; WAASDORP, T. E. E.; BRADSHAW, C. P. Examining the contemporaneous occurrence of bullying and teen dating violence victimization. **School Psychology Quarterly.** v. 31, suppl. 1, p. 76–90, 2016.

**DESIGUALDADES de gênero no olhar de crianças.** Finansforbundet Norge, 2018 (2min 36seg). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=snUE2jm\\_nFA](https://www.youtube.com/watch?v=snUE2jm_nFA)

DINIZ, G. R. S.; ALVES, C. O. **Gênero e violência no namoro.** In: MURTA, S. G.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F.; DINIZ, G. R. S. (Org.). **Violência no namoro: estudos, prevenção e psicoterapia.** Curitiba: Appris, 2015. p. 19-42.

DIREÇÃO GERAL DE SAÚDE (DGS). **Violência interpessoal: abordagem, diagnóstico e intervenção nos serviços de saúde.** Lisboa, 2014.

DUPONT-REYES, M. J. *et al.* Relationship violence, fear, and exposure to youth violence among adolescents in New York City. **Journal of Interpersonal Violence.** v.29, p. 2325-2350, 2014.

ELÍSIO, R.; NEVES, S.; PAULOS, R. A violência no namoro em casais do mesmo sexo: discursos de homens gays. **Revista Crítica de Ciências Sociais,** n. 117, p. 47-72, dezembro, 2018.

FALCI, S.; MARQUES, L. Consort: When and how to use it. **Dental press journal of orthodontics.** v. 20, suppl. 3, p. 13-5, 2015.

FALEIROS, V. P.; FALEIROS, E. S. **Escola que Protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes.** Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.

FALKENBERG, M. B. et al. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiv.** v. 19, n.3, p. 847–852, 2014.

FARRE, A. G. M. C. et al. Adolescent health promotion based on community-centered arts education. **Revista Brasileira de Enfermagem.** v. 71, n.1, p. 31-39, 2018.

FEDINA L, et al. Teen Dating Violence Victimization, Perpetration, and Sexual Health Correlates Among Urban, Low-Income, Ethnic, and Racial Minority Youth. **International Quarterly of Community Health Education.** v.37, n. 1, p. 3-12, 2016.

FEITOSA, S. C. S. **Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de Educação.** 1999. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERNÁNDEZ-FUERTES A. A.; FUERTES A. Physical and psychological aggression in dating relationships of spanish adolescents: motives and consequence. **Child Abuse & Neglect**. v. 34, p. 183-91, 2010.

FERREIRA, A. G. N. et al. Talking with adolescents from religious groups about HIV: challenges for nursing. **Texto Contexto Enfermagem**. v. 22, n. 4, p. 952-60, 2013.

FERREIRA, M. *et al.* Teens and dating: study of factors that influence attitudes of violence. **Atención Primaria**. n.46, v. Espec Cong 1, p. 187-190, 2014.

FERRIANI, M.G. C. et al. Compreendendo e contextualizando a violência nas relações de intimidade entre adolescentes. **Esc. Anna Nery**. v. 23, n. 3, e20180349, 2019.

FETTERS, M. D.; CURRY, L. A.; CRESWELL, J. W. Integrating mixed methods in health services and delivery system research. **HSR: Health Services Research**. v. 48, n. 6, p. 2134-56, 2013.

FLICK, U. **Introdução à metodologia da pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, F. F. et al. The vulnerabilities in childhood and adolescence and the Brazilian public policy intervention. **Revista Paulista de Pediatria**. v. 31, n. 2, p. 258-64, 2013.

FOSHEE V. A. et al. Assessing the long-term effects of the Safe Dates program and a booster in preventing and reducing adolescent dating violence victimization and perpetration. **American journal of public health**. v. 94, suppl. 4, p. 619-624, 2004.

FOSHEE, V. A. et al. Assessing the effects of the dating violence prevention program 'safe dates' using random coefficient regression modeling. **Prevention Science**. V. 6, p. 245-58, 2005.

FOSHEE, V. A. et al. Shared risk factors for the perpetration of physical dating violence, bullying, and sexual harassment among adolescents exposed to domestic violence. **Journal of Youth and Adolescence**. v. 45, n. 4, p. 672-686, 2016.

FOSHEE, V. A. et al. The Effects of Moms and Teens for Safe Dates: A Dating Abuse Prevention Program for Adolescents Exposed to Domestic Violence. **Journal of Youth and Adolescence**. v. 44, p. 995–1010, 2015.

FREIRE, Gilberto. **Educação como prática de liberdade**. (recurso eletrônico), Rio de Janeiro: Editora Paz & terra, 2015b.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Editora Cortez, 2018.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 37 ed. rev. e atual., São Paulo: Editora Paz & Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa, 50 ed., Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2015a.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA INFÂNCIA (UNICEF). **Situação mundial da infância 2011. Adolescência: uma fase de oportunidades**. Estados Unidos da América: Nova York, 2011.

GIORDANO, P. C. et al. As características dos relacionamentos amorosos associados à violência no namoro entre adolescentes. **Pesquisa em Ciências Sociais**. v. 39, p. 863–874, 2010.

GOMES, L. B.; MERHY, E. E. Compreendendo a educação popular em saúde: um estudo na literatura brasileira. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, p. 7-18, 2011.

GONZALEZ-GUARDA, R. M. et al. Examining the Preliminary Efficacy of a Dating Violence Prevention Program for Hispanic Adolescents. **The Journal of School Nursing**. v. 31, suppl. 6, p. 411-421, 2015.

GRACIA-LEIVA, M. et al. Dating violence (DV): a systematic meta-analysis review. *Annals of Psychology*. v. 32, n. 2, p. 300-313, 2019.

GRILLO, C. F. C. et al. **Saúde do Adolescente**. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2012.

GRITTEM, L.; MEIER, M. J.; ZAGONEL, I. P. S. Pesquisa-ação: uma alternativa metodológica para pesquisa em enfermagem. **Texto contexto Enfermagem**. v. 17, n.4, p. 765-70, 2008.

HAGLUND, K.; BELKNAP, R. A.; GARCIA, J. T. Mexican American Female Adolescents' Perceptions of Relationships and Dating Violence. **Journal of Nursing Scholarship**. v. 44, suppl. 3, p. 215-222, 2012.

HALPERN C. T. et al. Patterns of Intimate Partner Violence Victimization from Adolescence to Young Adulthood in a Nationally Representative Sample. **Journal of Adolescent Health**. v. 45, suppl. 5, p. 508-516, 2009.

HALPERN, C. T. Partner violence among adolescents in opposite-sex romantic relationships: Findings from the National Longitudinal Study of Adolescent Health. **American Journal of Public Health**. v. 91, suppl. 10, p. 1679–1685, 2001.

HAMBY, S.; TURNER, H. Measuring teen dating violence in males and females: Insights from the national survey of children's exposure to violence. **Psychology of Violence**. v. 3, suppl. 4, p. 323–339, 2013.

HÉBERT, M.; BLAIS, M.; LAVOIE, F. Prevalence of teen dating victimization among a representative sample of high school students in Quebec. **International Journal of Clinical and Health Psychology**. v. 17, suppl. 3, p. 225-233, 2017.

HEIDEMANN, I. B. S. et al. Incorporação teórico-conceitual e metodológica do educador Paulo Freire na Pesquisa. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 63, n. 3, p. 416-420, 2010.

- HEIDEMANN, I. B. S. **Promoção da Saúde e a concepção dialógica de Freire:** possibilidades de sua inserção e limites no processo de trabalho das Equipes de Saúde da Família. 2006. 298p. Tese (Enfermagem em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo. Programa de Pós Graduação em Enfermagem em Saúde Pública. Ribeirão Preto.
- HICKMAN, L. J.; JAYCOX, L. H.; ARONOFF, J. Dating Violence among Adolescents: Prevalence, Gender Distribution, and Prevention Program Effectiveness. **Trauma, Violence, & Abuse**. v. 5, suppl. 2, p. 123-142, 2004.
- HOSSAIN, M. et al. Prevalence and determinants of dating violence: an umbrella review of systematic reviews and meta-analyses. **SocArXiv papers**. 2020.
- HULLEY, S. B. et al. **Delineando a pesquisa clínica**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- JAYCOX, L. H. Impact of a school-based dating violence prevention program among Latino teens: randomized controlled effectiveness trial. **Journal of Adolescent Health**. v. 39, suppl. 5, p. 694-704, 2006.
- JENNINGS, W. G. et al. Dating intimate partner violence among Young persons ages: evidence from a systematic review. **Aggression and violent behavior**. v. 33, p. 107-125, 2017.
- JOHNSON, W. L. et al. The Age-IPV Curve: Changes in Intimate Partner Violence Perpetration during Adolescence and Young Adulthood. **Journal of Youth and Adolescence**. v. 44, suppl. 3, p. 708-726, 2015.
- JOPPA, M. C. Dating Violence in Adolescence: Implications for Girls' Sexual Health. **Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology**. v. 33, i. 4, p. 332-338, 2020.
- KRUG E. G. et al. (eds). **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002.
- LANGDON, E. J.; WIJK, F. B. Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** v.18, n. 9, 2010.
- LOURENCO, R. G. et al. Intervenções comunitárias relacionadas à violência entre parceiros íntimos adolescentes: revisão de escopo. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 72, n. 1, p. 277-286, 2019.
- LIMA, F. C. A. et al. A experiência e atitudes de adolescentes frente à sexualidade. *Rev.O mundo da saúde*. v. 37, n. 34, p. 385-393, 2013.
- LUNDRGEN, R.; AMIN, A. Addressing intimate partner violence and sexual violence among adolescents: emerging evidence of effectiveness. **Journal of Adolescent Health**. v. 56, Supl., p. S42-S50, 2015.
- MACHADO C.; CARIDADE S.; MARTINS C. Violence in Juvenile Dating Relationships Self Reported Prevalence and Attitudes in a Portuguese Sample. **Journal of Family Violence**. v. 25, p. 43-52, 2010.

MACHADO, A. L. G. **Efeito do círculo de cultura na adesão ao tratamento e no letramento em saúde de idosos hipertensos**. 2015. 137 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

MACHADO, M. F. A. S. et al. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS: uma revisão conceitual. **Ciência & saúde coletiva**, v. 12, p. 335-342, 2007.

MAKEPEACE, J. M. Courtship violence among college students. **Family Relations**. v. 30, suppl. 1, p. 97-102, 1981.

MALHOTRA, K.; GONZALEZ-GUARDA, R. M.; MITCHELL, E. M. A review of teen dating violence prevention research: what about Hispanic youth?. **Trauma, Violence & Abuse**. v. 16, i. 4, p. 444-465, 2015.

MALTA, D. C. et al. Bullying and associated factors among Brazilian adolescents: analysis of the National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). **Rev. bras. epidemiol.** v. 17, suppl. 1, p. 131-145, 2014a.

MALTA, D. C. et al. Situations of violence experienced by students in the state capitals and the Federal District: results from the National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**. v. 17, suppl. 1, p. 158-171, 2014b.

MATIAS, E. O. et al. Estratégia educativa como tecnologia facilitadora para a promoção da saúde do adolescente no âmbito escolar. **Adolescência & Saúde**. v. 10, n. 2, p. 7-14, 2013.

MENDOZA, B. et al., **Módulo VI - Formas Não-Violentas de Resolução de Conflitos**. Curso de mediação de conflitos. Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2011. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/2/folders/1nVSCjvlqJ3smruZExXkcQPRH8ae3D3d9>

MENEZES, M. G.; SANTIAGO, M. E. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Pro-Posições [online]**. v.25, n.3, pp.45-62, 2014.

MILLER, E. *et al.* A school health center intervention for abuse adolescent relationships: a cluster RCT. **Pediatrics**. v. 135, suppl. 1, p. 76-87, 2015b.

MILLER, E. JONES, K. A.; MCCAULEY, H. L. Updates on Adolescent Dating and Sexual Violence Prevention and Intervention. **Current Opinion Pediatrics**. v. 30, suppl. 4, p. 466-471, 2018.

MILLER, E. Prevention of and Interventions for Dating and Sexual Violence in Adolescence. **Pediatric Clinics of North America**. v. 64, suppl. 2, p. 423-434, 2017.

MILLER, S. *et al.* Evaluation of the start strong initiative: preventing teen dating violence and promoting healthy relationships among middle school students. **Journal of Adolescent Health**. n. 56, p. S14-S19, 2015a.

- MINAYO M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. **Avaliação por triangulação de métodos:** abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- MINAYO, M. C. S. A inclusão da violência na agenda da saúde: trajetória histórica. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 11, p. 1259-1267, 2007.
- MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.
- MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. **Amor e violência:** um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.
- MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. **A violência sob o olhar da saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
- MOHER, D. et al. CONSORT 2010 Explanation and Elaboration: update guidelines for reporting parallel group randomised trials. **BMJ**. v 340, 2010.
- MONTEIRO, E. M. L. M. **(Re) construção de ações de educação em saúde a partir de círculos de cultura:** experiência participativa com enfermeiras do PSF do Recife - PE. 2007. 179 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- MONTEIRO, E. M. L. M. *et al.* O Culture Circles in adolescent empowerment for the prevention of violence. **International Journal of Adolescence and Youth**. v. 20, suppl. 2, p. 167-184, 2015a.
- MONTEIRO, E. M. L. M.; et al. Culture Circle as a Teaching Approach in the Education of Teenager Health Multipliers on Leprosy Awareness. **Health**, v. 07, p. 1813-1823, 2015b.
- MONTEIRO, E. M. L. M.; VIEIRA, N. F. C. **(Re) construção de ações de educação em saúde a partir de círculos de cultura:** experiência participativa com enfermeiras do PSF do Recife- PE. Recife: EDUPE, 2008.
- MONTEIRO, E. M. L. M.; VIEIRA, N. F. C. Educação em saúde a partir de círculos de cultura. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 63, n. 3, p. 397-403, 2010.
- MOYNIHAN, M. M. et al. Encouraging Responses in Sexual and Relationship Violence Prevention: What Program Effects Remain 1 Year Later? **Journal of Interpersonal Violence**. v. 30, suppl. 1, p. 110-132, 2015.
- MURRAY, C. E.; KARDATZKE, K. N. Dating violence among college students: Key issues for college counselors. **Journal of College Counseling**. v. 10, suppl. 1, p. 79–89, 2007.
- MURTA, S. G. et al. **Programa de prevenção à violência no namoro e promoção de empoderamento em adolescentes**. In: Murta, S. G.; Bucher-Maluschke, J. S. N. F.; Diniz, G. R. **Violência no Namoro: Estudos, Prevenção e Psicoterapia**. Curitiba: Editora Appris. p. 205-228, 2015.

- MURTA, S. G. et al. Desenvolvimento de um website para prevenção à violência no namoro, abandono de relações íntimas abusivas e apoio aos pares. **Contextos Clínicos**. v. 7, n. 2, p. 118-132, 2014.
- MURTA, S. G. et al. Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. **Psicologia USP**. São Paulo. v. 24, n. 2, p. 263-288, 2013a.
- MURTA, S. G. et al. Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literatura. **Contextos Clínicos**. São Leopoldo. v. 6, n. 2, p. 117-131, 2013b.
- MURTA, S. G. et al. Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro. **Psico-USF [online]**. v. 21, n. 2, p. 381-393, 2016.
- NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. L. M. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. **Psicologia & Sociedade**. v. 23, n. 3, p. 516-25, 2011.
- NASCIMENTO, M. O.; DE MICHELI, D. Avaliação de diferentes modalidades de ações preventivas na redução do consumo de substâncias psicotrópicas em estudantes no ambiente escolar: um estudo randomizado. **Ciência e Saúde Coletiva**. v. 20, n. 8, p. 2499-2510, 2015.
- NIOLON, P. H. et al. An RCT of Dating Matters: Effects on Teen Dating Violence and Relationship Behaviors. **American Journal Preventive Medicine**. v. 57, suppl. 1, p. 13-23, 2019.
- NIOLON, P. H. et al. Prevalence of teen dating violence and co-occurring risk factors among middle school youth in high-risk urban communities. **Journal of Adolescent Health**. v. 56, n. 2, suppl. 2, p. S5–13, 2015.
- NJAINE, K.; ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. **Impactos da violência na saúde**. Ed. Fundação Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, 2ed, 2009.
- OLIVEIRA, D. C. et al. "Pegar", "ficar" e "namorar": representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 60, n. 5, p. 497-502, 2007.
- OLIVEIRA, J. L. C.; MAGALHÃES, A. M. M.; MATSUDA, L. M. Mixed methods in nursing research: application possibilities according to Creswell. **Texto Contexto Enfermagem**. v. 27, suppl. 2, p. 1-8, e0560017, 2018.
- OLIVEIRA, M. M. et al. Characteristics of the National Adolescent School-based Health Survey – PeNSE, Brazil. **Epidemiologia & Serviços de Saúde**. v. 26, suppl. 3, p. 605-616, 2017.
- OLIVEIRA, P. C. et al. “Surviving”: social vulnerability experienced by suburban adolescents. **Interface (Botucatu)**. v.24, suppl. 24, e190813, 2020.
- OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 19, n. 3, p. 707-718, 2014.

OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. **Psicologia: teoria e pesquisa**. v. 32, n. 3, p. 1-12, 2016a.

OLIVEIRA, Q. B. M. **Violência de gênero no namoro entre adolescentes sob a ótica dos adolescentes, educadores e profissionais de saúde**. 2014. 142 p. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola Nacional de Saúde pública Sérgio Arouca. Programa de Pós Graduação em Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

OLIVEIRA, R.N.G. et al. Preventing violence by intimate partners in adolescence: An integrative review. **Rev Esc Enferm USP**. n. 50, suppl. 1, p. 134-43, 2016b.

OLSEN, E. O. M.; VIVOLO-KANTOR, A.; KANN, L. Physical and Sexual Teen Dating Violence Victimization and Sexual Identity Among U.S. High School Students, 2015. **Journal of Interpersonal Violence**. v. 35, suppl. 17-18, p. 3581–3600, 2017.

ORPINAS, P. et al. Trajectories of physical dating violence from middle to high school: Association with relationship quality and acceptability of aggression. **Journal of Youth and Adolescence**. v. 42, suppl. 4, p. 551–565, 2013.

PARANHOS, R. et al. Uma introdução aos métodos mistos. **Sociologias [online]**. v.18, n. 42, pp.384-411, 2016.

PÉREZ-MARCO, A. et al. Identifying Types of Dating Violence and Protective Factors among Adolescents in Spain: A Qualitative Analysis of Lights4Violence Materials. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. v. 17, suppl. 7, p. 2443, 2020.

PERNAMBUCO. Secretaria Estadual de Educação. **Sistema de Informações da Educação de Pernambuco** – SIEPE, 2018. Disponível em: <http://www.siepe.educacao.pe.gov.br>. Acesso em 15/07/2018.

PERNAMBUCO. Secretaria Estadual de Educação. **Sistema de Informações da Educação de Pernambuco** – SIEPE, 2020. Disponível em: <http://www.siepe.educacao.pe.gov.br>. Acesso em 21/05/2020.

PESKIN, M. F. et al. Adolescent Dating Violence Prevention Program for Early Adolescents: The Me & You Randomized Controlled Trial, 2014–2015. **American Journal Public Health**. v. 109, suppl. 10, p. 1419-1428, 2019.

PINTO, A. S. **Para mudar a prática da formação continuada de educadores: uma pesquisa inspirada no referencial teórico-metodológico de Paulo freire**. 2015. 207p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós Graduação em Educação, São Paulo.

PIRES, L. M.; SOUZA, M. M.; MEDEIROS, M. Aspectos de proteção e vulnerabilidade social de adolescentes de escola pública integral. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 73, suppl. 1, p. 1-9, e20190211, 2020.

POLIT, D. F., BECK, C. T. **Fundamentos da pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática de enfermagem.** 7 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

PRIOLO FILHO, S. R. **Avaliação de uma intervenção para prevenção da violência no namoro.** 2017. 124p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. São Carlos.

QUEIROZ, M. V. O. et al. Situações de vulnerabilidade e risco autorreferidos por adolescentes escolares. **Revista de Enfermagem do Nordeste - RENE.** v. 14, n. 3, p. 493-502, 2013.

RALPHES, P.; LI, N. **Mundo Jovem.** São Paulo: Universal: 2006. Suporte (3,29 min).

REIDY, D. E. et al. Evaluation of the expect respect support group program: A violence prevention strategy for youth exposed to violence. **Preventive Medicine.** v.100, p. 235-42, julho, 2017.

RIBEIRO, F. M. L.; MINAYO, M. C. S. The role of religion in the promotion of health, in the prevention of violence and in the rehabilitation of individuals involved in criminal activity: literature review. **Ciência e Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v.19, n.6, 2014.

RIZZO, C. J. et al. Individual and Relationship Characteristics of Adolescent Girls With Histories of Physical Dating Violence. **Journal of Interpersonal Violence,** v. 35, suppl. 5-6. p. 1389-1414, 2017.

ROBERTS L., TAMENE M., ORTA O. R. The Intersectionality of Racial and Gender Discrimination among Teens Exposed to Dating Violence. **Ethnicity & Disease.** v. 28, Suppl. 1, 2018.

ROCHA, L. P. **Significado dos círculos de cultura para os atores sociais envolvidos na prática com adolescentes escolares multiplicadores em saúde.** 2016. 157p. dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ROMARO, R. A.; CAPITÃO, C. G. **As faces da violência: aproximações, pesquisas e reflexões.** São Paulo: Vetor, 2007.

RUBIO-GARAY, F. M. et al. The prevalence of dating violence: a systematic review. **Psychologist Papers,** v. 38, suppl.2, p.135-47, 2017.

RUBIO-GARAY, F. M.; AMOR, P.; CARRASCO, M. The contribution of moral disengagement to dating violence and general aggression: the gender and age moderating effects. **The Spanish Journal of Psychology.** v. 22, e-59, 2019.

SAAVEDRA, R. et al. Inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes. In C. Machado, M. M. Gonçalves, L. Almeida, & M. R. Simões (Coords.), **Instrumentos e contextos de avaliação psicológica,** Vol. I. Coimbra: Almedina, 2011.

SAITO, M. I.; SILVA, L. E. V.; LEAL, M. M. **Adolescência: Prevenção e Risco.** São Paulo: Atheneu, 2008.

SALCI, M. A. et al. Educação em saúde e suas perspectivas teóricas: algumas reflexões: **Texto e Contexto Enfermagem**. v. 22, n. 1, p. 224-230, 2013.

SÁNCHEZ-JIMÉNEZ, V.; MUÑOZ-FERNÁNDEZ, N.; ORTEGA-RIVERA, J. Efficacy evaluation of "Dat-eAdolescence": a dating violence prevention program in Spain. **PLoSOne.**, v. 13, suppl. 10, p. 1-23, 2018.

SANTOS, J. S. et al. Processo de comunicação em saúde da enfermagem com o adolescente: abordagem do Event History Calendar. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 73, n. 3, e20180454, 2020.

SANTOS, K. B. Mobilizando Comportamentos de Ajuda na Rede de Amizades: Uma Estratégia de Prevenção à Violência no Namoro Baseada nos Pares e na Abordagem do Espectador. 2016. 408p. (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília. Brasília.

SANTOS, K. B.; MURTA, S. G. Influência dos pares e educação por pares na prevenção à violência no namoro. **Psicologia: ciência e profissão**. v. 36, n. 4, p. 787-800, 2016.

SANTOS, P. M. R.; ARAÚJO, L. F. S.; BELLATO, R. O campo de observação em pesquisa sobre a experiência familiar de cuidado. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem. v. 20, n. 3, e201660055, 2016.

SANTOS, T. M. **Prevenção à Violência no Namoro**: avaliação de necessidades e desenvolvimento de intervenções. 2018. 101p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília. Brasília.

SERRANO, S. Q. **Promoção de práticas alimentares saudáveis entre adolescentes escolares à luz dos constructos de Paulo Freire**. 2016. 116p. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente) – Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente do Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

SHAFFER, C. M. et al. Barriers and supports to dating violence communication between latina adolescents and their mothers: a qualitative analysis. **Journal of Family Violence**. v. 33p. 133-145, 2018.

SHAMU, S. *et al.* Prevalence and risk factors for intimate partner violence among Grade 8 learners in urban South Africa: baseline analysis from the Skhokho Supporting Success cluster randomised controlled trial. **International Health**. v. 8, suppl. 1, p. 18-26, 2016.

SHERER, P.; SHERER, M. Exploring reciprocity in dating violence among Jewish and Arab youths in Israel. **International Journal of Intercultural Relations**. v. 32, suppl. 1, p. 17-33, 2008.

SHOREY, R. C. et al. A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. **Aggression and violent behavior**, v. 13, suppl. 3, p. 185-194, 2008.

SHOREY, R. C. et al. Age of onset for physical and sexual teen dating violence perpetration: A longitudinal investigation. **Preventive Medicine**. v. 105, p. 275–279, 2017.

SILVA, A. C. O. et al. **Consulta de enfermagem ao adolescente na atenção básica em saúde**. In: SOUSA, F. G. M.; COSTENARO, R. G. S (Org.). Cuidados de enfermagem à criança e ao adolescente na atenção básica de saúde. Porto Alegre: Moriá editora, 2016. p. 249-264.

SILVA, A. C. S. et al. Representações sociais sobre ser saudável de adolescentes escolares. **Adolesc. & Saúde**. v. 11, n. 1, p. 24-31, 2014a.

SILVA, A. J. N., COSTA, R. R., & NASCIMENTO, A. M. R. As implicações dos contextos de vulnerabilidade social no desenvolvimento infantojuvenil: da família à assistência social. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. v. 14, n. 2, p. 1-16, e2799, 2019.

SILVA, J. M. M. **Violência cometida pelo parceiro íntimo contra a mulher e a prática materna**. 2014. 80p. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente) – Programa de Pós Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SILVA, K. L. et al. Reflexões acerca do abuso de drogas e da violência na adolescência. **Esc. Anna Nery**. v. 14, n. 3, p. 605-610, 2010.

SILVA, L. M. P. et al. Violência entre namorados adolescentes em Pernambuco, Brasil. **Adolescência & Saúde**. v. 14, n. 3, p. 296-306, 2017.

SILVA, M. A. I. *et al.* Fatores de proteção para a redução da vulnerabilidade à saúde. **Rev Min Enferm**. v. 19, n. 3, p. 653-658, 2015.

SILVA, M. A. I. et al. Vulnerabilidade na saúde do adolescente: questões contemporâneas. **Ciênc. saúde coletiva**. v. 19, n. 2, p. 619-627, 2014b.

SOUZA, M. S. **Prevenção de violência e promoção de relações de intimidade saudáveis na adolescência**: análise de um programa de intervenção. 2020. 84P. Dissertação. (Mestrado em enfermagem) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de São Carlos, 2020.

SOUZA, V. P. et al. Protagonism of adolescents in planning actions to prevent sexual violence. **Texto contexto – enfermagem**. v. 29, e20180481, 2020.

STRAUS, M. A. Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. **Children and Youth Services Review**. v. 30, suppl. 3, p. 252-275, 2008.

STRAUS, M. A.; GOZJOLKO, K. L. “Intimate terrorism” and gender differences in injury of dating partners by male na female university students. *Journal of Family Violence*. v. 29, suppl. 1, 2014.

SWAHN, M. H. et al. Linking dating violence, peer violence, and suicidal behaviors among high-risk youth. **American Journal Preventive Medicine**. v. 34, suppl. 1, p. 30-8, 2008.

SWAHN, M.H. Measuring Sex Differences in Violence Victimization and Perpetration Within Date and Same-Sex Peer Relationships. **Journal of Interpersonal Violence**. v. 23, suppl. 8, p. 1120-1138, 2008.

TAQUETE, S. R.; RODRIGUES, A. O. Experiências homossexuais de adolescentes: considerações para o atendimento em saúde. **Interface (Botucatu)**. v. 19, n. 55, p. 1181-1191, 2015.

TAQUETTE, S. R. et al. Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. **Cadernos de Saúde Pública**. v. 19, p. 1437-1444, 2003

TAQUETTE, S. R. et al. Teen-dating violence: conception of adolescents in a Brazilian metropolis. **Journal of injury & violence research**. v. 12, suppl. 2, p. 153-160, 2020.

TAQUETTE, S. R.; MONTEIRO, D. L. M. Causes and consequences of adolescent dating violence: a systematic review. **Journal of Injury and Violence Research**. v. 11, suppl. 2, p. 137-147, 2019.

TAYLOR, B. G. et al. Shifting boundaries: An experimental evaluation of a dating violence prevention program in middle schools. **Prevention Science**. v. 14, suppl. 1, p. 64-76, 2013.

TAYLOR, B. G. et al. The effects of diferente saturation levels of the Shifting Boundaries intervention on preventing adolescent relationship abuse and sexual harassment. **Journal of Experimental Criminology**. v. 13, p. 79-100, 2017.

TAYLOR, B. G.; MUMFORD, E. A. A National Descriptive Portrait of Adolescent Relationship Abuse. **Journal of Interpersonal Violence**. v. 31, n. 6, p. 963-988, 2014.

TAYLOR, B. G.; MUMFORD, E. A.; STEIN, N. D. Effectiveness of “shifting boundaries” teen dating violence prevention program for subgroups of middle school students. **Journal of Adolescent Health**. v. 56, suppl. 2, p. S20-S26, 2015.

TAYLOR, S. et al. Adolescent perception of dating violence: a qualitative study. **Journal of Interpersonal Violence**. 2017.

TERRIBELE, F. B. P.; MUNHOZ, T. N. Violência contra escolares no Brasil: Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE, 2015). **Ciência & Saúde Coletiva**. Está disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/violencia-contr-escolares-no-brasil-pesquisa-nacional-da-saude-do-escolar-pense-2015/17187?id=17187>

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TURNER H. A. Et al. Polyvictimization and youth violence exposure across contexts. **Journal Adolescence Health**. v. 58, suppl. 2, p. 208-214, 2016.

VAGI, K. J. et al. A national correlates: a review of risk and proctetive factors for adolescent dating violence perpetration. **Journal youth adolescence**. v. 42, suppl. 4, p. 633-649, 2013.

- VAGI, K. J. et al. Teen Dating Violence (Physical and Sexual) Among US High School Students Findings From the 2013 National Youth Risk Behavior Survey. **JAMA Pediatrics**. v. 169, n.5, p. 474-482, 2015.
- VANDERLEY, I. C. S. et al. Fatores relacionados à resiliência de adolescentes em contextos de vulnerabilidade social: revisão integrativa. **Enfermería Global**. n. 59, p. 597-611, 2020.
- VASCONCELOS, A. C. M. et al. Protagonismo dos adolescentes na escola: tecendo a rede psicossocial álcool, crack, e outras drogas. **Sanare: Rev. Pol. Públicas**. v. 14, n. 2, 2015.
- VIVES-CASES, C. et al. Lights4Violence: a quasi-experimental educational intervention in six European countries to promote positive relationships among adolescents. **BMC Public Health**. v. 19, 2019.
- WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2015**: homicídios de mulheres no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.
- WHITAKER, D. J. et al. A critical review of interventions for the primary prevention of perpetration of partner violence. **Aggression and a Violent Behavior**. v. 11, p. 151-166, 2006.
- WILLIAMS, J. et al. A Latent Transition Model of the Effects of a Teen Dating Violence Prevention Initiative. **Journal of Adolescent Health**. v. 56, n. 2, Suppl. 2, p. S27-S32, 2015.
- WINCENTAK, K.; CONNOLLY, J.; CARD, N. Teen dating violence: A meta-analytic review of prevalence rates. **Psychology of Violence**. v. 7, suppl. 2, p. 224-241, 2017.
- WOLFE, D. A. et al. Development and validation of the Conflict in Adolescent relationships Inventory. **Psychological Assessment**. v. 13, suppl. 277, p. 277-293, 2001.
- WOLFE, D. *et al.* A school-based program to prevent adolescent dating violence: a cluster randomized trial. **Arquivos of Pediatrics and adolescent medicine**. v. 163. p. 692-699, 2009.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global and regional estimates of violence against women**: prevalence and health effects of intimate partner violence an non-partner sexual violence. Geneva: World Health Organization, 2013.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global Status Report on Violence Prevention**. Organização Mundial de Saúde 2014. Geneva: World Health Organization, 2014.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global status report on violence prevention 2014**. Geneva: World Health Organization, 2014.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **INSPIRE Handbook**: action for implementing the seven strategies for ending violence against children. Geneva: World Health Organization, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence.** Geneva: World Health Organization, 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Preventing youth violence: an overview of the evidence.** Geneva: World Health Organization, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **The Ottawa charter for health promotion.** Geneva: WHO; 1986.

YBARRA, M. L. et al. Lifetime prevalence rates and overlap of physical, psychological, and sexual dating abuse perpetration and victimization in a national sample of youth. **Archives of Sexual Behavior.** v. 45, p. 1083-1099, 2016.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa: do início ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016.

ZWEIG, J. M. *et al.* The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. **Journal of Youth and Adolescence.** v. 42, p. 1063-1077, 2013.

ZYCH, I. et al. School Bullying and Dating Violence in Adolescents: A Systematic Review and Meta-Analysis. **Trauma Violence Abuse.** p. 1-16, 2019.

## APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

### Instrumento de Coleta de Dados – Quantitativo – nº1

Caro(a) adolescente,

Este questionário aborda algumas experiências vividas por você na escola, na família, com amigos(as) e namorados(as). Ele deve ser preenchido com cuidado! As respostas que você fornecer servirão para que possamos conhecer melhor a sua realidade e contribuir com ações para melhorar sua saúde.

Destacamos que não existem respostas certas ou erradas, por isso pedimos que seja sincero na hora de responder. As perguntas são individuais e dizem respeito apenas a você.

Não deixe em branco nenhuma questão!

Lembramos também que o questionário é anônimo, ou seja, não precisa colocar seu nome. Desta forma você estará protegido e ninguém irá saber que pessoa respondeu cada questionário.

Ressaltamos que sua participação é muito importante para avaliação do relacionamento e das opiniões dos adolescentes no Recife. Você não é obrigado a participar desta pesquisa e não será prejudicado por isso. No entanto, gostaríamos de contar com a sua colaboração! Caso não queira participar, por favor, deixe o questionário em branco e aguarde seus colegas terminarem de responder.

Agradecemos sua participação!

Este campo deve ser preenchido pelos pesquisadores

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

N. \_\_\_\_\_

Quest.: \_\_\_\_\_

Série: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_

Turno: \_\_\_\_\_

Este primeiro bloco de perguntas procura saber sobre suas características.

<b>1. Qual é o seu sexo?</b>		1. <input type="checkbox"/> Masculino	2. <input type="checkbox"/> Feminino
<b>2. Qual o mês e ano do seu nascimento?</b> _____/_____			
<b>3. Você tem quantos anos?</b> _____ anos.			
<b>4. Qual a cor de sua pele?</b>			
1. <input type="checkbox"/> Branca		2. <input type="checkbox"/> Preta/Negra	3. <input type="checkbox"/> Parda
		4. <input type="checkbox"/> Amarela/Indígena	
<b>5. Você pratica alguma religião?</b>			
1. <input type="checkbox"/> sim		2. <input type="checkbox"/> não	
<b>5. Qual é a sua religião?</b>			
1. <input type="checkbox"/> católica		2. <input type="checkbox"/> evangélica	3. <input type="checkbox"/> espírita/kardecista
4. <input type="checkbox"/> umbanda		5. <input type="checkbox"/> candomblé	6. <input type="checkbox"/> outra: _____
<b>6. Com que frequência você participa das atividades de sua religião?</b>			
1. <input type="checkbox"/> semanalmente		2. <input type="checkbox"/> quinzenalmente	
3. <input type="checkbox"/> mensalmente		4. <input type="checkbox"/> não costumo ir as atividades da minha religião	
<b>7. Quantas pessoas moram na sua casa?</b> _____			
<b>8. Quais pessoas moram na mesma casa que você? (marque cada uma das perguntas)</b>			
Pai	1 <input type="checkbox"/> Sim	2. <input type="checkbox"/> Não	
Mãe	1 <input type="checkbox"/> Sim	2. <input type="checkbox"/> Não	
Padastro	1 <input type="checkbox"/> Sim	2. <input type="checkbox"/> Não	
Madrasta	1 <input type="checkbox"/> Sim	2. <input type="checkbox"/> Não	
Avós	1 <input type="checkbox"/> Sim	2. <input type="checkbox"/> Não	
Irmãos	1 <input type="checkbox"/> Sim	2. <input type="checkbox"/> Não	
Amigos/colegas	1 <input type="checkbox"/> Sim	2. <input type="checkbox"/> Não	
Marido/esposa	1 <input type="checkbox"/> Sim	2. <input type="checkbox"/> Não	
Mora sozinho(a)	1 <input type="checkbox"/> Sim	2. <input type="checkbox"/> Não	
Outros parentes	1 <input type="checkbox"/> Sim	2. <input type="checkbox"/> Não	
<b>9. Quem é o chefe da sua família? (considere a pessoa que define as regras e toma as decisões importantes)</b> _____ (responda por escrito)			
<b>10. Qual a escolaridade de seus pais/responsáveis?</b>			
10a. Pai / responsável	1. <input type="checkbox"/> Não sabe escrever		
	2. <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto		
	3. <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo		
	4. <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto		
	5. <input type="checkbox"/> Ensino médio completo		
	6. <input type="checkbox"/> Superior incompleto		
	7. <input type="checkbox"/> Superior completo		
	8. <input type="checkbox"/> Não sei		
	9. <input type="checkbox"/> Não tenho pai/responsável		
10b. Mãe / responsável	1. <input type="checkbox"/> Não sabe escrever		
	2. <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto		

	3. <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo
	4. <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto
	5. <input type="checkbox"/> Ensino médio completo
	6. <input type="checkbox"/> Superior incompleto
	7. <input type="checkbox"/> Superior completo
	8. <input type="checkbox"/> Não sei
	9. <input type="checkbox"/> Não tenho mãe /responsável
<b>11. Se o(a) chefe de sua família não for seu pai ou mãe, qual a escolaridade dele(a)?</b>	
1. <input type="checkbox"/> Não sabe escrever	
2. <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto	
3. <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo	
4. <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto	
5. <input type="checkbox"/> Ensino médio completo	
6. <input type="checkbox"/> Superior incompleto	
7. <input type="checkbox"/> Superior completo	
8. <input type="checkbox"/> Não sei	
<b>12. Qual a profissão do seu pai?</b> _____ (responda por escrito)	
<b>13. Qual a profissão da sua mãe?</b> _____ (responda por escrito)	
<b>14. Qual a renda mensal de sua família?</b>	
1. <input type="checkbox"/> até 1 salário mínimo	2. <input type="checkbox"/> mais de 1 até 3 salários mínimos
3. <input type="checkbox"/> mais de 3 até 5 salários mínimos	4. <input type="checkbox"/> mais de 5 salários mínimos
<b>15. Sua mãe ou seu pai recebe bolsa família?</b> 1. <input type="checkbox"/> sim 2. <input type="checkbox"/> não	
<b>A partir de agora as perguntas são sobre seus relacionamentos íntimos, respondo com atenção e com a maior sinceridade possível. Sua resposta é muito importante para nós.</b>	
<b>25. Você já ficou ou namorou com alguém?</b>	
1[ <input type="checkbox"/> ] Eu nunca fiquei e nem namorei.	
2[ <input type="checkbox"/> ] Eu já comecei a ficar e/ou namorar.	
<b>26. Você já ficou ou namorou com:</b>	
1.[ <input type="checkbox"/> ] Meninas	
2.[ <input type="checkbox"/> ] Meninos	
3.[ <input type="checkbox"/> ] Ambos ( meninos e meninas)	
4.[ <input type="checkbox"/> ] Nunca fiquei nem namorei com ninguém	
<b>27. Que idade você tinha quando ficou com alguém pela primeira vez?</b>	
1. _____ Anos	2.[ <input type="checkbox"/> ] Nunca fiquei com ninguém
<b>Pense em uma pessoa que você fica ou namora atualmente ou no mais recente ex namorado/a. Todas as próximas questões serão sobre essa pessoa.</b>	
<b>28. Informe em que pessoa você está pensando ao responder as próximas questões:</b>	
1 [ <input type="checkbox"/> ] Eu estou pensando em alguém que estou namorando ou ficando atualmente	
2 [ <input type="checkbox"/> ] Eu estou pensando em alguém que eu já fiquei	
3 [ <input type="checkbox"/> ] Eu estou pensando na última pessoa com quem namorei ou fiquei	
4 [ <input type="checkbox"/> ] Eu estou pensando em alguém com quem estou noivo/a ou com quem sou casado/a	
5 [ <input type="checkbox"/> ] Estou pensando em alguém com quem estive noivo/a ou casado/a	
6 [ <input type="checkbox"/> ] Nunca fiquei ou namorei	
<b>29. Em relação a essa pessoa que você escolheu qual é a idade dela?</b>	
1. _____ Anos	2 [ <input type="checkbox"/> ] Nunca fiquei ou namorei

**30. Em relação a essa pessoa que você escolheu quanto tempo dura ou durou este relacionamento? (Escolha apenas uma opção)**

- 1  Uma noite
- 2  Menos de uma semana
- 3  Entre uma semana e um mês
- 4  Entre um mês a onze meses
- 5  Entre um e dois anos
- 6  Mais de dois anos
- 7  Nunca fiquei ou namorei

**31. Em relação a essa pessoa que você escolheu, com que frequência você costuma ou costumavam brigar?**

- 1.  Sempre
- 2.  Muitas vezes
- 3.  Poucas vezes
- 4.  Nunca fiquei ou namorei

**32. Em relação a esta pessoa que você escolheu, informe:**

- 1.  Se ela é um ex namorado/a; um/uma ex ficante, porque vocês terminaram? \_\_\_\_\_
- 2.  Ainda estou junto com ele ou ela
- 3.  nunca fiquei nem namorei

## APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL

Data: ____/____/____	Cód. Est.:	Nº. Entrevista:												
Série:	Turma:	Turno:												
<b>Caracterização dos adolescentes</b>														
1. Qual sua idade? _____ anos. 2. Qual o seu sexo? <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino 4. Você namora/fica com alguém atualmente? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não 5. Você já namorou/ficou com alguém no passado? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não 6. Você gosta de namorar/ficar com: <input type="checkbox"/> Meninos <input type="checkbox"/> Meninas <input type="checkbox"/> Meninos e meninas														
<b>Habilidades e recreação/lazer</b>														
1. Você desenvolve alguma habilidade artística e/ou manual? (pode escolher mais de uma alternativa) <table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="width: 50%;"><input type="checkbox"/> Artesanato</td> <td style="width: 50%;"><input type="checkbox"/> Escreve livros, contos, peças</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Desenho</td> <td><input type="checkbox"/> Toca instrumentos musicais/percussivos</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Pintura</td> <td><input type="checkbox"/> Teatro</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Tricô/crochê</td> <td><input type="checkbox"/> Grafita</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Bordado</td> <td><input type="checkbox"/> Costura</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Dança</td> <td><input type="checkbox"/> Outros _____</td> </tr> </table> <input type="checkbox"/> Futebol			<input type="checkbox"/> Artesanato	<input type="checkbox"/> Escreve livros, contos, peças	<input type="checkbox"/> Desenho	<input type="checkbox"/> Toca instrumentos musicais/percussivos	<input type="checkbox"/> Pintura	<input type="checkbox"/> Teatro	<input type="checkbox"/> Tricô/crochê	<input type="checkbox"/> Grafita	<input type="checkbox"/> Bordado	<input type="checkbox"/> Costura	<input type="checkbox"/> Dança	<input type="checkbox"/> Outros _____
<input type="checkbox"/> Artesanato	<input type="checkbox"/> Escreve livros, contos, peças													
<input type="checkbox"/> Desenho	<input type="checkbox"/> Toca instrumentos musicais/percussivos													
<input type="checkbox"/> Pintura	<input type="checkbox"/> Teatro													
<input type="checkbox"/> Tricô/crochê	<input type="checkbox"/> Grafita													
<input type="checkbox"/> Bordado	<input type="checkbox"/> Costura													
<input type="checkbox"/> Dança	<input type="checkbox"/> Outros _____													
2. O que você gosta de fazer nas horas de lazer? _____														
3. Você Participa de alguma atividade em grupo na escola? <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim, qual? _____														
3.1. E fora da escola? <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim, qual? _____														

### **Roteiro sobre VN para subsidiar a composição dos temas geradores nos Círculos de Cultura**

1. Você poderia me definir o que é violência?
2. O que você considera como violência na relação entre namorados(as)/ “ficantes” adolescentes? (Que tipo de coisas você chamaria de violência nessas relações?)
3. Algum amigo seu sofre/sofreu ou pratica/praticou algo que você considere violência na relação de namoro/ficar? Quais são esses abusos, você poderia me dizer?
4. E você, já viveu alguma situação de violência no relacionamento com o(a) seu(sua) atual ou ex namorado(a) ou com a pessoa que ficou ou está ficando? Poderia me dizer que tipo de violência você sofreu? Isso ainda acontece na sua relação atual?
5. Você já viveu algum tipo de violência na sua relação de namoro/ficar que tenha precisado procurar ajuda? Que tipo de ajuda você precisou? Você foi atendido(a)? Como foi o atendimento?
6. O que você acha que poderia ser feito para prevenir esse tipo de violência?
7. Você acha importante a realização de ações de prevenção da violência na escola? Por quê?

## APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS - Resolução 466/12)

(frente e verso)

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho (a) \_\_\_\_\_ {ou menor que está sob sua responsabilidade} para participar, como voluntário (a), da pesquisa *Círculos de Cultura como intervenção educativa para prevenção da violência no namoro: estudo quase experimental*. Esta pesquisa é da responsabilidade do (a) pesquisador (a) Ana Virginia Rodrigues Veríssimo, residente à Rua Arnóbio Marques, 310, Recife-PE; CEP: 50100.130. Telefone: (81)31833601/(81)999460346; e-mail: [virginia.verissimo@gmail.com](mailto:virginia.verissimo@gmail.com) (para contato do pesquisador responsável, inclusive para ligações a cobrar) e está sob a orientação de: Professora Dr<sup>a</sup>. Estela Maria Leite Meirelles Monteiro; telefone: (81) 21218514, e-mail: [estelameirellesufpe@gmail.com](mailto:estelameirellesufpe@gmail.com) e coorientação da Professora Dra. Jael Maria de Aquino; telefone: (81) 31833601, e-mail: [jael.aquino@upe.br](mailto:jael.aquino@upe.br).

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde que o (a) menor faça parte do estudo pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Caso não concorde, não haverá penalização nem para o (a) Sr.(a) nem para o/a voluntário/a que está sob sua responsabilidade, bem como será possível ao/a Sr. (a) retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalidade.

### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- Descrição da pesquisa: O objetivo da pesquisa é avaliar a eficácia dos Círculos de Cultura para prevenção da violência no namoro. A coleta de dados será efetuada em três fases: 1. preenchimento de um formulário com perguntas objetivas pertinentes ao estudo; 2. entrevista individual para levantar conhecimento e experiências dos adolescentes sobre a temática e 3. realizada uma intervenção educativa através da realização de Círculos de Cultura (que é uma atividade educativa realizada em grupo, baseada nos pressupostos teóricos de Paulo Freire, em que o conhecimento é construído de forma colegiada).
- A coleta de dados será realizada na própria escola do adolescente (Escola Estadual Caio Pereira) e ocorrerá no período de abril a dezembro de 2018. Na fase 1 e 3 de coleta serão realizados três encontros para coleta das informações, com duração média de 30 a 40 minutos cada, realizado na própria escola. Na fase 2 serão realizados entre 4 e 8 encontros, com duração de 1:30h a 2:00h cada, também realizados na escola. Todos os encontros (fase 1, 2 e 3 da coleta) serão realizados no educandário, em horário acordado com a coordenação pedagógica da escola, os adolescentes e os pais/responsáveis para que não traga prejuízos à formação escolar. Na fase 2, durante os Círculos de Cultura será realizada gravação de áudio e vídeo das atividades e registro fotográfico para posterior análise e por isso também é solicitado o consentimento e assinatura do Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa.
- Como RISCOS, os adolescentes poderão se sentir constrangidos durante a coleta dos dados por se tratar de um tema delicado e que aborda fatos de sua intimidade. Isto será minimizado/resolvido com a garantia de que sua privacidade e a liberdade de desistir de participar da pesquisa estão assegurados pelo pesquisador responsável. Outras medidas protetivas adotadas para minimizar os riscos decorrentes da pesquisa, serão: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer dúvida que o adolescente ou seu responsável legal apresente ao longo da pesquisa; a liberdade de abandonar o estudo a qualquer momento sem prejuízo para si ou seu responsável legal; a garantia de privacidade à sua identidade e do sigilo de suas informações.
- Como BENEFÍCIOS diretos e indiretos para os voluntários: espera-se que os adolescentes possam refletir sobre a violência no namoro e sua prevenção, além de estimular a cultura de paz nas relações interpessoais dos participantes. Além disso, será estimulado nos participantes o exercício do diálogo, da ética, a conscientização, o protagonismo juvenil, a criatividade e a autonomia para que eles possam construir estratégias de enfrentamento a violência no namoro e com isso contribuir com a quebra do ciclo da violência na sociedade.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do/a voluntário (a). Os dados coletados nesta pesquisa (formulários preenchidos pelos adolescentes, gravações de voz realizadas nas entrevistas e filmagens realizadas nos Círculos de Cultura), ficarão armazenados em pasta arquivo no computador pessoal da pesquisadora principal, com cópia de segurança no laboratório do grupo de pesquisa Assistir/Cuidar em Enfermagem CNPq/UFPE liderado pela Professora Dr<sup>a</sup>. Estela Maria Leite Meirelles Monteiro, sob a responsabilidade da pesquisadora principal e a orientadora, única a ter acesso a chave-senha de segurança da pasta com o banco de dados, no endereço Avenida Professor Moraes Rego, 844-900, Departamento de Enfermagem - UFPE, pelo período de mínimo 5 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para ele/ela participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele/a na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: Avenida da Engenharia s/n – Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: [cepcs@ufpe.br](mailto:cepcs@ufpe.br).

---

Assinatura do pesquisador (a)

### CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIO

Eu, \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável por \_\_\_\_\_, autorizo a sua participação no estudo *Círculos de Cultura como intervenção educativa para prevenção da violência no namoro: estudo quase experimental*, como voluntário(a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de seu acompanhamento/ assistência/tratamento) para mim ou para o (a) menor em questão.

Recife, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Assinatura do (da) responsável: \_\_\_\_\_

**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o modo de participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):**



Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

## APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### (PARA MENORES DE 12 a 18 ANOS - Resolução 466/12)

*OBS: Este Termo de Assentimento para o menor de 12 a 18 anos não elimina a necessidade da elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.*

Convidamos você \_\_\_\_\_, após autorização dos seus pais [ou dos responsáveis legais] para participar como voluntário (a) da pesquisa: *Círculos de Cultura como intervenção educativa para prevenção da violência no namoro: estudo quase experimental*. Esta pesquisa é da responsabilidade do (a) pesquisador (a) Ana Virginia Rodrigues Veríssimo, residente à Rua Arnóbio Marques, 310, Recife-PE; CEP: 50100.130. Telefone: (81)31833601/(81)999460346; e-mail: [virginia.verissimo@gmail.com](mailto:virginia.verissimo@gmail.com) (para contato do pesquisador responsável, inclusive para ligações a cobrar) e está sob a orientação de: Professora Dr<sup>a</sup>. Estela Maria Leite Meirelles Monteiro; telefone: (81) 21218514, e-mail: [estelameirellesufpe@gmail.com](mailto:estelameirellesufpe@gmail.com) e coorientação da Professora Dra. Jael Maria de Aquino; telefone: (81) 31833601, e-mail: [jael.aquino@upe.br](mailto:jael.aquino@upe.br).

Caso este Termo de Assentimento contenha informação que não lhe seja compreensível, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados e concorde com a realização do estudo pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue para que seus pais ou responsável possam guarda-la e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Você será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida e estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- Descrição da pesquisa: O objetivo da pesquisa é avaliar a eficácia dos Círculos de Cultura para prevenção da violência no namoro. A coleta de dados será efetuada em três fases: 1. preenchimento de um formulário com perguntas objetivas pertinentes ao estudo; 2. entrevista individual para levantar conhecimento e experiências dos adolescentes sobre a temática e 3. realizada uma intervenção educativa através da realização de Círculos de Cultura (que é uma atividade educativa realizada em grupo, baseada nos pressupostos teóricos de Paulo Freire, em que o conhecimento é construído de forma colegiada).
- A coleta de dados será realizada na própria escola do adolescente (Escola Estadual Caio Pereira) e ocorrerá no período de abril a dezembro de 2018. Na fase 1 e 3 de coleta serão realizados três encontros para coleta das informações, com duração média de 30 a 40 minutos cada, realizado na própria escola. Na fase 2 serão realizados entre 4 e 8 encontros, com duração de 1:30h a 2:00h cada, também realizados na escola. Todos os encontros (fase 1, 2 e 3 da coleta) serão realizados no educandário, em horário acordado com a coordenação pedagógica da escola, os adolescentes e os pais/responsáveis para que não traga prejuízos à formação escolar. Na fase 2, durante os Círculos de Cultura será realizada gravação de áudio e vídeo das atividades e registro fotográfico para posterior análise e por isso também é solicitado ao seu responsável legal o consentimento e assinatura do Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa.
- Como RISCOS, os adolescentes poderão se sentir constrangidos durante a coleta dos dados por se tratar de um tema delicado e que aborda fatos de sua intimidade. Isto será minimizado/resolvido com a garantia de que sua privacidade e a liberdade de desistir de participar da pesquisa estão assegurados pelo pesquisador responsável. Outras medidas protetivas adotadas para minimizar os riscos decorrentes da pesquisa, serão: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer dúvida que o adolescente ou seu responsável legal apresente ao longo da pesquisa; a liberdade de abandonar o estudo a qualquer momento sem prejuízo para si ou seu responsável legal; a garantia de privacidade à sua identidade e do sigilo de suas informações.
- Como BENEFÍCIOS diretos e indiretos para os voluntários: espera-se que os adolescentes possam refletir sobre a violência no namoro e sua prevenção, além de estimular a cultura de paz nas relações interpessoais dos participantes. Além disso, será estimulado nos participantes o exercício do diálogo, da ética, a conscientização, o protagonismo juvenil, a criatividade e a autonomia para que eles possam

construir estratégias de enfrentamento a violência no namoro e com isso contribuir com a quebrar o ciclo da violência na sociedade.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do/a voluntário (a). Os dados coletados nesta pesquisa (formulários preenchidos pelos adolescentes, gravações de voz realizadas nas entrevistas e filmagens realizadas nos Círculos de Cultura), ficarão armazenados em pasta arquivo no computador pessoal da pesquisadora principal, com cópia de segurança no laboratório do grupo de pesquisa Assistir/Cuidar em Enfermagem CNPq/UFPE liderado pela Professora Dr<sup>a</sup>. Estela Maria Leite Meirelles Monteiro, sob a responsabilidade da pesquisadora principal e a orientadora, única a ter acesso a chave-senha de segurança da pasta com o banco de dados, no endereço Avenida Professor Moraes Rego, 844-900, Departamento de Enfermagem - UFPE, pelo período de mínimo 5 anos.

Nem você e nem seus pais [ou responsáveis legais] pagarão nada para você participar desta pesquisa, também não receberão nenhum pagamento para a sua participação, pois é voluntária. Se houver necessidade, as despesas (deslocamento e alimentação) para a sua participação e de seus pais serão assumidas ou ressarcidas pelos pesquisadores. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Este documento passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE que está no endereço: Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br.

---

Assinatura do pesquisador (a)

**ASSENTIMENTO DO(DA) MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO(A)**

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_ (se já tiver documento), abaixo assinado, concordo em participar do estudo *Círculos de Cultura como intervenção educativa para prevenção da violência no namoro: estudo quase experimental*, como voluntário (a). Fui informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precise pagar nada.

Recife, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Assinatura do (da) menor : \_\_\_\_\_

Presenciamos a solicitação de assentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do/a voluntário/a em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

## ANEXO A - INVENTÁRIO DE CONFLITOS NOS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS ENTRE ADOLESCENTES (CADRI)

Autores: WOLFE, D. A. et al., 2001.

Adaptação para o Brasil: MINAYO, ASSIS E NJAINE, 2011.

### Instrumento de coleta de dados – Quantitativos – nº 2

<p><b>Esse questionário contém perguntas sobre coisas que podem ter acontecido durante uma briga entre você e a pessoa que já “ficou/fica” ou “namorou/namora”. Responda as questões de acordo com o item que melhor se aproxima de quantas vezes essas situações ocorreram entre você e a pessoa com quem “fica” ou “namora” atualmente ou no último ano.</b></p> <p><b>As perguntas dizem respeito a você, ora se referem à pessoa com quem “fica” ou “namora”. Lembro que não existem respostas certas ou erradas, razão pela qual a sua sinceridade é o que vale na hora de responder.</b></p>	
<p><b>Nunca</b> = Nunca aconteceu nesse relacionamento  <b>Sempre</b> = Aconteceu 6 vezes ou mais nesse relacionamento  <b>As vezes</b> = aconteceu entre 3 a 5 vezes nesse relacionamento  <b>Raramente</b> = aconteceu 1 ou 2 vezes nesse relacionamento</p>	
1a. Eu justifiquei os meus argumentos.	1. [ <input type="checkbox"/> ] Nunca 2. [ <input type="checkbox"/> ] Raramente 3. [ <input type="checkbox"/> ] Às vezes 4. [ <input type="checkbox"/> ] Sempre
1b. Ele/ela justificou os seus argumentos.	1. [ <input type="checkbox"/> ] Nunca 2. [ <input type="checkbox"/> ] Raramente 3. [ <input type="checkbox"/> ] Às vezes 4. [ <input type="checkbox"/> ] Sempre
2a. Eu o/a toquei sexualmente quando ele/ela não queria.	1. [ <input type="checkbox"/> ] Nunca 2. [ <input type="checkbox"/> ] Raramente 3. [ <input type="checkbox"/> ] Às vezes 4. [ <input type="checkbox"/> ] Sempre
2b. Ele/ela me tocou sexualmente quando eu não queria.	1. [ <input type="checkbox"/> ] Nunca 2. [ <input type="checkbox"/> ] Raramente 3. [ <input type="checkbox"/> ] Às vezes 4. [ <input type="checkbox"/> ] Sempre
3a. Eu tentei virar amigos contra ele/ela.	1. [ <input type="checkbox"/> ] Nunca 2. [ <input type="checkbox"/> ] Raramente 3. [ <input type="checkbox"/> ] Às vezes 4. [ <input type="checkbox"/> ] Sempre
3b. Ele/ela tentou virar amigos contra mim.	1. [ <input type="checkbox"/> ] Nunca 2. [ <input type="checkbox"/> ] Raramente 3. [ <input type="checkbox"/> ] Às vezes 4. [ <input type="checkbox"/> ] Sempre
4a. Eu fiz algo para provocar ciúmes nele/nela.	1. [ <input type="checkbox"/> ] Nunca 2. [ <input type="checkbox"/> ] Raramente 3. [ <input type="checkbox"/> ] Às vezes 4. [ <input type="checkbox"/> ] Sempre
4b. Ela/ele fez algo para me fazer ciúmes.	1. [ <input type="checkbox"/> ] Nunca 2. [ <input type="checkbox"/> ] Raramente 3. [ <input type="checkbox"/> ] Às vezes 4. [ <input type="checkbox"/> ] Sempre
5a. Eu destruí– ou ameacei destruir algo de valor para ele/ela.	1. [ <input type="checkbox"/> ] Nunca 2. [ <input type="checkbox"/> ] Raramente 3. [ <input type="checkbox"/> ] Às vezes 4. [ <input type="checkbox"/> ] Sempre

5b. Ele/ela destruiu ou ameaçou destruir algo de valor para mim.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
6a. Eu disse a ele/ela que eu tinha parte da culpa.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
6b. Ele/ela disse a mim que ele/ela tinha parda culpa.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
7a. Eu mencionei algo de ruim que ele/ela fez no passado.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
7b. Ele/ela mencionou algo de ruim que eu fiz no passado.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
8a. Eu joguei algo nele/nela.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
8b. Ele/ela jogou algo em mim.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
9a. Eu disse coisas somente para deixá-lo(a) com raiva.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
9b. Ele/ela disse coisas somente para me deixar com raiva.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
10a. Eu dei as razões pelas quais eu achava que ele/ela estava errado(a).	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
10b. Ele/ela deu as razões pelas quais ele/ela achava que eu estava errado(a).	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
11a. . Eu concordei que em parte ele/ela estava certo(a).	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
11b. Ele/ela concordou que em parte eu estava certo(a).	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
12a. Eu falei com ele/ela em um tom de voz hostil ou maldoso.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente

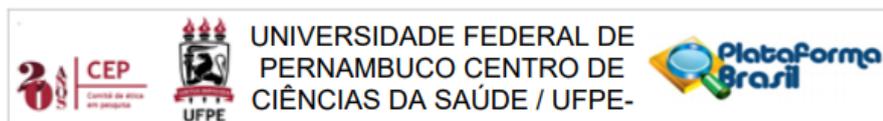
	3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
12b. Ele/ela falou comigo em tom de voz hostil ou maldoso.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
13a. Eu o/a forcei a fazer sexo quando ele/ela não queria.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
13b. Ele/ela me forçou a fazer sexo quando eu não queria.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
14a. Eu propus uma solução que eu pensei que faria nós dois felizes.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
14b. Ele/ela propõe uma solução que ele/ela pensou que faria nós dois felizes.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
15a. Eu ameacei ele/ela numa tentativa de fazer sexo com ele/ela.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
15b. Ele/ela me ameaçou numa tentativa de fazer sexo comigo.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
16a. Eu parei de falar até que nós nos acalmássemos.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
16b. Ele/ela parou de falar até que nós nos acalmássemos.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
17a. Eu insultei ele/ela com depreciações.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
17b. Ela/ele me insultou com depreciações.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
18a. Eu discuti o assunto calmamente.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
18b. Ele/ela discutiu o assunto calmamente.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre

19a. Eu beijei ele/ela quando ele/ela não queria.	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente 3. <input type="checkbox"/> Às vezes 4. <input type="checkbox"/> Sempre
19b. Ele/ela me beijou quando eu não queria que ele/ela o fizesse.	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente 3. <input type="checkbox"/> Às vezes 4. <input type="checkbox"/> Sempre
20a. Eu disse coisas sobre ele/ela ao seus amigos para virá-los contra ele/ela.	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente 3. <input type="checkbox"/> Às vezes 4. <input type="checkbox"/> Sempre
20b. Ele/ela disse coisas sobre mim aos meus amigos para virá-los contra mim.	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente 3. <input type="checkbox"/> Às vezes 4. <input type="checkbox"/> Sempre
21a. Eu ridicularizei ou caçoei ele/ela na frente dos outros.	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente 3. <input type="checkbox"/> Às vezes 4. <input type="checkbox"/> Sempre
21b. Ele/ela me ridicularizou ou caçoou na frente dos outros.	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente 3. <input type="checkbox"/> Às vezes 4. <input type="checkbox"/> Sempre
22a. Eu disse a ele/ela o quanto eu estive aborrecido(a).	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente 3. <input type="checkbox"/> Às vezes 4. <input type="checkbox"/> Sempre
22b. Ele/ela me disse o quanto ele/ela estava aborrecido(a).	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente 3. <input type="checkbox"/> Às vezes 4. <input type="checkbox"/> Sempre
23a. Eu vigiava com quem e onde ele/ela estava.	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente 3. <input type="checkbox"/> Às vezes 4. <input type="checkbox"/> Sempre
23b. Ele/ela vigiava com quem e aonde eu estava.	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente 3. <input type="checkbox"/> Às vezes 4. <input type="checkbox"/> Sempre
24a. Eu culpei ela/ele pelo problema.	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente 3. <input type="checkbox"/> Às vezes 4. <input type="checkbox"/> Sempre
24b. Ele/ela me culpou pelo problema.	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente 3. <input type="checkbox"/> Às vezes 4. <input type="checkbox"/> Sempre
25a. Eu bati, chutei ou dei um soco nele(a).	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente 3. <input type="checkbox"/> Às vezes 4. <input type="checkbox"/> Sempre
25b. Ele/ela me bateu chutou ou me deu um soco.	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Raramente

	3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
26a. Eu deixei o local para me acalmar.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
26b. Ela/ele deixou o local para se acalmar.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
27a. Eu cedi só para evitar o conflito.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
27b. Ele/ela cedeu só para evitar o conflito.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
28a. Eu acusei ele/ela de paquerar outro garoto(a).	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
28b. Ele/ela me acusou de paquerar outro garoto(a).	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
29a. Eu tentei amedrontar ele/ela de propósito.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
29b. Ele/ela tentou me amedrontar de propósito.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
30a. Eu dei um tapa nele/nela ou puxei o cabelo dele/dela.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
30b. Eu ele/ela me deu uma tapa ou puxou meu cabelo.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
31a. Eu ameacei machucar ele/ela.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
31b. Ele/ela ameaçou me machucar.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
32a. Eu ameacei terminar o relacionamento.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre

32b. Ele/ela ameaçou terminar o relacionamento.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
33a. Eu ameacei bater nele/dela ou jogar alguma coisa nele/nela.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
33b. Ele/ela ameaçou me bater ou jogar alguma coisa em mim.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
34a. Eu empurrei ou sacudi ele/ela.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
34b. Ele/ela me empurrou ou me sacudiu.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
35a. Eu espalhei boatos sobre ele/ela.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre
35b. Ele/ela espalhou boatos sobre mim.	1. [ ] Nunca 2. [ ] Raramente 3. [ ] Às vezes 4. [ ] Sempre

## ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** CÍRCULOS DE CULTURA COMO INTERVENÇÃO EDUCATIVA PARA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO NAMORO: ESTUDO QUASE EXPERIMENTAL

**Pesquisador:** Ana Virginia Rodrigues Veríssimo

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:**

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.581.545

#### **Apresentação do Projeto:**

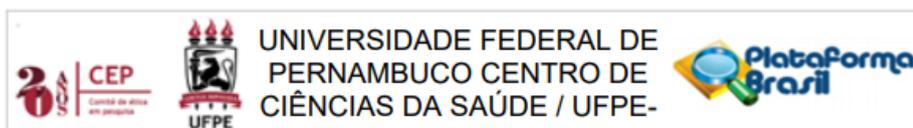
Projeto de pesquisa para fins de elaboração de tese de doutorado de Ana Virginia Rodrigues Verissimo, orientada pela Profª. Drª. Estela Maria Leite Meirelles Monteiro, tendo como co-orientadora a Profª. Drª. Jael Maria de Aquino, do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco. Tem com o propósito de avaliar a eficácia dos Círculos de Cultura para prevenção primária e secundária da violência no namoro (VN) mediante comparação entre as médias dos escores obtidos no Inventário de Conflitos nos Relacionamentos Íntimos de Adolescentes – CADRI (vitimização/perpetração; habilidades não-abusivas/abusivas para resolução de conflitos) na fase pré e pós-intervenção.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

**OBJETIVO GERAL:** avaliar a eficácia dos Círculos de Cultura para prevenção da violência no namoro mediante comparação entre os escores obtidos no Inventário de Conflitos nos Relacionamentos Íntimos de Adolescentes - CADRI (vitimização e perpetração/habilidades não-abusivas/abusivas para a resolução de conflitos) na fase pré e pós intervenção.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:** 1)descrever as características sociodemográficas dos adolescentes; 2)comparar os escores obtidos no CADRI (vitimização e perpetração/habilidades não-abusivas/abusivas para a resolução de conflitos) entre os adolescentes antes e após (três e seis

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 2.581.545

meses) intervenção; 3)descrever a aplicação dos Círculos de Cultura como estratégia educativa para prevenção da violência no namoro entre adolescentes e de promoção da cultura de paz no cenário escolar; 4)apreender durante os Círculos de Cultura, a percepção dos adolescentes sobre a construção participativa e dialógica e a elaboração de conhecimento e identificação de estratégias de enfrentamento da violência nas relações de namoro no ambiente escolar.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

RISCOS: identificados como a possibilidade de constrangimento durante alguma das etapas de coleta dos dados, garantida minimização com garantia da privacidade e a liberdade de desistir de sua participação na pesquisa a qualquer momento.

BENEFÍCIOS: possibilidade de reflexão sobre a prevenção da violência e sobre a cultura de paz nas relações interpessoais, como o namoro.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Estudo de intervenção com abordagem mista, qualitativa e quantitativa, tipo exploratória e descritiva, desenvolvido em três etapas, a ser desenvolvido na Escola Caio Pereira (com aceite dado). Os sujeitos de pesquisa serão adolescentes matriculados no oitavo e nono ano do ensino fundamental II e primeiro ano do ensino médio (turnos da manhã e tarde) do educandário Caio Pereira, vinculado a GRE Recife Norte. Constam os critérios de inclusão e exclusão, bem como variáveis.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

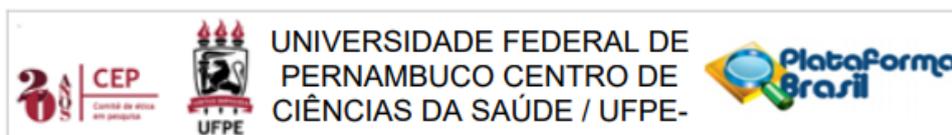
Todos apresentados de modo adequado.

- 1) TCLE e TALE: em forma de convite, com título e objetivo da pesquisa, informações sobre o CEP e o pesquisador responsável.
- 2) Folha de rosto: com assinatura do pesquisador responsável, assinatura e carimbo do responsável pela instituição onde será realizada a pesquisa.
- 3) Carta de Anuência: de onde será realizada a pesquisa, com indicação do título da pesquisa, nome do pesquisador principal, descrevendo o que será realizado.
- 4)Cronograma: adequadamente descrito, indicando quando começará cada fase do estudo,destacado que será iniciado apenas após aprovação do CEP.
- 5)Orçamento: destacado

**Recomendações:**

Não há

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 2.581.545

#### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há

#### Considerações Finais a critério do CEP:

O Protocolo foi avaliado na reunião do CEP e está APROVADO para iniciar a coleta de dados. Informamos que a APROVAÇÃO DEFINITIVA do projeto só será dada após o envio da Notificação com o Relatório Final da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final para enviá-lo via "Notificação", pela Plataforma Brasil. Siga as instruções do link "Para enviar Relatório Final", disponível no site do CEP/UFPE. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao voluntário participante (item V.3., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Para projetos com mais de um ano de execução, é obrigatório que o pesquisador responsável pelo Protocolo de Pesquisa apresente a este Comitê de Ética, relatórios parciais das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (item X.1.3.b., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

O CEP/UFPE deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (item V.5., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). É papel do/a pesquisador/a assegurar todas as medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e ainda, enviar notificação à ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, junto com seu posicionamento.

#### Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1060138.pdf	06/02/2018 11:32:26		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_WORD.doc	06/02/2018 11:31:56	Ana Virginia Rodrigues Veríssimo	Aceito
Outros	HISTORICO_ESCOLAR.doc	06/02/2018 11:22:07	Ana Virginia Rodrigues	Aceito

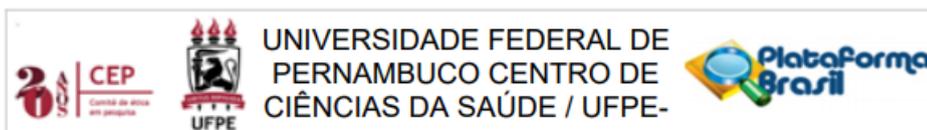
**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde

**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600

**UF:** PE **Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2126-8588

**E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 2.581.545

Outros	HISTORICO_ESCOLAR.doc	06/02/2018 11:22:07	Veríssimo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PARA_PAIS_RESPONSAVEIS.doc	06/02/2018 11:16:30	Ana Virginia Rodrigues Veríssimo	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.doc	06/02/2018 11:14:26	Ana Virginia Rodrigues Veríssimo	Aceito
Outros	CARTAS_DE_ANUENCIA.doc	06/02/2018 11:12:46	Ana Virginia Rodrigues Veríssimo	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_PARA_USO_DE_IMAGEM_E_DEPOIMENTO.doc	06/02/2018 11:11:37	Ana Virginia Rodrigues Veríssimo	Aceito
Outros	CURRICULO_CO_ORIENTADORA_JAEL.pdf	05/02/2018 17:05:10	Ana Virginia Rodrigues Veríssimo	Aceito
Outros	CURRICULO_ORIENTADORA_ESTELA.pdf	05/02/2018 17:04:10	Ana Virginia Rodrigues Veríssimo	Aceito
Outros	CURRICULO_PESQUISADORA_ANALYDIA.pdf	05/02/2018 17:03:05	Ana Virginia Rodrigues Veríssimo	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	05/02/2018 16:35:46	Ana Virginia Rodrigues Veríssimo	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RECIFE, 05 de Abril de 2018

Assinado por:  
**LUCIANO TAVARES MONTENEGRO**  
(Coordenador)

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br